

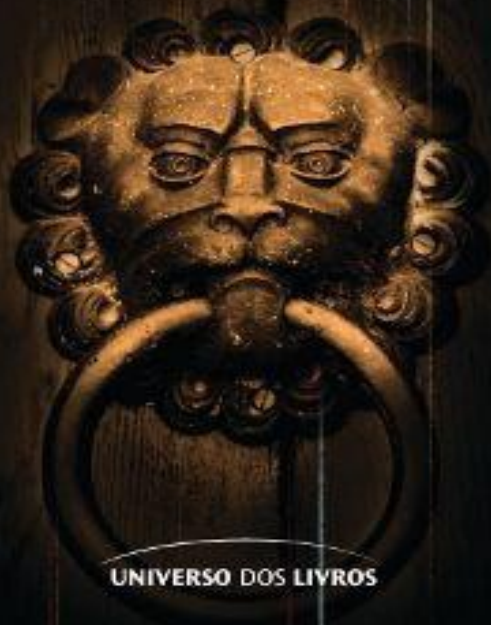
SÉRGIO PEREIRA COUTO



MAÇONARIA, TEMPLÁRIOS, PRIORADO DE SIÃO,
ILLUMINATI, DEMOLAY E ROSA CRUZ

SOCIEDADES SECRETAS

Anos depois, aqueles que ousaram se infiltrar revelarão
todos os rituais e segredos escondidos



UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

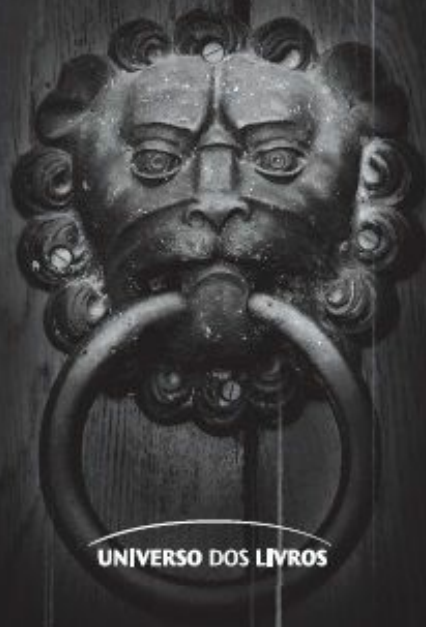


SÉRGIO PEREIRA COUTO



SOCIEDADES SECRETAS

São Paulo
2009



UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora

Rua Haddock Lobo, 347 — 12º Andar

CEP 01414-001 São Paulo/SP

(11) 3217-2600 Fax (11)3217-2616

www.universodoslivros.com.br

editor@universodoslivros.com.br

Diretor Editorial

Luis Matos

Assistente Editorial

Monalisa Neves

Preparação de Originais

Sandra Cristina Ribeiro

Revisão

Juliana de Cássia Ribeiro e

Guilherme Laurito Summa

Arte

Cláudio Alves, Fabiana Pedrozo e

Stephanie Lin

Capa

Sérgio Bergocce

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C871s Couto, Sérgio Pereira.

Sociedades Secretas / Sérgio Pereira Couto.
São Paulo : Universo dos Livros, 2009.
288 p.

ISBN 978-85-7930-033-2

1. Sociedades secretas. 2. História. I. Título.

CDD 133.06

CAPÍTULO 1

ORDENS SECRETAS

A busca pelo conhecimento sempre moveu a humanidade.

Mas a curiosidade pode nos levar a lugares que não imaginamos e trazer surpresas, muitas vezes, inexplicáveis.

Já parou para pensar nas ligações entre o Priorado de Sião, Hugo de Payens, os Cavaleiros Templários, Maria Madalena, Rennesle-Château, o clã escocês Orkney e outros?

Olhei para Gabriel sem entender. Na agência de publicidade em que trabalhamos, temos certa liberdade para discutir assuntos que podem, em outros lugares, ser um tanto polêmicos. Gabriel era um verdadeiro especialista no assunto. Sempre discutimos sobre os mais diversos pontos esotéricos, além de sermos fissurados em debates a respeito de Sociedades Secretas. Depois que uma colega nossa apareceu com um exemplar de *O Código Da Vinci*¹ embaixo do braço, não paramos de falar sobre o assunto... Até aquela manhã, quando fomos convidados a nos juntar ao famoso site de relações pessoais: o Orkut².

Aceitamos o convite sem saber o que esperar de uma página de Internet dedicada a classificar amigos e indicar níveis de popularidade. Gabriel foi o primeiro a inscrever-se e navegar pelas páginas, que nem sempre ficam no ar. Nada que já não tinha visto em outros sites de bate-papo. Foi quando algo me chamou a atenção: as tais “comunidades”, ou seja, páginas que reúnem interessados em um mesmo assunto e fazem com que ideias sejam trocadas, opiniões expressadas e encontros marcados. Sou jornalista e trabalho como redator. Qualquer ferramenta que possa me colocar em contato com fontes é bem-vinda, por isso quis saber mais sobre o site.

– Já sei! – disse a Gabriel – É possível procurar uma comunidade por um determinado assunto?

– Parece que sim... – respondeu ele, sem tirar os olhos do horrível tom “azul-calcinha” que domina o site – O que você quer achar?

– O que você me diria se encontrássemos mais loucos que, como nós, se interessam por Sociedades Secretas?

– Parece que aqui tem de tudo. Vamos tentar.

Ele clicou em *search* e digitou *secret orders* (sociedades secretas). Uma comunidade criada na Inglaterra apareceu e demos uma olhada. Foi de lá que retirei o texto citado acima. Dei risada e olhei para Gabriel com ar misterioso:

– A ligação parece óbvia, meu caro. A Ordem de Sião protege o suposto casamento de Jesus com Maria Madalena, registrado em documentos guardados pelos Cavaleiros

Templários, ordem de Hugo de Payens, encontrados nas ruínas do Templo de Jerusalém.

– E onde diabos entra o resto dos itens citados?

– Como vou saber? Nem sou iniciado.

Gabriel parou de digitar e olhou-me sério:

– Sabe que tenho um tio maçônico? De vez em quando, ele deixa escapar algumas coisas sobre a ligação entre a Maçonaria e os Templários. Mas nunca sei se ele fala a verdade ou apenas contribui para a propagação do mistério maçom.

– Se é seu parente, você também poderia entrar. Nunca pensou nisso?

– Já, mas meu negócio é outro. Prefiro os encontros de jovens promovidos pela Igreja Católica. Pelo menos, não têm tantos segredos.

– Mas, meu caro, o que mais atrai as pessoas a este assunto é justamente a aura de segredo que essas Sociedades possuem. Será que *O Código Da Vinci* seria o sucesso que é hoje se não possuísse esse ar?

– Se levar isso em conta, *Harry Potter*³ é tão misterioso quanto *O Código Da Vinci*.

Ri da comparação. Gabriel tinha nome de anjo, frequentava a juventude católica e já tinha comparecido a encontros mundiais na Europa, promovidos pelo Vaticano. Era bastante atípico e sugeria alguns itens de debate em que eu não teria pensado. O que me dava uma ideia...

– Ei, Gabriel, que tal bancar o agente secreto?

– Como é? Está maluco?

– Não, não estou. É uma ideia que me surgiu agora. Primeiro, tenho que acionar um contato meu, depois te falo.

Voltei correndo para minha mesa e procurei a agenda eletrônica. Achei o número de uma editora de livros e liguei. Não preciso dizer que o editor achou a ideia maluca, mas que poderia dar certo se tivéssemos o material adequado. Claro que isso denotaria certo cuidado, pois o terreno dessas ordens é perigoso para quem não é iniciado, o que poderia nos colocar em uma situação perigosa. Porém, a perspectiva de sucesso estava no ar. Voltei para a mesa de Gabriel e puxei uma cadeira. Expliquei, detalhadamente, o que pretendia; ele me olhava como se eu estivesse delirando:

– Um livro contando como são as ordens secretas, vistas por dentro? Você realmente deve ter pirado!

– Não, não pirei. Claro que é impossível fazer sozinho; podemos ir aos lugares juntos ou nos revezar. Depois, é só reunir os dados colhidos, montar os capítulos e temos um trabalho digno da lista dos *best sellers*!

Ainda assim, Gabriel me olhava desconfiado:

– Meu caro, pense bem. Não estamos nas páginas de *O Código Da Vinci* nem em uma aventura filmada para os cinemas. Isto é a vida real. E se sofrermos alguma perseguição?

– Você mesmo disse que a afirmação de *O Código Da Vinci* sobre o Opus Dei não corresponde à verdade, não é?

Referia-me ao fato de o livro de Dan Brown colocar esse braço da Igreja Católica como um dos responsáveis pela perseguição dos personagens principais, ameaçados de morte por um monge albino. Gabriel riu da lembrança e repetiu:

– E é mesmo. Mas vamos atrás de quê? O Santo Graal está na Inglaterra, alguns mistérios dos Templários estão na França e mesmo os Rosacruzes já não são mais o que eram.

Dei de ombros.

– O templo deles, em São Paulo, sempre me pareceu extravagante. Quero dizer, aquelas entradas com esfinges de ambos os lados do caminho, a enorme porta dupla de bronze e os símbolos... Dei uma olhada no site deles. Falam tanto de amor e fraternidade que chega a ser chato. Mas devem ter um motivo para manter esta aparência, não acha?

Meu chefe passou pela frente e olhou interessado:

– Se vocês dois não se importam, eu gostaria que continuassem com o trabalho e deixassem a sessão *Arquivo X* para depois – aproximou-se de nós e baixou o tom de voz – De preferência, quando eu também puder fazer parte dos debates.

Olhei para Gabriel e ri. Voltei para minha mesa e verifiquei o relógio. Faltavam apenas alguns minutos para o horário do almoço e a ideia do livro estava, insistentemente, na minha cabeça. Abri o editor de textos e comecei a esboçar algumas linhas sobre como seria o capítulo introdutório. Enviei uma cópia ao Gabriel por e-mail e esperei seu comentário. Cinco minutos depois, meu telefone tocou:

– Você não vai acreditar... – disse Gabriel, com o tom de voz bem sério.

– Acreditar em quê?

– Você já acabou o seu registro no Orkut?

– Falta só acrescentar a foto. Por quê?

– Acesse agora e ponha a maldita foto. Depois, entre naquela comunidade que vimos.

Ligue-me em seguida.

Desligou. Olhei para o aparelho sem entender, coloquei-o no gancho e fiz o que foi recomendado. Parecia tudo em ordem, até o momento em que prestei atenção nos tópicos de discussão postados. O título de um deles era: *Procuram-se interessados em escrever livro sobre Sociedades Secretas*. “Lá se vai minha ideia original”, resmunguei comigo mesmo e acessei.

O texto não poderia ser mais estranho:

Interessada em divulgar os mistérios de determinadas ordens secretas procura pessoas que estejam dispostas a transformar o material em um livro para publicação. Entre em contato pelo e-mail oraculo@yahoo.com.

Enviei o e-mail. Pouco tempo depois, chegou uma resposta:

Posso colocar você dentro dos lugares mais improváveis ligados às ordens secretas. Tenho apenas duas condições: não aparecer em público e que você se comunique comigo apenas por e-mail. Caso esteja interessado, envie-me as ordens que você escolheu e aguarde meu contato. Oráculo.

Copiei o e-mail para Gabriel e liguei para seu ramal:

– Que coisa de maluco é essa?

– Não sei, Gabriel, mas me parece sério. Quer arriscar?

– E se sumirem conosco?

– Pense bem, seu panaca. Podemos verificar essas ordens por dentro, publicar um livro e ainda ser famosos.

– E por que esse Oráculo não quer aparecer?

Pensei um pouco.

– Pode ser um membro renegado. Ou, quem sabe, seja como a personagem do universo do Batman, uma gostosona que dá ordens de longe...

A ideia pareceu ter agradado ao Gabriel.

– Ei, legal! E faz sentido, pois muitas dessas ordens não admitem mulheres até hoje. Mas que é estranho, é!

– E aí, vamos nos preparar ou não?

Gabriel ficou um pouco indeciso por telefone:

– Podemos nos locomover somente nos finais de semana?

– Que observação estúpida! Claro que sim! A maioria dessas ordens só se reúne mesmo aos sábados e aos domingos, não é?

– Que eu saiba, sim.

– Então, vamos lá.

Gabriel respirou fundo:

– Está bem. Vou avisar à minha namorada de que, se eu sumir, a culpa será só sua.

– Aceito o risco. E ainda pago o funeral.

– Ok, engraçadinho. Vou reunir alguns arquivos e te encontro no almoço para discutirmos.

Desliguei o telefone e pensei no quanto a ideia parecia “coisa de cinema”. De repente, chega um novo e-mail. Remetente: *Oráculo*. “Mas... como...”, gaguejei.

Sei que você e seu amigo aceitarão a incumbência. Lembre-se, apenas, de que as descobertas feitas podem ser verdadeiras ou não. Depende de como vocês tratarão o material que irão colher. Aguardem o próximo contato. Oráculo.

BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2004. [N.E.]

Orkut (www.orkut.com): site de relacionamentos que se tornou mania em todo o mundo. Nele, também é possível encontrar comunidades que reúnem pessoas por interesses comuns. [N.E.]

Da autora J. K. Rowling, a história de Harry Potter, um garoto que teve os pais assassinados por um bruxo poderosíssimo, é contada em sete volumes, todos publicados no Brasil pela Editora Rocco. A história leva a discussões metafísicas e aborda o eterno confronto entre o bem e o mal. [N.E.]

CAPÍTULO 2

ROSACRUZ

Conceda que palavra alguma me escape contra minha vontade, sendo imprópria para a necessidade presente.¹

O sábado amanheceu bonito e com sol. Não costumo acordar tarde, mas quis estar descansado para entender melhor o que veríamos naquele dia. Gabriel e eu estávamos com tudo pronto para fazer uma visita informal ao templo Rosacruz de São Paulo. Não fazíamos ideia do que encontraríamos no enorme prédio em formato de templo egípcio. Sem saber bem o que levar – um gravador ou qualquer outro material normalmente usado em tarefas jornalísticas só assustaria as pessoas –, deixei tudo de lado e fui apenas com a cara e a coragem. “Um relato do ponto de vista do visitante interessado”, pensei, deve soar melhor do que algo forçado.

Esperei ansiosamente até pouco depois do meio-dia, quando Gabriel me apanhou de carro. No caminho, discutimos a melhor maneira de entrar no espaço sem chamar atenção.

- Ainda acho que deveríamos pedir autorização – reclamou Gabriel.
- Calma, nós vamos pedir assim que tivermos uma ideia do que há por lá.
- E se não derem?
- Não revelaremos ao mundo que eles comem criancinhas ou algo assim. Só faremos um relato sobre como são, do ponto de vista de quem os procura pela primeira vez. Calma, não estamos cometendo nenhum crime.

Eu olhava atento para uma relação de páginas da Internet que havia levado para estudar no caminho. A maioria delas eram indicações que recebi por e-mail da misteriosa Oráculo, como, por exemplo, a página oficial da AMORC (Antiga e Mística Ordem *Rosae Crucis*). Conheço um pouco de história do Egito Antigo e na AMORC é possível perceber forte influência do monoteísmo do faraó Akhenaton (ou Amenófis IV), considerado o Faraó Herege e personagem de vários romances históricos, incluindo obras espíritas.

- Você acha que essa Oráculo é séria?

A voz de Gabriel despertou-me de alguns devaneios.

- Como assim?

- Ah, esse mistério todo... Parece coisa de filme norte-americano, não acha?

Ri um pouco do absurdo que estávamos vivendo. Realmente, estávamos indo atrás de contatos enviados por alguém que não queria aparecer, mas parecia saber que tudo isso acabaria publicado. Pensei em qual seria a motivação de alguém assim, mas como a situação cheirava mais a um engodo do que a um ato terrorista, dei de ombros para Gabriel:

- Vamos deixar para ver isso depois – disse – No momento, é bom nos preocuparmos em

chegar ao Templo.

– Loja, você quer dizer.

– Qual a diferença?

– Um templo é mais voltado à adoração. No caso da Ordem Rosacruz, é apenas um lugar de reunião e estudo, diferente de uma igreja.

Olhei espantado para meu colega.

– Você já esteve lá?

– Tenho amigos que são rosacruzes. Quase me tornei um, mas não curto muito essa história de dar dinheiro. Se bem que seus livros são muito interessantes.

– Não sabia disso. Tem que dar dinheiro? – de certa forma, pensei comigo mesmo, só assim alguém poderia manter um prédio em plena capital paulista com o formato de um templo egípcio.

– São R\$ 20 de inscrição e mais R\$ 53 por três meses de estudos. Meio caro, não acha?

– Bem – aponte para o prédio que já surgia ao longo da rua –, vamos ver se compensa ou não.

Gabriel estacionou o carro em uma rua próxima e caminhamos dois quarteirões até a Loja. Sempre passei em frente ao edifício, mas nunca tinha parado para admirá-lo. É incrivelmente bem cuidado e possui uma bela avenida de esfinges no meio de um jardim que delimita um terreno em formato retangular, com direito a árvores nos cantos, inclusive uma goiabeira. As esfinges de calcário são levemente pintadas para realçar os traços, tanto de seus rostos, quanto dos hieróglifos inscritos dos lados. O caminho por entre elas leva aos enormes portões de bronze, que possuem mais de dois metros de altura e guardam a entrada do edifício, também em formato retangular. No meio dos portões, há o símbolo Rosacruz: um triângulo invertido com uma cruz no meio, as letras R+C em sua base e um círculo que rodeia o desenho. Nas laterais da fachada, há enormes janelas com vidro fumê e, no topo, as palavras *Ordem Rosacruz AMORC* gravadas na pedra, no melhor estilo egípcio. Os portões estavam abertos, o que significava que éramos bem-vindos. Subimos as escadas e paramos para olhar o interior, que era ainda mais assombroso e impressionante do que o exterior.

O saguão de entrada tinha forma retangular e, no meio, outro jardim com uma única esfinge apontada para a porta, semelhante às suas irmãs externas. Nas pontas do retângulo, havia uma passagem em cada lado, uma para cima e outra para baixo. À esquerda, havia uma sala com exposição de obras de arte de pintores rosacruzes; à direita, uma espécie de salinha de espera. Várias pessoas passavam com ar atarefado. Olhei para Gabriel, que também parecia extasiado.

– Incrível o visual, não é? – disse uma voz atrás de nós.

Viramo-nos quase simultaneamente. Era uma senhora muito simpática, com óculos de aro de tartaruga e roupa de bibliotecária. Deveria ter 45 ou 50 anos.

– Olá, meu nome é Valéria. Sou encarregada de receber o público.

– Oi, viemos conhecer a Loja – disse, sem saber ainda como agir.

– Que ótimo! É sempre bom conhecer pessoas novas.

Gabriel olhou interessado para um enorme quadro que ficava à nossa esquerda, no qual foram retratados alguns egípcios antigos dentro de um templo. Dava para ver algumas entidades do panteão antigo retratadas nas paredes, o que só aumentou nossa confusão sobre qual seria a verdadeira missão daquela sociedade. Apresentamo-nos e ela logo iniciou seu

trabalho de exposição:

– Onde vocês ouviram falar sobre nós? – perguntou Valéria.

– Eu leio muito e conheço pessoas que já são rosacruz – respondeu Gabriel – Eu próprio quase me tornei um, mas vocês são muito caros.

– Não cobramos mais do que a Maçonaria, por exemplo. Além disso, o conhecimento pessoal vale mais do que vocês podem imaginar. Vamos, inicialmente, conhecer a Loja e depois entramos para conversar.

– Podemos mesmo? – perguntei.

– Algumas coisas são abertas ao público, outras são apenas para os associados. Mas todas valem a pena serem vistas. Venham, vamos começar por aqui.

Ela nos apresentou a entrada. Na sala com a exposição de arte, vimos alguns quadros com cores nítidas e símbolos que Gabriel logo reconheceu:

– Ei, este é interessante – disse, apontando para um quadro com fundo azul em que se viam dois triângulos, um normal e outro de ponta-cabeça, ligados pelo vértice. No meio, ficava a cruz com a rosa – Li algo a respeito dessa simbologia n’ *O Código Da Vinci*².

– Trata-se de uma simbologia antiga – explicou Valéria – que faz parte de conceitos básicos da Ordem. Sabe, são partes que se complementam. O triângulo normal é a faca, o invertido é o cálice. Um representa o sexo masculino; o outro, o feminino.

– Essas eram representações antigas dos sexos. Datam de antes de os símbolos que conhecemos hoje serem adotados oficialmente.

– Que interessante! Quer dizer que vocês já possuem certo conhecimento. Isso será útil, caso decidam juntar-se a nós.

– Antes de continuar – falei num tom sério –, dava para você fazer uma pequena introdução?

– Claro. A ordem Rosacruz AMORC é definida como uma organização internacional de caráter místico-filosófico, que tem por missão despertar o potencial do ser humano e ajudá-lo em seu desenvolvimento, tanto material quanto espiritual.

– Interessante. Mas o que vocês consideram “desenvolvimento”?

– Por exemplo, o desenvolvimento pessoal implica em maior capacidade para superar os desafios da vida e no uso pleno de seu potencial individual como ser humano. Isso sem falar no autoconhecimento, que gera uma interação muito grande com seu Eu interior.

– Como a Ordem começou? – perguntou Gabriel.

– O começo remonta à Europa do século XVII, quando foram publicados três manifestos rosacruz, que estabeleciam seus objetivos e sua metodologia. A forma atual da AMORC foi restabelecida no começo do século passado, por volta de 1915, nos Estados Unidos.

– Peraí! E a história do Rosenkreuz?

Valéria deu um sorriso.

– Pelo visto, vocês pesquisaram bem. É raro vir alguém aqui que já conheça algo da nossa história. Venham, vamos passar para o andar de baixo.

Saímos da sala das pinturas e descemos um pequeno lance de escadas que nos levou a um hall de entrada. No extremo esquerdo, havia uma rampa que levava a um bazar. Entramos nele.

– Aqui, temos um bazar permanente, que é mantido com doações dos associados.

Havia vários objetos, de utilidades caseiras a porta-incensos, de pequenas imagens egípcias a livros e exemplares de revistas esotéricas. Um leve odor adocicado de incenso pairava no ar. Valéria apontou para uma porta em frente ao bazar.

– Aqui, temos a sala dedicada às crianças: com jogos, livros, brinquedos e outras coisas. Mais à frente, vemos a sala onde seus rituais acontecem.

Neste momento, algumas crianças saíram da sala indicada. Olhei-as e elas devolveram-me um sorriso. “Isto parece mais um centro espírita kardecista”, pensei. O ambiente era muito bom e todos pareciam amigáveis.

– Acho que elas estão se preparando para algum ritual. É aberto ao público; por isso, se vocês quiserem ver...

– Legal, mas acho que não conseguirei ficar muito tempo trancado em uma sala com um número grande de crianças – falei, com o olho na porta da sala de ritual, que estava coberta por uma cortina. Uma fresta mostrava um altar erguido no meio, com uma cruz pequena e objetos metálicos que pareciam espadas e punhais.

– É interessante ver como as crianças são curiosas. Elas se prendem a detalhes que os adultos deixam passar batido. Além disso, podem permanecer horas discutindo coisas, como seu papel na escola e na família.

– Como são conhecidas aqui? – perguntou Gabriel.

– “Portadores da espada”. Claro que tudo tem a sua simbologia, que é explicada ao iniciado aos poucos. Conforme você avança na hierarquia, mais e mais segredos serão apresentados. Querem ver?

– Talvez mais tarde – falei, olhando para Gabriel. Tinha a impressão de que, por mais simpática que Valéria fosse, não queria revelar muita coisa. Mesmo assim, continuei fazendo o jogo dela – Podemos continuar nosso passeio?

– Claro. Venham por aqui.

Voltamos ao hall de entrada e vimos uma lojinha com muitas coisas à venda: livros, CDs, pirâmides, esfinges e outros símbolos rosacruz. Paramos em uma mesinha exposta e sentamo-nos para tomar um lanche “por conta da casa”, como brincou Valéria.

– Acho que vocês vão querer saber sobre Rosenkreuz, não?

Olhei sem saber o que era aquilo, enquanto tomava um copo de chá.

– Não há muito o que falar – explicou ela – A história geral da Ordem é motivo de constante debate por parte dos nossos historiadores. A verdadeira origem remonta ao tempo do faraó Akhenaton, que, como vocês devem saber, introduziu o monoteísmo no Egito. Por isso, foi acusado de herege pelos sacerdotes das entidades reinantes. Mas o registro mais antigo que conhecemos data de 1597, quando um alquimista europeu percorreu vários países na esperança de criar uma sociedade dedicada às pesquisas alquímicas. Sabemos pouco sobre ele, mas é a ele atribuída a primeira constituição rosacruz e um outro livro, de 1614, chamado *A Reforma Geral do Mundo*³, que contém um pouco da história da Ordem.

– E esse é o tal? – perguntei.

– Sim. Seu nome era Cristianus Rosenkreuz. Esse livro de que lhes falei conta que ele havia sido enviado a um mosteiro para aprender latim e grego. Um dia, um dos monges levou-o a uma peregrinação pela Terra Santa. Rosenkreuz, então, com apenas 16 anos, terminou sozinho na Ilha de Chipre, pois o monge, já velho, morreu durante a viagem. Daí para frente, ele decidiu viajar pela Arábia e pelo Egito, onde estudou com vários sacerdotes e recebeu conselhos para auxiliá-lo na rotina diária. Mais tarde, Rosenkreuz voltou à Europa com esses conhecimentos, decidido a fundar uma ordem. Porém, poucas pessoas deram-lhe ouvidos, principalmente pelo fato de suas ideias ressaltarem as relações místicas e ocultas do

cristianismo com outras grandes religiões do passado.

– Ele optou por fundar uma Sociedade Secreta porque esse tipo de associação estava muito em voga naquela época – explicou Gabriel, servindo-se de uma fatia de bolo de fubá.

– Isso mesmo. Ele voltou à Alemanha, onde conseguiu, muito lentamente, reunir um número razoável de seguidores que começaram a espalhar-se por outros países, nos quais foram bem aceitos. A única exceção foi a França, que é um país com raízes muito fortes no catolicismo e que, portanto, não aceita muito bem certas variações religiosas.

– No país do espiritismo? – perguntei – Curioso... Allan Kardec está enterrado lá e muitas pessoas procuram seu túmulo.

– Não é bem assim. A França ainda é católica e nem mesmo o trabalho de Kardec é reconhecido com força por lá.

– Interessante. Continue.

– Bem, dizem que Rosenkreuz morreu com 150 anos porque quis e não porque tinha que morrer. Quando abriram seu túmulo, em 1604, seus discípulos encontraram, no interior, inscrições estranhas e um manuscrito com letras douradas.

– Nossa, que bizarro!

– Bastante. Mas o que se sabe é que, com o passar dos anos, a Ordem tornou-se ainda mais secreta e centrou-se na tarefa de redescobrir os segredos perdidos da ciência, sobretudo da medicina. Para que novas pessoas pudessem ser admitidas, era necessário que prometessem curar os enfermos confiados a eles e comparecessem a uma reunião pelo menos uma vez por ano.

No mesmo momento, ouvimos uma música de órgão e um coro feminino começou a cantar.

– Esse é o nosso coral de senhoras.

– Sociedades Secretas não são predominantemente masculinas? – perguntei.

– Já foram. Hoje, até mesmo a Maçonaria abriu suas portas para as mulheres. E, como queremos atrair mais pessoas, temos que separar algumas coisas que podem ser apresentadas para o público para que percebam que não temos nenhuma relação com forças ocultas ou com o mal.

– Mas o caráter de segredo faz isso – acrescentou Gabriel – Quem não consegue entrar aqui, já tem uma ideia dessas.

– Mas estamos sempre abertos. Ninguém nunca foi barrado por tentar entrar aqui.

– Você citou a Maçonaria – Gabriel parecia interessado em travar uma discussão sobre o assunto – Se não me falha a memória, li um texto na Internet em que o autor falava que, 100 anos depois de sua fundação, a Ordem Rosacruz sofreu muitos ataques por parte dos maçons. Isso não apenas teria corrompido o que havia de genuíno na Ordem, como também introduzido usos e costumes daqueles que ridicularizavam a fraternidade.

– Sim, mas hoje temos muitos integrantes aqui que são maçons também. Nosso intento é fazer com que as pessoas, por meio do uso desse conhecimento milenar, possam descobrir-se e passar por cima de problemas pessoais, financeiros e temporais.

– Como entra o conceito de Deus nessa história? – perguntei.

– Simples. Deus é a palavra empregada para designar o Ser Supremo ou Ser Cósmico. Sua essência está em tudo e essa consciência compõe a alma humana. Para nós, a Criação é a manifestação dos atributos de Deus. Nós não impomos dogmas, e o estudante é livre para aceitar ou não essas concepções.

Terminamos o lanche e levantamo-nos da mesa. Valéria fez um gesto para subirmos e assim o fizemos.

– Não há muito que ver aqui – disse, no meio do segundo lance de escada. Meu olhar bateu em uma entrada de madeira cuja porta, fechada, mostrava a imagem de dois trabalhadores egípcios, como um enorme mural de templos.

– O que é aqui? – perguntei.

– A entrada do Grande Templo – respondeu, enquanto se dirigia ao terceiro lance de escadas – É aqui que acontecem nossas cerimônias para associados, e elas são abertas, como casamentos.

– Que interessante... – acrescentei, enquanto olhava para a porta – Podemos ver lá dentro?

– Somente quando há uma cerimônia aberta. Daqui a pouco, poderemos ver a entrada dos estudantes que vão subir de nível.

– Como é?

– Nossa principal atividade é o envio semanal de monografias aos estudantes. Elas explicam nossos conceitos e o seu estudo permite a eles subir de grau. Quando isso acontece, há uma cerimônia, presidida por 12 testemunhas, geralmente estudantes mais adiantados, que avaliam a preparação do candidato.

– Doze testemunhas? Como os juízes do “além egípcio”? – perguntou Gabriel.

– O número 12 é uma de nossas simbologias mais fortes. Doze como os juízes, como os apóstolos, como os cavaleiros do rei Arthur na Távola Redonda, entre outros.

Valéria fez um gesto para seguirmos em frente. Olhei a porta e, de repente, ela se abriu. Uma moça muito bonita, loura, vestida com uma espécie de túnica amarela com um capuz atrás, apareceu e me olhou atentamente. Depois, fechou a porta. “Que estranho!”, pensei. Olhei para a frente, e meus companheiros já me esperavam no topo da escada. Subi e juntei-me a eles.

– Aqui ficam nossa biblioteca e nosso departamento administrativo. Ela tem um acervo enorme de livros, todos doados.

Antes que ela perguntasse, ou que eu falasse algo, a porta da sala se abriu e uma mulher franzina, de óculos grossos e cabelos vermelhos, saiu para nos receber.

– Olá, meu nome é Bianca e sou a bibliotecária. Estava esperando por vocês.

Olhei para Gabriel sem entender.

– Esperando-nos?

– Parece que vocês têm um amigo interessado em que conheçam o local. Recebi um e-mail que avisava sobre a vinda de vocês e pedia para dar um tratamento especial. Pode deixar, Valéria, apanhe-os de novo daqui há uns vinte minutos.

– Está bem, Bianca. Estão me chamando para atender a um novo grupo de interessados. Volto daqui a pouco – e desceu as escadas.

Era uma situação completamente estranha, mas, mesmo assim, aceitamos o convite de Bianca e entramos na biblioteca.

– Aqui, há tudo o que quiserem saber sobre os assuntos ligados à Ordem – anunciou com orgulho.

A sala, em formato retangular, tinha várias prateleiras, cheias de livros e revistas. Havia algumas pessoas sentadas que consultavam livros e faziam anotações em cadernos.

– Esse é o pessoal que participa de uma espécie de caça ao tesouro – disse Bianca – Eles

recebem uma citação, a partir da qual devem achar o livro ao qual ela pertence e anotar tópicos para discussão em grupo.

– Muito interessante – falei.

Gabriel já estava em fase de entrosamento com os estudantes, enquanto Bianca e eu ficávamos na mesa dela, falando em voz baixa.

– Há algo em especial que gostaria de saber?

– Sim. Como é o ritual de iniciação?

– Bem, é uma pergunta que muitos fazem. E não estamos autorizados a divulgar isso, a menos, claro, que você se torne um estudante.

– Nem mesmo uma ideia?

– Bem, posso te contar como era em 1785.

– Vamos lá, então.

Bianca respirou fundo e começou a falar como se recitasse um texto:

– A sala de iniciação possuía um tapete verde e um pedestal com sete degraus. No alto deste, ficava um globo de vidro dividido em duas partes: uma simbolizando a luz e a outra, as trevas. Havia três candelabros que formavam um triângulo; nove cálices indicavam as propriedades masculinas e femininas. Todo membro devia ter um padrinho que o levava a uma sala em que havia uma mesa contendo diversos objetos: uma espada, uma vela, tinta e papel, cera virgem e duas cordas vermelhas. Era perguntado se o estudante queria tornar-se um possuidor da sabedoria verdadeira. No caso de a resposta ser afirmativa, era pedido que abandonasse o chapéu e a espada, além de pagar uma taxa de três moedas de ouro. Depois, suas mãos eram amarradas e a corda vermelha, passada ao redor do pescoço. Aí, seu padrinho batia três vezes à porta da Loja, e o estudante era levado para lá, onde faziam o diálogo quando ela se abria.

– Que diálogo?

– Era assim: “Quem está aí?”, dizia o porteiro. “Um corpo terreno que esconde e prende na ignorância o homem espiritual”, dizia o padrinho. “O que devemos fazer com ele?” “Matar o corpo e purificar o espírito.” “Traga-o para o local da justiça.” Os dois entravam na sala de iniciação – continuou Bianca – e o iniciado se ajoelhava diante de um círculo. O mestre segurava um cajado branco e posicionava-se à direita do iniciado, enquanto o lado esquerdo ficava com o padrinho, que segurava uma espada. Ambos vestiam branco. O mestre, então, entoava algo assim: “Filho do homem, eu te conjuro por todos os graus da Maçonaria profana e pelo círculo infinito que cerca todas as criaturas e contém a sabedoria mais elevada. Dize-me por que vieste”.

– Muito ritual para pouco tempo.

– Calma, ainda não acabou. O novato respondia: “Para receber a sabedoria, a arte e a virtude.” “Vive então”, dizia o mestre. “Mas teu espírito deve governar teu corpo. Encontre a graça. Levanta-te e se livre.” O noviço era então desamarrado e levado para o interior do círculo e os dois, mestre e padrinho, seguravam seus objetos cruzados no alto da cabeça do noviço. O mestre proferia o juramento da Ordem e o noviço repetia, dizendo que se comprometeria a guardar os segredos dos outros membros. Ele recebia o selo, a senha e um distintivo, bem como o chapéu e a espada. O mestre, então, começava a explicar alguns mistérios.

– Como a mesa mística? – perguntou Gabriel, que havia se juntado a nós.

Bianca olhou espantada para ele.

– Sim. Muita gente já divulgou essa informação, não é?

– Mais ou menos. Você se espantaria com o que se pode aprender na Internet.

– O que é a mesa mística? – perguntei.

Bianca dirigiu-se a uma das prateleiras e pegou um enorme volume de capa de couro. Abriu em uma página e apontou para um parágrafo em inglês, que explicava:

Mesa mística: divisão feita no chão em nove partes verticais e treze horizontais. As primeiras fornecem os números e as segundas, os diversos graus de iniciação. Os principiantes ocupam os degraus inferiores, e pouco se sabe sobre os mistérios da Ordem. O grau mais alto é o de mago, que conhece todos os segredos.

– É claro que muita coisa mudou – disse ela quando terminei de ler – Mas muito ainda se usa, de maneira diferente.

Fechei o livro e olhei em volta. Tudo parecia muito místico e, ao mesmo tempo, atraente.

– Então, vão se unir a nós?

Olhei para trás e vi Valéria de volta.

– Acho que preciso de tempo para digerir tudo isso.

Bianca sorriu e fez um gesto para Valéria.

– Acho que já viram e ouviram demais. Leve-os para ver a iniciação do pessoal, que já está em fila para entrar no Templo. Voltem quando quiserem.

Saímos da biblioteca. Realmente havia uma fila de pessoas se formando nas escadas para entrar por aquela porta fechada que já tínhamos visto antes. Gabriel apontou para um canto da escada e perguntei a Valéria se podíamos ver o interior.

– Infelizmente, não. Mas vocês podem voltar no próximo sábado para ver lá dentro – e apontou para outro lance ascendente de escadas, que levava a uma porta mais simples e fechada.

– O que é lá?

– O pequeno templo. Um lugar mais acessível ao público, onde é feito o Sanctum Celestial, um ritual de meditação aberto, para que possam ver como trabalhamos.

De repente, a porta dupla abriu e um senhor com túnica amarela, a mesma que usava a moça que eu vira antes de entrarmos na biblioteca, apareceu. Ele falava com voz grave e conclamava as pessoas a afirmarem a passagem de grau dos estudantes do primeiro nível. Assim, de um em um, os componentes da fila aproximavam-se da entrada do Templo e falavam uma palavra secreta nos ouvidos do velho, que só permitia o acesso depois de verificada a associação. Estiquei meu pescoço o máximo que pude e vi amplas paredes decoradas com motivos egípcios e uma réstia de luz negra que vinha de dentro, nada mais.

– Não se preocupe – disse Valéria, observando-me – Se houver um casamento, você poderá entrar lá – e dirigiu-se às escadas.

Descemos de volta para a entrada da Loja e vi que estava na hora de irmos embora. Agradecemos pela hospitalidade de Valéria e ficamos de voltar no sábado seguinte para ver como era o Sanctum Celestial. Recebemos alguns folhetos explicativos e descemos a passagem das esfinges. Entramos no carro de Gabriel sem saber o que falar.

– E aí? – perguntou ele.

– Gostei. É bem legal.

– Quer pagar para entrar?

– Não sei. Talvez, se tivesse um pouco mais de tempo para me dedicar a este trabalho... Nisso, meu celular vibrou. Era uma mensagem de texto. Li e arregalei os olhos.

– O que foi?

Mostrei o visor para Gabriel. *Vocês têm que tomar cuidado e serem imparciais, ou o trabalho de vocês estará perdido. Oráculo.*

– Você deu seu número do celular para ela?

– Como, se nem sei quem ela é? – perguntei, à beira do desespero.

Gabriel me olhou desconfiado, mas não falou nada e preparou-se para ligar o carro. O celular voltou a vibrar e uma nova mensagem apareceu, com um número de telefone. Li e não acreditei.

– Você tem viva-voz? – perguntei.

– Sim, por quê?

– Pegue.

Gabriel puxou debaixo do assento um cabo para ligar ao meu celular. Conectei-o e disquei o número enviado. Uma voz masculina atendeu e deixou-nos atordoados:

– Sagrada Ordem dos Cavaleiros Templários, boa tarde, em que posso ajudar?

Extraído do livro *Místicos em Oração*, da Biblioteca Rosacruz. Trata-se de uma publicação eletrônica que contém 90 citações de ensinamentos da Ordem Rosacruz. Pode ser encontrada em: <http://www.amorc.org.br/>. [N.E.]

Op. Cit., pgs. 254 a 257. [N.E.]

O livro *A reforma geral do mundo* foi publicado em 1614 e contava um pouco da história da Ordem Rosacruz. É atribuído a Christianus Rosenkreuz. [N.E.]

CAPÍTULO 3

ORDEM DOS TEMPLÁRIOS

Vós, que sois senhor de vós mesmos, deveis fazer-vos servo dos outros.

Quando desejardes estar deste lado do mar, se vos enviará à Terra Santa; quando quiserdes dormir, deveis vos levantar e quando estiverdes famintos, tereis que jejuar.¹

Gabriel e eu ficamos por, pelo menos, uns bons dois minutos sem reagir. Parecia que estávamos em um filme de Hollywood, com história de Neil Gaiman² ou numa ficção-científica de Isaac Asimov. Desde quando os lendários Cavaleiros Templários subsistiam com linhas de telefone e outros luxos atuais?

– Alô, tem alguém na linha? – perguntou a voz impaciente.

Gabriel, ainda sentado ao volante, fazia gestos para que eu falasse. Confesso que a língua engasgou um pouco, porque não sabia bem o que falar:

– Hã... Sim, alô, meu nome é Sérgio e recebi agora uma mensagem via celular de que deveria ligar para este número...

– Ah, sim, senhor. O chamado veio do nosso relações-públicas. Um momento só, enquanto passo a ligação.

Ouvi um leve ruído, como se alguém tivesse apertado o botão para o aparelho ficar mudo. Olhei para Gabriel, preocupado:

– Quem pode saber de nossa existência? – perguntei – Que coisa mais louca...

– Eu te disse que pessoas da Internet não são confiáveis – respondeu ele, de maneira soturna.

Mexi-me um pouco no banco. Realmente, sentar em um carro e falar no viva-voz de um celular não era bem a minha ideia de trabalho de campo, mas confesso que a expectativa estava quase insuportável. Havia um “quê” de James Bond nesta pesquisa que me atraía.

– Não se preocupem – respondeu a voz no celular – não temos intenção de rastrear vocês.

Demos um pulo quase simultâneo em nossos bancos. Não havia nenhum sinal de que a pessoa poderia nos ouvir.

– Paz, irmãos – respondeu a voz – Sou o contato da Ordem dos Cavaleiros Templários. Recebi uma mensagem de que vocês estavam fazendo uma pesquisa sobre Sociedades Secretas e resolvi colaborar. Meu nome é Hugo e faço parte da Ordem. Estou à disposição de vocês para falar o que quiserem.

Gabriel adiantou-se até o aparelho.

– Senhor... Hugo? – disse, franzindo a testa – Que conveniente!

Olhei para ele sem entender.

– Acredito que seja o senhor Gabriel – disse Hugo – A mensagem falava que um de vocês tem certo conhecimento e é ligado à Igreja Católica. Os papas já não nos perseguem mais, por

isso, acho que devíamos nos ater à sua pesquisa e esquecer o resto, não acha?

O dia parecia mesmo cheio de surpresas. De repente, nossa ficha completa estava sendo passada para pessoas que nem mesmo conhecíamos.

– Pode me explicar a referência? – perguntei, querendo quebrar o silêncio constrangedor.

– Mas claro – respondeu Hugo – Vocês devem saber que a Ordem dos Cavaleiros do Templo, que é seu nome real, foi fundada em 1118, na época das Cruzadas, em Jerusalém, com o objetivo de proteger os peregrinos que se dirigiam ao Santo Sepulcro e guardar as rotas de peregrinação que ligavam a Terra Santa às nações europeias. Como ordem de cavalaria militar, formaram a vanguarda e a espinha dorsal dos exércitos dos cruzados na Palestina. Por serem excelentes administradores, fiéis e depositários organizados, tornaram-se banqueiros de papas, reis, príncipes e particulares.

– E o que tem a ver o nome com a história? – perguntei.

– Provavelmente o senhor Gabriel pensa, com razão, que meu nome é uma homenagem a Hugh de Payens, o primeiro Grão-Mestre da Ordem, que atuou nela de 1118 a 1136. Payens era um cruzado e foi um dos fundadores.

– Nove cavaleiros, de procedência flamenga e francesa, apresentaram-se, em 1118, ao rei de Jerusalém, Balduíno II, e ofereceram seus serviços – explicou Gabriel – Eles colaborariam na vigilância e no patrulhamento dos caminhos, realizariam tarefas policiais e defenderiam peregrinos e cristãos em geral de ataques sarracenos (os conhecidos muçulmanos) e beduínos. Hugh de Payens estava à frente desse grupo, embora até hoje não se saiba ao certo se ele agiu por princípio de cavalaria ou se estaria ligado, na França, a Bernardo de Clairvaux, abade que pregou a II Cruzada, em 1144.

– Vejo que anda lendo seus livros com sucesso – disse Hugo, num tom amigável.

Gabriel não gostava do tom e senti que realmente tinha antipatia pelo templário ao celular. Fiz um gesto de calma para ele e apontei o indicador para mim mesmo, dizendo para que me deixasse tocar a entrevista. Ele fez que sim e virou a cabeça para o lado da janela, em clara mostra de irritação.

– Pois bem, Hugo, diga-me uma coisa. Quem eram os nove cavaleiros?

– Além do meu xará, havia Godefroy de Saint-Omer, seu lugar-tentente, cavaleiro flamengo; André de Montbard, que era tio de São Bernardo; Payen de Montdidier e Archambaud de Saint-Amand, que também eram flamengos. Os outros estão envoltos em mistérios, pois só sobraram seus nomes de batismo: Gondemare, Rosal, Godefroy e Geoffrey Bisol.

– Eles se instalaram, inicialmente, pelo que eu saiba, nas ruínas do Templo do Rei Salomão, daí a origem do nome Templários, não é?

– Perfeito.

– O lugar inicial, pelo que me lembro de minhas leituras, é a região das cavaliariças abandonadas do Templo. Mais tarde, acabaram por tomar conta de quase todo o local. Daí por diante, ninguém poderia entrar lá ou sair sem a aprovação deles. Isso está em qualquer livro de história: sua influência sobre o rei era tanta, que este atendia a todos os seus desejos e necessidades.

– Lembrem-se, também, de que o palácio de Balduíno é, hoje, a mesquita Al-Aqsa, construída no local onde ficavam os restos do Templo, denominado Haram al-Sherif, ou A Esplanada. O rei, entretanto, logo fez construir um novo palácio junto à chamada Torre de Davi em 1118 e deixou sua antiga morada para os Cavaleiros, que passaram a habitá-la. Suas

celebrações aconteciam na Mesquita de Omar, a atual Qabbat al-Sakkra, ou Cúpula do Rochedo. O local foi dedicado a Deus e ganhou o nome de Templo Domini. Ou seja, atuavam completamente dentro do perímetro salomônico, tornando-se senhores absolutos do local.

Gabriel começou a mexer embaixo do assento. Pensei que procurava algo, mas não há muito que guardar debaixo de um banco de automóvel. Enquanto isso, continuei:

– Sabe-se, também, que os Templários iniciais gastaram nove anos sem registrar nenhum confronto. Apenas com orações e meditação.

– Na verdade, – disse Hugo – estavam se preparando para a luta árdua que viria tempos depois. Veja bem: o confronto entre cristãos e muçulmanos não vem dos dias de hoje. E, depois, em uma terra tão complicada de se conviver como Jerusalém, ainda havia o povo judeu. Como vê, o trabalho não era mesmo fácil.

Gabriel, finalmente, tirou a mão debaixo do assento e mostrou-me um pequeno livro sobre os Templários. Abriu-o em uma página em que vi um quadro com os nomes e datas de atuação de todos os grão-mestres. A lista ia de Hugh de Payens até o último, Jacques de Molay, que atuou quando a Ordem foi supostamente desfeita no confronto entre os Cavaleiros Felipe, o Belo, rei da França, e o papa Clemente V.

– Hugo, fale-me do fim oficial que os Templários tiveram.

– Os Templários fizeram um excelente trabalho, e são considerados uma das maiores forças do cristianismo da época. Após certo tempo, tornaram-se depositários de imensas fortunas e formaram um dos primeiros sistemas bancários existentes. Para se ter uma ideia, a intenção era criar um sistema em que o peregrino pudesse depositar uma quantia em um templo em sua terra natal e retirá-la em uma “filial”, por assim dizer, na Terra Santa. A riqueza e a quantia de dinheiro que ganharam terminaram por mexer com a ganância do rei Felipe, o Belo. O monarca tinha grande necessidade de dinheiro, causada pelas incessantes guerras que movia contra os seus vizinhos. Por isso, resolveu apoderar-se dos bens da Ordem e, praticamente, chantageou o papa para conseguir seu intento. Acusados de heresia perante a Inquisição, que já se mostrava corrompida pela ação de Felipe, os Cavaleiros foram caluniados, espoliados e martirizados. Como a maioria foi queimada, muitos dos que restaram retiraram-se para a Escócia, onde se juntaram à Maçonaria.

– O curioso dessa história – disse Gabriel – é que, até então, nunca se havia unido a figura dos Templários ao ocultismo. Esse foi um erro muito grande da parte do papa Clemente V.

– Bem-vindo de volta à discussão – disse Hugo, em tom maroto – É bom ver que podemos contar com a sua participação.

Gabriel ignorou a provocação.

– Eles foram executados em 1314? – falei, olhando para o livro que Gabriel havia me passado.

– Pouco tempo depois do Concílio de Vienne, realizado dois anos antes. Em 13 de outubro de 1307, uma sexta-feira, aconteceu um encarceramento maciço de Templários. Essa é uma leitura possível da origem do mito da “sexta-feira treze”. Felipe tinha o apoio de Guilherme de Paris, confessor do rei e inquisidor principal da França. Foi em nome da Inquisição que os Cavaleiros foram torturados até que suas confissões completas fossem extraídas, inclusive a de Jacques de Molay, o último Grão-Mestre.

– A sentença, de acordo com um livro que tenho em mãos – continuei – diz o seguinte: *Ouvidos os Irmãos Geraldo du Passage e João de Cugny, que afirmam terem sido forçados,*

quando da sua recepção na Ordem, além de muitas outras coisas, a escarrar sobre a Cruz porque, segundo lhes foi dito, aquilo não passava de um pedaço de madeira, estando no céu o verdadeiro Deus. Ouvido o Irmão Guido Dauphin, ao qual foi ordenado, se um dos irmãos superiores se sentisse atormentado pela carne e quisesse satisfazer-se nele, a consentir em tudo quanto lhe fosse solicitado... Ouvido o Grão-Mestre Jacques de Molay, que reconheceu e confessou... Ouvido o Irmão Hugo de Payraud, que exigiu dos noviços, como obrigação, renegassem Cristo três vezes... Considerando que os acusados confessaram e reconheceram seus crimes, condenamo-los ao muro e ao silêncio pelo resto de seus dias, a fim de que obtenham remissão de suas faltas pelas lágrimas do arrependimento. In nomine Patris...

Hugo parecia mudo do outro lado da linha.

– Desculpem-me – falou depois de um tempo – Ainda me emociono com essa história, mesmo depois de tanto ouvi-la. É uma cena que lembra a execução do corcunda Salvatore e do despenseiro Remigio de Varagine em *O Nome da Rosa*. Posso completar a explicação. Após a leitura da sentença, Jacques de Molay protestou contra “essa sentença iníqua” e afirmou que os crimes de que o acusaram foram inventados. Também Godofredo de Charnay gritou: *Vítimas de vossos planos e de vossas falsas promessas! É o ódio, a vossa vingança que nos pedem! Mas afirmo, diante de Deus, que somos inocentes e os que dizem o contrário mentem miseravelmente!* O Arcebispo de Marigny, integrante da comissão que julgou os Cavaleiros, ergueu ao alto sua cruz peitoral e gritou que os dois condenados eram declarados relapsos, pois reincidiram em suas heresias e rejeitaram a justiça da Igreja! *A Igreja os entrega à justiça do rei!*, disse, o que significava a morte. Naquele mesmo dia, no ano de 1314, cerca de 140 Templários, incluindo Jacques de Molay, foram queimados em uma ilha do rio Sena.

– Isso originou a suposta maldição de Molay sobre seus algozes – completou Gabriel.

– Sim – concordou Hugo – Tenho o texto aqui em algum lugar...

– O texto da maldição? – perguntei, meio incrédulo.

– Sim. Ah, aqui está. Diz o seguinte: *Senhor, permiti-nos refletir sobre os tormentos que a iniquidade e a crueldade nos fazem suportar. Perdoai, ó meu Deus, as calúnias que trouxeram a destruição à Ordem da qual Vossa Providência me estabeleceu chefe. Permiti que, um dia, o mundo esclarecido conheça melhor os que se esforçam em viver para Vós. Nós esperamos, da Vossa Bondade, a recompensa dos tormentos e da morte que sofremos para gozar da Vossa Divina Presença nas moradas bem-aventuradas. Vós, que nos vedes prontos a perecer nas chamas, vós julgareis nossa inocência. Intimo o papa Clemente V, em quarenta dias, e Felipe, o Belo, em um ano, a comparecerem diante do legítimo e terrível trono de Deus para prestarem conta do sangue que, injusta e cruelmente, derramaram.*³

– E, realmente, os dois morreram no prazo colocado por Molay – falou Gabriel – Quarenta dias depois, Felipe e o cavaleiro Guillaume de Nogaret, seu oficial-chefe e principal conselheiro, o qual arquitetou as acusações contra os Templários, receberam uma mensagem dizendo que o papa Clemente V morreria na cidade de Roquemaure na madrugada de 19 para 20 de abril daquele mesmo ano, por causa de uma infecção intestinal. Felipe faleceu em 29 de novembro de 1314, com 46 anos de idade, quando caiu de um cavalo durante uma caçada em Fontainebleau. Guillaume de Nogaret, por sua vez, faleceu em uma manhã da terceira semana de dezembro, envenenado.

Um arrepio correu minha espinha. “Que bizarro”, pensei.

– Não entendo uma coisa – falei – Para mim está claro que a natureza da Ordem era apenas militar. Onde entram os aspectos místicos normalmente associados a ela?

– Do simples fato de que muitos dos rituais usados para iniciar um novo membro eram sempre feitos longe dos olhos alheios. Só para se ter uma ideia: a cerimônia de iniciação acontecia à noite na casa do capítulo⁴ sob guarda, ou seja, no local onde se realizava a guarda. Os cavaleiros reunidos eram indagados várias vezes pelo grão-prior – uma espécie de mestre encarregado – sobre se possuíam algo contra o noviço. Quando era constatado que ninguém ia falar nada contra ele, o prior repetia as regras da Ordem e perguntava para o iniciante se tinha esposa, família, doenças, dívidas ou se devia vassalagem a qualquer outra pessoa. Na negativa, o noviço ajoelhava-se e pedia para tornar-se um serviçal e um escravo do Templo. Jurava, então, obediência a Deus e à Virgem Maria. No final, o manto branco com a cruz era colocado sobre seus ombros e ele acabava aceito para o trabalho. Espere só um instante...

Ouvi um barulho no fundo, que parecia ser causado por milhares de crianças gritando animadas. Um baque de porta se fechando e um *cooler* de computador sendo ligado. Hugo voltou logo depois:

– Perdoem-me, mas hoje está acontecendo uma festa da Ordem derivada e está uma verdadeira bagunça. É por isso que não os convido para virem aqui hoje. Mas, em uma próxima oportunidade...

Gabriel olhou interessado para o celular.

– Derivada? Você quer dizer...

Hugo pareceu contente em prender a atenção de Gabriel.

– Já chegaremos lá. Deixe-me só despachar-lhes alguns arquivos por e-mail.

Um barulho de teclado, que durou alguns poucos minutos, foi ouvido. Enquanto isso, Hugo continuou suas explicações.

– Esse segredo que escondia as cerimônias da Ordem alimentou muitos rumores sobre o que realmente acontecia dentro do claustro. Nossos adversários falavam que havia prática de ocultismo e de perversões sexuais, inclusive homossexualismo. A riqueza dos cavaleiros, que se autointitulavam “pobres”, despertou a cobiça até dos que eram realmente pobres, o que dirá de Felipe, o Belo. Ele incitou o papa Clemente V a nos acusar de práticas blasfemas, como urinar ou cuspir na cruz, além de outras acusações, como tomar banho em óleo extraído de bebês assassinados ou usar esse mesmo óleo para massagear Baphomet, uma cabeça empalhada que seria identificada por “conspirólogos” como a cabeça mumificada de Jesus Cristo.

Ouviu-se um barulho final de tecla.

– Pronto. Recebi seus endereços com o e-mail que me falava de vocês. Se um de vocês quiser ir até a um cybercafé, poderá ver alguns arquivos que enviei.

Olhei para Gabriel, mas nem precisava. Ele já havia aberto a porta do carro.

– Tem um na rua de cima. Vou até lá.

Bateu a porta e saiu, na maior disparada.

– Ele vai gostar do que vai ver – disse Hugo.

– Continuo sem entender como uma ordem militar ganhou caráter místico.

– A resposta é simples. Algum tempo depois, os sobreviventes da Ordem terminaram por juntar-se às outras ordens existentes, como os Hospitalários. Alguns, traumatizados com o

ocorrido, cansaram do papel de religiosos e uniram-se à Maçonaria, de onde veio muito do conhecimento esotérico de que hoje nos valem. Hoje, aqueles Cavaleiros são considerados os verdadeiros precursores das Sociedades Secretas atuais. No entanto, supõe-se que muito do conhecimento acumulado durante anos foi destruído pelos próprios membros antes da fatídica sexta-feira 13.

– Mas é só por causa da Maçonaria? Então podemos dizer que os cavaleiros de hoje são bem diferentes dos originais?

– Não exatamente. Há um livro, chamado *Les Mystères de Templiers*⁵, de autoria do pesquisador francês Louis Charpentier, que vê na história dos Templários a primeira estrada dos espíritas e maçons, construída paralelamente ao súbito e inexplicável aparecimento da arquitetura gótica naquele tempo. Outro ponto levantado é a própria existência da Ordem, cuja origem constitui-se objeto de muitas dúvidas. Oficialmente, tinha como única intenção defender os peregrinos da Cidade Santa contra a intolerância e crueldade dos turcos. Eles mantinham em seu poder o túmulo de Jesus, mas, para muitos historiadores, o estabelecimento de um poder religioso no Oriente próximo teria sido apenas uma desculpa para a aquisição de conhecimentos esotéricos, não divulgados na Bíblia e guardados secretamente no Templo de Salomão. Não se esqueça de que o lugar é considerado sagrado até hoje.

Lembrei-me de fotos e documentários que já havia assistido sobre Jerusalém e pensei nos mistérios que ainda haveria por lá. Muitos arqueólogos querem fazer escavações atrás de pistas, mas os constantes conflitos entre árabes e muçulmanos desencorajam, acima de qualquer outro efeito.

– E também há um outro aspecto – acrescentou Hugo – Para Charpentier, a fundação dos Templários não seria apenas o resultado de uma iluminação de Hugh de Payens, mas sim um plano cuidadosamente elaborado por Bernardo de Clairvaux, possuidor de uma inteligência acima da média. Uma pesquisa histórica mais profunda mostra que suas atividades eram consideradas revoltantes pela Igreja. Ele defendia judeus e convidava “escriturólogos” cabalistas para trabalhar na abadia de Clairvaux, coisa pouco apreciada naquele tempo. Tudo para descobrir um tesouro: as Tábuas da Lei e a Arca da Aliança.

Ri alto:

– Quer dizer que o mentor de seus ilustres antecessores tinha complexo de Indiana Jones?

– Mais ou menos. Conhece Neil Gaiman?

Espantei-me com a referência ao escritor britânico no qual eu mesmo tinha pensado quando achei que estávamos vivendo uma história típica dos filmes de Hollywood.

– Claro. Mas o que isso tem a ver?

– Você deve ter lido a minissérie da Marvel, *1603*, não é?

– Sim, de fato li. Mas ainda não vejo...

– Lembra-se de que os Templários aparecem por lá? Que a história gira em torno de um tesouro descoberto nas ruínas do Templo de Salomão? Livros históricos confirmam que Salomão levou a Arca para Jerusalém após o término da construção do Templo. O Templo era a casa do Senhor, edificado por Salomão para a eterna habitação do Senhor, com a presença da Arca e das Tábuas da Lei como testemunhas. Charpentier diz em seu livro que, sob o pretexto de proteger os peregrinos, Bernardo de Clairvaux enviou um pequeno grupo de cavaleiros à Judeia para fazer uma pesquisa no Templo de Salomão, com a finalidade de recuperar a Arca e as Tábuas. Há, no prefácio do regulamento dos Templários, cuja cópia

mandei para vocês, uma passagem referente a uma outra tarefa da Ordem, além da proteção aos peregrinos e da luta contra os muçulmanos, que era a de proteger o tesouro dos Templários. Lembre-se de que foi o próprio Bernardo de Clairvaux quem ditou o texto. Eles se estabeleceram no local em 1119, mas apenas em 1128 é que a Ordem foi oficialmente fundada, no Concílio de Troyes. A justificativa é que o tesouro dos Templários, que lhes permitiria ter um poder incontrollável sobre a Igreja, era a Arca da Aliança, que já teria sido recuperada e levada para a França, protegida por uma escolta militar.

Gabriel já voltara ofegante com uma série de folhas de papel na mão, extraídas de uma impressora a jato de tinta.

– Então, existe mesmo uma Ordem derivada... – falou sem parar para respirar.

Hugo riu ao celular.

– A Ordem de Molay é inspirada nos Templários, mas volta-se para crianças. Temos ligações com a Maçonaria, mas total liberdade de atuação.

Gabriel entregou-me as folhas e passei a vista por elas. O símbolo da Ordem de Molay é um brasão com um elmo em cima de uma coroa com duas espadas nas transversais e uma lua crescente na frente.

– Posso dizer-lhes os requisitos para um garoto entrar nessa Ordem. Ele precisa: 1. Ter menos de 21 e, pelo menos, 12 anos de idade completos; 2. Professar sua crença em Deus e reverenciar seu Santo Nome; 3. Afirmar lealdade a seu país e respeito à Bandeira Nacional; 4. Aderir à prática de moral pessoal; 5. Fazer votos de seguir os elevados ideais típicos das Sete Virtudes Cardeais da Coroa da Juventude; 6. Aprovar a filosofia da Irmandade Universal e a nobreza de caráter exemplificada pela vida e morte de Jacques de Molay; 7. Estar ciente de que o ingresso na Ordem de Molay não lhes garantirá, no futuro, a iniciação em um Corpo Maçônico.

– E as sete virtudes cardeais – continuou Gabriel, lendo uma das folhas – são bem típicas de Maçonaria: 1. Amor filial: louvar o amor entre pais e filhos; 2. Reverência pelas coisas sagradas: o respeito pelo que é sagrado, principalmente o amor que temos pelo nosso Pai celestial; 3. Cortesia: o que ilumina a nossa vida. A nossa Educação; 4. Companheirismo: o amor que temos por nossos irmãos e amigos, que mantêm vivos os ideais de nossa Ordem; 5. Fidelidade: cumprir, conscientemente, seus compromissos junto a seus ideais, a seus irmãos e amigos e ao Pai celestial; 6. Pureza: de pensamentos, palavras e ações; 7. Patriotismo: amor e respeito por sua pátria, seu povo, suas origens. É a busca de ser sempre um bom cidadão, respeitando as leis de seu país.

– Esse clube para rapazes nasceu em 19 de fevereiro de 1919 – explicou Hugo – Em 24 de março, recebeu o nome de Conselho de Molay, mudado, mais tarde, para Ordem de Molay. No Brasil, o primeiro Conselho surgiu em 12 de abril de 1985. Hoje, estamos presentes nas principais capitais.

– Um código de ética bem rígido e conservador – falei, enquanto lia outra folha:

Um DeMolay serve a Deus;

Um DeMolay honra todas as mulheres;

Um DeMolay ama e honra seus pais;

Um DeMolay é honesto;

Um DeMolay é leal a ideais e amigos;

Um DeMolay executa trabalhos honestos;

Um DeMolay é cortês;
Um DeMolay é sempre um cavaleiro;
Um DeMolay é um patriota tanto em tempo de paz quanto em tempo de guerra;
Um DeMolay sempre permanece inabalável a favor das escolas públicas;
Um DeMolay é o orgulho de sua Pátria, seus pais, sua família e seus amigos;
A palavra de um DeMolay é tão válida quanto sua confiança;
Um DeMolay, por preceito e exemplo, deve manter os elevados níveis aos quais ele se comprometeu.

– Pode-se dizer que sim – concordou Hugo.
– Uma última coisa – Gabriel falou – Pode explicar o símbolo?
– Claro! Os componentes estão à sua vista. Basta seguir. A coroa simboliza a Coroa da Juventude, que lembra as obrigações e os sete preceitos da Ordem. Os nove rubis e a pérola honram o fundador e os nove jovens que participaram da formação da Ordem de Molay (Frank S. Land, Louis Lower, Ivan Bentley, Clyde Stream, Gorman McBride, Edmund Marshall, Ralph Sewlle e Elmer Dorsey). No começo, havia uma pérola para cada componente vivo e um rubi para os falecidos. Hoje, o brasão possui só uma pérola, a correspondente ao senhor Jerome Jacobson, o único ainda vivo. O elmo simboliza o cavaleirismo, sem o qual não é possível mostrar a delicadeza de caráter.

– Bem simbólico – falei, olhando para o brasão.
– A lua crescente é um sinal de segredo e lembra ao irmão seu dever de nunca revelar segredos da Ordem ou trair uma confidência. A cruz de cinco braços simboliza a pureza de intenção. As espadas cruzadas denotam justiça, retidão e piedade; nossa luta contra a arrogância, a tirania e a intolerância. As estrelas são os desejos e deveres de irmandade entre os membros da Ordem. O amarelo é luz; o vermelho é força, energia e coragem. Por último, o azul, que equilibra o vermelho e forma o homem perfeito.

Hugo foi interrompido por um barulho de multidão. Alguns segundos se passaram, enquanto aguardávamos.

– Sinto, senhores, tenho de ir. Enviarei a vocês nosso endereço em São Paulo, para que possam visitar-nos assim que for possível.

– Bem, Hugo, obrigado pelas informações.
– Não me agradeçam – disse, em tom enigmático – Mas sim ao contato de vocês. Pelo jeito, ela tem ligações influentes. Não é com todo mundo que posso falar sobre esses detalhes.

A ligação se encerrou.

– Isto é incrível! – falou Gabriel – Já tinha ouvido falar da Ordem de Molay, mas não sabia que era ligada aos Templários que, por sua vez, estavam ligados à Maçonaria.

– O que nos leva à nossa próxima etapa... – falei, com ar cansado – A Maçonaria.
– E como vamos entrar lá?

Dei de ombros. Não fazia a mínima ideia.

– Acho que a Oráculo vai cuidar disso...

Parei de falar enquanto olhava o verso de uma das folhas e via uma mensagem escrita.

– Gabriel, quem te atendeu no cybercafé?

– Uma mulher loira. Muito bonita. Disse que era de lá.

– Descreva-a melhor.

– Um metro e setenta, loira, cabelos compridos, roupas folgadas, lábios bem vermelhos,

olhar penetrante. Por quê?

– Parece que a Oráculo colocou alguém para nos seguir. É a mesma mulher que vi abrindo a porta do Grande Templo dentro da AMORC.

Gabriel estava sério. Não gostava da ideia de ser seguido. Ligou o carro e fomos em direção a uma lanchonete para comer e colocar as ideias em ordem.

– Como você sabe? Ou será que era a própria Oráculo?

– Não sei – respondi – Mas deixou um recado.

Virei a folha e mostrei a ele:

No próximo sábado estejam prontos para entrar em contato com a Loja do Grande Oriente.

Artigo 661 da *Regra dos Cavaleiros Pobres do Templo*. [N.E.]

Escritor britânico, autor da consagrada série de histórias em quadrinhos Sandman. [N.E.]

DeMolay Leader's Resource Guide – Capítulo I, 14ª. Edição – 1993 – Publicado por The International Supreme Council Order of DeMolay. [N.E.]

Capítulo: subdivisão que algumas ordens secretas utilizam para criar segmentos voltados a um determinado público. [N.E.]

Charpentier, Louis. *Os mistérios dos Templários*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1978. [N.E.]

CAPÍTULO 4

MAÇONARIA

Os maçons juntam-se, fora do mundo profano, nas Lojas onde estão sempre expostas as três grandes luzes da Ordem: um volume da Lei Sagrada, um esquadro e um compasso, para aí trabalhar segundo o rito, com zelo e assiduidade e conforme os princípios e regras prescritas pela Constituição e os Regulamentos Gerais de Obediência.¹

A semana demorou demais a passar. Todos os dias, Gabriel e eu encontrávamo-nos no horário do almoço e discutíamos o material colhido na etapa anterior. Sabíamos que a próxima etapa nos levaria mais adiante no mundo das Sociedades Secretas. Para ser sincero, achei que toda a aura de mistério que nos envolvia era apenas um atrativo para que o trabalho realmente saísse como o pessoal da editora queria.

Claro que Gabriel sempre se lembrava de histórias de pessoas que, de posse dos segredos dessas sociedades, desapareciam misteriosamente, ou eram tidas como assassinadas, entre outros fins sombrios. Particularmente, a cada história eu me convencia mais de que não era a nossa intenção revelar os segredos das sociedades, mas sim montar um guia para que o não-iniciado pudesse escolher a que mais o agradasse. Afinal, “a propaganda é a alma do negócio”. E como eles iriam querer ampliar seu quadro de afiliados sem aparecer, por mais discretamente que fosse?

Chegou o sábado e preparei-me para o encontro com Gabriel em um shopping da zona sul de São Paulo. Era um dia quente e as pessoas estavam apressadas para fazer compras. “O velho sonho de consumo”, filosofei enquanto entrava no local, de olho nas lojas. Subi por uma escada rolante para o primeiro piso e dei de cara com um quiosque que vendia histórias em quadrinhos. Parei um instante para ver os últimos lançamentos, até que me deparei com a *graphic novel* de Alan Moore e Eddie Campbell, *Do Inferno*² e parei para folheá-la um pouco.

A história se passa em 1888, em um bairro pobre de Londres, chamado Whitechapel. Um assassino serial, considerado o primeiro de destaque da história, matou, de maneira brutal, cinco prostitutas. Nunca se soube quem ele realmente era, a não ser pelas cartas que supostamente enviava para a polícia, em que desafiava seus perseguidores. Em uma delas estava o codinome que o tornou famoso. Em outra, sem assinatura, estava o endereço: *From Hell* (Do Inferno).

A história ganhou uma versão para o cinema em 2001, com produção de Jane Hamsher, Kevin J. Messick e Don Murphy e direção de Albert e Allen Hughes. Esta, foi muito contestada à época pela comunidade maçônica. [N.E.]

Alan Moore preparou esse longo trabalho – no Brasil, publicado em quatro álbuns – em 1988, no centenário dos assassinatos até hoje sem solução. Muitas teorias apareceram para explicar quem Jack, o Estripador seria, indo desde um imigrante polonês louco a um professor desequilibrado. Mas Moore preferiu ir por uma incrível (e infame) teoria da conspiração: Jack era sir William Gull, médico da Rainha Vitória, contratado pela soberana inglesa para “dar um jeito”, por meio de chantagens, nas prostitutas que teriam servido de testemunhas do casamento entre o príncipe Albert Victor, duque de Clarence, seu neto e segundo da linha sucessória, com uma plebeia católica. Segundo a teoria, essas prostitutas quiseram chantagear a realeza e Gull teria ido além de simplesmente silenciá-las, matando-as brutalmente e deixando pistas em cada uma das vítimas. Alguns estudos dizem que a localização em que os corpos das vítimas oficiais – em número de cinco – foram abandonados forma um pentagrama sobre o mapa de Londres. Sua afiliação com uma certa ordem secreta serviu para acobertar os assassinatos e não revelar sua verdadeira identidade. A verdade, ao que parece, é que o médico era mesmo membro da misteriosa Maçonaria.

– Isso é pura bobagem – disse Gabriel, que surgiu, do nada, atrás de mim – Todos gostam de uma conspiração, e a Maçonaria já foi acusada de diversas, desde a articulação da Revolução Francesa até a Independência norte-americana.

Assustei-me com a aparição repentina e olhei incrédulo para ele:

– Ei, quer me matar do coração?

– Desculpe, mas a relação entre o que vamos ver e o que você tem em mãos é óbvia demais. Fechei o álbum e me dirigi ao caixa.

– Vai comprá-lo?

Olhei para a arte da capa, que mostrava a cartola de Gull e as uvas encontradas nas mãos da terceira vítima do estripador.

– Por que não? – olhei para Gabriel em tom desafiador – Pode ser apenas uma história, mas que ninguém sabe o que é a Maçonaria, isso não podemos negar.

– Acha mesmo que eles poderiam estar por trás do episódio de Jack?

– Qualquer Sociedade Secreta com um pouco de poder poderia estar por trás de um fato histórico.

– Isso é... mas... Bom, qual é nossa primeira parada do dia?

Paguei o álbum e olhei para ele, intrigado.

– Está de muito bom humor hoje. Nem parece o emburrado de sábado passado.

– Eu não sabia que o trabalho poderia ficar legal – justificou Gabriel – Além do mais, devo admitir que ter meu nome associado a algo desse tipo é atraente.

Suspirei e coloquei o álbum embaixo do braço. Fiz um gesto para irmos ao estacionamento, onde pegaríamos o carro para irmos a um endereço localizado no bairro da Liberdade.

– Trouxe umas anotações que fiz há alguns anos – disse Gabriel, estendendo-me um caderno velho e ensebado – Estudei a Maçonaria por algum tempo.

– E posso saber por quê? – perguntei.

– Tinha um tio que era maçom. Ele queria me converter, dizia que era bom para a família ter alguém ligado a essa Sociedade Secreta e que me faria muito bem para o caráter etc.

Abri o caderno, que datava de 1990, e comecei a ler alto:

– *Landmarks?*

– Pontos de referência. Foram tirados do Grande Oriente do Brasil, uma espécie de

organismo que gerencia a atividade das Lojas maçônicas.

– Outra vez esse conceito de Loja – observei – Por que esse pessoal insiste em chamar seus lugares de atuação de Lojas?

– “Templo” é uma palavra um tanto inadequada quando você estuda conceitos filosóficos – disse Gabriel – Embora seus amigos da AMORC gostem desse nome.

Sorri meio azedo e voltei à leitura.

– Pontos interessantes. Pelo menos, os cinco primeiros:

1) A Maçonaria é uma fraternidade iniciática que tem por fundamento tradicional a fé em Deus, Grande Arquiteto do Universo.

2) A Maçonaria refere-se aos “Antigos Deveres” e aos “Landmarks” da Fraternidade, especialmente quanto ao absoluto respeito das tradições específicas da Ordem, essenciais à regularidade da Jurisdição.

3) A Maçonaria é uma Ordem, à qual não podem pertencer senão homens livres e de bons costumes, que se comprometem a pôr em prática um ideal de paz.

4) A Maçonaria visa, ainda, o aperfeiçoamento moral dos seus membros, bem como de toda a humanidade.

5) A Maçonaria impõe a todos os seus membros a prática exata e escrupulosa dos ritos e do simbolismo, meios de acesso ao conhecimento pelas vias espirituais e iniciáticas que lhe são próprias.

– São os meus prediletos – disse Gabriel, de olho no trânsito – Se bem que são pontos parecidos com os de outras ordens. E não dizem muito sobre o propósito maçônico.

– Hum, isto é interessante: *A Maçonaria impõe a todos os seus membros o respeito das opiniões e crenças de cada um. Ela proíbe-lhes no seu seio toda a discussão ou controvérsia, política ou religiosa. Ela é ainda um centro permanente de união fraterna, onde reinam a tolerante e frutuosa harmonia entre os homens, que sem ela seriam estranhos uns aos outros... Os maçons tomam as suas obrigações sobre um volume da Lei Sagrada, a fim de dar ao juramento prestado por eles o caráter solene e sagrado indispensável à sua perenidade.* Eles não admitem debates políticos?

– Parece que não...

Sua fala foi interrompida por uma freada brusca, quando o carro quase bateu no de uma moça, que vinha emparelhado.

– Ei, olha por onde anda! – gritou Gabriel.

Olhei para a motorista e levei um susto. Era a mesma garota que estava no Templo da AMORC. Apontei para ela e gritei:

– Olha lá! É a mulher que estava na AMORC!

Gabriel olhou e franziu a testa:

– Ei, era ela quem estava no cybercafé e quem imprimiu as páginas dos Templários. Encarei-o com medo.

– É coincidência ela ir para o mesmo lado que nós, na mesma hora?

Gabriel diminuiu a marcha e esperou até que ela sumisse.

– Vamos ver se ela estará no endereço para o qual vamos.

– E se estiver?

Ele deu de ombros e falou sério:

– Caberá a nós fazer um pequeno interrogatório.

Continuamos o caminho sem falar muito, ambos apreensivos pela coincidência. “Deve ser bobagem”, pensei, e passei o resto do caminho lendo as anotações de Gabriel sobre a Maçonaria.

– Chegamos – disse, apontando para uma casa grande, branca, com torres ligadas, no melhor estilo castelo medieval, rodeada de um jardim muito bem cuidado.

– Nossa! – falei – O que será aqui?

– Não sei, mas parece ser a casa de alguém bastante influente.

Saímos do carro, abrimos um portão de ferro e tocamos a campainha. Havia uma espécie de ante-sala rodeada de paredes de vidro e plantas no interior. Ao fundo desta, uma porta dupla de madeira com enormes círculos de bronze ao centro.

– Olha lá! – apontei – O símbolo da Maçonaria.

Gabriel olhou e viu gravados os símbolos do compasso, do esquadro e do livro. A enorme porta de madeira se abriu e um senhor, que aparentava ter 50 anos, apareceu vestido normalmente, com calças jeans e camisa azul. Trazia os óculos de aro de tartaruga pendurados pelo pescoço. Parou, como se perguntasse a si mesmo quem éramos. Depois, pareceu lembrar-se e abriu a porta de vidro.

– Olá, como vão? – disse em tom amigável, ao abrir a porta de vidro – Vocês devem ser Sérgio e Gabriel, os pesquisadores. Sejam bem-vindos, meus caros. Entrem em minha casa e deixem um pouco da alegria que trazem.

Olhei, intrigado, para Gabriel. “Casa?”, fiz com os lábios. Ele deu de ombros e entrou. Cumprimentamo-nos e o senhor fez um gesto para que o seguissemos. Quando entramos na casa, deparamo-nos com um excelente ambiente decorado em madeira, que imitava o interior de antigos navios comerciais ingleses. Plantas, móveis de madeira maciça e prateleiras e mais prateleiras de livros completavam o ambiente.

– Por favor, meus caros, venham por aqui – disse, apontando para o que parecia ser um estúdio.

Entramos. O cheiro de madeira era mais forte por causa do sol que entrava pela janela e batia diretamente no chão. Havia gravuras antigas penduradas na parede, um antigo telescópio na janela e milhares de pinturas com os retratos de franceses e americanos, além de pinturas antigas. No centro, havia uma enorme mesa de madeira e um computador conectado à Internet por banda larga. Via-se que estava acessando a página do Grande Oriente de São Paulo, um órgão do Estado, que regula a atividade maçônica local.

– Sentem-se – indicou as poltronas em frente à sua mesa. Depois, apoiou-se nela e olhou-nos, intrigado – Meu nome é Mauro Antunes e trabalho com uma equipe de jovens que cuida da *homepage* do GOSP. Recebi um telefonema de meu superior, da Índia, no qual fui informado de que vocês me procurariam para uma conversa informal sobre a Maçonaria.

– Sim – falei, ainda deslumbrado com o ambiente de Mestre dos Mares que o estúdio possuía – Na verdade, esperávamos conhecer sua sede.

– Isto não será possível, porque hoje não é dia para não-iniciados. Há alguns rituais que se realizarão esta noite e temos que manter a Loja fechada para os preparativos. Mas fiquem à vontade. Querem beber algo?

– Não, obrigado – disse Gabriel, claramente pouco à vontade com tanta gentileza.

– Queremos começar logo.

– Muito bem – disse Mauro, quando cruzava os braços e nos encarava – Podem começar.

– Na verdade, queríamos perguntar-lhe no que consiste a Maçonaria... – comecei.

Mauro olhou-nos bem sério e inspirou fundo:

– A Maçonaria é uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista. É filosófica, porque trata da essência, propriedades e efeitos em seus atos e cerimônias. Investiga as leis da Natureza e relaciona as primeiras bases da moral e da ética pura. É filantrópica, porque não é constituída para obter lucro de nenhuma espécie. Pelo contrário, suas arrecadações e recursos destinam-se ao bem-estar do gênero humano, sem distinção de nacionalidade, sexo, religião ou raça. Busca-se a felicidade dos homens por meio da elevação espiritual e pela tranquilidade da consciência. É progressista, porque, a partir do preceito da imortalidade do espírito e da crença em um princípio criador regular e infinito, não se apegam a dogmas, prevenções ou superstições. Além disso, não põe nenhum obstáculo ao esforço dos seres humanos em busca da verdade, nem reconhece outro limite nessa busca, senão o da razão com base na ciência.

– Quais são os princípios da Maçonaria? – continuei.

– A liberdade dos indivíduos e dos grupos humanos, sejam eles instituições, raças ou nações. A igualdade de direitos e obrigações sem distinguir religião, raça ou nacionalidade. A fraternidade de todos os homens, já que somos todos filhos do mesmo Criador e, portanto, irmãos. Nosso lema é: “Ciência, Justiça e Trabalho”. Ciência para esclarecer os espíritos e elevá-los. Justiça, para equilibrar e enaltecer as relações humanas. E Trabalho, como o meio pelo qual os homens dignificam-se e tornam-se independentes.

Gabriel parecia intrigado com as respostas de Mauro. Contou-me, mais tarde, que parecia mais um discurso gravado do que algo espontâneo. Mesmo assim, perguntou:

– A Maçonaria possui um objetivo claro?

– Sem dúvida. Seu objetivo é a investigação da verdade, o exame da moral e a prática das virtudes. A moral é, para nós, uma ciência baseada no entendimento humano. É a lei natural e universal, que rege todos os seres racionais e livres. É a demonstração científica da consciência. Essa maravilhosa ciência ensina nossos deveres e a razão do uso dos nossos direitos. Toda vez que a moral penetra fundo em nossa alma, podemos sentir a verdade e a justiça triunfarem. Da mesma forma, a virtude é a força que nos impele a fazer o bem em seu mais amplo sentido, assim como nos impele ao cumprimento de nossos deveres para com a sociedade e para com a nossa família, sem interesse pessoal. Nossos deveres são: o respeito a Deus, o amor ao próximo e a dedicação à família.

Mexi-me, meio desconfortável. Sentia que havia uma desconfiança por parte de Mauro, ainda mais porque ele sabia que éramos pesquisadores e colhíamos material para um livro. “É normal”, pensei, “ele não nos conhece e deve pensar que exporemos a Ordem ou algo assim”.

– Qual é sua real origem? – perguntei.

– Bem, isso depende da versão que você escutar. A lenda mais contada é a de que a irmandade surgiu durante o tempo da construção do Templo de Salomão, em Jerusalém.

– Mais uma com origem na Terra Santa – comentou Gabriel.

– Nessa época, o rei teria mandado buscar em Tiro um mestre-de-obras famoso por seus dons de construção, chamado Hiram Abiff. Fez a obra de tal forma que não se percebia, com clareza, o uso de martelos. De fato, para muitos, o edifício era feito de enormes blocos de pedra que se encaixavam perfeitamente. Após a conclusão da obra, entretanto, Hiram foi pressionado por três rivais ciumentos, Jubelo, Jubela e Jubelum, que queriam saber de seus

segredos.

– São os nomes citados por Alan Moore em *Do Inferno* – completou Gabriel – Para ele, os assassinatos de Jack, o Estripador, eram uma forma de vingança pelo assassinato de Abiff.

Mauro olhou-nos curioso:

– Já ouvi falar em tal história, mas não conheço esse *Do Inferno*...

– É uma história em quadrinhos que virou filme. Depois, posso enviar-lhe a obra para ler.

– Gostaria muito. Enfim, como dizia, Abiff não revelou seus segredos e foi assassinado pelos três. Ele sofreu três golpes, cada um dado por um dos assassinos. Albert Pike foi o líder da Maçonaria americana entre 1859 e 1891 e explicou, em alguns textos, o significado daqueles golpes, que representavam uma maneira de matar espiritualmente a humanidade. O primeiro foi um golpe na cabeça, que destruiria o livre-pensamento. O segundo foi na garganta, para sufocar a liberdade de expressão. O terceiro foi no coração, para matar a irmandade dos homens.

– Interessante analogia – comentei – E, de onde vem a palavra maçom?

– A primeira Loja fundada nos moldes modernos foi estabelecida em Londres, Inglaterra, no ano de 1717. Lá, apareceu a palavra *mason*, que nada mais é do que “pedreiro”, em inglês. É claro que a forma portuguesa que conhecemos apareceu depois.

– E o que significaria o termo “maçom livre”?

– Seu primeiro registro também vem de Londres, mas muito antes, em 1375. Tudo teria começado com um sindicato de pedreiros medieval, que tinha permissão de viajar pelo país quando o sistema feudal reinante mantinha a maioria dos camponeses presa aos trabalhos com a terra. Ao contrário dos ferreiros e curtidores, duas profissões bem comuns na época, os pedreiros reuniam-se em grandes grupos para discutir seus projetos. Dessa forma, eram tanto trabalhadores braçais, quanto arquitetos. O caráter de segredo atraiu muita atenção, principalmente pelo fato de que, no Antigo Egito, os edifícios de pedra eram ligados intimamente às magias dos antigos sacerdotes. Nas palavras do jornalista americano George Johnson, em livro publicado em 1983³, *para os estranhos, homens armados de cinzéis, compassos, réguas, níveis e esquadros faziam os templos crescerem do solo*.

– Não entendo uma coisa – observei, enquanto o encarava atentamente – A Maçonaria pode ser definida como uma religião?

Mauro sorriu e balançou a cabeça.

– Desculpem-me – apressou-se a falar – É que já me perguntaram isso tantas vezes, que já não sei mais como responder. Mas a questão é simples: não somos uma religião, apenas reconhecemos a existência de um único princípio criador, regulador, absoluto, supremo e infinito, ao qual damos o nome de Grande Arquiteto do Universo, uma entidade espiritualista, em contraposição ao predomínio do materialismo. Esses fatores são indispensáveis para a interpretação lógica do Universo e formam nossa base de sustentação, aliados às diretrizes de toda a ideologia e atividade maçônica. Para nós, o válido é termos um trabalho que una os homens, no sentido mais amplo e elevado do termo. Por isso, admitimos pessoas de todos os credos religiosos, sem nenhuma distinção.

– Então, é possível um praticante de uma religião qualquer continuar fiel ao seu credo e entrar para a Maçonaria? – perguntou Gabriel.

– Nem tanto. Vejam bem, a Maçonaria aceita homens de qualquer religião desde que acreditem em um só Criador. Essa ideia de que o pretendente a maçom deva renunciar à

religião para ser admitido vem da época da Inquisição e foi muito difundida pela ignorância da época. Por isso, foi aceita como verdade e permanece até hoje como um conceito comum entre fanáticos religiosos.

– Muitas figuras históricas foram maçons, não é? – perguntei.

Mauro levantou-se e passeou entre os retratos pendurados em sua parede.

– Sabem, comprei esta casa de um irmão maçom há dez anos. Por isso, ela é toda cheia de detalhes. Estes retratos vieram com ela, afinal, era um meio de o irmão exaltar a memória desses famosos.

Mauro começou um verdadeiro desfile entre os maçons ilustres do passado. A cada novo nome, indicava um retrato pintado magnificamente.

– Estes são os mais conhecidos. Nomes como Cura Hidalgo, Paladino da Liberdade Mexicana; Padre Calvo, fundador da Maçonaria na América Central; o Arcebispo da Venezuela, Don Ramon Ignacio Mendez; o Padre Diogo Antonio Feijó; os cônegos Luiz Vieira e José da Silva de Oliveira Rolin, da Inconfidência Mineira; e o ilustre Frei Miguelino, conhecido como Frei Caneca. Também foram nossos irmãos no Brasil Dom Pedro I, José Bonifácio, Gonçalves Lêdo, Luis Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), Joaquim Nabuco, Marechal Deodoro da Fonseca, Marechal Floriano Peixoto, Barão de Ramalho, Líbero Badaró, Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Braz, Washington Luiz e Rui Barbosa. Entre os europeus há filósofos, como Voltaire, Goethe e Lessing; músicos, como Beethoven, Haydn, Sibelius e Mozart; militares, como Frederico, o Grande, Napoleão e Garibaldi; e poetas, como Lorde Byron e Lamartine.

– E sobre a iniciação? Pode nos dizer algo?

– Pouca coisa, mas o suficiente para que vocês se divirtam. Claro que muita coisa mudou, mas a essência é a mesma. Antes da iniciação, acontece um diálogo entre o mestre e vários oficiais da Loja. Em uma outra sala, um oficial identificado como telheiro está com a espada desembainhada e evita a intrusão de estranhos. Quando a hora chega, esse oficial tira o casaco e a gravata do candidato e pede para que ele se livre de todo dinheiro e demais objetos feitos de metal. Isso é feito com o objetivo de lembrar o candidato de que, quando encontrou um companheiro maçom e foi iniciado, foi recebido pobre e sem um tostão. Assim deverá agir em relação ao companheiro: com compaixão. A perna esquerda de sua calça é enrolada até acima do joelho, o lado esquerdo de seu peito é exposto e o sapato direito é retirado e substituído por um chinelo. O significado desses movimentos só é conhecido pelos iniciados.

– Pelo que conheço – disse Gabriel –, a origem pode estar no fato de que, na Companhia de Jesus, o primeiro movimento simbolizava voto de pobreza. O segundo, a prova de que o candidato não era mulher e o terceiro, um lembrete de que Inácio de Loyola, o fundador, tinha um pé defeituoso e, mesmo assim, começou sua peregrinação para catequizar os pagãos.

Mauro olhou para Gabriel, admirado.

– Tem ótima cultura.

– Obrigado.

– Continuando, o telheiro coloca uma venda no candidato para simbolizar seu estado de trevas. Uma corda é colocada em volta de sua garganta e só então ele é levado para a sala principal, onde encontrará o guarda interior, que lhe barrará a passagem ao apontar a ponta de uma adaga contra seu peito. Depois de uns instantes, ele é levado à câmara, onde estão o

mestre e os demais membros da Loja. O noviço responde a uma série de perguntas ritualísticas feitas pelo mestre. Por conseguinte, deve concordar em não revelar nossos segredos sob a pena de ter a garganta cortada, a língua arrancada pela raiz e enterrada na areia do mar na marca da maré baixa.

Lembrei-me das cenas do filme *Do Inferno*, em que mostravam a iniciação do príncipe Albert como maçom.

– Apenas após alguns momentos, a venda é retirada e as roupas devolvidas, o que significa a aprovação do maçom. São revelados, então, o passo, o sinal, o aperto de mão secreto e a senha que, claro, não posso revelar.

De repente, a porta do estúdio, que estava fechada, abriu pela metade. Ouviu-se uma voz de mulher:

– Com licença, doutor Mauro, o senhor precisa de algo?

Mauro olhou para a porta e retornou para nós.

– Desculpem, preciso só ajustar alguns detalhes caseiros.

Saiu e fechou a porta novamente.

– O passo revelado é dado com um movimento curto do pé esquerdo, ao trazer o calcanhar direito para debaixo do arco – observou Gabriel – O sinal é dado passando a mão, rapidamente, sobre a garganta. E, quando se cumprimentam, fazem uma pressão do polegar no nó do dedo indicador do outro maçom.

– E a senha?

– *Boaz*. Significa “com Força”.

Espantei-me com o grau de organização e comecei a observar o estúdio em detalhes.

– Esta casa é quase um templo maçom – disse Gabriel.

– Por que você acha isso?

– A posição dos objetos, a entrada da luz exterior, os ornamentos de bronze na porta pela qual entramos. Tudo parece ter um significado próprio.

– Como em toda Sociedade Secreta.

– Mas esta é diferente. É incrível a quantidade de pessoas que já passaram pela Maçonaria.

A porta abriu-se novamente e Mauro entrou:

– Desculpem o transtorno. Onde estávamos?

– Gostaria de saber – disse Gabriel bem devagar –, se a Maçonaria realmente se considera uma Sociedade Secreta. Meu tio me dizia que não, mas vocês agem de maneira bastante diferente.

Mauro sentou-se em sua enorme mesa coberta de livros e papéis e riu da observação.

– Esta é mais uma pergunta que já me fizeram inúmeras vezes. E direi por mim, embora dentro das Lojas haja discordância nesse ponto. Não acredito que sejamos secretos, pelo menos não hoje em dia, porque nossa existência é amplamente conhecida. As autoridades de vários países concedem-nos personalidade jurídica. Nossos fins são difundidos em dicionários, enciclopédias, livros de história, entre outros. O seu livro também ajudará nessa função. O único segredo existente (e que só poderá ser conhecido quando o interessado ingressar na Ordem) são os meios que usamos para nos reconhecermos e o modo de interpretação de nossos símbolos, bem como dos ensinamentos neles contidos.

– O que vocês combatem?

– A ignorância, a superstição, o fanatismo, o orgulho, a intemperança, o vício, a discórdia, a

dominação e os privilégios.

– Isto soa um pouco revolucionário – observei.

– Nossos feitos falam por nós mesmos. Aqui no Brasil, atuamos na Independência, na Abolição da Escravatura e na Proclamação da República, só para citar três episódios.

– O que obtemos quando nos tornamos maçons?

– A possibilidade de aperfeiçoar-se, instruir-se, disciplinar-se, de conviver com pessoas que, por suas palavras e obras, podem constituir-se em exemplos de afetos fraternais em qualquer lugar do mundo. Além de ter a enorme satisfação de haver contribuído, mesmo em pequena parcela, para a obra moral e grandiosa do desenvolvimento humano.

“A Maçonaria não considera possível o progresso, senão com base no respeito à personalidade, à justiça social e à mais estreita solidariedade entre os homens. Ostenta o seu lema ‘Liberdade, Igualdade e Fraternidade’ com a abstenção das bandeiras políticas e religiosas.”

– Ei, vocês também usam a trindade da Revolução Francesa? – perguntei.

Mauro parecia divertir-se conosco.

– Claro. Eu disse que estamos presentes em diversos episódios históricos.

– De que preciso para me tornar um maçom?

– Observar alguns requisitos básicos, como: 1. Crer na existência de um princípio Criador; 2. Ser homem livre e de bons costumes; 3. Ser consciente de seus deveres para com a Pátria, com seus semelhantes e consigo mesmo; 4. Ter uma profissão ou ofício lícito e honrado, que permita prover as suas necessidades pessoais e de sua família, e a sustentação das obras da instituição; 5. Ser convidado por um maçom e aprovado pelos demais.

– E o que é exigido?

– Nada que não seja cobrado quando se ingressa em outras instituições, como respeito aos seus estatutos e regulamentos, além de acatamento das resoluções da maioria, tomadas de acordo com os princípios que as regem, em nosso caso, “o amor à Pátria, o respeito aos governos legalmente constituídos e às leis do país”. Exigimos a guarda do sigilo dos rituais maçônicos e uma conduta correta e digna, dentro e fora da Maçonaria. Deve também dedicar parte de seu tempo para assistir às reuniões maçônicas e exercitar a prática da moral, da igualdade, da solidariedade humana e da justiça em toda a sua plenitude.

– Parece interessante – disse Gabriel – Mas...

A porta abriu-se de novo e a empregada de Mauro entrou com uma bandeja para nos servir chá gelado. Quando ela se virou, Gabriel e eu ficamos brancos. Era a misteriosa mulher do carro, a mesma que seria, de acordo com nossas suspeitas, o contato da misteriosa Oráculo.

Ela viu que foi reconhecida, mas não fez nenhum movimento brusco. Serviu-nos e retirou-se. Ainda olhávamos para a porta, quando Mauro falou:

– Há alguns livros que gostaria de recomendar-lhes, pois são abertos a não-sócios.

– Obrigado, senhor Mauro – levantei e juntei-me a ele, enquanto Gabriel olhava meio abobalhado para seu copo e para a bandeja posta em um criado-mudo, ao lado das nossas poltronas – A propósito, o senhor pode me dizer quem é sua empregada?

– Ah, começou há uns dois dias. O nome dela é Laura e parece muito interessada no que faço por aqui.

Olhei para Gabriel, que continuava com os olhos fixos na bandeja.

– Aqui estão – disse Mauro, ao tirar três volumes pequenos de uma pilha – Vou buscar uma

sacola e já volto para acompanhá-los até a porta. É claro que vocês estão convidados a conhecer nossa Loja que fica aqui perto, mas terá que ser em outro dia.

– Sem problemas – comentei.

Ele saiu e aproximei-me de Gabriel.

– Você ouviu? O nome dela é Laura.

– Eu sei – disse ele, sem me olhar.

– O que foi?

Ele indicou a toalha que estava na bandeja. Embaixo dela, havia um pedaço de papel, onde se via escrito:

Dirijam-se ao Centro Cultural São Paulo. Lá, o representante do Priorado de Sião os aguarda na biblioteca. Laura os levará até lá. O.

“Mas que droga será essa?”, pensei, olhando incrédulo para o bilhete.

Mauro voltou com a sacola e Gabriel escondeu o papel dentro de um dos bolsos de sua calça.

– Aqui estão. Desculpem-me, mas preciso resolver alguns detalhes urgentes na Loja. Voltem quando quiserem, para a visitarem.

Levantamo-nos, agradecemos pelo convite e fomos para o carro. Entramos e olhamo-nos.

– E agora? – perguntei.

– É melhor esperar essa Laura aparecer.

E a longa espera começou.

N.E. *Landmark* nº 8, extraído do site do Grande Oriente do Brasil.

Originalmente, o livro foi lançado em 1983. No Brasil, foi publicado pela editora Campus, em 1997, com o título *Fogo na Mente – Ciência, Fé e a Busca da Ordem*. [N.E.]

CAPÍTULO 5

PRIORADO DE SIÃO

Jesus cura as feridas. *

A esperança unida ao arrependimento pelas lágrimas (de) Madalena. *

Os nossos pecados sejam diluídos.¹

Foram três longas horas as que eu e Gabriel ficamos sentados no carro. Sabíamos intuitivamente que, uma vez que a misteriosa Laura estava bancando a empregada na casa de Mauro, ela teria que esperar uma oportunidade para sair de lá sem levantar suspeitas do patrão, ou sei lá o que ele fosse, de fato. Tudo o que podíamos fazer era estacionar o carro no local mais discreto possível, perto da casa de Mauro e disfarçar, para que ele não pensasse que estávamos preparando-lhe uma tocaia ou algo assim.

Enquanto isso, passávamos a limpo as anotações feitas sobre a Maçonaria. Porém, por mais que tentássemos, não conseguíamos nos concentrar.

– Como é que eles conseguiram localizar um representante do Priorado de Sião? – perguntou Gabriel, com angústia na voz.

Dei de ombros, enquanto examinava as anotações.

– Não faço a mínima ideia. Tenho a impressão de que esse pessoal das Sociedades Secretas se conhece; como se formassem uma “panelinha” ou algo assim.

– Não consigo entender. O Priorado é originário da França. Por que se preocupariam em estabelecer-se no Brasil?

– Eles não eram ligados aos Templários? – perguntei, com uma ideia em mente.

– Não se sabe. Antes de *O Código Da Vinci* estourar de sucesso nas livrarias, dizia-se que o Priorado era o círculo interno e secreto dos Templários. Porém, a fundação do Priorado data de 1090, e os Templários entraram em atividade em 1118.

Olhei para Gabriel pensativo.

– O mais estranho – comentei – é que, antes do livro, nunca se tinha escutado falar dessa sociedade.

– Não achei que fosse do tipo que gosta de aparecer, como os rosacruzes ou mesmo os maçons. E depois, as ideias deles jamais seriam realmente aceitas pela Igreja Católica.

– Elas vão contra a sua formação, não é?

– Mais ou menos. Sei que a divindade de Cristo foi mesmo estabelecida por concílios da Igreja, mas até aí afirmar que Jesus e Maria Madalena se uniram soa completamente alienígena.

– A ideia não é nova – observei – Lembra do filme de Martin Scorsese?

– *A Última Tentação de Cristo* era apenas uma recriação da história. O próprio Nikos Kazantzakis², o autor grego do livro que inspirou o filme, afirmou isso. Não era, em momento algum, baseado em ensinamentos do Priorado.

Olhei o relógio de pulso e comecei a ficar preocupado.

– Quando será que essa Laura vai aparecer?

Nem bem acabei de manifestar meu receio e a porta de trás se abriu. Laura entrou e sentou-se sem cerimônia.

– Prazer em conhecê-los, finalmente. Desculpem a demora, mas tive que esperar o momento de sair.

Gabriel olhou-me, preocupado. Laura percebeu e logo retrucou:

– Não se preocupem; não estou aqui para fazer mal a vocês.

– E por que este mistério todo? – perguntou Gabriel.

– Vocês saberão no devido tempo. Temos que terminar o que é preciso neste sábado para garantir que o próximo seja mesmo o último e que tenham material suficiente para publicar o livro.

– Qual é o interesse de vocês na publicação deste livro? – perguntei.

– É melhor irmos andando – Laura apontou para o relógio no painel do carro – Marcos já está nos esperando e não pretendo demorar muito por lá. No caminho, explicarei tudo.

Gabriel virou para a direção e girou a chave. Logo estávamos saindo da Liberdade em direção ao bairro do Paraíso.

– Estamos esperando a explicação – falei.

Laura suspirou impaciente e começou a falar:

– Por muito tempo, acreditou-se que a explicação para o sentido da vida estava em compreender o balanço entre os lados material e espiritual. O problema maior é que, quando a maioria das Sociedades Secretas que vocês estão conhecendo começou, o mundo era dominado pela Igreja Católica Medieval, que sempre quis o conhecimento acumulado só para ela, longe da compreensão do homem comum.

Novamente, lembrei-me das observações de Umberto Eco em *O Nome da Rosa*³.

– Tido como perigoso pelos padres e papas de antigamente, esse conhecimento foi reduzido quando a Santa Inquisição entrou em ação. Atualmente, ainda há muita desconfiança por parte dos não-iniciados. O crescimento das chamadas igrejas evangélicas no Brasil e no mundo é um sintoma de que o ser humano quer encontrar diferenciais. As fórmulas convencionais não bastam.

– E acham que, a partir da publicação de um livro que se propõe a esclarecer os não-iniciados, isso poderá incentivá-los a tornarem-se membros das sociedades? – perguntei.

– Já seria um começo.

– Mas o Brasil é considerado um país pobre no hábito da leitura. Por que usar um meio tão elitista, como um livro, para atingir grandes massas?

– Você acha que, se quiséssemos, já não teríamos comprado horários em estações de TV ou feito algum filme para rodar na Internet? Para que tornar banal um assunto como este, pelo uso inadequado de uma mídia errada?

Virei para trás e encarei Laura.

– Com certeza, vocês já conhecem o poder de penetração que um livro como *O Código Da Vinci*⁴ tem, não é? – perguntou.

– Mas está para virar filme...

Ela riu de minha observação.

– Certamente, será apenas mais um produto de Hollywood, totalmente despido do caráter místico encontrado no romance.

Ela tem razão, pensei. Além disso, livros sempre tiveram um ar de colecionismo e mistério. Essa Oráculo, seja quem for, sabe mesmo o que faz.

– Estamos chegando – disse Gabriel.

O Centro Cultural São Paulo é um aglomerado de galpões que formam um grande local para exposições e eventos culturais. Tem de tudo: galeria de arte, salas de cinema, teatro, discoteca, terminais para consulta na Internet, entre outros. Possui uma biblioteca grande, com parte do acervo da principal biblioteca da cidade, que foi transferido para lá devido à falta de espaço. Enfim, sempre que se quer um programa fora do circuito comercial, vale a pena passar por lá.

Fomos apresentar nossos documentos para a retirada dos crachás que nos davam acesso à biblioteca. Laura foi a primeira e, enquanto apresentava a identidade, estiquei o pescoço para tentar ver seu nome completo. Porém, não consegui; afinal, o atendente foi mais rápido. Teria que tentar depois.

Ela pegou seu crachá e aproximou-se da rampa que levava para o andar inferior do enorme galpão, onde fica a biblioteca. Esticava-se para ver se conseguia achar o representante do Priorado de Sião.

– Você parece ansiosa – disse Gabriel, ao se aproximar, comigo logo atrás.

– Marcos é um homem muito ocupado e não quero correr o risco de entediá-lo com o nosso atraso.

– Vamos indo – falei, enquanto descia a rampa – Lá dentro, poderemos achá-lo.

Passamos pelas catracas eletrônicas e paramos perto dos fichários com os códigos de referência dos volumes e suas posições. Havia quatro poltronas estofadas próximas e nos dirigimos para lá. O relógio marcava quatro da tarde.

– Está vendo nosso contato? – perguntei.

– Não. Mas tenho certeza de que ele já está aqui.

– Não devemos nos preocupar com isso – disse Gabriel – A menos que ele esteja preocupado e achando que, como representante do Priorado, pode sofrer uma perseguição, como os personagens do livro de Dan Brown.

Laura sorriu para ele.

– Os segredos estão bem guardados. É o que podemos divulgar. Mas, antes que ele apareça, é melhor recapitular o que sabem sobre o Priorado. Vamos separar o joio do trigo, ou seja, ver o que é *O Código Da Vinci* e o que é real e verdadeiro. Tudo bem?

Assentimos com a cabeça.

– Eu começo. Vou falar o que sei sobre a Sociedade. Trata-se de uma organização fundada em 1090 por Godofredo de Bouillon, o rei cristão de Jerusalém. Essa é a data tida como oficial. Outras fontes apontam que sua fundação real foi depois de 90 anos, quando a cidade foi tomada pelas Cruzadas e o bom Godofredo assumiu o título de “Defensor do Santo Sepulcro”. Como eram ligados aos Templários, tiveram os mesmos grão-mestres até 1188, quando deles se separaram, adotando o nome de Ordem da Verdadeira Cruz Vermelha ou Rosa Cruz. Antes que vocês perguntem, deixo claro que a semelhança do nome com a Sociedade

Rosacruz é apenas uma coincidência; uma não tem nada a ver com a outra.

– Já começou a aula sem mim?

Um sujeito com cerca de 32 anos, que vestia camisa azul e calça marrom, aproximou-se de uma maneira imperceptível. Laura levantou-se e foi cumprimentá-lo. Apresentou-nos em seguida.

– Temos muito que falar – disse ele, sentando-se na quarta poltrona – Desculpem a demora, mas estava investigando o acervo para ver se tinham alguma referência nossa por aqui. Depois que o livro de Dan Brown saiu, ficamos atulhados de pedidos em, pelo menos, 14 países em todo o mundo. São pessoas que querem se unir a nós. Você acredita que não saiu uma única matéria sobre o Priorado no Brasil, em dez anos?

– É um bom trabalho de dissimulação – observou Gabriel.

– Pelo que eu saiba, os rosacruzes é que eram conhecidos como “Os Invisíveis”, não nós – comentou Marcos, rindo – Mas não vamos trocar os pés pelas mãos. Você estava recapitulando algo com eles, Laura?

– Apenas verificava o que já sabem. Pode assumir daqui em diante.

Marcos assumiu um ar sério, ajeitou-se e olhou para nós.

– Não sei ainda se isto é bom ou não. Somos discretos no Brasil e falar algo sobre nossa Ordem ainda é assunto de muita controvérsia.

– Não se preocupe – falei, enquanto abria minha caderneta de notas e colocava o gravador digital perto dele – Não publicaremos nada que não queira.

Marcos pareceu mais à vontade com nossa preocupação.

– Pois bem, vamos começar.

– Laura contava um pouco sobre a origem do Priorado.

– Bem, como vocês sabem, o Priorado, por ser ligado aos Templários, herdou deles muitos de seus modos de ação e iniciação de seus integrantes. Com uma diferença: a figura feminina é mais importante para nós do que a masculina.

– Isso não fere os sentimentos dos integrantes masculinos? – perguntei.

– Não como imaginamos. Os documentos *sangreal* falam claramente sobre o papel masculino nessa história. Mas vamos por partes. Sabemos que o Priorado sobreviveu ao extermínio dos Templários e participou de diversos episódios históricos. Como o livro divulgou, tivemos a participação de nomes famosos como Botticelli, Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Claude Debussy e Jean Cocteau como nossos grão-mestres.

– Mas, até onde eu sei, vocês existiram de três formas diferentes em três épocas diferentes – falou Gabriel.

Marcos olhou para Gabriel e sorriu.

– Sempre existe alguém “do contra”. Alguns interessados em nós disseram que somos “um mistério insondável”. O que posso dizer é que, como toda sociedade secreta milenar, a atual forma do Priorado é bem recente. Embora alguns estudiosos insistam em dizer que nossa origem nunca tenha passado pela época das Cruzadas, até onde eu sei passou sim. Mas a forma atual começou a tomar corpo em 1956. Agora, utilizamos a forma estabelecida em 1989, depois de passar por um período de reformulações entre 1961 e 1985.

– A culpa é de vocês – contra-atacou Gabriel – Essa paranoia de que descendem dos Templários, de que a Igreja Católica quer destruir vocês, de que os documentos *sangreal* estão escondidos, só esperando o momento propício para serem levados a público... Isso tudo é

besteira!

– Como assim, meu caro? O que você, ou qualquer um que não pertença à Ordem, sabe sobre nossos segredos?

– Sei o que vocês escondem. Já foi provado que os pergaminhos encontrados por Bérenger Saunière são uma fraude!

– Provado por quem? Pelos doutores católicos de Roma?

Meti-me no meio da discussão.

– Abaixem a voz e conttenham os ânimos ou seremos expulsos daqui. Estamos em uma biblioteca, pelo amor de Deus!

Os dois me olharam e encolheram-se em suas poltronas.

– A partir de agora, eu conduzo a entrevista, ok? – falei, olhando para Gabriel. Ele assentiu, emburrado – Ótimo. Marcos, conte-me essa história dos pergaminhos.

– Rennes-le-Château é uma pequena cidade que fica ao sul da França e a leste dos Pirineus. Foi lá que, em 1891, Bérenger Saunière, o padre da cidade, começou um trabalho que pretendia reformar a igreja consagrada a Maria Madalena...

– Que interessante – falei, olhando para Gabriel – Há uma igreja consagrada a ela?

– Sim, é um dos pontos que mais atraem os estudiosos dos misticismos antigos. Para muitos, é onde se encontra a chave do mistério. E, embora tenha sofrido mudanças radicais (que ocorreram, principalmente, porque fora construída sobre antigas ruínas visigóticas) depois de uma remodelação ordenada pelo padre, essa igreja possui detalhes intrigantes, como a inscrição *Terribilis Est Locus Iste* – ou *Este Lugar é Terrível* –, gravada no pórtico. Parece totalmente inapropriado para uma igreja, mas Saunière disse que a tirou do *Livro do Gênesis*, episódio do sonho de Jacó⁵. O altar-mor possui um vitral que retrata o episódio em que Maria Madalena lava os pés de Jesus com óleo perfumado. Maria Madalena também está retratada na face do altar, em uma pintura em relevo que é atribuída ao próprio Saunière, mas desconhece-se de onde “ela” teria vindo, pois não há nenhum tipo de registro sobre isso. Nas laterais, há duas estátuas: uma de José e outra de Maria, ambos com o menino Jesus. Outra coisa: dentro da igreja, vemos uma pia de batismo sustentada pela imagem de um diabo, associado ao demônio Asmodeu, protetor dos segredos e dos tesouros escondidos. Essa estátua é horrível e assustadora, mas Saunière explicou seu significado como sendo uma representação da República, que deveria ser esmagada pela fé dos batizados. Acima da pia de água benta, que tem o formato de uma concha, há quatro anjos em um arranjo em cruz, colocados sobre uma base sustentada, de forma aparente, por duas salamandras, com uma inscrição que pode ser traduzida como *Por este sinal, tu o vencerás*.

– Interessante o simbolismo – interrompi – Mas podemos continuar a história?

– Sim, sim. Desculpe. Saunière começou então a recolher dinheiro para a reforma. Tão logo conseguiu, as obras começaram. Foi quando, ao retirar a pedra do altar principal, descobriu que as colunas que o sustentavam eram ocas. Dentro delas, havia quatro pergaminhos escritos em latim, sendo que dois descreviam genealogias e datavam de um período entre 1244 e 1644, enquanto os outros dois eram transcrições, de mais ou menos 1780, do Novo Testamento. Esses pergaminhos traziam duas mensagens secretas, formadas com algumas letras destacadas no texto. A primeira dizia: *A Dagoberto II, Rei, e a Sião pertencem este tesouro e ele aqui está morto*.

– Dagoberto II foi o último rei da dinastia Merovíngia, supostamente descendente da

linhagem iniciada com o casamento entre Jesus Cristo e Maria Madalena – acrescentou Gabriel.

– Essa linhagem começou com o suposto casamento dos dois, que teriam tido dois filhos: Tiago e Sara – lembrei o que havia sido divulgado em *O Código Da Vinci* – Após a crucificação de Jesus, Maria Madalena e os filhos foram levados para a região onde hoje é a França. Sara ficou com a mãe, enquanto José de Arimatéia seguiu para a Bretanha com Tiago. Os descendentes de Sara se misturaram com a linhagem dos reis francos e deram origem à dinastia Merovíngia, que governou parte da França e da Alemanha entre os séculos VI e VII d.C.

– Exato – continuou Marcos – A segunda mensagem, entretanto, permanece até hoje indecifrável: *Pastor, nenhuma tentação. Que Poussin, Teniers guardam a chave. Paz DCLXXXI (681). Pela cruz e este cavalo de Deus eu completo (ou destruo) este demônio guardião ao meio-dia. Maças azuis.*

– Não faz mesmo nenhum sentido – acrescentou Gabriel.

– Saunière colocou os pergaminhos embaixo do braço e dirigiu-se a Paris para falar com as autoridades eclesiásticas sobre o achado. Ninguém sabe o que aconteceu, mas o fato é que o padre voltou para a cidade “com a carteira bem recheada”. Tradicionalmente, sabe-se que os pergaminhos foram colocados sob a guarda de Emile Hoffet, colaborador do abade Bueil, do seminário de Saint Sulpice. Quando Hoffet morreu, sua biblioteca foi adquirida pela International League of Antiquarian Booksellers e, tendo todo o seu espólio literário passado para a posse dessa instituição, os pergaminhos poderiam ter sido comprados ou, simplesmente, roubados dissimuladamente no meio da operação. A carta de Lenoncourt⁶ a Chérissey tenta indiciar que essa instituição os adquiriu de uma sobrinha de Saunière.

– Seria essa uma maneira de o Vaticano querer pôr a mão nos pergaminhos? – perguntou Gabriel, em tom sarcástico.

– Pode ser. Por que não? – perguntou Marcos – Mas o fato é que os estudiosos acham que eram apenas alguns dos documentos *sangreal* e que, combinados com as pistas deixadas na igreja, levavam ao local onde estaria o tesouro dos Templários.

– Nossa! – exclamei – Que viagem!

– Os pergaminhos foram divididos em dois grupos. O primeiro traz: a) genealogia de 1244, marcada com o selo real de Branca de Castela. Diz-se que prova a existência de uma descendência de Dagoberto II; b) genealogia de 1644, da autoria de François-Pierre d’Hautpoul. Diz-se que contém informações genealógicas sobre o período de 1244 a 1644; c) testamento de Henri d’Hautpoul, datado de 1695. Diz-se que revela um segredo muito importante, considerado “segredo de Estado”. O segundo traz dois textos: um, baseado em um episódio bíblico relatado em *Marcos, Mateus e Lucas*, e outro, baseado no *Evangelho de São João*. Trechos destes só vieram a público em 1967.

– Parece mais uma longa teoria da conspiração – observei.

– A revelação de que Jesus foi um homem como outro qualquer seria a peça-chave para acabar com o suposto poder da Igreja Católica. Isso transformou o Priorado em um perigo.

– E qual é o objetivo do Priorado?

– Proteger os descendentes dessa linhagem e zelar para que os documentos *sangreal* estejam bem guardados.

– Sim, e os restos de Maria Madalena estão no Louvre! – resmungou Gabriel.

– Isso foi invenção do Dan Brown – argumentou Laura, que estava quieta e apenas nos observava.

– Provavelmente – concordou Marcos.

– Provavelmente? – perguntei – Não tem certeza?

– Na verdade, iniciei-me no Priorado, em Paris, há somente oito meses. Alguns dos segredos ainda não foram revelados para mim. Mas acredito que, até hoje, o Priorado quer restaurar o poder nas mãos dos Merovíngios. Sei que um dos responsáveis pela divulgação do Priorado nos tempos atuais, Pierre Plantard, um estudioso do oculto que ficou famoso na França, provocou uma grande procura na França, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

– A legitimidade do Priorado é contestada até hoje – completou Gabriel.

– Na verdade, fomos declarados legalmente existentes com documentos datados de 20 de julho de 1956. Pierre Plantard começou as atividades juntamente com outro homem, André Bonhomme, e estabeleceu a sede em sua própria casa, em Sous-Cassan, Annemasse, na Alta Sabóia. Eis uma reprodução do texto de constituição.

Marcos retirou do bolso uma folha de papel sulfite com a reprodução de uma antiga carta de constituição. Estava em francês. Como nenhum de nós sabia ler naquela língua, ele traduziu para nós.

– O texto de constituição, conforme consta no *Journal Officiel*, segundo Pierre Jarnac, é o seguinte: *A constituição de uma ordem católica, destinada a restituir numa forma moderna, conservando o seu caráter tradicionalista, o antigo cavaleiro, que foi, pela sua ação, a promotora de um ideal altamente moralizante e elemento de um melhoramento constante das regras de vida da personalidade humana.*

– E por que Priorado?

– Plantard era um admirador incondicional de Paul Lecour, o fundador da revista *Atlantis*. Em vários artigos, Lecour tinha tentado incentivar a juventude cristã francesa a recuperar os ideais da cavalaria, sugerindo que se criassem grupos aos quais ele dava o nome de *prieurés*, ou priorados. Plantard só seguiu a sugestão. O nome *Sion* (ou Sião) foi escolhido devido à proximidade geográfica da casa de Plantard com a colina de Mont-Sion. A partir de 1960, Plantard desviou a postura originalmente política do Priorado para uma postura mais mítica e mística, muito provavelmente, uma tentativa solitária e independente dos fundadores originais.

– Quem faz parte do Priorado?

– Plantard morreu em 2000 e os novos membros recolhem muito do trabalho dele. Mas têm um comportamento bastante estranho. Diz-se de inspiração católica, mas na verdade não é. Quer parecer-se com maçonarias católicas e cavalleirescas, mas não consegue. Nem mesmo para nós, que estamos lá dentro, essas informações são confiáveis. Já ouvi falar, por exemplo, de que muitas figuras francesas importantes já participaram do Priorado, como Roland Dumas, ex-presidente do Tribunal Constitucional francês, François Mitterrand (que chegou a fazer uma pomposa visita oficial a Rennes-le-Château) e, até mesmo, Jacques Chirac. Uma das figuras mais visíveis, que se intitula secretário do Priorado, é Gino Sandri, membro de uma associação sindical francesa. Seu poder efetivo é temido e respeitado por muita gente em todo o mundo.

– Eu conheço vários sites que afirmam que vocês nunca foram bem uma sociedade secreta no sentido que conhecemos do termo – disse Gabriel – Além disso, esses documentos *sangreal* são farsas elaboradas por seu padre Saunière para conseguir dinheiro.

Marcos levantou e começou a se arrumar.

– Como Laura deve ter falado, sou um homem muito ocupado e preciso ir. O que tinha para lhes falar já foi dito. É importante, apenas, que vocês deixem claro em seu trabalho que farsa é uma acusação séria. Qualquer sociedade que vocês entrevistem já terá passado por isso, senhores.

Marcos fez um cumprimento de cabeça e dirigiu-se para a saída, seguido por Laura. Ficamos, Gabriel e eu, sentados nas poltronas. Olhei para o relógio: já eram seis da tarde e o sábado havia acabado.

– De longe, você se superou – falei.

– Não é porque um *best seller* colocou-os em evidência que eles não seriam charlatões – justificou-se Gabriel – E depois, achei estranha essa história de “fui iniciado recentemente e não conheço bem todos os mistérios”. Não conhece porque simplesmente não há o que conhecer. Os pergaminhos de Rennes-le-Château são falsos. Isso tudo não passa de uma bobagem grande e monarquista.

Ponderei bem. Era perfeitamente possível. Mas os Templários também tinham origens militares e tornaram-se místicos. Por que não o Priorado de Sião?

– Bem, preciso ir andando – disse Laura quando voltou – Obrigado pela carona. Até mais!

Ela apanhou suas coisas e começava a subir a rampa, quando vi Gabriel disparar atrás dela e puxá-la para um canto. Parecia muito interessado nela. Desliguei o gravador digital e repassei as notas, sentindo-me exausto demais para acompanhar a cena. Não sabia o que pensar sobre o Priorado, mas parecia ser algo digno de muitas histórias. “Dan Brown tem mesmo um excelente faro para essas coisas”, pensei.

Gabriel voltou e olhou-me sem jeito.

– Se você não se importa, vou levar Laura para a casa dela.

Olhei-o espantado.

– Não, claro que não me importo. Mas... já vai dar em cima dela?

Ele me olhou sério.

– Tenho um palpite. A gente se vê na segunda. Tchau!

Os dois se foram. Achei estranho esse súbito interesse de Gabriel por Laura, mas deixei para lá. Comecei a guardar minhas coisas dentro de uma pasta, quando ouvi uma voz atrás de mim:

– Talvez agora possamos conversar...

Pulei, assustado, na poltrona. Uma mulher loira, de cabelos compridos, que aparentava ter 26 anos, com blusa branca e calça marrom-escura, aproximou-se e sentou-se ao meu lado.

– Olá, sou Ângela. Represento a Ordem dos Iluminados, ou Illuminati.

Extraído dos pergaminhos encontrados em Rennes-le-Château, pelo padre Bérenger Saunière, divulgados publicamente em 1967. [N.E.]

KAZANTZAKIS, Nikos. *Last Temptation of Christ*. 1ª Edição. 1998, Touchstone Books. Sem tradução em português. [N.E.]

ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Tradução: BERNARDINI, Aurora Fornoni. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. [N.E.]

BROWN, Dan. Op. Cit. [N.E.]

Gênesis, 28,17: E temeu, e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a

casa de Deus; e esta é a porta dos céus. [N.E.]

Roberto de Lenoncourt, Arcebispo de Rheims. Assumiu, em 1478, o cargo de Grão-Mestre da Ordem dos Templários. [N.E.]

CAPÍTULO 6

ILLUMINATI

As inovações constantes e descobertas materiais e espirituais poderão manter a humanidade no rumo da perfeição.

São sempre os iluminados que através de seus inventos, coragem social e política, facilitam a vida de muitos, e elevam o padrão material e espiritual dos povos.¹

Cheguei a uma casa enorme, localizada no elegante bairro do Brooklin, zona sul de São Paulo. A elegante mansão lembrava as casas de políticos que vemos em revistas de celebridades. Só havia uma coisa fora do lugar: era o local para onde Ângela tinha me levado depois que saímos do Centro Cultural São Paulo.

O carro dela, uma BMW, passou pela entrada da casa e, após uma identificação pela câmera de vídeo, entrou no estacionamento. Ouvi música vindo de dentro e imaginei que entrava em um local onde os cultos secretos dos Illuminati estavam em andamento. Olhei-a ansioso e interrogativo. Ela dirigia atenta, mas reparou no meu olhar.

– Como já expliquei, meus superiores preferiram que você viesse sozinho. Foi coincidência que Laura tivesse se retirado com seu amigo.

– Quer dizer então que você nos seguiu o dia todo?

– Na verdade, eu os sigo desde que a Oráculo espalhou a notícia de que vocês colhiam material para um livro. Meus superiores queriam fazer contato, mas não tínhamos como nos apresentar sem passar por ela.

– Por isso você ficou na tocaia e esperou um momento apropriado.

Ângela estacionou o carro e desligou o motor. Olhou séria para a direção e falou sem me encarar:

– O problema agora será salvar seu amigo.

– Como assim? – perguntei, com um aperto só por pensar que Gabriel pudesse ter se metido em alguma enrascada por causa do projeto.

– É melhor entrarmos. Meus superiores explicarão tudo.

Ângela saiu do carro e me conduziu para a entrada da mansão. Uma enorme porta dupla de vidro se abriu e entramos em uma grande sala, decorada com símbolos místicos. O que mais me chamou a atenção foi a figura de uma pirâmide com um olho por cima.

– É o símbolo que está na nota do dólar – falei, apontando para o desenho.

Ângela sorriu.

– É o olho que tudo vê. Um de nossos símbolos mais conhecidos.

– Parece mais o olho do Grande Irmão – falei, lembrando da obra de George Orwell,

1984².

– Os conspiracionistas de plantão gostam de pensar coisas assim. Para eles, estamos em uma grande conspiração há anos e preparamo-nos para dominar o mundo. Claro que se esquecem de que, se isto fosse verdade, a Nova Ordem Mundial não funcionaria nunca.

– Nova, o quê?

– Bem, vamos por partes. Venha, vou apresentá-lo ao meu superior imediato.

Atravessamos a sala e saímos na parte de trás da casa, onde havia muitas pessoas, todas paradas e atentas ao que acontecia ao redor. Pareciam esperar que algo acontecesse. À beira da piscina, havia grupos e mais grupos de seis pessoas cada, todas de olho em pedaços de papel. Sussurravam umas para as outras e não pareceram dar atenção quando passamos.

– Espere aqui – disse Ângela – Eu já volto.

Desapareceu de vista. Aproximei-me de uma mesa que estava em um canto, com sanduíches, um ponche de frutas e salgadinhos. Beliscava algo, quando um rapaz, aparentemente de 25 anos, aproximou-se e sussurrou:

– Eles estão aqui. A qual corrente você pertence?

Parei de comer e encarei meu interlocutor. O diálogo me parecia familiar.

– Vamos, diga: qual o seu grau? – insistiu.

– Bem, eu, quero dizer...

O rapaz olhou para os lados e me encarou de novo.

– Se você está com eles é provável que seja um, certo?

“Onde já tinha ouvido aquilo?”, pensei, enquanto confirmava com a cabeça.

– Ótimo. Encontre-nos perto da sala de análises em 15 minutos, ok?

Estendeu-me um pedaço de papel, que abri e vi novamente o símbolo da pirâmide com o olho. O rapaz deu meia-volta e sumiu na multidão de convidados.

Ainda olhava para o papel quando Ângela voltou com um senhor gordo, que parecia ter 60 anos, vestido com roupas esportivas.

– Este é meu superior: Adam.

– Prazer em conhecê-lo – disse Adam, dando-me a mão – Vamos para um lugar mais quieto e poderemos conversar.

– Mas alguém aqui me deu este papel e...

Adam e Ângela me olharam e começaram a rir.

– Oh, desculpe-me. Que belo anfitrião eu sou! Gostaria de participar do nosso pequeno *Live Action*?

De repente, “a ficha caiu”. Os procedimentos eram os padrões de um jogo de *Role-Playing Game*. Por isso todos pareciam estar dentro de uma peça de teatro.

– *GURPS*? – perguntei a Adam, referindo-me à sigla de *Generical Universal Role-Playing System*, um dos RPGs mais jogados no mundo depois de *Dungeons & Dragons*.

Adam sorriu.

– Que melhor maneira de divulgar as ideias da Ordem? Usamos o nosso próprio módulo e atraímos as pessoas para que entrem. Claro que não somos, nem de longe, iguais ao jogo, mas as pessoas se divertem com esta versão dos Illuminati. Vamos para o meu estúdio.

Segui os dois por um verdadeiro labirinto de salas e corredores. A mansão era realmente grande e, sem ajuda, poderia ficar lá por um bom tempo até achar a saída. Chegamos ao estúdio; uma sala em tons marrons, com pilhas e pilhas de livros no chão, uma mesa lotada de

antigos pergaminhos e livros com capa de couro. As paredes mostravam, novamente, “o olho que tudo vê” na parte superior de uma pirâmide. Abaixo dela, estavam fotos de algumas figuras históricas.

Adam abriu um pequeno armário com bebidas de todos os tipos, tirou uma jarra de suco de melancia e sentou-se em uma poltrona próxima à janela. Ângela fechou a porta, depois de afixar um pequeno cartaz em que se lia *Don't disturb* (Não perturbe).

– Sente-se e poderemos começar nossa conversa – falou ele, apontando para uma cadeira estofada à sua frente.

Sentei-me e observei a submissão de Ângela, que estava em pé, a um canto mais afastado da sala, observando-nos.

– Como sabe, entendemos que seu projeto de livro pretende tornar públicos os conceitos básicos das Sociedades Secretas – começou a dizer, enquanto nos servia suco.

– Sim, essa é a intenção.

– Isso nos interessou muito. Queremos usar sua obra para quebrar a imagem de que somos uma ordem que tem a intenção de dominar o mundo. Nas histórias do módulo *Illuminati* do *GURPS*, transformaram-nos em demonólogos que queriam abrir um portal para o Inferno e trazer os demônios para nosso mundo. Realmente, os conspiracionistas deitaram e rolaram em cima dos *Illuminati*.

Ri um pouco da ideia.

– Sim – respondi – Lembro-me do que li no módulo *GURPS*.

– Esse é o problema. Não somos nada disso. Mas, em breve, acontecerá conosco o mesmo que aconteceu com o Priorado de Sião. Um novo livro de Dan Brown está para sair e fala justamente de nós.

– Na verdade, o livro já saiu. *Anjos e Demônios*³ é o primeiro livro de Brown, escrito antes de *O Código Da Vinci*.

– Você já o leu? – perguntou Ângela, de seu canto.

– Não, ainda não tive oportunidade.

– Então, temos certo tempo antes que o estrago seja feito – falou Adam.

Bebi o suco e preparei-me para a entrevista.

– Seu nome é mesmo Adam? – comecei.

– Na verdade, não. A *Ordo Illuminatorum* foi fundada em 1776, na Baviera, pelo alemão Adam Weschaupt, que era maçom e ex-jesuíta de uma ordem terciária. Foi em homenagem a ele que assumi este codinome.

– Fale mais sobre a origem da Ordem.

– A Sociedade é baseada em princípios de reforma moral e social. Na cabeça de Weschaupt, nós organizaríamos rosacruzes, maçons, esotéricos, clérigos e outros para que se transformassem numa única e poderosa organização. Tal organização teria a função de apontar as mudanças político-sociais mais importantes para a evolução da sociedade. Adam tinha o treinamento e a perspicácia daqueles membros católicos que se infiltravam em todos os setores: nobreza, educação, finanças, entre outros. Os nossos membros, os *Illuminati*, procuravam obter cargos junto a essas categorias, o que resultou em benefício próprio. O contato com os *Illuminati* daquela época teve como consequência um grande desenvolvimento para diversos segmentos sociais, políticos e acadêmicos.

– De onde vinham os membros?

– Em sua maior parte, eram recrutados na nobreza, no clero, na burguesia, entre os sábios, os maçons, os rosacruzes e os Templários. Tudo para que conseguíssemos criar uma sociedade iluminista e banir crendices que obscurecem a razão.

– Parece-me um tanto autoritário, não acha?

– Para quem não conhece, sim. Mas o ser humano sempre precisou de líderes e, ultimamente, estão todos, sem exceção, muito fracos, não acha?

– Adam, se não me falha a memória, li em algum lugar que os Illuminati foram extintos em 1785. Como vocês ainda existem?

– A Ordem fundada por Weschaupt foi extinta naquele ano por meio de um édito do governador da Baviera, estado-sede da Ordem. Adam Weschaupt fugiu e os outros membros foram repreendidos e proibidos de continuarem com seu movimento. Entretanto, para muitos, a Ordem nunca se extinguiu, mas passou para a clandestinidade. Isso porque, em 1789, quando a Revolução Francesa aconteceu, as pessoas se assustaram quando assistiram à queda da monarquia e da Igreja. Esse sentimento de que o mundo estava acabando precisava de um bode expiatório, e os Illuminati eram perfeitos para o papel. Como pode ser constatado, o símbolo maçônico do triângulo aparece nos emblemas dos grupos revolucionários franceses. Mesmo o famoso e misterioso conde Cagliostro, dito alquimista e espiritualista, na época detido em uma prisão italiana, anunciou ter conhecimento de uma conspiração que envolvia maçons e Illuminatis. Em 1797, saiu um livro contra a Ordem, chamado *Provas de uma conspiração contra todas as religiões e governos da Europa, perpetrada em reuniões secretas de maçons, illuminati e sociedades de leitura, colhidas de boa fonte*⁴, que citava supostos documentos encontrados quando da ascensão do duque Carlos Teodoro ao poder, na Baviera. O novo soberano não admitia Sociedades sem autorização para funcionar e, quando os homens do duque atacaram a casa de um ex-membro da Ordem, teriam encontrado esses documentos, que defendiam o suicídio e descreviam experiências químicas.

– Qual foi o resultado dessa perseguição?

– Depois de um tempo, Templários e Illuminati deram-se as mãos e foram os responsáveis, direta e indiretamente, pelas revoluções americana, francesa, russa e diversas outras. A Maçonaria foi apenas coadjuvante. Não somente em revoluções os Illuminati foram ativos: eles também participaram em diversos governos, e ciências como mecânica, matemática, física, química e economia sofreram sua influência.

– E como é a Illuminati hoje?

– A partir da extinção da Ordem em suas formas iniciais, houve uma expansão mundial. Diversos membros banidos da Baviera espalharam-se pela Europa e pela América, de certa forma, difundindo nossos conceitos. Hoje, várias organizações seguem os princípios iluministas, mesmo que não usem a alcunha Illuminati. É claro que a expansão verdadeira é muito recente, só ocorreu entre os anos 2000 e 2004. Tenho aqui algumas datas do real estabelecimento da Ordem em vários lugares.

Adam remexeu uma pilha de papéis em cima de sua escrivaninha e entregou-me uma tabela impressa. Dizia:

Datas da expansão mundial dos Illuminati

Estabelecimento das Ordens com estatuto completo:

Portugal (março de 2001)

Equador (maio de 2001)
Bolívia (maio de 2001)
Brasil (maio de 2001)
Porto Rico (maio de 2001)
Honduras (junho de 2001)
Estados Unidos (junho de 2001)
México (julho de 2001)
Colômbia (dezembro de 2001)
Chile (fevereiro de 2002)
Cuba (maio de 2002)
Uruguai (maio de 2002)
Panamá (maio de 2002)
Venezuela (junho de 2002)
Guatemala (julho de 2002)
Peru (agosto de 2002)
Argentina (outubro de 2002)
Alemanha (novembro de 2002)
Itália (março de 2003)
Inglaterra (março de 2003)
Costa do Marfim (novembro de 2003)

– Parece um império comercial – observei.

– Hoje temos uma Central Internacional em Barcelona, na Espanha, diversas Lojas em vários continentes, uma editora de livros (Ediciones G)⁵, uma revista especializada (*Baphomet*)⁶ e o reconhecimento de outras instituições e organizações internacionais.

Anotei tudo com atenção. Ângela continuava calada em seu canto e me observava.

– Como é composta a Ordem? – continuei.

– Temos um total de 13 graus, baseados na natureza maçônica, templária e nos antigos mistérios, que são:

1. Noviciado
2. Iluminado Minerval
3. Iluminado Menor e Iluminado Maior
4. Cavaleiro Maçom Aprendiz
5. Cavaleiro Maçom Companheiro
6. Cavaleiro Maçom Mestre
7. Iluminado Dirigente – Soberano Príncipe da Rosacruz
8. Iluminado Dirigente – Cavaleiro Kadosh
9. Iluminado Dirigente – Soberano Grande Inspetor Geral
10. Sacerdote Iluminado
11. Príncipe Iluminado
12. Mago Filósofo
13. Homem Rei

– Você pode explicar um pouco esses graus?

Adam pareceu um pouco constrangido com o pedido.

– Pouca coisa, mas vamos lá. Falemos, pelo menos, sobre o primeiro grau, o Noviciado. Tem quatro meses de duração e centra-se no despertar da consciência e no descobrimento do Deus interior, com a utilização de meditação, do ioga e da simbologia. Seu objetivo principal é o progresso de seus conhecimentos. Dessa forma, põe o indivíduo em contato com diferentes tipos de grandeza, valores como liberdade ou igualdade, dentro da Ordem Illuminati. Este grau de estudo é inteligível e ameno, composto pelo material de estudo e trabalho iniciático para quatro meses. Inclui, ainda, um ritual de autoiniciação, um rito individual, o *Liber Zion* e um diploma que credita a participação à Ordem Illuminati.

– Que mais podemos saber sobre esses rituais?

– O Rito Operativo dos Iluminados de Baviera dá importância aos pilares fundamentais da iniciação (vontade, coerência, ordem, despertar da consciência e do Deus interior). Também destacamos as vias tradicionais de iniciação (Ioga, Tantra, Cabala, Simbolismo, Alquimia) e a capacidade dos iniciados, nos altos graus, de transformar a si mesmos na própria divindade, no andrógino divino e alquímico, para, assim, poder modificar toda a realidade que os envolve, sempre em busca de um mundo mais justo e livre.

– Como se estuda na Ordem Illuminati?

– Temos um cronograma em que, primeiramente, o membro recebe uma base esotérica. A partir daí é que começa o sistema de 13 graus, nos quais é testado e avaliado.

– Como vocês encaram Deus?

Adam pareceu divertir-se com a pergunta. Deu um sorriso e explicou:

– Para nós, é importante a figura do Deus da Luz, que chamamos de *Baphomet*. Sobre ele, devemos ter uma ideia básica: somente com Baphomet a iniciação é completa. Com os deuses escravizadores e seus “grilhões”, o trabalho iniciático está “castrado” e a iniciação completa não é possível.

– Mas o significado de Baphomet não é algo como “a cabeça decepada de Jesus”?

– O nome possui diversas significações. Essa é uma totalmente inventada por apreciadores de teorias conspiratórias. Isso não existe.

– Quais as principais ideias de sua Sociedade?

– Somos centrados em oito ideias básicas: 1. Crença absoluta em Deus; 2. Crença na soberania da Ordem; 3. Divulgação dos princípios iluministas; 4. Realização de estudos e desenvolvimento dos mistérios de Deus e do Universo; 5. Manutenção do real segredo como forma de união das irmandades; 6. Realização de treinamento especial nas artes e ciências esotéricas; 7. Manutenção do sigilo das atividades Illuminati; 8. Manutenção do respeito às leis do país.

Na teoria, tudo parecia ok e sem motivos para difamação. Não conseguia ver em seus propósitos algo que realmente ameaçasse o mundo. Notei que Ângela parecia meio agitada e olhava sem parar pela janela.

– Precisamos nos apressar – avisou Ângela – o *Live Action* deve estar no fim.

– Não se preocupe, estamos na reta final – respondeu Adam.

Revi minhas notas e disparei:

– Fale um pouco sobre o Iluminismo e explique melhor essa Nova Ordem Mundial.

– Estava esperando por essas duas perguntas. Como sabe, nosso objetivo é criar mesmo

uma sociedade iluminista para, em uma segunda etapa, construirmos a Nova Ordem Mundial, um período em que a unificação de países seria a salvação para evitar uma catástrofe maior, e que mataria a Humanidade.

– Um governo unificado para impedir o Armagedon?

– Algo assim.

– E o Iluminismo? Onde entra nessa história?

Adam estendeu o braço para uma pilha de livros próxima e entregou-me um volume com capa de couro, em que um marcador de página era visível.

– Separei isto para você ver. É o nosso *Manual do Iluminado*. Abra na página marcada.

Abri e li em voz alta:

– *O Iluminismo é um conjunto de ideias políticas, filosóficas e espirituais que tem por objetivo levar luz à humanidade. Também é o nome do movimento que surgiu no século XVIII, na Inglaterra e França. Foi o movimento responsável pelas importantes mudanças que ocorreram no mundo nos últimos 200 anos, particularmente nos Estados Unidos e na França. John Locke, Jean Jaques Rousseau e muitos outros iluministas fermentaram com suas ideias a mente de muitos homens, entre eles Marat, Saint Just, Mirabeau e Joubert. Estes e outros colocaram em prática esses ensinamentos e deflagraram a grande revolução de 1789.*

– Tem mais, continue – incentivou Adam.

– *No sentido esotérico, o Iluminismo pode ser o conjunto de ideias originais que surgiram desde o início da humanidade, e que possibilitaram seu crescimento espiritual e material. A civilização sempre dependeu do Iluminismo para se erguer acima das trevas obscurantistas e das condições desfavoráveis, e dependerá deste para se manter e buscar soluções.*

– Isso responde à sua pergunta?

Fechei o livro e olhei para ele.

– Sim. Há só mais uma coisa: pode me dar uma ideia dos pensamentos iluminados quanto a alguns pontos da sociedade?

– Vejamos. Ah, sim, começemos com os 13 pontos a serem alcançados com a Nova Ordem Mundial: 1. Criação de uma moeda mundial; 2. Criação de uma linguagem universal; 3. Monitoramento das atividades dos líderes; 4. Renda mínima compatível com as necessidades; 5. Pleno emprego para todos; 6. Ensino gratuito até o nível superior; 7. Repressão total à contravenção e ao crime; 8. Saúde e saneamento em nível mundial; 9. Planejamento familiar; 10. Fim da fome e da miséria; 11. Liberdade irrestrita de opinião e manifestação; 12. Fim da mendicância, da prostituição e do trabalho infantil; 13. Criação do exército e da polícia da Nova Ordem.

– Ainda parece muito com *1984*⁷ – observei.

– Talvez. Mas nada acontece sem sacrifícios. Nossas diretrizes gerais de ação são: 1. Vigiar o andamento da democracia; 2. Colaborar com movimentos úteis à humanidade; 3. Colaborar com as personalidades que se destacam na defesa dos interesses da maioria dos cidadãos; 4. Criar um clima de igualdade e justiça entre as nações; 5. Proteger os indefesos, os fracos e os povos em desenvolvimento; 6. Ajudar governos e governantes.

Parei e pensei antes de falar:

– Uma última pergunta: qual é a real intenção dos Illuminati?

– Ensinar cada um a se ajudar primeiro e, depois, a todos, colaborando socialmente no meio em que vive. Cada um levanta a si próprio e somente pode ser aconselhado sobre o caminho a seguir. O mundo é feito para os homens e não os homens para o mundo. A matéria serve ao espírito e não o contrário.

Terminei de anotar e desliguei o gravador. Adam estava bebendo o último copo de suco.

– Bem a tempo – disse Ângela – O *Live Action* acabou.

– Com sua licença, tenho que presentear os ganhadores – disse Adam, levantando-se e cumprimentando-me.

Comecei a guardar minhas coisas e Adam falou, já na porta de saída:

– Ângela falará agora sobre seu amigo Gabriel e o perigo que ele corre.

“Gelei” só de ouvir falar em perigo. Virei-me para falar com ele, mas já havia se retirado. Ângela sentou-se na poltrona onde ele estivera e falou devagar:

– É melhor sentar-se. Serei breve; por isso, prepare-se para fazer uma outra pesquisa.

O papo estava cada vez mais estranho e tenso. Resovi me sentar.

– O que sabe sobre o Processo? – perguntou.

Não fazia a mínima ideia sobre o que ela se referia.

– Trata-se de um culto apocalíptico psicodélico que nasceu na Califórnia, na metade dos anos 1960. Era conhecido como Igreja do Julgamento Final e pregava que Cristo, Jeová, Lúcifer e Satã eram aspectos da mesma divindade. Seus adeptos vestiam-se de preto e usavam falsas patentes, que eram inspiradas na hierarquia militar. Tinham como símbolo um desenho formado por quatro “Os” em círculo, como uma suástica.

Escutava com atenção, mas não fazia ideia de onde ela queria chegar. Ângela levantou-se, foi até uma das pilhas de livros de Adam e retirou um outro volume, sobre conspirações.

– Aqui você encontrará mais detalhes. Leve o livro e leia o capítulo sobre o Processo durante o fim de semana.

Observei o livro que ela me passou e guardei-o na minha pasta. Passamos apressados pelo labirinto de salas e saímos no estacionamento da mansão. Entramos no carro e saímos.

Era mais de meia-noite quando cheguei em casa. Fui para o meu quarto e, agitado com os acontecimentos do dia e sem sono, pus-me a ler o livro. Aparentemente, era um dos registros que os Illuminati faziam de seitas que poderiam constituir alguma ameaça. Quando li sobre o Processo, quase caí da cama. Dizia:

O Processo foi fundado inicialmente pelo casal inglês Robert DeGrimston, conhecido como O Professor, e Mary Anne Maclean (O Oráculo). Sua seita teria inspirado assassinos como Charles Manson e exaltado participações demoníacas até 1974, quando o Conselho de Mestres expulsou DeGrimston do grupo. Maclean assumiu o controle do grupo, que mudou o nome para Fundação Fé do Novo Milênio. Hoje chama-se Fundação Fé de Deus. Há algum tempo procura pessoas interessadas em abrir filiais do culto em novos países, inclusive no Brasil, onde repetiriam o mesmo modelo inicial, com O Professor (alguém que tenha grande conhecimento esotérico) e O Oráculo (que saberia administrar as atividades).

Trecho do *Manual do Iluminado*, publicado pela *Ordem Illuminati*, São Paulo: Ediciones G, 1945. [N.E.]

ORWELL, George. 1984. 1ª. Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. [N.E.]

BROWN, Dan. *Anjos e Demônios*. A primeira aventura de Robert Langdon. 1ª. Edição. Rio de

Janeiro: Editora Sextante, 2004. [N.E.]

Livro raríssimo, sem reedição conhecida nos últimos 50 anos. Comum apenas nos círculos esotéricos. [N.E.]

Editora com sede na Espanha, pertencente à Ordem Illuminati. Iniciou sua produção em 1998 e já publicou dez livros, todos de Gabriel López de Rojas. [N.E.]

Revista eletrônica publicada pela Ediciones G. Pode ser encontrada no endereço:

<http://www.ordotempliorientalis.com/revistabaphometpor.htm>. [N.E.]

ORWELL, George. Op. cit. [N.E.]

CAPÍTULO 7

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Doutrina Secreta ensina o progressivo aperfeiçoamento de todas as coisas, tanto dos mundos como dos átomos. E este estupendo aperfeiçoamento não tem um começo concebível nem um fim imaginável. Nosso “universo” é apenas um de um infinito número de Universos, todos eles “Filhos da Necessidade”, porque na grande cadeia cósmica de Universos cada elo acha-se numa relação de efeito com referência ao antecessor, e de causa com referência ao sucessor.¹

Nos dias posteriores, segui algumas instruções que Ângela tinha deixado e providenciei a devolução do livro com capa de couro para os Illuminati, pelo correio, não sem antes tirar uma cópia do trecho que explicava sobre o Processo e guardá-lo para futuras consultas.

A semana correu tensa para mim. Não conseguia me concentrar no trabalho e, para piorar a situação, Gabriel havia desaparecido. Não fora trabalhar nos três primeiros dias da semana, até que, na quinta-feira, um e-mail chegou. Dizia: *Gabriel está bem e não foi sequestrado. Cumpra a parte final de nosso acordo no próximo sábado e saberá o que vai acontecer com ele. O.*

Minha vontade era levar isso à polícia e dar parte do desaparecimento de Gabriel imediatamente. Pensava nisso quando Nívea, uma assistente do Departamento Pessoal, entrou em minha sala para a entrega dos benefícios do mês seguinte.

- E aí, muito trabalho? – perguntou ela, com um sorriso simpático.
- Um pouco. Sabe como são as coisas nessa área – respondi enquanto assinava os recibos.
- Eu que o diga. Tenho uma rescisão para preparar e nem sei como vou fazer.
- É mesmo?
- Sim, é triste quando alguém que trabalha há tanto tempo na mesma empresa é mandado embora...
- Quem foi? – perguntei, sem muita curiosidade.
- Seu amigo, o Gabriel.
- Mais uma vez “gelei”. Gabriel tinha sido mandado embora?
- Como assim? – perguntei.
- Ele esteve aqui ontem e fez um acordo com a empresa.
- Quase caí da cadeira com a revelação.
- Ele esteve aqui ontem? – repeti.
- Nívea me olhava curiosa.
- Sim, por quê?

Disfarcei a reação.

– Por nada. É que eu queria falar com ele.

– Tenho o número do celular dele. Deixe-me anotar.

Ela anotou em um pedaço de papel e me deu. Agradei e ela se foi. “Isso não faz nenhum sentido”, pensei. Liguei para o editor e disse-lhe que faltava apenas uma entrevista para completar o livro, e que mandaria o material até a segunda-feira seguinte. Em seguida tentei o celular de Gabriel.

Uma voz de mulher atendeu.

– Estava esperando a sua ligação – era a voz de Laura – Quer falar com seu amigo? Esqueça, ele escolheu juntar-se a nós por vontade própria.

– Deixe-me falar com ele.

– Somente depois de cumprir a parte final do nosso acordo. Faça a última entrevista e poderá falar com ele.

– Nem sei para onde devo ir...

Laura pareceu um pouco surpresa.

– Enviarei o endereço da Sociedade Teosófica e o nome do contato – e desligou.

Parecia inevitável. O editor queria o material pronto e, de qualquer forma, eu não saberia se Gabriel estava realmente bem enquanto não cumprisse esse acordo. Passava a acreditar que tomar cuidado com contatos pela Internet não era bem uma lenda urbana...

O e-mail chegou com os dados. Passei a sexta-feira me preparando para a entrevista. Sem Gabriel por perto, tive que pesquisar um pouco sobre a Sociedade Teosófica, fundada em 1875 por uma das figuras mais estranhas do panteão esotérico, conhecida como madame Helena Petrovna Blavatsky.

O sábado chegou. Saí de casa por volta das dez da manhã, em direção ao já conhecido bairro da Liberdade. Estava voltando para a mesma região em que, uma semana atrás, tinha encontrado Laura e a casa do mestre Mauro. A casa do entrevistado, aliás, não era muito longe da casa do mestre, apenas uns dez ou doze quarteirões à frente. “Parece que o bairro da Liberdade tornou-se um ponto de encontro para as Sociedades Secretas”, pensei.

Saí do metrô Liberdade e caminhei até uma casa branca, rodeada por um jardim muito bem cuidado. Entrei pelo portão de ferro e dirigi-me à entrada, que tinha um porteiro eletrônico. Todas as janelas e batentes das portas da casa eram pintados de um vermelho vivo e contrastavam com a brandura do branco. Havia uma pequena fonte no meio do jardim e várias casas de passarinhos nas árvores. A porta se abriu e uma mulher atendeu. Devia ter 60 anos e era muito gorda. Vestia-se com roupas antigas e tinha um xale ao redor do pescoço. Lembrei-me dos retratos de Blavatsky e pensei estar diante de sua mais recente encarnação.

– Olá, sou Ana – cumprimentou a mulher – Você deve ser o jornalista que está escrevendo o livro sobre Sociedades Secretas, não é?

– Bem, parece que já tenho uma boa publicidade – falei, sem-graça.

– Não se preocupe. Neste meio, somos todos conhecidos. Você sabe, as notícias correm a uma velocidade incrível. Venha, entre, vamos conversar.

Entre na casa. Era bastante espaçosa e lembrava uma antiga biblioteca, inclusive no cheiro, além de ser uma casa arejada e iluminada. A entrada era um longo corredor, com várias fotos dos fundadores da Teosofia, incluindo Blavatsky. Entramos em uma sala de estar por meio de duas portas de correr feitas de vidro, nas quais se via o emblema original da Sociedade: uma

cruz ansata (*ankh*) dentro de dois triângulos opostos, inseridos em uma cobra que mordida o próprio rabo. Na ponta do rabo, via-se uma cruz suástica. Parei para admirar o trabalho e Ana sorriu ao ver meu interesse.

– Bonito, não é? – disse ela – Todos que vêm aqui gostam de admirar esse trabalho.

– Tem um simbolismo próprio, não tem? – perguntei.

– Oh, sim, claro. Nada é escolhido ao acaso. Veja bem, a *ankh* simboliza a ressurreição; os triângulos interligados, os mundos espiritual e físico. A suástica é um símbolo sânscrito de sabedoria, enquanto a serpente que engole sua própria cauda representa a eternidade.

– Um belo trabalho. Deve ter custado muito pintá-la no vidro.

– Fui eu mesma quem fez. Os teosofistas também são bons artistas – apontou para uma enorme mesa de jantar feita de mogno, colocada sobre um tapete felpudo branco – Puxe uma cadeira e acomode-se. Vamos começar.

Sentei-me e preparei, rapidamente, o gravador. Ana olhava-me interessada.

– Sabe, quero aproveitar este momento para dizer que adorei sua ideia. Sou um dos mais antigos membros da Loja Teosófica Brasileira e gosto de falar sobre o assunto quando estou sozinha.

– Esta é a sua casa? – perguntei.

– Oh, não. Este é apenas um local para estudos. Jamais misturaria uma coisa com outra. Esta casa era de meu pai, e transformei-a em um local para recolhimento porque queria separar uma coisa da outra. Nosso local de reuniões fica aqui perto, na Instituição Teosófica Pitágoras.

– Muito bem, estou pronto.

– Eu também. Vamos lá!

– Comece com a explicação do que é Teosofia e quais são os seus objetivos.

Ana ajeitou o xale e respirou fundo.

– Teosofia, ou “Sabedoria Divina”, refere-se ao misticismo dos filósofos que acreditam poder compreender a natureza de Deus por apreensão direta, sem nenhum outro tipo de revelação. Também pode referir-se ao esoterismo de colecionadores de filosofias místicas e ocultas, que afirmam estar em presença de grandes segredos provenientes de sabedorias antigas. O misticismo teosófico é atribuído a Platão, Plotinus e outros neoplatônicos. Teve sua última grande explosão na filosofia ocidental, no século XIX, com o Idealismo alemão. Agora, o que chamamos de Esoterismo Teosófico iniciou-se com Helena Petrovna Blavatsky, conhecida como Madame Blavatsky ou, simplesmente, HPB, uma das cofundadoras da Sociedade Teosófica em Nova York, no ano de 1875. Nossas influências provêm de muitas fontes diferentes, mas a maior parte delas entra em setores como o Zoroastrismo, o Hinduísmo, o Gnosticismo, o Maniqueísmo, a Cabala, entre outros. Nossos objetivos principais são três: 1. Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; 2. Encorajar o estudo da Religião Comparada, Filosofia e Ciência; 3. Investigar as leis inexplicadas da natureza e os poderes latentes no homem.

Anotei tudo. Ana parecia interessada no que eu fazia.

– Parece-me que, além de lidar com coisas esotéricas, a Sociedade também tem um pé no campo filosófico e outro no científico...

Ana levantou-se, saiu por uma porta oposta àquela pela qual entramos e logo voltou com um

livro antigo de recortes. Seu cheiro era incrivelmente forte e, por isso, pensei que havia muitos outros como este na casa.

– Aqui tem um artigo publicado originalmente na *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*², assinado por um teósofo, J. H. Russel. Vou ler um trecho para você: *Os ensinamentos da Sociedade Teosófica são ao mesmo tempo religiosos, filosóficos e científicos, postulando um princípio eterno, imutável, presente em todas as outras manifestações. Deste princípio deriva, periodicamente, o universo inteiro, manifestando os dois aspectos do espírito e da matéria, da vida e da forma, positivo e negativo, os dois polos da natureza entre os quais o universo é criado. Estes dois aspectos são inseparavelmente unidos; por conseguinte, toda matéria é animada pela vida, enquanto toda vida procura expressar-se pelas formas.*

Parei para pensar, mas, de todo modo, as palavras pareciam muito sombrias para serem entendidas. Ana percebeu e sorriu novamente. De repente, ouvi barulhos nas salas vizinhas e olhei-a, sem entender.

– Como falei, este local é um canto de estudos. Não estou sozinha; há muitas pessoas que vêm aqui para consultar minha biblioteca e fazer alguns estudos teosóficos.

– Tudo bem. Gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre Madame Blavatsky.

– Madame Blavatsky nasceu na Rússia, em 31 de julho de 1831. Seu pai era descendente de nobres alemães e pouco se sabe sobre sua família. Alguns livros dizem que ela já apresentava certas faculdades paranormais quando era criança, pois fazia os móveis se mexerem e os objetos voarem com o uso de seus “braços astrais”. Além disso, olhava para as visitas e anunciava, com calma e tranquilidade, a data e a hora de suas mortes.

– Uau! – exclamei – Que simpatia...

Ana sorriu de novo.

– Parece estranho mesmo, não é? A vida de Madame Blavatsky começou a mudar quando foi entregue a um general czarista de 40 anos, Nikifor Blavatsky, de quem herdou o nome. Após três meses de casamento, ela abandonou o marido e viajou para Constantinopla. Naquele momento, iniciou sua corrida pelo mundo. Percorreu o Oriente, a Ásia Central, a Índia, a África, toda a Europa, os Estados Unidos, o Canadá, a América Central e a América do Sul. Foi iniciada na seita dos drusos, de origem muçulmana, e estudou os rituais dos dervixes. Se não me falha a memória, ela assistiu, ainda, aos rituais vudus, percorreu as ruínas do Yucatán, passou três noites dentro da Pirâmide de Quéops e contactou a seita Yamabushi, no Japão.

– Parece uma volta esotérica ao mundo.

– O acúmulo de conhecimento foi uma fase importante em sua vida. Quando passou por Nova York, em 1874, conheceu o coronel Henry Steel Olcott, advogado e jornalista autônomo. Encontraram-se em Clittenden, no estado de Vermont, quando Olcott foi cobrir algumas sessões espíritas que atraíam curiosos para a fazenda de um lavrador chamado William Eddy. Ficaram muito amigos e, mais tarde, Olcott recebeu uma carta de uma irmandade denominada Irmandade de Luxor, da qual Madame Blavatsky fazia parte. O conteúdo da carta era simplesmente: *A irmã Helena vai conduzir-te para a Porta Dourada da verdade.*

– Frases enigmáticas.

– Mas proféticas. Olcott começou a pagar o aluguel de Blavatsky e, um ano depois, viviam juntos. Aos domingos, ela presidia uma reunião com espíritas, cabalistas, maçons, rosacruzes

e outros. A 7 de setembro de 1875, enquanto assistiam a uma palestra sobre “O Cânon da Proporção Perdido do Egito”, Olcott sugeriu a Blavatsky a fundação de uma sociedade para esse tipo de estudo. Dessa maneira, na noite seguinte, com a presença de 16 testemunhas, nasceu a Sociedade Teosófica, com a presidência de Olcott e Blavatsky como secretária. O termo *Teosofia* é descrito no dicionário como sabedoria divina ou conhecimento de Deus. Assim começou a história de uma das mais difundidas Sociedades Secretas, responsável pelo renascimento do interesse pelas artes e crenças místicas. Tornou-se um funil cultural, de forma que toda sabedoria oculta dos antigos e do Oriente era coletada e transmitida para uma nova geração de potenciais seguidores.

Mais barulho vinha das salas vizinhas.

– Peço-lhe desculpas – disse Ana – Mas há um pessoal de outra Sociedade que veio ajudar a arrumar minha biblioteca em troca de algumas consultas. Claro que aceitei, mas há muitos livros e, portanto, a arrumação demora.

– Não tem problema – falei – Podemos continuar?

– Claro! – abriu de novo seu livro de recortes – Aqui tem um artigo publicado por Madame Blavatsky no primeiro número do *The Theosophist*, em outubro de 1879³. Há um trecho interessante, que fala sobre a existência de teosofistas antes da Era Cristã. Ela diz: *Teosofistas já existiam antes da Era Cristã, embora os autores cristãos atribuam o desenvolvimento do sistema teosófico eclético aos primeiros anos do século III de nossa era. Diógenes Laércio assinala a existência da Teosofia numa época anterior à dinastia dos Ptolomeus; e cita como seu fundador, um Hierofante egípcio chamado Pot-Amun, nome copta que designa um sacerdote consagrado a Amon, o deus da Sabedoria. A história, porém, mostra que ela foi revivida por Amônio Saccas, o fundador da Escola Neoplatônica de Alexandria. Ele e seus discípulos faziam-se chamar “Philaleteios”, ou amantes da verdade, enquanto eram chamados por outros de “Analogistas”, devido ao método de interpretar todas as lendas sagradas, os mitos simbólicos e os mistérios por uma lei, analogia ou correspondência segundo a qual todos os fatos ocorridos no mundo exterior eram encarados como a expressão de outras operações e experiências da alma humana. O ideal de Saccas era reconciliar todas as seitas, todos os povos e nações sob uma fé comum – a crença num Poder Supremo, Eterno e Desconhecido, que governa o Universo através de leis eternas e imutáveis. Assim, ele poderia criar um sistema de Teosofia que abrangesse todo o mundo. Desta maneira, todos os homens estariam submetidos a um princípio comum e todas as falsas religiões seriam desmascaradas. Enfim, todos os homens seriam filhos de uma mesma mãe, e tornar-se-iam mais unidos. Por isso, os sistemas Budista, Vedantino e Mago, ou Zoroastrino, foram ensinados na Escola Teosófica Eclética juntamente com todas as filosofias gregas. Algumas características do Budismo e da religião Hindu foram registradas entre os antigos teosofistas, como, por exemplo, a afeição fraternal pela raça humana, o indiscutível respeito pelos mais velhos e a compaixão pelos animais. A reunião destes sistemas expressava tanto o desejo de uma disciplina moral universal, quanto a purificação e a contemplação de uma Verdade Absoluta. O objetivo final seria uma composição através da extração de diferentes pensamentos religiosos, de onde sairia uma formação harmoniosa e melodiosa, capaz de ecoar em todo coração que é amante da verdade.*

– E sobre a Teosofia, diz algo?

– Sim, está mais à frente. Ah, aqui está: *Teosofia é a arcaica Religião Sabedoria, a doutrina esotérica conhecida em todo país civilizado. Uma “Sabedoria” que todas as velhas escrituras mostram como emanção do princípio divino e cuja absoluta compreensão é tipificada por nomes como o do Buda hindu, o Nebo babilônico, o Thot de Menfis, o Hermes da Grécia, e ainda nas invocações de algumas deusas – Metis, Neitha, Athena, a Sophia gnóstica e, finalmente, nos Vedas, do verbo “saber”. Sob essa designação, todos os filósofos do Oriente e do Ocidente, os Hierofantes do velho Egito, os Rishis da Aryavarta, os “Theodidaktoi” da Grécia incluíam todo o conhecimento das coisas ocultas e essencialmente divinas. As séries secular e popular da Mercavah dos Rabinos hebreus eram, assim, designadas apenas como veículo, a capa externa que continha o conhecimento esotérico superior. Os Magos de Zoroastro eram instruídos e iniciados nas cavernas e lojas secretas da Bactriana; os Hierofantes egípcios e gregos possuíam as suas aporrêtas, ou instruções secretas, durante as quais os Mystês se transformavam num Eoptês – um Vidente.*

– Queria saber um pouco sobre as verdades da Teosofia. Ouvi falar que vocês consideravam Cristo como um iluminado, mas o colocavam afastado da divindade.

– Mais ou menos. A Teosofia ensina que a raça humana teve vários estágios de evolução. Em cada estágio surgiu um guia, um Mestre que promoveu o desenvolvimento espiritual e intelectual do homem. A raça ariana, da qual fazemos parte, já teve oportunidade de contactar cinco mestres: Buda, na Índia; Hermes, no Egito; Zoroastro, na Pérsia; Orfeu, na Grécia e Jesus, na Palestina. Acreditamos que o próximo mestre terá como missão reunir todas as religiões em uma só e elevar o homem a um plano superior. Assim, todos terão potencial para se tornarem um Cristo. Todos esses são, para nós, considerados *mahatmas*, palavra em sânscrito que significa “alma grande”. Esse termo é empregado para os nossos santos, aqueles indivíduos que acumularam a bondade e a sabedoria de suas existências anteriores. Incluem-se nessa categoria pessoas como Moisés e São Paulo.

– E como é o conceito sobre Deus?

– Pense na religião como uma enorme colcha de retalhos. Para a Teosofia, todas as religiões têm um pouco da verdade. Se juntássemos todas, teríamos, então, a religião perfeita. Acreditamos na Trindade Divina de maneira um pouco diferente. Para nós, as divindades possuem os nomes de Força, Sabedoria e Atividade. Além disso, possuem um quarto elemento, feminino. Blavatsky dizia: “Acreditamos em Deus – no Deus dos cristãos, no Deus da Bíblia? Não. Rejeitamos a ideia de um Deus pessoal, extracósmico ou antropomórfico. Nosso Deus está em toda parte, no interior e em volta de cada partícula invisível de átomo, em cada molécula divisível. Nossa divindade é o ser eterno em evolução permanente, e não o criador do Universo”.

– E o lema da Teosofia?

– “Não há religião superior à verdade”. Foi traduzido do sânscrito, *Satyan nasti para dharmah*. Essa última palavra foi colocada como religião, embora tenha um significado mais amplo: pode ser doutrina, lei, direito, justiça ou virtude. Assim, podemos interpretar o lema da seguinte forma: “Não há dever ou doutrina superior à verdade”.

O barulho continuava. “Que inconveniente!” – pensei – “Quanto barulho para colocar uma biblioteca em ordem!”

– Gostaria de saber um pouco mais sobre Blavatsky e seus sucessores. Por exemplo, fale-

me de seus livros e da atual sede internacional.

– Bem, Blavatsky fundou, em Londres, a Escola Esotérica de Teosofia, que incluía poucos estudantes, a maioria deles selecionada pelos próprios teósofos, para que tivessem acesso a conhecimentos mais avançados. O primeiro livro, publicado em 1877, *Ísis sem Véu*⁴, tornou-se um clássico da literatura ocultista. São dois volumes que, juntos, chegam a quase 1.300 páginas. A primeira edição, de 1.000 exemplares, foi vendida a US\$ 7.50 e esgotou-se dez dias após o lançamento. Aqui, vemos que Ísis, a deusa egípcia da fertilidade, é o espírito-guia do livro. Mas o foco acabou na Índia, país que sempre fascinou Blavatsky, e o Egito, por sua vez, ficou em segundo plano. No ano seguinte, saiu o segundo livro, chamado *A Doutrina Secreta*, com 1.500 páginas. Foi baseado no livro mais antigo do mundo, *As estrofes de Dzyan*⁵, e traz revelações interessantíssimas. Uma delas, é de que a vida existe em um cosmo que possui infindáveis universos, nos quais são abrigados diferentes sistemas solares. Cada um destes é governado por um “logos” (uma divindade solar). Tal divindade possui sete ministros, que são os espíritos planetários. Cada planeta é governado por um ser celeste principal e, abaixo dos ministros, estão as hordas de devas ou os anjos.

“Que coisa estranha”, pensei, “Lembro-me de ter lido que o livro *As estrofes de Dzyan* nunca foi encontrado”. Mas não disse nada para não ofender Ana. Apenas prossegui com as anotações sobre o que ela falava.

– Podemos verificar, também neste livro, que todos os seres vivos passaram por uma evolução em nível progressivo, ou seja, os humanos, os vegetais, os minerais e os sobre-humanos. Assim, até a menor faísca de pedregulho pode ter uma vida muito mais complexa.

– Então, o que acreditamos que não tem vida pode ter? – perguntei.

– Exatamente. A história dos humanos é definida em termos de raças-raízes sucessivas, sendo sete no total. A primeira raça vivia num continente chamado Terra Sagrada Imperecível e era descendente dos habitantes da Lua. A segunda, a dos hiperbóreos, habitava uma faixa de terra próxima ao Polo Norte. Nenhuma delas tinha corpo; por isso, sua reprodução era por meios espirituais. A terceira habitou e se desenvolveu no continente afundado de Lemúria, que ficava ao sul do Deserto de Góbi. Os lemurianos foram os primeiros a possuir corpo e manter relações sexuais. A seguinte era a dos atlanteanos. Hoje, o planeta é ocupado pela quinta raça, a ariana, que surgiu no norte da Ásia e expandiu-se para o sul e o oeste. Entre eles, havia uma sub-raça, os anglo-saxões.

– E as outras duas raças?

– Elas ainda devem aparecer, mas, quando isso acontecer, a humanidade terá chegado ao fim de seu ciclo na Terra. Então, se mudará para um outro planeta, onde recomeçará o ciclo.

– Meio ficção científica isso, não é?

Ana sorriu.

– Para quem não conhece, é assim mesmo.

– E a Sede Mundial?

– Em 1882, a Sociedade adquiriu o parque Adyar, na cidade de Madras, sul da Índia. Mais tarde, em 1905, a sede internacional, que até então ficava em Nova York, foi deslocada para lá, onde se estabeleceu e opera até hoje. Isso faz muito sentido, pois a grande inspiração dos ensinamentos teosóficos está concentrada na filosofia e na religião hindus.

– O conceito de reencarnação está incluso?

– Claro. Para nós, não há redenção ou castigo, como no cristianismo. Para termos o perdão

de nossos pecados, devemos passar por uma série de reencarnações até atingir o *Devacham*, o nosso céu. Não há, também, a condenação eterna para os pecados, mas acreditamos que o *Kamaloka*, um equivalente do inferno cristão, é um estado intermediário em que o pecador aguarda a próxima reencarnação.

Arrepiei-me com esse estranho cenário.

– Dê-me licença um instante, vou providenciar um chá – disse Ana.

Ela saiu em direção à porta dupla. As pessoas que arrumavam a biblioteca pareciam estar empolgadas, afinal, o barulho apenas aumentava. “Que tipo de livros deve haver lá?” – pensei. Provavelmente, tesouros tão antigos quanto os que tinha visto na casa do mestre maçom Mauro ou na mansão do Illuminati Adam.

Ana voltou com uma bandeja na qual se via um bule e pratos com biscoitos. Ela serviu a bebida e esperou que eu continuasse.

– Estes são os nossos Degraus de Ouro, passos que o aprendiz deve trilhar para alcançar o Templo da Divina Sabedoria – disse Ana e estendeu-me um papel.

Peguei o folheto e li em voz alta:

– *Os Degraus de Ouro:*

*Uma vida limpa,
Uma mente aberta,
Um coração puro,
Um intelecto faminto,
Uma percepção espiritual desvelada,
Ser fraternal para com todos,
Disponibilidade em dar e receber conselhos e instruções,
Senso de responsabilidade e lealdade para com o Mestre,
Desejo de obedecer ao comando da VERDADE, uma vez que colocamos nossa confiança na crença de que o Mestre esteja em posse dela,
Corajosa paciência na injustiça pessoal,
Uma valente declaração de princípios,
Defender corajosamente aqueles que são injustamente atacados, e
Uma visão constante para o ideal humano, de progresso e perfeição, descrito pela Ciência Sagrada.*

Ana sorriu de novo. Parecia uma figura de avó, alguém em quem se pode confiar integralmente.

– Para terminar, fale-me um pouco sobre o que ocorreu depois da morte de Blavatsky.

– Em 8 de maio de 1891, ela faleceu em Londres, Inglaterra. Mas já havia uma pessoa que seria sua sucessora: Annie Wood Besant, mulher que respeitava rigorosamente os ensinamentos teosóficos. Quando Olcott morreu, em 1906, Besant o sucedeu à presidência e Alfred Percy Sinnett ocupou o cargo de vice-presidente. Em 1909, Charles Webster Leadbeater, investigador e orador, descobriu um menino de notáveis qualidades, chamado Jiddu Krishnamurti. Começou a educá-lo, juntamente com Besant. Em 1914, Leadbeater mudou-se para Sidney, Besant continuou a cuidar de Krishnamurti e nomeou-o Instrutor Mundial. Em 1929, Krishnamurti renunciou a qualquer autoridade ou papel especial. Em 20 de setembro de 1933, Besant morreu e, no ano seguinte, foi a vez de Leadbeater. A partir disso,

surgiu uma série de novas Ordens, muitas derivadas da nossa Sociedade. A mais famosa é a Ordem Hermética da Aurora Dourada, fundada três anos antes da morte de Blavatsky.

Parei de escrever e olhei para Ana.

– A *Golden Dawn*, da qual participou Aleister Crowley? – lembrei-me da música *Mr. Crowley*, de Ozzy Osbourne, e de Jimmy Page, guitarrista do Led Zeppelin, fã confesso de Crowley e colecionador de seus objetos pessoais.

– Essa mesma. Hoje, com mais de um século de existência, a Sociedade Teosófica espalhou-se por cerca de 60 países em todos os continentes.

– Quando iniciaram suas atividades no Brasil?

– A Sociedade Teosófica Brasileira foi fundada, no Rio de Janeiro, no dia 17 de novembro de 1919, por Raimundo Pinto Seidl. Hoje, tem sua sede nacional em Brasília.

– Como é a organização?

– Internacionalmente, estamos organizados em Seções Nacionais, e estas, por sua vez, compõem-se de Lojas e Grupos de Estudos. A maioria deles realiza reuniões públicas com palestras, cursos, debates e outros eventos desse tipo, bem como atividades de confraternização entre os seus membros e simpatizantes, sempre em conformidade com os três objetivos. Além disso, em geral, contam com bibliotecas para facilitar estudos e pesquisas.

E mais barulho.

– Bem, acho que isso é suficiente – desliguei o gravador digital e comecei a colocar minhas coisas na pasta. Tomava o último gole de chá, quando a porta da biblioteca abriu e vozes surgiram.

– Dona Ana, nós acabamos a arrumação...

Quando olhei, não acreditei no que via. Lá estavam Gabriel e Laura vestidos com camisetas nas quais se via escrito *Processo* em letras vermelhas, de maneira discreta, no lado esquerdo do peito. Os dois pararam e olharam-me. Ana observava, atenta, a cena.

BLAVATSKY, Helena P. *A Doutrina Secreta – Objeto dos mistérios e prática da filosofia oculta*. v. 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Rio de Janeiro: Editora Pensamento, 1994. [N.E.]

Livro raríssimo, sem tradução para o português, com poucas cópias que circulam entre membros de algumas Sociedades Secretas. [N.E.]

Publicação em revista que marcou o início da Sociedade Teosófica em 1879, pelas mãos de Helena P. Blavatsky. [N.E.]

BLAVATSKY, Helena P. *Ísis sem véu*. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Pensamento, 1991. [N.E.]

JACOLLIOT, Louis. *As estrofes de Dzryan*. Livro supostamente existente há muitos séculos, inicialmente de posse dos indianos. Em meados do século XIX, acabou por ser atribuído a Jacolliot. [N.E.]

CAPÍTULO 8

PROCESSO

Ter conhecimento não é o mesmo que estar preparado.

Cada pessoa que opta por trilhar um caminho místico, seja na Teosofia, na Rosacruz, com os Illuminati ou com os Templários, deve estar preparada para absorver o conhecimento e saber como usá-lo.

Senão, o principal, que é o desenvolvimento espiritual do ser humano envolvido, não acontecerá.

Demorou um mês para eu me encorajar e decidir. Depois de pensar muito, resolvi. Iria até a AMORC conhecer o ritual que eles chamavam de *Sanctum Celestial*. Por isso, preparei-me durante a semana para deixar de lado todo e qualquer hábito de pesquisa. Desta forma, compareceria apenas pelo prazer de testemunhar um ritual de uma Sociedade Secreta.

Também haviam se passado trinta dias desde a última vez em que vira Gabriel e falara com ele, na central de estudos de teosofia. O livro já estava pronto e entregue aos cuidados do editor, que preparava o original para publicação. Tudo estava certo, mas a súbita decisão de Gabriel em abandonar tudo para se meter numa sociedade com tendências satanistas me deixava com um enorme peso na consciência. Sentia-me culpado por colocar Gabriel naquela situação, mesmo que indiretamente.

Entrei no ônibus que me levaria para a Loja da AMORC. Durante o trajeto, comecei a relembrar aquele fatídico dia no ambiente teosófico. Gabriel e Laura ficaram completamente sem-graça ao me verem sentado com a teosofista Ana. Esta, ao perceber que havia algo no ar, logo se levantou da cadeira e, com a desculpa de ter assuntos para tratar, retirou-se da sala. Nós três nos olhamos, à espera da primeira pessoa que quebraria o silêncio.

Laura adiantou-se:

– Bem, se alguém precisa falar, que seja eu. Afinal, tudo isso é culpa minha.

– Como assim? – perguntei.

Gabriel, então, manifestou-se:

– Ela é...

– A Oráculo, a pessoa que me contatou pelo Orkut – falei.

– Sim, mas ela é mais do que isso. Laura é uma velha conhecida minha, do tempo em que viajava a Roma para as convenções da Juventude Católica Mundial. Já namoramos por um bom tempo.

Olhei para Gabriel com vontade de pular no seu pescoço.

– Como é? Quer dizer que você a conhecia o tempo todo?

– Na verdade, não – disse ele, cada vez mais constrangido – Só a reconheci quando estávamos na casa do mestre Mauro. No princípio, ela também não me reconheceu, pois fazia dez anos que não nos víamos.

– E agora é a Oráculo, ligada ao culto conhecido como *Processo*. Realmente, as coisas mudam com o tempo...

Laura olhava-me intrigada.

– A verdade – disse ela – é uma só: tínhamos um acordo. Há cinco anos, envolvi-me com o Processo. Sua filosofia é: derrubar os dogmas da Igreja para tornar o mundo melhor, sem a constante presença da religião na vida das pessoas.

– Um motivo bem altruísta... – comentei.

– Há séculos, a religião dita a nossa vida, a maneira como vivemos, morremos, comportamo-nos, entre outros. Foi nessa época, quando fui tentar um emprego no exterior, que conheci os seguidores do Processo. Fui convencida de que podemos ser mais do que somente ovelhas plácidas em um rebanho.

Agitei-me na cadeira.

– Você tem noção do que está falando? – dirigi um olhar penetrante a ela – Você acha que basta uma Sociedade Secreta para derrubar uma instituição tão enraizada quanto a religião?

– Tudo é possível! – disse Gabriel – Quando saí com Laura no sábado, fomos a um lugar calmo e conversamos muito. Ela me contou tudo sobre o Processo e sobre sua busca para abrir uma filial brasileira. Eu posso ser o professor! Tenho conhecimento para isso!

Ana havia voltado. Sentou-se e olhou para Gabriel calmamente, enquanto ajeitava o xale.

– Meu caro amigo, ter conhecimento não é o mesmo que estar preparado. Cada pessoa que opta por trilhar um caminho místico, seja aqui, na Rosacruz, com os Illuminati ou com os Templários, deve estar preparada para absorver o conhecimento e saber como usá-lo. Senão, o principal, que é o desenvolvimento espiritual do ser humano envolvido, não acontecerá.

Laura olhava furiosa para Ana.

– Não importa! – começou a falar agitada – Vocês, das ditas “escolas de mistério”, gabam-se de possuir o conhecimento necessário para o desenvolvimento humano. Mas nem vocês se entendem. A Teosofia foi ramificada em vários segmentos, bem como a Rosacruz, os Templários, a Maçonaria...

Levantei-me da cadeira. Sentia dor de cabeça, reação característica quando fico nervoso.

– Então você planejava encontrar um tolo que aceitasse escrever um livro apenas para ajudar a identificar onde estavam as bibliotecas mais significativas?

– Na medida em que você avançou nas entrevistas, usei a influência do Processo para conseguir entrar nos lugares e ter acesso aos livros. Agora, tenho o conhecimento da maioria das Sociedades Secretas para estabelecer a nossa filial brasileira. E Gabriel estará comigo, não é mesmo?

Ela lançou um olhar penetrante para Gabriel. Ele hesitou um pouco, mas logo levantou a cabeça, com um gesto desafiador.

– Serei alguém! Serei um líder! Melhor do que ter conhecimento e não utilizá-lo em proveito próprio!

Ana balançava a cabeça, desaprovando o comentário. Eu não sabia o que falar; não conhecia aquele lado de Gabriel, que falava como outra pessoa.

– Bem, vocês já tiveram o que vieram procurar – disse ela, levantando-se de novo da

cadeira – Agora, peço que se retirem. Seus gestos me desagradam e não tolerarei isso no meu próprio terreno.

Os dois trocaram olhares e Gabriel falou:

– Bem, acho que é hora de dizermos adeus, meu caro. Você tem o material de seu livro e eu tenho o meu caminho delineado. Tenho certeza de que vamos nos encontrar de novo e que, em breve, você ouvirá notícias minhas.

Estendeu a mão para me cumprimentar, mas recusei. Olhei-o nos olhos e falei em tom bem sério:

– Não sei se essa Oráculo fez algum tipo de lavagem cerebral em você, Gabriel, mas o fato é que me sinto usado nessa história. Por isso, espero que você não se arrependa da decisão que está tomando. Na próxima vez em que nos encontrarmos, talvez não seja como amigos. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para impedir que este mal se espalhe pelo país.

Gabriel recolheu a mão, temeroso. Laura parecia divertida.

– Este país? Ora, se você se considera um bom jornalista, já deve saber que o Brasil é o melhor lugar para exportar seitas e credos. Já notou quantas igrejas evangélicas nasceram aqui e tornaram-se impérios que se espalharam pelo mundo? Aqui é o paraíso do credo. Quer melhor lugar para lançar nossa cruzada pessoal? Mas de uma coisa tenho certeza: realmente não será como amigos que nos reencontraremos. Por isso, aproveite bem seu livro e aprecie sua carreira de escritor. Adeus.

Os dois dirigiram-se para a porta dupla e desapareceram. Sentei-me de novo e coloquei as mãos na cabeça. Sentia uma mistura de raiva, desespero e culpa. Como pude deixar-me enganar dessa maneira? Ana percebeu e colocou sua mão sobre a minha cabeça.

– Não se culpe – disse ela – Eles escolheram seus próprios caminhos. Não há absolutamente nada que você possa fazer.

– Fui eu quem colocou os dois em contato – falei – Se não tivesse respondido ao anúncio dela, Gabriel nunca a teria reencontrado e ela não o teria convencido a juntar-se a esta causa.

Ana balançou negativamente a cabeça.

– Ela não convenceu ninguém. Ele sempre quis a oportunidade de ser um “líder”. Não ouviu o que ele disse?

Fazia sentido. Em várias ocasiões, percebi Gabriel insatisfeito com seu trabalho e com sua vida. Frequentava as reuniões da Juventude Católica, mas sempre me pareceu que era mais por tradição do que por vontade própria.

– Agora, só resta você escolher o seu caminho – falou Ana, completando o pensamento.

Respirei fundo, terminei de guardar minhas coisas e agradei pela entrevista. Ao sair, pareceu-me ter visto o carro de Gabriel em uma esquina próxima, com os dois me observando lá dentro. Sacudi a cabeça e pensei que já estava ficando paranoico. Entrei na estação do metrô e fui embora.

Nos dias seguintes, confirmei no trabalho o que já sabia: Gabriel estava mesmo desligado da empresa. Ninguém mais atendia seu telefone celular e mesmo sua mãe, que morava com ele, informou-me que ele fez as malas e partiu para outro Estado. Fiquei abismado com a rapidez com que ele tinha tomado as decisões. Mas logo me lembrei do que Ana dissera: isso era mais um sinal de que ele esperava apenas por uma oportunidade de escapar da vida monótona que levava.

Mas ainda achava estranho: o que leva uma pessoa a mudar tanto assim? O que há dentro de

nós que pode provocar tais reações? Seria esse o velho costume humano que nos assombra há tanto tempo, o de querer descobrir quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Seria simplesmente essa sede de descobrir mais sobre nós mesmos que forçou Gabriel a embarcar em uma aventura dessas ao lado de uma namorada antiga? “Jamais saberei”, pensei. O que se passa na cabeça de um ser humano é assunto proibido, um tabu para outras pessoas.

O ônibus deixou-me a algumas quadras da AMORC. O dia estava ensolarado e até conseguia ouvir pássaros cantando nas ruas próximas à Loja. Encaminhei-me para lá e olhei para o meu relógio, que marcava uma e meia da tarde. Às duas horas, as portas duplas de bronze se abririam e começaria mais um dia de atividades.

Quando cheguei ao local, tive a impressão de que se passara uma eternidade desde que estive lá pela primeira vez. Um dos sócios da Ordem entrava por um portal lateral e fez sinal para que eu também entrasse. Ele me explicou que, se quisesse, poderia chegar um pouco mais cedo e utilizar aquele portão até que as portas principais fossem abertas. Agradei a ele e entrei no prédio pelos fundos. Subi algumas escadas e encontrei-me no saguão principal. Os encarregados estavam reunidos em um círculo em frente às portas de bronze, orando para terem um bom dia. Sentei-me em uma poltrona e aguardei.

Ainda pensava no que aconteceu quando senti alguém pegar no meu braço. Era Valéria, a mesma rosacruz que tinha me atendido quando fui conhecer a Loja.

– Olá! Que bom que você voltou! Espero que não tenha vindo a trabalho...

Sorri para ela.

– Não, vim conhecer o *Sanctum Celestial*. Ainda é aberto ao público, não é?

– Claro, mas você vai precisar de um passe de visitante. Venha, vamos à secretaria e eu te arranjo um.

Acompanhei-a por dois lances de escada até a secretaria. Ela apanhou um cartão azul e escreveu meu nome nele. Quando me entregou, fez uma cara de espanto:

– Está sozinho? E seu amigo?

– Ele foi embora.

– Sinto muito.

– Amizades acabam.

Ela me olhou fixamente.

– Somente aquelas que não estão bem sedimentadas. Uma verdadeira amizade deve ser recíproca. É o que aprendemos por aqui. O sentimento de fraternidade não é exclusivo das igrejas, mosteiros, mesquitas ou sinagogas. Somos todos fráteres e sórores...

Devo ter me mostrado mais chateado ainda.

– Quer me contar o que houve?

Contei a história de maneira resumida. Ela escutou e concordou:

– Já imaginava. O pessoal da biblioteca havia comentado comigo que os membros do Processo tinham certa influência. Mas não imaginava que fosse para isso.

Concordei com a cabeça.

– Espero que não haja nenhuma notícia do tipo *Rapaz ligado a Sociedade Secreta é encontrado morto*, ou algo assim – falei.

– Rezemos para que não – concordou ela – Mas venha à fila para o *Sanctum Celestial*... Está se formando.

De fato, havia uma fila. Valéria ainda estava comigo e continuou a conversa:

– Pense apenas que ele encontrou seu caminho.
– Você é a segunda pessoa a me dizer isso. Uma teosofista também pensa desse modo.
– Então deve ser isso mesmo.
– Mas como alguém pode assumir que esse seja seu caminho?
– Quando você confia em que está vivo para um propósito e sente-se compelido a cumprir determinada jornada, pode, facilmente, concluir que há um caminho que deve ser seguido.

Ninguém, a não ser você mesmo, pode reconhecer uma situação assim.

– E se você descobrir que está errado?

Valéria sorriu.

– É por isso que Deus nos deu livre-arbítrio, não acha? Para descobrirmos nossos erros e podermos começar tudo de novo.

Olhei para a fila.

– E o conhecimento não pode nos ajudar a cometer menos erros? – perguntei.

– Pode ajudar a reconhecer, de maneira mais nítida, qual é o seu caminho. A intuição é mais do que um “poder mágico”; é uma qualidade que os humanos deixaram de lado, por não ter uma base lógica ou científica. Mas ela existe e, se bem aplicada, pode tornar-se uma grande aliada.

De repente, um sino soou, a porta da sala do *Sanctum Celestial* se abriu e uma mulher apareceu.

– Está na hora – disse Valéria – Vá e relaxe.

– Mas o que faço?

– Não se preocupe. Siga as instruções que te darão. Depois nos falamos.

Valéria desceu as escadas e segui a fila. Entrei em uma sala escura, iluminada apenas por algumas lâmpadas azuis. O caminho era delimitado por tiras de carpete que levavam aos bancos dispostos nas laterais. No fundo, via-se o símbolo da Rosacruz. Sentei-me em um dos bancos e relaxei. Uma doce música instrumental soava ao fundo.

Os últimos acontecimentos ainda me perturbavam um pouco e algumas coisas que tinha escutado ficavam ecoando na minha mente:

“Serei alguém! Serei um líder! Melhor do que ter conhecimento e não utilizá-lo em proveito próprio!”

“A intuição é mais do que um ‘poder mágico’; é uma qualidade que os humanos deixaram de lado, por não ter uma base lógica ou científica.”

“A pessoa deve estar preparada para absorver o conhecimento e saber como usá-lo. Senão, o principal, que é o desenvolvimento espiritual do ser humano envolvido, não acontecerá.”

A porta se fechou e um fráter aproximou-se do microfone:

– Fráteres e Sórores, iniciaremos o *Sanctum Celestial*.

Naquela sala, preenchida com cheiro de incenso e música profunda, os sentimentos fluíram de maneira mais fácil. Senti uma paz muito grande e acreditei que havia encontrado o meu caminho. Pelo menos, o começo dele.

CAPÍTULO 9

SEGUNDA GÊNESE

Uma vez que não podemos ser universais e saber tudo quanto se pode acerca de tudo, é preciso saber-se um pouco de tudo, pois é muito melhor saber alguma coisa de tudo do que saber tudo apenas de uma coisa.¹

O que relatarei a seguir é fruto de uma série de fatos que mostraram que meus assuntos com as Sociedades Secretas estavam longe de acabar. É claro que ninguém na agência jamais soube a verdade sobre o que tinha acontecido com Gabriel, e mesmo meu chefe – que sabia de nossos planos de lançar um livro sobre Sociedades Secretas – nunca comentou o fato de o trabalho ter saído apenas com o meu nome. Meus colegas de trabalho também nunca citaram o fato de que Gabriel e eu saíramos juntos durante alguns sábados para fazer as entrevistas. O que, para mim, foi ótimo, pois não me sentia disposto a explicar que o meu amigo com nome de anjo celeste tinha passado por um processo que mais se parecia com o de um anjo caído.

“*O poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente.*” Esta máxima nunca tinha sido tão clara para mim quanto nos dias seguintes aos do sumiço de Gabriel. Um pouco por culpa, um pouco por curiosidade, o fato é que dediquei muito do meu tempo nos quatro meses seguintes para descobrir o que teria acontecido com ele depois de nosso fatídico último encontro, na Sociedade Teosófica.

Até que, um dia, contados exatos 11 meses desde que ele resolvera tornar-se professor da sociedade conhecida como Processo, recebi um telefonema de meu editor. Ele estava feliz porque as vendas estavam boas e queria me fazer uma nova proposta: a editora tencionava lançar uma versão revista, ampliada e atualizada do trabalho. Ri da ideia e afirmei que não havia muito mais o que dizer. Afinal, as principais sociedades em atividade já estavam lá retratadas.

Foi aí que ele conseguiu captar minha atenção.

- Não diga isso. Sempre há algo a mais para ser dito.
- Márcio, é complicado. Tenho certeza de que não vou conseguir mais nada, a não ser que entre para alguma das sociedades. Mas aí terei de fazer voto de segredo ou algo parecido.
- Não quer nem mesmo saber da surpresa que preparei?
- Franzi a testa. O que será que ele tinha em mente?
- Você começou esta conversa sem apelar para nada desse tipo...
- Por que estragar a surpresa? Ora, vamos, eu sei que você deve estar morrendo de curiosidade...

Achei engraçada a observação. Conheço Márcio há pelo menos cinco anos e sempre nos

demos bem. Conhecedor do mercado de livros brasileiros, sempre foi uma fonte confiável para novos negócios.

– Está bem. Qual é a surpresa?

– Que tal uma viagem com acompanhante?

– Brinde ou bônus pelas vendas? – brinquei.

– Nem um nem outro. Escalei uma pessoa que será sua assistente. Estou disposto a pagar uma viagem para a Europa para que você possa visitar os lugares relacionados às sociedades e colher mais material para alguns capítulos extras.

– Uau! Assim você me coloca numa posição desagradável. Não tenho mesmo como negar.

– Excelente. Peça já suas férias e prepare-se. Você terá um mês para identificar e recolher mais material. Acha que pode?

– É claro! – foi o que eu disse, mas sabia coisa nenhuma! Para ser sincero, não sabia nem por onde começar.

– Ótimo. Falamos até o final da semana.

– Peraí! Você falou em assistente?

– Ela já deve estar chegando aí. Fale com ela e ligue-me depois.

Nem bem havíamos nos despedido quando o interfone tocou – havia uma pessoa me esperando na recepção. Olhei para o relógio e já era meio-dia e meia. Levantei-me para almoçar e apanhei minhas coisas. Caminhei em direção à recepção pensando em quem poderia ser essa assistente.

Foi quando quase tropecei.

Uma mulher de louros cabelos compridos, aparentando 26 anos, vestida com calça jeans e blusa vermelha aproximou-se sorridente.

– Ela quer lhe falar – disse Lígia, a recepcionista, apontando distraidamente para a mulher enquanto falava ao telefone.

Agradei e fiz um gesto para que se sentasse numa das poltronas que ficavam em um canto da sala.

– Você não parece feliz em me ver... – disse ela.

Ângela, o contato dos Illuminati que havia me levado até sua sede e me avisado do perigo que Gabriel corria. Passei a mão na testa e limpei um suor frio que escorria. Como ela poderia ter vindo até aqui?

– Não me leve a mal – comecei, engasgando – mas estou esperando uma pessoa que...

– ... foi enviada por sua editora para ser sua assistente. Está olhando para ela.

Aquilo me atingiu como um golpe no estômago. Perdi completamente a fome.

– Mas... como...

– Seu trabalho foi monitorado não só por nós, como também por representantes das demais sociedades. Queremos muito auxiliá-lo para que se transforme em um livro melhor ainda.

Sacudi a cabeça tão violentamente que pensei que fosse quebrar meu pescoço.

– Não, deixem meu trabalho em paz. O último que quis me auxiliar revelou-se uma pessoa terrivelmente manipuladora.

– Nós sabemos – disse Ângela, enquanto tirava um pequeno espelho da bolsa para olhar seu rosto – E também achamos que a coisa não vai parar por aí.

Meu coração disparou. Não sabia se estaria disposto a entrar em mais um episódio de manipulações e segredos no estilo “Dan Brown”.

– Já leu *Anjos e Demônios*?² – perguntou.

Respirei fundo e fechei os olhos. Onde ela queria chegar?

– Sim.

– Gostou?

– Para dizer a verdade, sim; achei bem mais aventureiro que *O Código Da Vinci*.

Ela se aproximou para cochichar em meus ouvidos.

– E se eu te levasse até Roma para percorrer o Caminho da Iluminação?

Arregalei os olhos. No livro de Dan Brown, que conta a primeira aventura de Robert Langdon, fala-se de um caminho usado pelos antigos Illuminati, que levava ao esconderijo secreto da Sociedade em tempos de perseguição da Igreja Católica. Esse caminho é rodeado por monumentos disfarçados em igrejas católicas e altares consagrados aos quatro elementos compositores de então: terra, ar, fogo e água. A ideia de que algo tão engenhoso assim estivesse disfarçado em obras antigas mexeu comigo.

Sacudi a cabeça para voltar a mim. Mesmo assim, não fiquei convencido.

– Escute aqui, Ângela, quando comecei esse projeto não sabia muito sobre a existência de vocês. Meu amigo Gabriel terminou seduzido por uma ex-namorada que é líder de uma sociedade secreta e isso já foi muito para a minha cabeça. Não é muito agradável descobrir que as pessoas possuem um “lado negro”.

Ângela parecia divertir-se com o meu discurso.

– Sim, entendo o que quer dizer. Mas temos que enxergar o que há pela frente. Seu editor quer material para o livro, e todas as sociedades de que você tratou concordaram que você deveria ter uma auxiliar, por isso me ofereci. Além disso, podemos fazer o mesmo esquema que você fez antes com Laura: te ajudo a conseguir seus dados se me ajudar em uma pequena tarefa...

Devo ter feito cara de dor. Só o pensamento do que poderia ser já me dava azia.

– Parece, pelas nossas fontes – começou ela, abaixando a voz – que seu amigo Gabriel cresceu muito entre os esotéricos. Sua influência consolidou o Processo aqui em São Paulo e, agora, ele e Laura almejam algo maior.

– Maior? De que tipo?

– A cada quatro anos, há, em certas cidades da Europa, uma espécie de convenção feita em três etapas. Esotéricos do mundo todo reúnem-se para seguir pistas dispostas em caminhos antigos, que levarão ao esconderijo de três poderosos *grimoires*.

Levei um susto. Lembrei-me das histórias de *Sandman*³, em que ouvi o termo pela primeira vez.

– *Grimoires*? Livros mágicos?

Ângela concordou com a cabeça.

– Que coisa mais Harry Potter...

– Mas não é. O termo já era usado por esotéricos muito antes de aparecer nessa aventura adolescente. Poucos sabem da existência desses caminhos, dispostos em três das capitais mais visitadas da Europa, todas ligadas às antigas sociedades: Londres, Paris e Roma. Cada cidade possui um caminho; cada caminho leva a um *grimoire* diferente. Os três, em conjunto, se forem encontrados e conquistados pelas pessoas certas, constituem no maior registro de conhecimentos alquímicos do mundo.

– E o que ensinam? – perguntei, sarcástico – Como transformar a noite em dia? Como sumir

na multidão? Como fazer sopa de pedra?

Ângela recostou-se na poltrona.

– Ria, se quiser. Mas não mostrarei os metais que transformarei em ouro com esse conhecimento arcaico. Isso e muitas outras coisas...

E sorriu. Olhei bem para ela: seu jeito de garota despertaria a atenção de qualquer homem. Seu perfume almiscarado era excitante e sua companhia, estimulante.

– Pense bem. Sabemos que eles tentarão descobrir o paradeiro, e consolidar a sabedoria que subtraíram de nossos acervos...

De repente, o quadro estava claro para mim.

– Então foi por isso que convenceram meu editor a fazer uma edição ampliada do livro?

– Para que você tivesse uma desculpa para ir comigo atrás de Gabriel e Laura.

– Isso é ridículo. Acha mesmo que eles irão atrás desses livros?

Ângela abriu a bolsa e retirou uma pequena pasta. Dentro, havia vários recortes de jornais, que mostravam as atividades do Processo no Estado de São Paulo. Na maioria deles, Gabriel e Laura apareciam como o “casal salvador” da humanidade, portadores de conhecimentos que “levariam os homens a patamares inéditos na história”.

– Meu Deus! – exclamei – Parece coisa de Jim Jones⁴...

– Entende agora a nossa preocupação?

Confirmei com a cabeça sem tirar os olhos dos jornais.

– Mas por que eu?

– Achamos que você saberá fazer a coisa certa para impedir que Gabriel e o Processo se apoderem desses volumes.

Aquilo era algo de que eu mesmo duvidava. Tinha em mente que o projeto só havia começado porque Gabriel era meu ponto de referência no estranho mundo das Sociedades Secretas. Mais do que o que já tinha sido publicado, não saberia dizer em hipótese alguma. Expliquei isso para Ângela e ela sorriu.

– Todos os que você entrevistou dizem o contrário. Já ouviu falar de um princípio básico que a maioria das sociedades ensina, o da dualidade?

Franzi a testa. Já ouvira algo a respeito.

– É algo simples – continuou ela – Um dos princípios mais antigos do mundo afirma que tudo foi criado em equilíbrio e que, para que isto ocorra, são necessários dois extremos: um para o bem e outro para o mal. Não pode haver um sem o outro.

– E o que isso tem a ver com o caso?

– Todos concordam em que você é o ponto de equilíbrio de Gabriel. Lembra-se de quando você se afastou e deixou-o sozinho com Laura no Centro Cultural? Como foi fácil para ela seduzi-lo para a causa do Processo?

Concordei com a cabeça. O que Ângela falava fazia sentido.

– A grande verdade é que não sabemos do que mais será capaz.

Olhei para ela espantado.

– Como assim? Acha que Laura pode fazer algo mais pelo domínio do conhecimento?

Ela devolveu o olhar de modo frio.

– Ela, não... Ele!

A informação me pareceu absurda.

– Do que você está falando?

Ela continuava com o olhar fixo em mim.

– Na hora certa, você saberá. No momento, é necessário nos concentrarmos nos preparativos para a viagem. Bem, esta é a situação. Qual a sua resposta?

Confesso que fiquei atordoado. Por um lado, não queria saber de me meter de novo com nenhuma sociedade secreta. Por outro, um passeio por três das mais belas cidades europeias era mesmo tentador. Fiquei pelo menos uns cinco minutos pensando antes de devolver o olhar para Ângela, que esperava pacientemente.

– Teremos alguma segurança?

Ela pareceu divertir-se com a pergunta.

– E por que você acha que estou nessa?

– Pensei que tivesse se interessado pela minha companhia... – falei, em tom maroto.

Ela sorriu novamente.

– Isso é óbvio. Mas vamos com calma e... quem sabe?

Não sei dizer se ela falava a sério naquele momento ou não; mesmo assim, fiquei animado. Ela se levantou e fechou a bolsa.

– Então, prepare seu material. Leve seu gravador, blocos de anotações, máquina fotográfica e seus melhores tênis.

– Tênis? Por quê?

– Teremos muito que caminhar. Vou cuidar das passagens. Embarcaremos no dia primeiro do mês que vem.

Despedimo-nos e comecei, mentalmente, a planejar o que fazer. Tinha, pelos meus cálculos, pouco mais de duas semanas para me preparar, e comecei a organizar as ideias. Dirigi-me para o restaurante em que sempre almoçava e sentei-me para comer. Deixei meus pensamentos irem longe com a possibilidade de ampliar o livro.

A cadeira da frente foi arrastada do lugar e uma mulher apareceu em seu assento.

– Então vamos começar o “processo” de novo, meu caro?

Tomei um susto e fitei, estupefato, Laura sentada à minha frente. Como ela tinha aparecido do nada era um mistério para mim.

– Sabia que não demoraria muito para partirmos para um segundo – e, talvez, definitivo – *round*.

Não respondi e continuei comendo.

– Acha mesmo que poderá achar os *grimoires* sem a ajuda de Gabriel?

“Droga”, pensei, “Como ela sabia de minha conversa com Ângela?”

– Isso está um pouco além de sua área de *expertise*...

Esmurrei a mesa, e os pratos e talheres fizeram barulho.

– Olhe bem o que vou te falar, sua idiota. Você pode fazer bonito entre os paspalhos que te acompanham cegamente, e pode, até mesmo, ter conseguido seduzir Gabriel, mas não pense que pode vir até aqui me intimidar. Se eu der parte de você na polícia...

– Não vai acontecer nada – disse Laura, calmamente, comendo um pedaço de pão – Nós também temos como resolver os problemas por lá. Aprendemos esta arte nos arquivos que retiramos da rede Illuminati de computadores.

Fiquei sem ter o que dizer. Odiei estar em desvantagem.

– Só vim até aqui para te dizer uma coisa. Lembre-se de que seu livro só saiu por minha causa. Se insistir em ir atrás de nós, ou mesmo em tornar-se nosso concorrente na Europa,

posso fazer de tudo para dificultar seu caminho.

– Se foi só por isso que veio, perdeu seu tempo. Não só os acharei como terei o prazer de utilizá-los para desmascarar seu cultozinho de terceira.

Quase acreditei em meu blefe. E vi que Laura ficou bem irritada.

– Se é assim que deseja, meu caro, *alea jacta est!*⁵ E que vença o melhor.

Levantou-se e sumiu tão rapidamente quanto apareceu. Parei de comer e senti o estômago embrulhado. “Onde estou me metendo?”, pensei. “Sou responsável pela corrupção de uma pessoa e posso ser, também, responsável pelo meu próprio fim”. Não sabia o que fazer: avisar a polícia estava fora de questão. Precisaria tomar algumas providências...

Estava ainda pensando no que fazer quando me levantei da mesa e dirigi-me de volta ao prédio da agência. Olhava para a frente, imerso em meus pensamentos, quando um grupo de cinco pessoas parado na frente do prédio fitou os últimos andares e gritou horrorizado. Levantei a cabeça em tempo de ver um corpo saltar do décimo andar para a morte e se espatifar no asfalto. Ouvi gritos, e pessoas começaram a correr. Aproximei-me para ver quem tinha cometido suicídio em frente àquela gente toda.

Fiquei paralisado pelo medo. Era Lígia, a recepcionista de nossa agência, a mesma que havia anunciado a chegada de Ângela. Ela estava de costas e com os braços abertos, como se estivesse querendo levantá-los. Não usava mais a própria blusa. No lugar, vestia uma camiseta marrom, estampada com o olho de Hórus. “Que óbvio”, pensei. Estava claro que era um recado do Processo para mim. Mas jamais pensaria que justamente nossa recepcionista era um membro deles.

A polícia veio e fez os interrogatórios de sempre. Foi um resto de dia tenso e, quando acabou, parei numa lanchonete próxima para tomar um suco e pensar no que havia acontecido. Senti o perfume de Ângela atrás de mim e nem me dei ao trabalho de voltar o olhar.

– Sinto muito – disse ela, acomodando-se na cadeira à minha frente.

– Sente? – respondi, sentindo-me desolado – Pelo quê?

– Não imaginava que eles já estivessem infiltrados em seu trabalho.

Dei de ombros enquanto acabava o suco.

– Percebe agora por que precisamos de você? – falou, sublinhando as palavras.

Aquilo era demais para mim.

– Ângela, deixarei algo bem claro. Não sou especial e não acho que meu livro fará alguma diferença. Se o que aconteceu tem ou não o dedo de Gabriel e de sua comparsa, não cabe a mim dizer, mas sim à polícia.

– Eu sei, mas só há uma maneira de deter esses dois e o Processo: minimizando sua atuação. Sem os *grimoires*, o conhecimento acumulado será inútil.

– Você tem ideia do quanto isso parece um game de computador, ou mesmo um RPG?

– É claro que sim. Tenho completa noção disso. Por isso, queremos agir na surdina.

Achei a palavra engraçada.

– Que é o que vocês sabem fazer melhor.

– Já parou para pensar em quantas mortes poderá haver até isso acabar por completo?

Lembre-se do que Ana, da Sociedade Teosófica, disse quando encontrei Gabriel pela última vez em seu escritório: “Ter conhecimento não é o mesmo que estar preparado. Cada pessoa que opta por trilhar um caminho místico deve estar preparada para absorver o conhecimento e saber como usá-lo. Senão, o principal, que é o desenvolvimento espiritual do ser humano

envolvido, não acontecerá”.

Fechei os olhos e respirei fundo.

– Quando tudo isso finalmente acabar, vocês vão me deixar em paz, entenderam?

– Você tem a nossa palavra de que conseguirá o que quer.

Olhei sério para ela. Era definitivamente adorável. E sedutora.

– Bem Vittoria Vetra⁶, vamos começar nossos planejamentos.

PASCAL, Blaise. 1623–1662, filósofo e matemático francês. [N.E.]

BROWN, Dan. *Anjos e Demônios*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. [N.E.]

Sandman: série de livros em quadrinhos do autor Neil Gaiman. Seus vários episódios foram publicados no Brasil pela Conrad Editora e pelo selo DC Comics, da Editora Manole. [N.E.]

Referência ao pastor norte-americano Jim Jones, fundador da seita Templo do Povo. Em 1978, 913 seguidores da seita (entre os quais 275 crianças e 12 bebês) cometeram suicídio coletivo em uma aldeia da Guiana, sob orientações do pastor. [N.E.]

N.E. *Alea jacta est*: do latim, “A sorte está lançada”.

Personagem de *Anjos e Demônios*, de Dan Brown, que acompanha Robert Langdon por Roma, na tentativa de decifrar os enigmas dos Illuminati. [N.E.]

CAPÍTULO 10

REVELAÇÕES DO PASSADO

Quando se é demasiado curioso de coisas praticadas nos séculos passados, é comum ficar-se ignorante das que se praticam no presente.¹

O dia do embarque chegou rapidamente. Eram oito da noite quando Ângela e eu chegamos ao aeroporto de Cumbica, em Guarulhos. Cada um de nós levava três malas, mais a bagagem de mão. Paramos para checar o voo 457 da *Air France*, que nos levaria a Paris, de onde pegaríamos um voo menor rumo a Londres, a primeira de nossas três etapas.

Enquanto fazíamos o *check-in* no balcão da empresa, Ângela não tirava os olhos das pessoas que estavam na fila ou embarcando. Depois que nossas malas maiores sumiram na esteira, ela fitou demoradamente um casal que estava alguns passos atrás de nós. Senti que os examinava de uma maneira muito peculiar, que reconheci das minhas experiências com os Illuminati. O que pareceu surtir algum efeito, pois o casal desviou o caminho e foi para o outro lado.

– O que foi aquilo? – perguntei.

– Estava apenas checando. Eles pareciam conhecidos.

Parei de andar.

– Peraí! Quer dizer que você conhece essas pessoas?

– Quando já fizeram parte da Sociedade que você frequenta, sim.

– Está insinuando que há evasão nos Illuminati?

– Ninguém é obrigado a permanecer indefinidamente em qualquer das Sociedades existentes. Quando a pessoa para de contribuir, verificamos o motivo. Se for algo de cunho pessoal, simplesmente deixamos para lá. O que não sabíamos é que a maioria iria se voltar para o Processo.

Passamos sem problemas pelo detector de metais e paramos na *free shop*. Ângela ficava atenta o tempo todo para ver se reconhecia mais alguém. Todos, para ela, eram suspeitos.

– Fique calma – sussurrei aos seus ouvidos – Você parece meio paranoica.

– Eles se infiltraram na empresa em que trabalha, já esqueceu?

– E o que você espera, que se infiltrem no avião?

Nem bem disse isso e escutei um grito vindo da sala de espera à nossa frente. Corremos pelo corredor a tempo de ver uma senhora que apontava um homem caído no meio das cadeiras de espera. Ele parecia morto. Ângela virou-se para trás e seguiu seu olhar. Num ponto distante da sala, havia uma pequena cápsula de plástico amarelo no chão. Parecia mordida.

– Cianureto – murmurou – Só temos que confirmar a associação dele com o Processo.

Não foi preciso muito. A segurança do aeroporto logo apareceu e retirou o corpo e os pertences. Em uma sacola de plástico entreaberta pudemos ver, entre seus pertences, a mesma camiseta marrom com o olho de Hórus estampado, que já estava me acostumando a associar com o culto.

– Eles querem nos avisar de qualquer jeito que estão nos observando. Pelo visto possuem muitos membros na brigada suicida. E ainda mudaram o símbolo para uma paródia malfeita do nosso “Olho Que Tudo Vê” – observou Ângela.

– Mas por que um símbolo egípcio?

– Porque a maioria das sociedades diz ter procedimentos que remontam ao Egito Antigo. Exprime tradição, algo que eles provavelmente nunca terão.

Eu tremia como vara verde. Tinha presenciado duas mortes e não gostava do rumo que as coisas estavam tomando. Sentei num dos bancos de plástico da sala de espera enquanto Ângela foi buscar um café.

– Tome – disse, quando voltou – Sei que é difícil para você que não está acostumado com isso.

Não gosto muito de café, mas aceitei. Enquanto isso, alguns policiais vieram falar conosco, para as perguntas de rotina. Ângela assumiu o comando da situação e deixei que ela resolvesse tudo. Estava tentando processar todas as informações na minha cabeça.

Cerca de meia hora mais tarde o voo foi anunciado. Eram nove e meia da noite. Passamos pela checagem da entrada e avançamos pelo corredor que levava até a porta do avião. Uma aeromoça nos recebeu sorridente, checkou as passagens e indicou nossos lugares. Tentei pensar no que fazer para ocupar as oito horas de voo até Paris. Ângela, já acomodada ao meu lado, virou-se e me encarou com seus olhos profundos:

– Bem, já que teremos tempo demais para matar, vamos nos conhecer melhor.

– Como assim?

– Queria saber mais sobre seu passado, como conheceu Gabriel, que tipo de amizade vocês tinham...

– Peraí, mocinha, se alguém aqui tem que fazer perguntas sou eu. Desde que você apareceu naquele sábado, 11 meses atrás, não sei nada a seu respeito. Nem mesmo sei se você está indo para me ajudar ou se tem algum plano secreto. Vamos começar por você: que tal seu nome completo?

Ângela me analisava com atenção. Respirou fundo e começou a falar.

– Meu nome é Ângela Sceinscald. Sou descendente de judeus vindos da Polônia e meus pais são comerciantes em Limeira, interior de São Paulo. Tenho 26 anos e sou formada em relações públicas e relações exteriores, com pós-graduação nas Universidades de Harvard e Yale. Foi em Yale que tive meu primeiro contato com a Maçonaria por meio das subdivisões que havia por lá. Tinha um tio que morava nos Estados Unidos e era maçom. Foi quem me indicou para a irmandade. Fez isso porque, na época, eu não conseguia trabalho e ele pensava que, ao me apresentar para as pessoas certas, influentes e com poder, as coisas sairiam mais facilmente.

– Você fala como se algo tivesse saído errado.

– E saiu. Já faz cinco anos, mas a verdade é que peguei uma época em que havia uma competição acirrada entre as sociedades. Meu tio não tinha dinheiro, mas era influente nesse meio. Adam, meu superior nos Illuminati, era seu amigo há anos. Juntos, começaram a se organizar para que a irmandade passasse a uma nova fase mundial, e queriam que comesse

no Brasil, seu país. Porém, o Processo não é a primeira pseudossociedade que se dedica a destruir a “concorrência”. Uma outra sociedade, que se autointitulava Agarthá, atacou alguns capítulos dos Illuminati em Phoenix, no Arizona, e matou muitos de nossos afiliados. Meu tio estava entre eles.

Fiquei ainda mais confuso.

– Li recentemente um livro chamado *Conspirações*², de Edson Aran. Ao que me lembro, Agarthá era uma alegada nação subterrânea de um povo conhecido como Arianni, cujas origens remontavam a refugiados da terra afundada mil anos atrás, conhecida como Lemúria. Eles são uma sociedade secreta?

Ângela riu de meu comentário.

– Você ficaria surpreso se soubesse a quantidade de sociedades que já surgiram e desapareceram. As consagradas, como as que você entrevistou para o livro, são estabelecidas e reconhecidas. Um dia você ainda vai escrever algo como “as sociedades que nunca foram”. Meu tio falava que a grande vantagem das sociedades era fornecer ferramentas para o autoconhecimento. Tudo que saísse dessa fórmula deveria ser visto como seita e, portanto, um passo para o fanatismo.

“Faz sentido”, pensei.

– Bem, voltando à história. Por volta de 1998, foi isto que aconteceu. O Agarthá queria recrutar nossos filiados e começou uma guerra de provocações aos Illuminati, com direito a pixações e sites de gozação na Internet. O clima ficou tenso rapidamente. Eu tinha acabado de entrar para a Sociedade, e levava um trabalho paralelo em um escritório diplomático, ligado ao governo norte-americano. Em uma noite de setembro de 1999, um Illuminatus ia fazer uma palestra sobre Economia e a Nova Ordem Mundial, aberta ao público. Meu tio estava na organização e seria o primeiro passo para o lançamento de um livro e a nossa volta ao Brasil. Eram dez da noite quando a palestra terminou e meu tio incitou a plateia a um debate de ideias. Quando um garoto que aparentava uns vinte anos começou a contestar todas as opiniões do palestrante, vi que meu tio estava inquieto. Ele chamou a segurança e pediu para ficarem a postos. De repente, um grupo de dez rapazes se levantou da plateia. O rapaz que estava discutindo abriu o casaco e mostrou grande quantidade de dinamite ao redor do corpo.

– Kamikazes? Homens-bomba? Pensei que isso era típico do Oriente Médio...

– Negativo. Há fanatismo em todo lugar, ainda mais nos Estados Unidos. Bem, como dizia, meu tio fez um sinal e alguns seguranças caíram de um balcão que havia na parte de cima da plateia. Mas os agarthianos abriram fogo contra todos. Os coletes de kevlar que usavam seguraram boa parte do impacto, mas os idiotas usavam armas pesadas, como rifles, e as balas não demoraram a voar de encontro às nossas cabeças. Meu tio se atirou para me proteger e foi pego por três disparos de três armas diferentes. Morreu na hora.

– Nossa! Sinto muito!

– Adam fez questão de usar minhas habilidades em relações exteriores depois do ocorrido para mobilizar esforços e extinguir a Ordem Agarthá. Em 2003, já não havia mais nenhum sinal dela.

– E você foi responsável por isso?

– Não apenas eu; foi um esforço conjunto de todo o aparato dos Illuminati.

– Então é por isso que vocês mantêm extrema vigilância em cima de seitas potencialmente perigosas? Eis a razão do livro que você me deu antes e de conhecerem as intenções do

Processo...

Ângela recostou-se na poltrona e olhou pela janela à sua esquerda. O avião tomava lugar na pista para partir.

– Laura era do Agarthas antes de se juntar ao Processo...

Arregalei meus olhos.

– Então ela está nisso há muito tempo?

– Sim.

O volume das turbinas aumentou e o avião decolou sem maiores problemas.

– Isso é grave, Ângela. Você ainda busca mais vingança contra a morte de seu tio?

– Pior do que isso. Meu pai ficou tão abalado com a morte de seu irmão e a minha entrada na Ordem, que morreu pouco depois de minha volta ao Brasil. Minha mãe sabe que levo as duas mortes na consciência, de uma maneira ou de outra. Por mim, se puder fazer de tudo para erradicar o Processo, eu o farei. E sem pestanejar.

– E essa ação em conjunto das sociedades secretas para me ajudar nessa nova edição do livro...

– Ideia minha. Todos cobrem as despesas em troca de participarmos da empreitada de encontrar os *grimoires* e minimizar a ação do Processo.

– Uau! Você é bem persuasiva!

– Obrigada. Mas agora é hora de mudarmos de assunto. Quero saber mais sobre Gabriel. Tenho algumas informações que foram levantadas pelo serviço de investigação, ligado ao Priorado de São...

Franzi as sobranças.

– Eles têm isso?

– Não exatamente. Eles têm pessoas que fazem isso de maneira bem discreta. Simplesmente pedi que fizessem um levantamento sobre Gabriel. Dá só uma olhada.

Ela abriu uma maleta de couro que carregava como bagagem de mão e tirou de dentro uma pasta de papelão marrom. Dentro, havia várias cópias de documentos que falavam sobre a infância e a adolescência de Gabriel Medeiros.

– Pensei que ele fosse seu amigo há anos.

Olhei para Ângela com curiosidade.

– É o que parecia. Na verdade, conheci-o quando comecei a trabalhar na agência, há uns três anos. Fizemos amizade logo, por termos gostos parecidos. Ele sempre foi do tipo quieto e introvertido. Não falava mesmo com muita gente.

– Como começaram a conversar?

– Ele apareceu um dia no trabalho com um livro chamado *Formulário de Alta Magia*³...

– De P. V. Piobb. A obra é bem conhecida. Não suspeitou de nada na época?

– Ele notou que eu fiquei curioso pelo livro, ficou sem-graça e escondeu o volume na mochila que sempre leva. Falei que também gostava do assunto e que estava escrevendo um artigo para uma revista eletrônica sobre o Conde Cagliostro. Na hora ele emendou o assunto com a personagem de mesmo nome das histórias em quadrinhos do *Spawn*⁴, o que nos fez discutir as influências do sobrenatural naquele meio por, pelo menos, uma semana.

– Conheceu a família dele?

– Sim, é bem simples. Sua mãe é quase uma beata católica. O pai é devoto ardente de Nossa Senhora de Fátima e esteve em seu santuário, em Portugal, pelo menos umas três vezes.

– Junte-se a isso o fato de ele ser filho único e temos aqui um ambiente fanático por natureza.

Suspirei desconsolado. “Como não pensei nisso antes?”

– Gabriel nunca demonstrou nenhum tipo de complexo de superioridade?

Estranhei a pergunta.

– Não que eu saiba. Por quê?

– Dá uma olhada na pasta.

Um artigo de jornal falava de grupos neonazistas em atividade em São Paulo durante 1982. Um deles, chamado Odessa, era inspirado em uma operação secreta nazista com o objetivo de manter viva a memória do Terceiro Reich, de Adolf Hitler. Li em voz alta:

O Odessa, como seu similar de 1943, tem três objetivos, a saber:

- 1. Salvar o vasto esquema de espionagem montado pela Alemanha nazista na Europa.*
- 2. Salvar líderes nazistas proeminentes, providenciando documentos falsos, rotas de fuga e asilo político em vários países da América Latina.*
- 3. Salvar o dinheiro do Reich, investindo em empresas legais em várias partes do mundo.*

– Está vendo esta foto, obtida secretamente pela reportagem? – perguntou, apontando para a foto de um grupo. Eram cerca de 15 pessoas, todas com um uniforme que lembrava o dos nazistas da Segunda Guerra. Um homem estava destacado com caneta, aparentava 45 anos e, pela pose, era o chefe dos demais.

– Sim, e daí?

– É Marcos, primo mais velho de Gabriel.

– Ele tem parentes neonazistas?

– Mais ou menos. Ao que parece, o irmão do pai dele, chamado Alexandre, era ligado a atividades dessa natureza na Alemanha Ocidental durante os anos de 1960 e 70. A esposa dele faleceu mais ou menos nessa época, vítima de maus tratos. Alexandre criou Marcos dentro do espírito do Odessa. Quando foi obrigado a sair de lá para vir ao Brasil transferir as atividades do grupo, Marcos já fazia parte do esquema.

– Mas... o que os pais de Gabriel achavam disso?

– Aparentemente, o pai dele havia rompido relações com o irmão desde que foi provado o seu envolvimento com o Odessa. Ele renegou o irmão por muito tempo, até sua morte, em 1995, por causas naturais. Alexandre, entretanto, queria se reaproximar do irmão e decidiu usar o sobrinho, Gabriel, para isso. Fez que Marcos e Gabriel ficassem muito amigos e logo Gabriel estava envolvido no espírito do Odessa.

“Incrível”, pensei, “Gabriel influenciado por um grupo neonazista!”

– Faz sentido – afirmei – Muitas vezes vi discussões dele com o pai.

– De que tipo?

– Ele dizia que o pai era muito submisso, e que eles estavam muito “acima das outras pessoas” no que dizia respeito à cultura, porque tinham raízes europeias.

– Sim, sua família é de origem italiana, da parte sul da península. Vieram para o Brasil no final do século XIX.

A coisa começava a fazer sentido. Seria essa a motivação dele? Mostrar que o pai era um cordeiro e que ele vinha, desde então, buscando uma maneira de se tornar um lobo?

– O grupo acalmou suas atividades depois que alguns outros neonazistas se envolveram em episódios de espancamento de gays e negros, entre 2000 e 2002. Desde então não mais se ouviu falar deles.

– E o primo, o tal Marcos?

– Sabemos que voltou para a Alemanha e só Deus sabe com o que está envolvido... Mas parece estar longe das Sociedades Secretas e afins.

– Então não representa ameaça?

– Por enquanto, não.

– Então esse lado autoritário dele...

– Foi despertado por Laura. De acordo com o que conseguimos apurar, ela realmente teve um caso com Gabriel durante uma das convenções da Juventude Católica de que ele participou.

– Então ele não estava envolvido desde o começo com a Juventude...

– Estava. Mas não abandonava o contato com o Odessa. Acho que ele procurou, inconscientemente, a Juventude para fugir da influência do grupo.

Abri a pasta de novo. Havia uma foto de Gabriel com Laura, tirada em Roma, em 1990. Os dois pareciam muito felizes um com o outro. Laura estava mais bonita e não parecia aquela figura que tinha me ameaçado no restaurante dias atrás.

– Não entendo uma coisa – comecei – O que Laura estava fazendo na Juventude Católica?

– Provavelmente, sondando vários terrenos para saber onde conseguir aliados para seus objetivos.

– Ela é tão calculista assim?

– Temos indícios de que ela sabia do envolvimento de Gabriel com o Odessa e dos pensamentos dele e da família sobre a sua suposta superioridade.

– Meu Deus! Parece que estamos falando de Anakin Skywalker⁵ antes de se tornar Darth Vader.

– Algo do gênero. Ao que parece, o pai de Gabriel insistiu para que ele fizesse parte da Juventude, e ele teria aceitado na tentativa de se afastar da influência do tio e do primo. Mas o fato de ele sempre ter feito leituras místicas e esotéricas seria um indício de que ele queria algo mais desse envolvimento.

– Então, nas entrevistas, quando ele se voltou contra os representantes do Priorado de Sião e dos Templários...

– Foi uma questão mais de orgulho intelectual do que de posição pessoal. Temos registros de fóruns de que ele participou e que mostram sempre sua posição de defender seus pontos de vista. Ele era “osso duro de roer” na hora de discutir com outras pessoas.

Estava estupefato. Eu realmente não conhecia esse Gabriel.

– Mas é muito fácil pegar pontos de vista de outras pessoas, como desse grupo Odessa, e deturpá-los...

– Sim, a influência maior mostra-se em como fica a sua própria personalidade. Você mesmo disse que ele parecia estar descontente com o trabalho nos últimos dias. Acho que a coisa toda fermentou dentro dele durante anos, fazendo uma mistura explosiva: Odessa + tio + primo + pai, que ele considera um capacho, somados à insatisfação e ao desejo de ser diferente. Isso tudo resultou em ambição no ambiente correto. Um ambiente como o do Processo.

– E ele mexia com arte gráfica...

– Como forma de expressão. Tudo isso já foi analisado por psicólogos ligados aos Illuminati, como você pode ver neste relatório.

Ângela aproximou seu rosto do meu.

– Como vê, há pouco por que se culpar...

Beijamo-nos loucamente. Ela era cheia de energia e muito carinhosa. Imaginava se tinha como meta me seduzir ou algo assim. “Se for isso, estou feito”, pensei.

O resto do voo foi normal. Dormimos nas poltronas boa parte do tempo e fizemos nossas refeições sempre trocando ideias sobre o que faríamos quando chegássemos a Londres.

No aeroporto Charles de Gaulle foi fácil encontrar nosso voo de conexão. Cerca de 40 minutos depois estávamos num avião um pouco menor, da *British Airways*, a caminho de Heathrow. Ângela e eu passamos sem problemas pela alfândega, ela com credenciais de alto padrão cedidas pelos Illuminati, e eu com meu passaporte europeu, graças à minha dupla nacionalidade.

Eram dez horas da manhã quando entramos na estação do metrô londrino que passa embaixo do aeroporto, no terminal 3. De lá, encaminhamo-nos para um albergue na linha *Northern*, e descemos na estação *Golders Green*. O albergue era uma casa rústica, em estilo vitoriano, que ficava a apenas seis quadras da estação. Registramo-nos, comemos algo e fomos conhecer nossos colegas de quarto, no terceiro andar do enorme casarão. Três horas depois, e com um longo banho tomado, estávamos prontos para ir até a cidade e seguir nossa primeira pista. Eram três da tarde e fazia um sol frio quando chegamos à estação *Westminster* do metrô.

René Descartes, 1596–1650, filósofo francês. [N.E.]

ARAN, Edson. *Conspirações*. São Paulo: Geração Editorial. 2003. [N.E.]

PIOBB, P. V. *Formulário de Alta Magia*. São Paulo: Francisco Alves. 1985. [N.E.]

Série em quadrinhos, criada por Todd McFarlane e publicada no Brasil pela Editora Abril. [N.E.]

Anakin Skywalker: personagem de *Star Wars*, cuja história é contada em seis episódios.

Nestes, mostra-se a infância de Anakin e as transformações por que passou até migrar para “o lado negro da força” e se transformar em Darth Vader. [N.E.]

CAPÍTULO 11

CONHECENDO LONDRES

Pois aquilo que vaticinamos não é vago, porque somos irmãos da Rosa-Cruz: possuímos a palavra maçom e a segunda visão, somos capazes de prever com exatidão as coisas que acontecerão...¹

Soprava uma brisa agradável quando saímos da estação de metrô e caminhamos para o Parlamento inglês, localizado na *City of Westminster*. A torre onde desde 1858 fica o enorme sino conhecido como Big Ben erguia-se triunfante, próxima à *Westminster Bridge*, de onde tive minha primeira visão do rio Tâmisa. Muitas coisas passavam na minha cabeça naquele momento, e sentia meu sangue europeu fervendo de curiosidade para explorar não só aquele, como também os outros países do continente.

Porém, Ângela avançava rapidamente. Olhava sem parar para o relógio e parecia estar com uma pressa exagerada. O sol da tarde estava nítido e prenunciava o que seria o equivalente europeu para a nossa “hora do *rush*”: carros e mais carros convergiam para a *Parliament Square* e dificultavam sua travessia.

Ângela parecia preocupada em chegar o mais rápido possível à Abadia de Westminster. Eu me sentia cansado e confuso, pois a diferença de horário, embora não tão grande, era um item significativo. Mas ela logo conseguiu “furar” o trânsito em uma faixa de pedestres e atravessar rumo à abadia.

– Wilson já deve estar nos esperando – disse, quase correndo.

– Quem?

– Wilson Weinburgh, nosso contato aqui.

– Já estão nos esperando?

– É claro. Temos que saber onde será o encontro esotérico deste ano, e ele sabe de tudo o que acontece em se tratando de passeios noturnos.

– Mas... A regra do albergue diz que temos de voltar até as dez da noite, ou as portas se fecham e só reabrem às seis da manhã.

– Eu sei. Prepare-se para passar a noite na rua.

– Mas nem mesmo descansamos o suficiente!

Ela parou de andar e voltou-se para mim.

– Acredite-me, compensarei depois...

“Uau!” Senti-me até mais revigorado e quase a ultrapassei quando entramos nos jardins da abadia. Um novo grupo estava se formando para entrar e rapidamente nos juntamos a eles. Um guia que falava em inglês apareceu e começou a explicar como seria nosso passeio. Entramos

pelo lado norte, e a primeira coisa que me chamou a atenção foram os enormes túmulos de nobres que se espalhavam pela entrada, competindo entre si em tamanho e imponência. O chão estava coberto de lápides que marcavam o local de descanso de pessoas que não pertenciam a famílias tradicionais, mas eram tão importantes quanto. “Isso mais parece um cemitério do que uma abadia”, pensei. Prestei atenção ao que o guia dizia:

– A abadia guarda as relíquias de monarcas famosos como a rainha Elizabeth I e Mary da Escócia, entre outros. As grandes coroações britânicas acontecem aqui, dentro deste conjunto de túmulos e monumentos, cuja primeira igreja-abadia foi construída no século X, quando São Dunstan trouxe monges beneditinos para o local. A estrutura atual data do século XIII e tem um projeto de influência nitidamente francesa. Foi apenas devido a seu papel como cenário da coroação britânica que a abadia se salvou, quando, no reino de Henrique VIII, aconteceu uma ruptura com a Igreja Católica.

A apresentação prosseguia, e assim caminhamos com o grupo até a capela de São João Batista, que contém os túmulos dos soberanos dos séculos XIV a XIX. Ângela procurava freneticamente um sinal de seu contato enquanto eu me deliciava em respirar a história do lugar e ver um dos cenários mais comentados do livro *O Código Da Vinci*.

Ao passarmos pela capela de *Saint Faith*, com suas obras-de-arte que datam do século XIII, Ângela estacou no meio do caminho e começou a bater na testa com a parte inferior da palma da mão.

– O que foi? – falei, estranhando o gesto.

– Devia ter pensado melhor. Wilson é jornalista e poeta, por isso só há um canto daqui onde ele poderia estar nos esperando...

Saímos correndo em direção ao famoso *Poet's Corner*, o recanto dos poetas, onde numerosos monumentos aos nomes mais importantes da literatura britânica foram erguidos, como a placa que homenageia as irmãs Brontë e os monumentos a Charles Dickens e William Shakespeare.

Ela estava certa. Próximo ao monumento dedicado a Shakespeare estava um homem de jaqueta preta, camisa polo, calça azul-escura e sapatos escuros de camurça. Tinha os cabelos compridos até os ombros e usava pesados óculos. Parecia uma versão *heavy metal* de Benjamin Franklin. Observava atentamente o monumento e parecia absorto em seus próprios pensamentos.

– Perdão, mestre, somos dois peregrinos em busca de orientação e iluminação – disse Ângela em inglês, aproximando-se por trás, devagar, para não assustá-lo.

Sem se voltar, Wilson respondeu na mesma língua:

– Como todos nós, minha cara buscadora. Como todos nós.

Virou-se devagar e encarou Ângela. Ela cruzou as mãos na diagonal com ele e tocou seu pulso com o polegar. Era um sinal que os Illuminati usavam para identificar pessoas ligadas a eles em alguma missão particular.

– Como vai, minha querida? – disse Wilson, com o ar leve, parecendo um professor de jardim de infância.

– Muito bem, agora que te vi. Este é Sérgio, que vai nos ajudar este ano na busca pelos *grimoires*.

Ele me encarou e observou por alguns minutos.

– Sim, o rapaz que fez um livro sobre Sociedades Secretas no Brasil – estendeu a mão – Já

tive informações sobre você. Como vai?

– Bem, obrigado.

– Prefere que conversemos em sua língua materna?

– Não se incomode. Conheço bem o inglês.

Wilson pareceu satisfeito e voltou-se para Ângela.

– Precisaremos mesmo de toda ajuda possível. Temos uma pista sobre o possível paradeiro do *grimoire* inglês.

– Mesmo? – disse Ângela, com os olhos surpresos – Isso é raro. Onde ele estaria?

– Em algum lugar da Biblioteca do Museu Britânico. Aliás, vocês chegaram a Londres bem na hora, o encontro inicial para a caça será hoje, às oito horas.

O grupo de visitantes aproximava-se do ponto em que estávamos. Wilson parou de falar e ficou sério, olhando para os monumentos. Procuramos imitar seus gestos e esperamos até que o grupo se fosse. O que não adiantou muito, pois, cinco minutos depois, um segurança rondava o lugar.

– Eles aumentaram a segurança daqui depois da publicação de *O Código Da Vinci* – explicou – Temem que este seja agora o lugar de encontro de malucos envolvidos com Sociedades Secretas.

– Como nós? – disse Ângela, com um sorriso malicioso iluminando seu rosto.

– Mais ou menos como nós. Pelo menos, não queremos dominar o mundo nem temos síndrome de Pinky e Cérebro². Venham, é melhor sairmos daqui.

Seguimos a pé pela *Parliament Street* até chegarmos ao Cenotáfio, um monumento concluído em 1920 por Sir. Edward Lutyens para homenagear os mortos das Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Contemplamos por alguns minutos em silêncio até que Ângela falou:

– Por que saímos de lá?

– Desconfio de que fomos seguidos e que nos observavam por lá.

Senti o sangue gelar quando ouvi as palavras de Wilson.

– Quem? – perguntei.

– Ao que parece, seus amigos do Processo já chegaram aqui e logo estaremos nos encontrando.

“Ai, meu Deus!”, pensei desanimado.

Wilson não parecia abalado. Contemplava o Cenotáfio como quem vê uma obra de arte exposta em uma galeria.

– Vá com calma, meu caro – falou, sem tirar os olhos do monumento – Se toda vez que encontrasse um megalomaniaco pela frente eu ficasse desanimado, viveria assim.

– Precisamos de um lugar para sentar e conversar – explicou Ângela – tem um café aqui perto. Vamos para lá.

Olhei para o relógio, que marcava quatro da tarde. O sol estava fraco e o frio começava a se fazer presente. Deixamos o Cenotáfio e caminhamos mais dois quarteirões até o café indicado por Ângela. Sentamo-nos e fizemos nossos pedidos: café com bolinhos.

– É melhor eu falar resumidamente de mim – disse Wilson – já que serei seu guia até o fim dessa aventura. Sou poeta e jornalista, como você. Publiquei muitos livros sobre antropologia e história britânica. Sou mestre maçom e pertencço à Grande Loja de Londres há, pelo menos, 30 anos. Hoje, aos 49 de idade, posso dizer que já vi muita coisa estranha como jornalista,

mas nada como o que vi como maçom livre. Já escrevi três livros sobre a influência da Maçonaria na sociedade britânica, um deles, inclusive, muito elogiado pela própria rainha Elizabeth II. Como, hoje, maçons, templários e Illuminati estão próximos, sempre terminamos por ajudar-nos uns aos outros.

– E qual é o seu interesse nesta história? – perguntei.

– Como Ângela, tenho interesse em desmascarar pretensas sociedades. Já destruí duas delas, que chegaram a se envolver com certas personalidades da família Real, e mesmo de celebridades do mundo do rock. Adam é velho conhecido meu, estudou muito sobre Maçonaria comigo e só não se tornou mestre maçom de terceiro grau, como eu, porque não quis. Fico extremamente irritado quando ouço que surgiu esta ou aquela sociedade nova. O exemplo mais recente foi quando apareceu por aqui a tal Cientologia³, a doutrina do escritor de ficção científica L. Ron Hubbard.

– Não é a tal em que John Travolta entrou e que o ajudou a dar a volta por cima em sua carreira? – perguntei.

– Sim, essa mesmo. Esse maluco falou tão bem da doutrina que, logo que chegou por aqui, angariou milhares de seguidores. Não duvido que, se continuasse nesse ritmo, logo se transformaria em uma nova Maçonaria. No começo, parecia ser apenas mais uma comunidade com uma filosofia de vida comum. Até que o assunto caiu na minha mão, trazido por ordens superiores de minha Loja, e convenci o editor do jornal em que trabalho, o *Times*, que renderia uma boa pauta. Mas as primeiras entrevistas que consegui me deixaram com os cabelos em pé.

– Nossa! – exclamei, no mesmo instante em que os cafés chegaram – É tão ruim assim? Wilson me olhou profundamente nos olhos.

– No passado, eles estiveram envolvidos até o pescoço com acusações de intimidarem integrantes. Em 1996, a Alemanha, por meio de um tribunal, decidiu que a Cientologia não poderia nem mesmo se autodenominar uma instituição religiosa, como está definido na Constituição de lá. Em junho de 1997, autoridades federais de lá ordenaram que a organização, já a um passo de se tornar uma sociedade, tivesse suas atividades monitoradas.

– Hubbard escreveu alguns livros, entre os quais um, chamado, simplesmente, *Dianética*, que chegou a sair no Brasil – explicou Ângela – A meta principal deles é obter “saúde espiritual”, um processo elaborado pelo escritor. Eles prescrevem um longo caminho para a “perfeição”, em que os membros devem frequentar inúmeros cursos caros e cujos resultados podem “mudar a maneira de encarar seus próprios problemas”.

– Entrevistei quatro pessoas que fizeram parte da Cientologia. Todas foram unânimes em dizer que é extremamente difícil desligar-se, uma vez afiliado, pois os cientologistas desenvolveram um avançado sistema de *feedback* e vigilância. Especialistas que consultei dizem que, analisando os documentos da “igreja”, vê-se que eles se apresentam mais como uma associação que quer se infiltrar na economia e ganhar acesso ao poder para estabelecer um sistema totalitário.

– Como já acusaram os Illuminati disso – acrescentei.

– Nunca quisemos que a Nova Ordem Mundial fosse algo para dominar a mente das pessoas – interrompeu Ângela – e sei que, a hora que quiser sair de lá, o farei sem maiores problemas. Na Cientologia são usados três termos bem conhecidos, e que mostram o desejo de ter o controle desenfreado dos associados.

– Que são...? – perguntei.

– *Auditoria*: testar um membro a fim de descobrir suas fraquezas pessoais. Algo que mais se parece com lavagem cerebral.

– *E-metro*: um aparelho usado nas auditorias que detecta a resistência da pele e determina se a pessoa interrogada encontra-se em estado de excitação ou de calma – continuou Wilson.

– *OT*: o estado a ser desejado, em que a pessoa poderá influenciar matéria, energia, tempo e espaço – concluiu Ângela.

– Fiz a matéria e o *Times* deu grande destaque para ela em uma edição dominical. Isso já faz dois anos. Desde então, a Cientologia ainda está por perto, mas o frenesi das pessoas com relação à doutrina diminuiu consideravelmente, graças a Deus!

Wilson olhou para o relógio. Faltavam apenas cinco minutos para as cinco da tarde.

– Hora do chá. É melhor conseguirmos alguma coisa mais substancial para vocês. A noite promete ser longa e cansativa.

O tradicional *Earl Grey Tea* e sanduíches de pepino foram servidos, o que me deixou com uma sensação estranha no estômago. O tempo passou e nos empenhamos em mais algumas conversas irrelevantes. Por algum tempo, não se falou em sociedades, doutrinas ou estudos místicos. Quando o relógio anunciou seis horas da tarde, Wilson perguntou:

– Gostariam de fazer um pouco de turismo enquanto não chega a hora de nos apresentarmos?

Achei curioso o termo que ele usara.

– Onde deveremos nos apresentar? – perguntei.

– Na *Temple Church*, às oito horas. Podemos passear um pouco enquanto isso. Estou preparado para o desafio e minha esposa já foi avisada de que estarei viajando. Mas seria melhor para vocês relaxarem um pouco.

Olhei para Ângela, que parecia saber o que poderíamos ou não fazer. Ela deu de ombros.

– Isso é por sua conta. Se quiser... – respondeu.

– O que há para ser visto na região? – perguntei a Wilson.

– *Whitehall* e *Westminster* possuem vários pontos interessantes.

– Gostaria de visitar a Agulha de Cleópatra, se não se importam...

– Isso é em *Convent Garden*, próximo à estação *Embankment* do metrô. Não é longe. Podemos ir com o meu carro.

Dirigimo-nos ao carro e fui o caminho todo agradecendo a oportunidade aos céus. Estávamos indo para o obelisco original de Heliópolis, que está às margens do Tâmis, construído por volta de 1500 a.C. O monumento é rodeado por duas grandes esfinges, construído em granito róseo, e é mais antigo que a própria Londres. Foi dado de presente à Grã-Bretanha em 1819 pelo vice-rei do Egito, Mohammed Ali, e ali instalado em 1878. Possui um gêmeo, que se encontra no Central Park, em Nova York. As esfinges não são egípcias e foram acrescentadas em 1882. Em suas fundações, há uma cápsula vitoriana do tempo, que contém jornais, um horário de trem e fotografias de 12 das garotas mais bonitas da época.

Quando lá chegamos, parei rapidamente em uma loja para comprar uma dessas câmeras fotográficas descartáveis. O monumento é simplesmente impressionante e, mesmo sabendo o quanto é antigo, ainda sentimos sua imponência.

– Magnífico, não acha? – perguntou Wilson, com uma ponta de orgulho na voz.

– Sem dúvida – respondeu Ângela.

Não muito longe dali, do outro lado do rio, a *London Eye*, a Roda Gigante da *British Airways*, girava animada com os visitantes e turistas. Observava os arredores do nosso lado e notei uma figura que nos observava de longe. Forcei a vista e reconheci os traços sérios, a boca fechada e quase colada, os olhos franzidos. Deixara crescer um cavanhaque, mas as roupas em tons de cinza e um enorme sobretudo preto com uma boina francesa marrom não deixavam dúvidas. Olhei para Wilson, que continuava a fitar a Agulha.

– Sim, é seu amigo Gabriel – disse Wilson, sem nem mesmo olhar para onde eu olhava. Ângela se agitou quando ouviu a frase e olhou para a mesma direção que eu. Gabriel aproximou-se aos poucos, como se quisesse sentir se nos oporíamos à sua presença.

– Não façam nada até eu mandar – disse Wilson. Afastou-se e sentou-se à beira da plataforma em que a Agulha e as esfinges estavam para prestar atenção à conversa. Ângela permanecia ao meu lado, como um cão de caça prestes a pular em cima de um animal.

Gabriel aproximou-se mais e colocou-se ao meu lado. Contemplou o monumento e disse, em inglês, para que Wilson também entendesse:

– Olá. Como vão?

– Bem, obrigado – falei.

– Fim de tarde agradável. Já a noite promete ser fria.

– Não tem importância. Nada como um exercício para te aquecer.

Gabriel olhou-me nos olhos com atenção.

– Eu realmente não sei o que você pensa que está fazendo aqui. Onde está a tua motivação? Por que te interessam os *grimoires*? Qual foi a desculpa que inventaram para trazê-lo aqui? Apelaram novamente para a sua vaidade intelectual, com promessas de sucesso para seu livro? Ou convenceram-no a vir aqui me fazer desistir de conseguir esse conhecimento?

Balancei a cabeça. Começava a ficar irritado.

– Isso é mais do que você pode aguentar... – comecei, bem devagar.

– Mesmo? E você acha que pode me fazer desistir?

– Não, mas posso tentar te incutir um pouco de bom senso.

– Você não entende que estou numa jornada de autoconhecimento...

– Não me venha com essa! Você não era assim até sua amiga Laura entrar em cena!

– Sim, e agradeço a você por isso. Se não tivesse visto o anúncio para o trabalho do livro nada disto estaria acontecendo.

“Droga”, pensei, “ele confirmou minha culpa!”

– Eu só não quero amanhecer com a sua morte pesando na minha consciência, seu idiota! – falei, já alterado.

– Isso não acontecerá nunca. Mas não posso garantir a sua segurança ou a de seus amigos.

Wilson prestava bastante atenção. Até aquele momento, só nos olhava, com os braços cruzados.

– Você ainda quer mesmo seguir esse caminho? – falei, sem acreditar na reação dele.

– Por que não?

– Gabriel, esqueça o passado. O Odessa era um grupo com ideias absurdas.

Ele pareceu surpreso por eu conhecer essa parte de seu passado.

– Quem te disse...

– Acha que não fomos te investigar? – perguntou Ângela, falando pela primeira vez.

Ele olhou para ela com olhos penetrantes.

– Ah, sim, o capacho dos Illuminati...

Ângela encarou-o com raiva.

– Não sou capacho de ninguém...

Fiz um gesto para que se mantivesse calma. Gabriel percebeu e logo atacou:

– Então é assim: você está mesmo preparado para um confronto?

– Do que você está falando, infeliz?

– Da lei da dualidade. Laura e eu contra Ângela e você. Somos dois casais antagonistas.

Wilson levantou-se e encarou Gabriel.

– Prefiro que você nos encare como uma tríade. Estarei com eles o tempo todo.

Gabriel espantou-se.

– Um mestre maçom ajudando uma Illuminatus e um neófito? – gargalhou e limpou os olhos

– Vocês são realmente estranhos, e essa combinação pode mesmo ir longe. Mas, por mim, está bem. Que vença o melhor!

Um barulho de revólveres sendo armados soou nos arbustos atrás de nós. Só aí notei que havia uma entrada para um pequeno jardim ao lado da estação de metrô, de onde emergiam três homens de terno marrom com armas nas mãos. Gabriel pareceu genuinamente desconcertado.

– É melhor eu ir. Laura contratou-os como meus guarda-costas. Vou antes que façam alguma bobagem.

Virou-se e saiu andando com os três homens de marrom, caminhando em direção à *Waterloo Bridge*.

– Ele não vai para a *Temple Church*? – sussurrou-me Ângela.

Não sabia dizer. Era uma cena surreal, e parecia resto de algum filme desconhecido. Wilson observou o grupo afastar-se por algum tempo com expressão pensativa, agarrou seu celular e digitou um número. Falou por alguns minutos e desligou.

– Avisei alguns irmãos maçons que estão nos seguindo para irem atrás dele. Não gostei dessas armas. A coisa está assumindo tons sombrios.

– O que você acha? – perguntou Ângela.

– Não sei. Ele parecia estar representando para esses homens, algo esquisito. Seria possível que ele estivesse numa situação de...

Não entendia o que Wilson queria dizer. Situação de quê?

– Vamos aguardar e ver o que nos relatam – concluiu – Preocupar-se com isso não vai ajudar em nada agora. São sete horas. É melhor irmos andando.

– Antes quero perguntar algo...

Os dois olharam para mim intrigados.

– O que há nesses *grimoires*?

Wilson olhou para Ângela, que pareceu sem-graça.

– Você não contou?

– Achei melhor não. É tão relativo...

– Mas o que é relativo? – perguntei.

Wilson me encarou.

– Nós estamos à caça de três diários que guardam o suposto conhecimento alquímico de três homens ligados ao misticismo: Aleister Crowley, William Blake e Guiseppe Balsamo,

conhecido como Conde Cagliostro.

Cantiga infantil de 1638, que marca o primeiro testemunho da presença dos maçons na Inglaterra. [N.E.]

Protagonistas do desenho animado de mesmo nome que tinham por ambição “dominar o mundo”. [N.E.]

N.E. Pseudociência criada pelo norte-americano L. Ron Hubbard que prega o uso de técnicas psicoterapêuticas para despertar a consciência de que todos somos imortais e temos poderes semelhantes aos dos deuses gregos. Os adeptos são obrigados a pagar por cursos e palestras e Hubbard criou a seita como uma religião para ter isenção de impostos.

CAPÍTULO 12

COMEÇA A CAÇA

A sabedoria da Segunda Ordem me foi passada quase que inteiramente graças a eles (os chefes secretos), através de diferentes sistemas: mediante projeções astrais de sua parte ou de minha parte; mediante clarividência; com a mesa, o anel e o disco; e às vezes através da Voz Direta audível por meus ouvidos exteriores ou daqueles de Vestígia (Vestígia Nulla Retrosum, seu nome mágico).¹

Isso é simplesmente impossível!!!

Wilson dirigia seu carro inglês, com o assento do motorista no lado direito, pelas ruas de Londres em direção à região da cidade conhecida como *Inns of Court*, o tradicional centro repleto de empresas de advocacia e jornalismo da cidade. Eu estava tão abalado pela revelação da origem dos *grimoires* que não conseguia raciocinar sobre nenhum assunto. Nem mesmo sabia onde estávamos.

Ângela estava sentada ao lado de Wilson, no banco da frente. Olhava para trás, onde eu estava, com cara de quem diz: “Eu sabia...”

– Aleister Crowley! William Blake! Cagliostro! Nunca tinha escutado falar do envolvimento de Blake com Sociedades Secretas ou Alquimia.

– Escrevi uma vez um artigo sobre isso – disse Wilson – Poucos sabem, na verdade. O responsável por transmitir a informação e atrair o público ao assunto foi o escritor Thomas Harris.

– O autor de *O Silêncio dos Inocentes*, *Hannibal* e *Dragão Vermelho*²?

– Este mesmo. Suas referências ao trabalho de Blake em *Dragão Vermelho* despertaram o interesse de muitos esotéricos, que descobriram as ligações do artista com algo de sobrenatural.

– E ele mexia com fórmulas alquímicas? Um pintor e escritor?

– Por que parece tão difícil acreditar? – perguntou Ângela.

– Porque é fantástico demais! É quase absurdo, para dizer a verdade! Mais ainda é o fato de vocês procurarem um diário de Cagliostro, que, até onde eu sei, era um charlatão de primeira grandeza!

– Para certas coisas, sim. Para outras, ele possuía um conhecimento estranho, que pode muito bem ser resquício de algo que conheceu no passado obscuro – explicou Wilson – Lembre-se de que diziam que ele era filho de um judeu português que tinha feito fortuna no Brasil. Mas ele só será motivo de preocupação na terceira e última parte desta jornada.

– Por ora, vamos nos concentrar em Aleister Crowley – disse Ângela – Para ele, seus

conhecimentos serão úteis.

Franzi a sobancelha. Estava esparramado no banco de trás, cujo conforto era total, mas meu corpo estava tenso com as revelações. Na verdade, sentia-me com um enorme peso nas costas.

– Desde quando eu tenho algum conhecimento sobre Crowley? – atirei a pergunta para Ângela, que riu.

– Não de Crowley, mas de um de seus maiores fãs.

Olhei para Wilson.

– Ela fala de...

– Jimmy Page – concordou ele.

– Mas, Ângela, um jornalista britânico como Wilson saberia muito mais do que eu...

– Mais ou menos – admitiu Wilson – Sou mais voltado à música clássica e ao jazz. O *classic rock* ainda é domínio dos fãs e de especialistas.

Ainda não conseguia entender como uma coisa levaria à outra. Como já expliquei, Jimmy Page, o guitarrista do Led Zeppelin, é fã confesso de Aleister Crowley, tendo adquirido muitos de seus itens pessoais, inclusive propriedades que pertenceram ao “Homem Mais Perverso do Mundo”, como Crowley se autodenominava. Muitos historiadores do rock analisam a influência do mago no trabalho de Page, no período que vai de músicas como “Dazed and Confused” (do álbum de estreia da banda) a “In My Time of Dying”, do álbum *Physical Graffiti*³, entre outras. Há uma biografia do grupo, chamada *Hammer of The Gods*⁴ (Martelo dos Deuses), trecho de “Immigrant Song”, do álbum *Led Zeppelin III*, em que o autor, que foi *roadie* do grupo, diz que, quando Robert Plant, o vocalista, perdeu um filho – vítima de uma doença misteriosa e não diagnosticada até hoje – na segunda metade da década de 1970, chegou a afirmar que isso tinha acontecido por causa do envolvimento de Page com a magia de Crowley.

Mas quem foi o mago? Nascido em 1875, Edward Alexander Crowley era filho de um cervejeiro de Warwickshire, que era membro dos irmãos Plymouth, cristãos cuja teologia Alexander odiava. Adotou outro nome e dedicou-se a deleites perversos e prazeres carnavais. Colecionou uma série de nomes e rótulos, entre eles “A Besta”, que teria sido dado por sua mãe, referindo-se à Grande Besta da Revelação, no livro *Apocalypse*, da Bíblia. Foi influenciado por diversas Sociedades Secretas, pertenceu a outras tantas e terminou por fundar uma. Dizia buscar a “mágika” escrita com *k*, o que diferencia a sua magia da conjuração comum. Tinha fascínio pela busca da energia sexual como ponto de aglutinação de seus “poderes”. Tanto é que fazia sexo com mulheres e homens indiscriminadamente. Page também era muito adepto do sexo, mas apenas com garotas, o que lhe era grandemente proporcionado por ser guitarrista de uma das maiores bandas de *heavy metal* do mundo...

Crowley morreu em 1947, vítima de problemas cardíacos e pulmonares. Seu quadro geral era de dar pena: arfava em uma pensão e era viciado em heroína, outro mal que também atingiu Page. Era conhecido por seus atos de extrema maldade: uma vez, para provar que um gato tinha mesmo nove vidas, pegou um deles e deu arsênico, clorofórmio, pendurou-o num bico de gás, esfaqueou-o, cortou a garganta do coitado, esmagou o crânio, queimou-o, afogou-o e atirou-o por uma janela.

A primeira Sociedade Secreta que recebeu Crowley chamava-se Ordem Hermética da Aurora Dourada, fundada em 1888, na Inglaterra. Essa sociedade atraiu milhares de

seguidores quando surgiu, incluindo o poeta irlandês William Yeats. Diz a lenda que, a fim de praticar sua magia, tão logo se viu na Aurora Dourada, Crowley foi até a Escócia, no malfadado lago Ness. Sua intenção, entretanto, não era visitar Nessie, mas sim invocar seu anjo da guarda. Para isso, alugou uma propriedade chamada Boleskine House, usou o nome de lorde Boleskine e fez o ritual que teria trazido uma legião de espíritos maus em vez de o seu anjo da guarda.

Todas essas informações rodavam na minha cabeça, e comecei a tagarelar sem parar. Nem percebi que havíamos chegado à *Temple Church*. Wilson estacionou o carro em segurança e voltou-se para trás.

– Quero dizer-lhe algumas coisas, meu jovem. Primeiro: acalme-se. As coisas aparecerão em seu devido lugar conforme avançarmos em nossos trabalhos. Vamos descobrir a vida de Crowley devagar e não de uma só vez. Segundo: pense apenas em organizar seus pensamentos. De outro modo, você não nos será útil.

– Sim, estaremos com você até o fim, pode ter certeza – declarou Ângela, de maneira (perdoem o trocadilho sem-graça) angelical.

Ambos tinham razão. Sentia-me cada vez mais atraído por Ângela, principalmente depois de conhecer sua história. E Wilson parecia-me o protótipo do mestre maçom, sempre calmo e conciso. Sabia que estava em boa companhia e que, se conseguisse me lembrar de tudo isso, teria muito material para a nova versão do livro.

– Ainda não consigo entender o porquê do interesse de vocês em conseguir esses livros.

Wilson desligou o motor o carro e virou-se de novo em minha direção.

– Por um motivo simples: não sabemos se são verídicos. Apenas um exame detalhado e feito por especialistas ligados a nós na Maçonaria poderá nos dizer.

– E se forem verídicos, mas contiverem farsas nas tais fórmulas?

Wilson deu de ombros.

– Que mal há nisso? Pelo menos, não estarão perdidos. Afinal, são tesouros históricos.

– Quer dizer que vocês querem imitar o Vaticano e recolher esses diários para guardar em seus “Arquivos Secretos”, aos quais ninguém teria acesso a não ser vocês?

Wilson pareceu achar a comparação divertida.

– Não é algo tão radical assim. Só queremos localizar os *grimoires* e analisá-los. Se forem autênticos e seu conteúdo tiver uma base, serão divulgados por nossa Loja. Caso contrário, se forem verídicos, mas possuírem conteúdo falso, ou mesmo se forem falsificações, ficarão resguardados da curiosidade alheia.

– E o Processo quer os livros para...

– Complementar o conhecimento deles. Como Ângela já deve ter te explicado, sabemos que, nesses volumes, há coisas como fórmulas de rejuvenescimento, transmutação de metais em ouro, até mesmo para transmigração da alma.

– E funcionam?

– É o que saberemos depois de os analisarmos. Esse conhecimento, caso seja verdadeiro, coloca o Processo em uma posição muito poderosa ante as demais Sociedades, até mesmo de domínio. É a mesma coisa que aconteceria se Crowley não tivesse sido expulso da Aurora Dourada.

Wilson se referia à expulsão de Crowley da primeira Sociedade de que havia participado, um fato muito comentado na época. Sabe-se que o mago convenceu o chefe dessa Sociedade,

Samuel Mathers, a iniciá-lo no grau mais alto. A Loja de Londres mostrou-se indignada com a ousadia de Crowley. Algum tempo depois, ele, agindo em nome de Mathers, tentou apossar-se da Loja Londrina. Foi quando a Aurora Dourada decidiu que não queria ter nada a ver com eles e tanto Crowley quanto Mathers foram expulsos em 1900. Mathers, apesar de seu conhecimento dos chamados Chefes Secretos – os quais só se comunicariam com ele –, não conseguiu impedir seu próprio destino.

Ângela olhou para um beco estreito entre duas casas comerciais, que levava até a *Temple Church*. Várias pessoas passavam por lá a caminho da igreja. Saímos do carro e estávamos parados na *Fleet Street*, bem na entrada do caminho.

– É informação demais para processarmos de uma só vez – disse Ângela – Vamos com calma. No momento, é melhor entrarmos na igreja e aguardar o começo oficial.

Saímos do carro e caminhamos pelo beco.

– Como isso funciona? Tem alguma cerimônia oficial ou algo assim? – sussurrei para Ângela.

Ela sorriu para mim. Devia achar minhas observações cômicas.

– Você vai ver...

Aproximamo-nos do edifício da *Temple Church*. O nome, como se pode deduzir, vem dos Templários, o que transforma esta igreja num lugar especial e misterioso. É curioso pensar que quem não conhece história passaria batido pela igreja em formato redondo e sem nenhuma estátua ou adereço externo que indique que lá é um lugar de veneração. Tanto é que foi utilizada como referência em *O Código Da Vinci*.

Wilson aproximou-se da porta principal de madeira e deu três toques longos e dois menores. Pouco tempo depois, a porta entreabriu e um homem com cara de sacristão perguntou:

– *Password?*

Ângela e Wilson me olharam como se eu soubesse qual era. Não fazia a mínima ideia.

– Page... – disse Ângela.

“De que diabos ela estava falando?”

De repente, um carro passou a toda velocidade pela *Fleet Street* com um som bem alto, que ecoou pela estreita passagem. Parecia que mais alguém se dirigia para o mesmo local que nós. Coincidentemente, reconheci a música que tocava como sendo do álbum *Walking Into Clarksdale*, de Jimmy Page e Robert Plant. O fato de ser uma canção com influências árabes destoava do cenário cristão, mas, mesmo assim, arrisquei o nome da canção:

– “Most High”?

– Não, o verso completo – pediu Wilson.

Pus a cabeça para lembrar a letra, e então caiu a ficha:

– *Who guards the truth, oh Lord Most High?*

O homem respondeu com o segundo verso, uma contrassenha:

– *A frightened dove in a starless sky.*

O homem fechou a porta e escutamos um barulho de correntes. Logo ela se abriu de novo e adentramos o edifício. O ar gelado do interior bateu em nossos rostos como um tapa. O homem fez um sinal e o acompanhamos até um salão com as famosas efígies descritas em *O Código Da Vinci*.

Havia, pelos menos, outros cinco grupos de três pessoas no enorme salão, que aguardavam

o início da caça. Estava achando tudo para lá de estranho. O homem deixou-nos junto com os outros, que conversavam em voz baixa, e se retirou. Ao nosso redor, estavam as efígies de cavaleiros no chão, cinco de cada lado. Lembrava-me do que havia lido no romance de Dan Brown. Assemelhavam-se mesmo a tampas de túmulos, mas, ao que parecia, não havia nada debaixo delas.

– Muito bem, foi um golpe de sorte – disse-me Wilson.

– Ainda bem que você sabia a letra – disse Ângela.

Ainda olhando para as efígies, disse:

– Eu não sabia.

– Como assim? – perguntou Ângela.

– Como é que eu ia saber a senha? Por que estão usando uma música dessas para tal fim?

Wilson sorria.

– Você é o *expert*. Sabe bem a história da canção.

Comecei a me lembrar do reencontro de Page e Plant para o programa *Unplugged*, da MTV americana, em 1995, que saiu com o nome de *No Quarter – Unledded*. Três anos depois, um álbum de estúdio, *Walking Into Clarksdale*, saíra e “Most High” era a única música ainda com influências árabes. A letra é mais uma apologia de Plant a Deus do que uma letra típica. Para muitos analistas do rock, seria uma maneira de Plant se desligar das influências “malignas” que Page recebera de Crowley durante a vida do Led Zeppelin. Faz sentido... Eu acho...

– E como se lembrou? – perguntou Ângela.

– Pelo carro que passou na rua com a música tocando em alto volume.

– Quem seria nosso misterioso colaborador? – perguntou Wilson, mais para si mesmo do que para nós.

De repente, Laura e Gabriel irromperam no salão, acompanhados de cinco homens vestidos de marrom. Olhei sério para Wilson, que observou a cena e estava com o mesmo olhar pensativo de quando viu Gabriel junto à Agulha de Cleópatra.

– Você acha... – comecei, olhando para Wilson. Ele fez um sinal para que eu não dissesse ou fizesse nada. Voltamos a examinar a estrutura e aguardar. O grupo do Processo ficou em um canto e nem mesmo nos falamos.

– Como é que isto funciona? – perguntei.

– Representantes de três Sociedades Secretas distribuirão cópias das pistas encontradas em antigos documentos. A partir daqui, temos 24 horas para encontrar o primeiro *grimoire* e trazê-lo de volta para cá. Ou então uma nova tentativa será feita no ano seguinte.

Sentia-me nervoso pela iminência de uma competição. Estar no meio de uma igreja antiga, com estátuas de mortos no chão, deixava-me ainda mais nervoso. O tempo parecia arrastar-se e meia hora depois ninguém mais havia chegado. Quando um relógio no interior da igreja soou oito e meia da noite, três homens com aventais brancos bordados com símbolos conhecidos, como o compasso e o esquadro dos maçons, surgiram com envelopes pardos.

– Irmãos, boa noite. Aqui estão as pistas para o começo da Caça neste ano. Lembramos a todos do dever de, encontrando o *grimoire*, trazê-lo para cá a fim de ser examinado por especialistas. Desejo a todos boa sorte e estaremos aqui mesmo, aguardando o grupo vencedor. Boa Caça e que Deus guie seus passos!

Um a um, os envelopes foram distribuídos. Ângela apanhou o nosso e fomos para um canto.

No interior, havia apenas um relato sobre o diário de Aleister Crowley, uma foto do mesmo em trajes árabes, que mais parecia uma foto de Rodolfo Valentino, e uma transcrição de um documento, obviamente uma carta, com algumas palavras destacadas:

*A party at Baker's
Let the Pipe show you the way*

Examinei o conteúdo por algum tempo. O relato falava que o diário fora visto, pela primeira vez, logo após a morte de Crowley, em 1947, quando alguns discípulos o tomaram para examinar seus segredos. Esses discípulos pertenciam à ordem fundada por Crowley, batizada de *Argentium Astrum*, ou AA (Estrela de Prata). O diário passou de mão em mão até que um dos discípulos, um tal de Victor Neuburg, recuperou-o e escondeu-o. Depois de sua morte, cuja data é desconhecida por não haver registros oficiais, começou-se a busca pelo livro. A única pista era o trecho acima, do qual a enigmática frase havia sido destacada.

Saímos da *Temple Church* para o ar frio do fim de tarde londrino. O sol só iria se pôr por volta de dez da noite, e tínhamos mais uma hora e meia, mais ou menos, para começar as buscas. Fomos para o carro de Wilson e logo desaparecemos de vista para evitar contato com Gabriel e sua corja.

Enquanto Wilson dirigia em sentido do *Regent's Park*, Ângela e eu examinávamos a frase.

- Há alguma mansão por aqui com o nome de uma família Baker? – perguntei.
- Não que eu conheça, e conheço boa parte dessas mansões – respondeu Wilson.
- Mas o que pode ser esse Baker's? Uma lanchonete? Um restaurante? Onde se usam pronomes possessivos por aqui? – perguntou Ângela.

Enquanto os dois discutiam, deixei a mente ir embora. De repente, vi-me pensando em tudo, menos no que deveria. Queria muito ver outros pontos de Londres, verificar suas belezas e sentia-me cheio dessa baboseira esotérica e preciosista. Olhei pela janela quando vi a entrada da estação *Regent's Park* do metrô. Queria muito conhecer aqueles lados e, sem pensar direito, perguntei:

– Alguém tem um mapa das linhas do metrô?

Ângela, que estava ao meu lado no banco de trás, abriu a bolsa e tirou um mapa dobrável. Abri-o e localizei a estação. Seguindo a linha, vi que a próxima estação em sentido *Harrow & Wealdstone* tinha o nome da rua onde Sherlock Holmes morava. Li muito a obra de sir Arthur Conan Doyle⁵ e gostava muito da maneira como ele tinha composto sua personagem, baseado em um professor observador que ele tinha... E Doyle era ligado ao esoterismo... Ou melhor, ao espiritismo...

Wilson estacionou o carro na entrada do *Regent's Park* e virou-se para nós. Ângela ainda examinava o conteúdo do envelope, mas eu estava longe. Lembrava-me de um rapaz que trabalha comigo na agência de publicidade, que esteve recentemente em Londres, e das fotos que ele mostrara. Uma delas era justamente dele numa saída da estação *Baker Street*, onde uma estátua de Sherlock Holmes, em tamanho natural, aguardava os visitantes do lado de fora. Estátua completa... com cachimbo e tudo...

– *The pipe*... – comecei – Não pode ser! É óbvio demais!

Os dois me olharam intrigados. Expliquei sobre as fotos da viagem, a estátua de Sherlock Holmes e sobre como o cachimbo dela poderia apontar para algum lado. Wilson analisou

minhas palavras com cuidado e decidiu arriscar. Ligou novamente o carro e lá fomos nós para *Marylebone Road*, próximo à estação. Estacionamos e saímos correndo em direção à estátua. Holmes estava lá, parado, com ar calmo e pensativo, o cachimbo na mão. Ângela apontou o caminho que ele indicava, que dava na *Baker Street*. Mas o que poderia haver lá?

– Nada... a não ser... – começou Wilson.

Ele notou nossos olhares de ansiedade.

– O Museu de Sherlock Holmes! Pensamos que o *Baker s* significasse *Baker's*, mas era mesmo *Baker S*, de *Street*! E *party* também significa grupo, o que pode ser interpretado como ponto de agrupamento!

O número 221b da famosa *Baker Street* nunca existiu de verdade. Mas, devido ao enorme sucesso das histórias de Holmes e Watson, foi construído um imóvel, situado entre os números 237 e 239. A casa foi reformada para lembrar, nos mínimos detalhes, o local de operação do maior detetive de todos os tempos. E batia com um fato: que maior homenagem para sir Arthur Conan Doyle do que um museu dedicado à sua obra mais famosa?

– A conexão com o assunto seria o fato de Doyle ser espírita – concluiu Ângela, pensativa. Olhou para nós – E então, vamos arriscar?

Concordamos, embora nenhum de nós tivesse a mínima ideia do que poderia encontrar no museu. Andamos em direção à casa, que já parecia fechada. Não sabíamos como poderíamos entrar quando um senhor aproximou-se com um casaco de Holmes. Viu-nos parados à porta e cumprimentou-nos.

– Boa noite, meus caros. Vieram para a reunião da Sociedade?

“O quê?”, pensei, “Holmes é objeto de adoração mística?” Só faltava essa: uma Sociedade Secreta Sherlock Holmes...

– Sim, claro, estamos curiosos para conhecer o debate literário desta noite sobre... – fez Wilson, tentando conquistar a atenção do homem.

– *O Vale do Medo* – respondeu ele.

Wilson estalou os dedos, satisfeito.

– Isso mesmo, *O Vale do Medo*.

Perguntei, então:

– Vocês fazem uma festa? – pensando na pista escrita.

– Regularmente, há anos, temos encontros informais, não festas como conhecemos. Só assim podemos juntar tanta gente para a discussão literária dos livros.

A Sociedade, então, era um grupo literário que discutia as histórias de Holmes. Ufa! Pelo menos, não havia nenhum “São Sherlock” por enquanto!

O homem bateu à porta do museu e outro abriu para nos recepcionar. Entramos e vimo-nos numa sala enorme onde funcionava uma lojinha de lembranças. Do lado da porta principal, havia um estreito corredor que levava ao andar de cima, que tinha reproduções da casa de Holmes, incluindo seu estúdio, e uma exposição permanente de bonecos de cera que representavam os momentos mais marcantes dos episódios.

Espalhamo-nos para procurar qualquer pista que confirmasse ser aquele o local correto. Entrei na lojinha e comecei a analisar os itens dispostos para compra, que iam de objetos como o boné de Holmes até canecas com a figura do detetive. Ângela e Wilson seguiram para o “estúdio de Holmes” e os quartos de cima.

Olhei meu relógio e eram nove e quinze da noite. Tínhamos mais quarenta e cinco minutos

de claridade. Seria bom se soubéssemos para onde ir. Logo os dois voltaram a encontrar-se comigo. Não havia nada em lugar algum.

Enquanto eles discutiam o que fazer, comecei a folhear com os dedos várias gravuras antigas das histórias de Holmes. Uma mulher surgiu atrás de mim:

– Temos as gravuras expostas numa parede nos fundos. Lá você pode vê-las mais facilmente e escolher a sua.

Agradei a atenção e fui até a parede. Realmente eram muitas, mais de 150 ao todo. Comecei a examiná-las até que minha atenção foi atraída para uma do século XIX, que mostrava os portões do paraíso e um santo parado do lado de fora, recebendo uma turba de pessoas no lado fechado de dois enormes portões de metal. Vi o título: *São Pedro nos Portões do Paraíso*. Autoria desconhecida.

A mulher reapareceu.

– Gostou dessa?

– Mais ou menos. De que história é?

– Na verdade, de nenhuma. Já estava aqui quando o Museu foi estabelecido. Parece que o dono antigo era ligado a alguma Sociedade Secreta ou algo assim...

Senti um arrepio correr minha espinha.

– Posso examiná-la?

– À vontade. Com licença...

Ela saiu para atender alguns clientes. Chamei Ângela e Wilson e contei o que havia descoberto.

– Tem certeza? – perguntou Wilson.

– É a única coisa que destoa por aqui. E já estava aqui antes.

Wilson retirou o quadro da parede e examinou seu fundo. Era colado com fita crepe. Discretamente, ele e eu começamos a rasgar a fita enquanto Ângela cuidava para que ninguém nos interrompesse. Quando o fundo saiu, vimos, na parte de trás da gravura, uma mensagem em caligrafia antiga:

OTO to the traitors.

– OTO!!! – exclamou Wilson – *Ordo Templi Orientis*, ou Ordem dos Templários do Oriente!

– Não é a Ordem para a qual Crowley foi depois de ser expulso da Aurora Dourada? – perguntei.

– Exatamente! Não pode ser coincidência! Mas o que quer dizer *para os traidores*?

Wilson pôs a gravura de volta em seu lugar e fez sinal para Ângela.

– Está claro que quem escondeu o *grimoire* era da OTO e deixou essa pista.

– Mas por que nesta gravura? – perguntou Ângela.

– *São Pedro nos Portões do Paraíso* – li o nome da gravura e, de repente, tudo ficara claro – Já sei! *Saint Peter At The Gates of Heaven/ Won't You Let Me In?* É um dos versos de “In My Time of Dying”, do Led Zeppelin.

– Pelo jeito, o protetor do nosso *grimoire* também gostava de rock... – disse Wilson.

– E quanto aos traidores? – perguntei.

Foi a vez de Wilson falar, exaltado:

– Mas é claro! *To the traitors!* A Torre de Londres! O *Traitor's Gate!*
Saiu correndo para a porta com Ângela e eu em seu encalço. Sem percebermos, dois “homens de marrom” também saíram de forma bem discreta...

Trecho da comunicação de Samuel Liddel Mathers para membros da Ordem Hermética da Aurora Dourada. [N.E.]

Dragão Vermelho (1986), *O Silêncio dos Inocentes* (1991) e *Hannibal* (2001), três dos quatro filmes (uma segunda versão de *Dragão Vermelho* foi feita 16 anos após a primeira) em que aparece o personagem Hannibal Lecter, sempre interpretado por Anthony Hopkins. Os filmes misturam psicopatia, homicídios e assassinatos em série, e o personagem Hannibal participa das investigações dos crimes cometidos. [N.E.]

Physical Graffiti, primeiro álbum duplo do Led Zeppelin, lançado em 1975. [N.E.]

DAVIS, Stephen. *Hammer of the Gods – The Led Zeppelin Saga* (em inglês, sem tradução para o português). Nova York: Berkley Publishing, 2001. [N.E.]

Sir Arthur Conan Doyle: autor de romances policiais cujo personagem central era Sherlock Holmes, detetive policial sempre chamado para desvendar mistérios e solucionar crimes. [N.E.]

CAPÍTULO 13

OS CORVOS

O dia em que os corvos da Torre de Londres forem embora, tanto o Reino da Inglaterra quanto a Torre de Londres perecerão.¹

A Torre de Londres fica na *City*, bem ao lado da também famosa *Tower Bridge*, a ponte móvel sobre o rio Tâmesa, que permite a passagem dos barcos. Wilson dirigia como um louco para ganhar tempo e conseguir chegar lá antes da Cerimônia das Chaves, quando os *Yeoman Wander* (ou *Beefeaters*, como são mais popularmente conhecidos), os militares uniformizados que guardam o lugar desde a época de Henrique VIII, trancavam os portões do lugar para só serem abertos no dia seguinte. A cerimônia acontece quando cai a noite, e é tão cobiçada pelos turistas quanto a Cerimônia de Troca da Guarda do Palácio de Buckingham.

Entrar lá seria um problema. Mesmo os turistas tinham que reservar com antecedência seus lugares para assistir a esta cerimônia, que não tinha nada de mais, apenas a típica pompa britânica para que todos vissem como funcionam suas tradições. E a Torre é conhecida até hoje como o lugar mais mal-assombrado de Londres. Fantasmas de famosos como Ana Bolena, Sir Thomas Becket, Lady Jane Grey, Sir Walter Raleigh e até mesmo os espíritos de um urso e de um tubo parecido com um frasco (sem brincadeira!) foram vistos por lá à noite.

Meu relógio marcava nove e cinquenta. Tínhamos dez minutos para chegar lá. O suor começava a brotar na minha testa e o estômago sentia os efeitos da fome e do cansaço. Nenhum dos três sabia bem o que iríamos encontrar por lá. A verdade é que nem sabíamos se estávamos na pista certa. “Mas tem que ser o escrito na gravura do Museu de Sherlock Holmes...”, pensava sem parar. Era meio orgulho intelectual, mas queria estar certo e “passar a perna” não só no Processo mas também nos *experts* das Sociedades Secretas que participavam da Caça. E, ao mesmo tempo, analisava os fatos: seja lá quem tivesse escondido o tal diário de Aleister Crowley, tinha feito um trabalho interessante, já que tivera a ousadia de esconder pistas em lugares tão públicos.

Dobramos uma rua e Ângela alertou:

– Estamos em *Tower Hill*. Lá está a Torre de Londres...

A *Tower Hill* era uma elevação próxima da Torre, para onde foram levadas várias vítimas para morrerem. Houve uma época em que as execuções não aconteciam dentro da fortificação, e era ali que as pessoas, literalmente, perdiam a cabeça. Isso deu margem a muitas histórias. Por exemplo, na Segunda Guerra Mundial, uma sentinela, que tomava conta da entrada principal da Torre, viu, durante sua vigília, à noite, um cortejo que se aproximava do portão. Dois homens vestidos à antiga aproximavam-se do portão segurando uma maca, sobre a qual

havia um corpo sem cabeça. Esta vinha ao lado do corpo, na altura da cintura, entre o braço direito e o tronco. Supôs-se que era uma visão da Idade Média, e que mostrava o corpo de um condenado morto na mesma *Tower Hill* por onde passávamos agora.

Wilson estacionou o carro próximo à entrada principal. Uma multidão já estava do lado de dentro, pronta para assistir à Cerimônia das Chaves. Atravessamos a ponte levadiça sobre um fosso seco, único acesso ao local. A escuridão natural começava a tomar conta do local e luzes já se encontravam acesas. Wilson parou próximo à Torre de São Tomás e pediu que o aguardássemos. Desapareceu na multidão e deixou-nos sozinhos.

– Brrrrr! – tremi.

– O que foi? – perguntou Ângela.

– Este lugar sempre me impressionou pela quantidade de história e morte que contém.

– Não conheço muito sobre a Torre...

– Este local é muito antigo, data da época de William, o Conquistador, que viveu no século XI, se não me engano. William, um francês, subjugou os saxões e encontrou os restos de uma fortificação romana intactos. Por conta da localização estratégica, ele decidiu erguer uma fortificação aqui. Foi um campo militar até 1078, quando o rei ergueu um edifício de pedra que serviria de palácio. É aquele no centro do complexo, chamado de Torre Branca. A arquitetura é totalmente normanda e pouco mudou nos 900 anos de sua existência. Outros reis expandiram as fortificações e acrescentaram novas torres. Tanto Henrique II quanto Eduardo I gastaram fortunas nessas reformas, mas apenas no século XVI não foi mais usada como residência. A Torre Branca abriga, hoje, as joias da Coroa e armas antigas, algumas que sobreviveram ao grande incêndio de Londres.

– Até aí só vejo o aspecto histórico.

– O problema é que, quando juntamos este aspecto com as mortes que aqui ocorreram, você vê por que esse é considerado o lugar mais assombrado de Londres... Talvez do mundo. A BBC relatou os esforços de caça-fantasmas para resolver algumas das aparições que aqui ocorrem.

– Ei! Quem sabe temos sorte e conseguimos algum autógrafo!!!

Olhei para ela com um sorriso azedo.

– Desculpe – riu ela – Não resisti...

Wilson voltou com um dos *Beefeaters*. O uniforme desses guardas parece o de um bufão da corte, com mangas largas e chapéus pequenos e redondos, em tons pretos e azuis, o que faz que pareçam mais foragidos de uma festa a fantasia do que militares.

– Boa noite! – disse Ângela, em inglês.

– Pessoal, este é um velho amigo, Braddock Warlington, Brad para nós. Ele é maçom e chefe dos *Beefeaters* aqui. Vai nos ajudar – explicou Wilson.

– Porém, teremos de esperar um pouco – disse Brad – A Cerimônia das Chaves está para começar. Vou levá-los ao meu escritório, onde poderão ficar. Quando tudo acabar, poderemos andar por aqui sem incômodos.

Engoli em seco. A perspectiva de andar na Torre de Londres à noite, sem ninguém por perto, aumentou minha convicção de que poderíamos dar de cara com um dos fantasmas do local. Mas resolvi ficar quieto.

Fomos para o escritório de Brad, próximo à *Queen's House*, a residência oficial do governador da Torre. Ele abriu uma pesada porta de madeira, e fiquei maravilhado com o ar

de antiguidade do local. Uma enorme sala com móveis de mogno maciço, tapeçarias antigas e pinturas medievais estava à nossa frente. Lembrei-me imediatamente da casa do mestre Mauro, em São Paulo. Parecia que os maçons compartilhavam mundialmente um gosto por decoração usando coisas antigas. Brad disse para ficarmos à vontade e que voltaria assim que a cerimônia tivesse acabado. Fechou a porta e ouvimos seus passos morrerem na escuridão.

Espiei pela janela e vi a Torre Branca ao fundo, iluminada pela Lua. Tinha um aspecto sombrio e imponente. Pensei em quantos episódios sombrios da história e quantas mortes aquela construção teria presenciado.

De repente, julguei distinguir formas que se moviam na esquina do edifício. Parecia ser um grupo de mais ou menos seis pessoas.

– Ei, há mais alguém nesta parte da Torre? – perguntei.

– São pessoas vestidas à moda antiga? – perguntou Wilson.

Senti um calafrio ao reparar que realmente pareciam pessoas vestidas como na Idade Média. Concordei.

– Deve ser o pessoal do teatro – explicou – São atores que passam o dia representando trechos da história do local para entreter os turistas.

Senti-me aliviado, mas ainda não convencido. Antes que pudesse me dar conta, dirigi-me para a porta do escritório.

– Vou até lá falar com eles.

– Falar? – perguntou Ângela – Mas por quê?

– Curiosidade. Quero saber como é trabalhar aqui.

– Ok, mas tome cuidado.

Abri a porta e olhei para fora. Não havia ninguém. “Para onde será que foram?”

– Tenho uma ideia sobre quem teria escondido o diário – escutei Wilson explicando lá dentro – Trata-se de Wallace Williams, um escocês bem influente por aqui. Williams era filho de um Illuminatus e tornou-se um deles na década de 1970. Acredito que tenha herdado o diário do pai, um industrial famoso que comprava e vendia antiguidades.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Ângela.

– Foi dado como desaparecido no Iraque. Williams era militar e sempre se oferecia para missões arriscadas.

Os dois estavam muito entretidos em compartilhar essas informações. Fechei a porta e avancei em direção à Torre Branca. Circudei o edifício, mas não encontrei nem sinal do grupo que vira antes. Em uma das entradas havia uma plataforma de madeira usada como plano inclinado para introduzir pesos e veículos no interior do prédio. Encostei-me e apreciei a vista. Que lugar!

– Com licença, o senhor está perdido?

Pulei assustado para o lado. Do nada, havia aparecido uma mulher em trajes medievais, como os da época de Henrique VIII. Usava um enorme vestido de veludo verde com faixas cinzas dos lados. Em sua cabeça havia uma espécie de touca, e uma faixa estava enrolada em seu peito. Falava um inglês estranho, que imaginei ser uma cópia do falado no século XVI. Estava parada e me encarava com ar triste.

– Ah... Não, estou esperando alguns amigos.

– Entendo. És um buscador...

O termo “buscador” (*seeker*) despertou minha atenção. Seria ela uma agente do Processo?

– Não sei do que falas, bela dama.

Ela sorriu da minha tentativa de sotaque e emendou:

– Percebo que buscais o livro.

“Gelei”. Quem era ela? Queria gritar para que Wilson e Ângela me escutassem, mas descobri que estava preso ao lugar. Não queria sair correndo nem fazer algum gesto brusco que a espantasse.

– Nos últimos anos, vários buscadores passaram por aqui. Todos eles fracassaram porque não eram bons de coração, puros como meninos. Como os meninos daqui... – e olhou em volta.

“De que diabos ela está falando?”, comecei a pensar.

– Digo-te apenas isto: busquem os meninos. Eles dirão como encerrar sua busca – e virou-se na direção da esquina do prédio. Os corvos da Torre, que ficam num viveiro próximo, começaram a gritar agitados.

– Ei, espere! – gritei – Por que está me dando a pista?

Os gritos dos corvos aumentaram. Virou-se e encarou-me uma última vez.

– Gosto de quem tem boas intenções... Adeus!

E dobrou o edifício. Imediatamente, saí correndo atrás dela.

– Ei, espere...

A única coisa que encontrei foi o vazio. Ela havia desaparecido, e uma névoa branca rodopiava o chão. Ainda espantado, saí correndo de volta para o escritório, abri a porta e fechei-a quase sem fôlego. Ainda ouvia os gritos dos corvos.

– Ei, o que foi? – perguntou Ângela.

Sentei-me numa cadeira estofada e fiquei pelos menos uns dez minutos sem conseguir falar nada. Tremia muito e senti as mãos geladas. Wilson buscou um copo com água e bebi sem parar. Quando consegui voltar a falar, expliquei meu insólito encontro com a dama e seu conhecimento de que buscávamos pistas para chegar a um livro. Wilson escutou sério e dirigiu-se para uma estante. Escolheu um volume de uma enciclopédia, abriu-o e mostrou-me uma antiga pintura.

– Era esta aqui a mulher que lhe falou? – perguntou, apontando para o retrato.

Quase caí da cadeira: lá estava ela! Olhei para ele sem entender. Wilson fechou o livro e riu alto.

– Meu caro, você atraiu a atenção de uma benfeitora daqui. Um dos fantasmas mais famosos do lugar.

Soltei um riso nervoso. Na verdade, estava à beira de um colapso.

– É melhor você não fazer pouco caso dela. Ela lhe deu uma dica: procurar os meninos. Mas que meninos?

– Que tal me dizer quem era ela? – perguntei.

O relógio bateu onze horas. A porta se abriu e Brad estava de volta. A revelação sobre a identidade do fantasma teria que ser dada mais tarde. Wilson fez sinal para que eu ficasse quieto e Ângela concordou.

– Bem, pessoal, eis o que podemos fazer: temos mais ou menos até a meia-noite para encontrar essa pista por aqui. Convenci meus superiores de que Wilson, por ser mestre maçom e jornalista de renome, merecia certos privilégios em nome da cultura. Mas uma hora foi tudo o que consegui. Por isso, temos de nos apressar. Qual foi a pista que vocês encontraram?

– Uma gravura no Museu Sherlock Holmes. Desconfio que era de Wallace Williams.
– O general escocês? Não me surpreende. Desde que desapareceu no Iraque, seu trabalho tornou-se item de colecionador. Um gravurista militar e Illuminatus é perfeito para agitar esta Caça.

– Sim, suspeitamos que ele seja o dono do diário e o tenha escondido e deixado as pistas.
– É provável. Sei que, em 1980, pouco antes de embarcar para o Oriente Médio, Williams esteve aqui. Doou um de seus trabalhos, que colocamos em uma das Torres. Mas qual foi a pista encontrada?

– Atrás de uma gravura dele, ou melhor, que achamos que seja dele, havia o escrito *OTO to the traitors*.

– O *Traitor's Gate*? Duvido. Como alguém pode esconder algo ali?

– O que é o *Traitor's Gate*? – perguntou Ângela.

O chefe dos *Beefeaters* logo explicou:

– Os prisioneiros que eram acusados de traição chegavam aqui por água e entravam por um portão em que apenas os traidores eram admitidos. Depois que aqui chegavam, eram encaminhados para uma das várias torres fortificadas.

– Mas então o *Traitor's Gate*... – começou ela.

– ... nada mais é do que um portão de madeira, que ainda está dentro da água. Não vejo como alguém poderia deixar uma pista por lá.

– Então ainda bem que trouxe isto comigo – Ângela abriu a bolsa e tirou uma minicâmera DV à prova d'água.

– Por que você está com isso? – perguntei.

– Por precaução. Não sabia para onde iríamos e achei que poderíamos precisar.

– O que você planeja? – perguntou Brad.

– Entrar na água e verificar a estrutura do portão, acima e abaixo da água. Com a ajuda da câmera, registro qualquer marca encontrada para analisarmos.

– Excelente! – disse Wilson – Vamos começar logo.

– Só não tenho roupas para mergulhar... – observou Ângela.

– Isso é fácil. Temos algumas peças aqui ao lado. Vou ver se descubro algo que você possa usar.

Brad saiu novamente do escritório. Olhei para Wilson e o intimei:

– Quem era a aparição?

Wilson riu.

– Quer mesmo saber?

Fiquei na dúvida. Mas a curiosidade era maior.

– Ana Bolena.

Senti as pernas fraquejarem.

– Isso é ridículo! Um fantasma falando assim como se fosse outro ser vivo?

– Se duvida do que você mesmo viu e experimentou, quem sou eu para julgar?

O pensamento de que havia falado com o fantasma de uma das esposas de Henrique VIII me atingiu como um soco no estômago. Ela foi a segunda das seis mulheres do rei, e caiu em desgraça apenas por não ter gerado um filho homem. Henrique, então, interessou-se por Jane Seymour, e Ana foi levada à Torre mediante acusações (falsas, de acordo com a maioria dos historiadores) de adultério e traição. Morreu na Tower Green, próxima a *Queen's House*, em

1536, executada a golpes de espada de um espadachim trazido da França a seu pedido (ela não queria ser mutilada por um machado, que nem sempre arrancava a cabeça no primeiro golpe). Seu corpo está na Capela de São Pedro dos Grilhões, próxima a *Tower Green*. Desde então, seu fantasma é visto por lá, com e sem a cabeça.

“Muita consideração dela aparecer com a cabeça”, pensei meio sarcástico.

Brad voltou com o que parecia ser um maiô e entregou-o à Ângela, que foi se trocar. O plano era simples: entrar na água, examinar o portão pela frente e atrás, acima e abaixo d’água, e filmar o que se via para encontrar alguma pista. Olhei para o relógio: eram onze e meia quando saímos do escritório (comigo olhando desconfiado para todos os lados possíveis) e fomos para o *Traitor’s Gate*. O sombrio portão projetava sua sombra, devido ao luar.

– Lembre-se, passe a câmera bem devagar. E saia logo dessa água, que não me inspira muita confiança – aconselhou Wilson.

Ângela concordou e terminou de se preparar. Havia um pequeno tanque de oxigênio em suas costas e ela o ajustou. Colocou uma máscara de mergulho e ligou a DV. Atirou-se na água e logo sumiu, tendo apenas o rastro das bolhas de ar para indicar onde estava.

Nós três esperávamos por ela havia cinco ou seis minutos quando um som distante de metal engatilhado fez-se ouvir. Olhei em direção à *Wakefield Tower* e vislumbrei dois homens de marrom se aproximando. Olhei para os dois e não sabia como reagir.

– A partir daqui, assumimos – disse Brad, olhando friamente para nós.

Abri a boca para falar, mas Wilson fez um gesto de calma.

– Há quanto tempo? – perguntou ele.

– Dois anos. Eles me convidaram e eu aceitei. Eu sou o Professor aqui em Londres. E, se não quiserem juntar-se aos espíritos daqui, é melhor renderem-se.

Os homens aproximaram-se com as pistolas prontas para atirar. Aparentemente, Brad havia sido informado por agentes do Processo que nos seguiram ao Museu Sherlock Holmes e sabiam que estávamos a caminho dali. Laura, mais uma vez, nos “passara a perna” e contactara o Processo inglês para que cuidassem de nós.

– Bem bolado – começou Wilson, de olho na água. Já fazia uns quinze minutos que Ângela estava por lá – E o que quer fazer conosco?

– Planejo deixá-los por aqui mesmo. Ainda há muitos lugares não descobertos aqui dentro.

Percebi que Wilson colocava vagarosamente a mão no bolso da calça. Agarrou algo e esperou.

– Para que lutar por algo que nem sabemos se é mesmo legítimo?

– Apenas pela sensação de poder, meu caro. E de tornar-se alguém especial.

– A velha história de sempre... – comentei.

– Vocês são mesmo espertos. Nosso pessoal não conseguiu chegar aqui tão rápido.

– Você sabia que havia algo aqui? – perguntou Wilson.

– Desconfiava. Como te disse lá no escritório, Williams esteve aqui e tinha controle dos objetos de seu pai. Sabia que não deixaria nada assim num cofre de banco.

– Bem, meu amigo, lamento pelo fim de nossa amizade.

O que aconteceu em seguida foi confuso como um filme fantástico. Wilson tirou um apito do bolso e assoprou. Imediatamente, uma nuvem negra ergueu-se sobre as muradas externas e avançou até onde estávamos. No começo não vi, mas depois percebi que milhares de corvos

surgiram e avançaram sobre Brad e os dois homens de marrom. A nuvem parecia uma praga bíblica, que fez com que nossos três antagonistas saíssem correndo no melhor estilo de *Os Pássaros*, de Alfred Hitchcock. Wilson se jogou sobre mim e cobriu a cabeça, enquanto a nuvem passava e atacava com fúria. Brad e seus capangas correram e desapareceram enquanto os corvos da Torre voltavam à sua rotina de gritar alto, como acontecera antes.

Quando a coisa toda passou, Ângela voltava à superfície. Viu-nos no chão e correu para nos socorrer.

– Vocês estão bem? O que aconteceu?

– Brad entrou para o Processo. É o Professor do setor inglês – respondeu Wilson.

– Essa não!

– Depois explico melhor. Encontrou algo?

– Sim, espere um pouco.

Ângela voltou a fita até o ponto que queria mostrar.

– Estava abaixo da água, como você previra.

– Ótimo.

O crocitar dos corvos ainda se ouvia ao longe.

– Para onde eles foram? – perguntei.

Wilson levantou o olhar e entendeu.

– Venham!

Saímos correndo até o viveiro externo dos corvos da Torre, mas era tarde demais: vencidos pelos milhares de corvos que voavam, os três foram para dentro do viveiro e caíram, vítimas das bicadas. Estavam mortos, e os corvos, tanto os que voavam como os que não voavam, começavam a arrancar seus olhos e línguas.

– De onde vieram tantos corvos? – perguntei.

– Do viveiro interno. A Torre possui um. Um corvo só passa para o externo quando tem sua asa cortada. Mas mesmo assim é um corvo e, portanto, carnicheiro. Segundo a lenda, sem os corvos aqui, o império britânico cairá!

Ângela saía correndo em direção ao escritório para se limpar e deixara a DV comigo. Não viu o espetáculo dos corvos avançando sobre os cadáveres.

– Meu Deus! – exclamei.

– Isso é o que acontece quando não se cuida bem dos animais!

Fiz um sinal para Wilson e ele olhou na direção em que aponteí. Brad estava ensanguentado, mas ainda vivia. Aproximamo-nos dele, que tentava falar algo entre golfadas de sangue que jorravam das feridas.

– P... Per... dão! – falou – Vo... cê... não... po... de... ne... gar!

Olhei para Wilson, que estava sério. Respirou fundo, afugentou os poucos corvos externos que ficaram e agarrou Brad pelos ombros. Puxou-o para fora e colocou-o no meio do pátio. Meteu novamente as mãos nos bolsos e puxou uma sacola de veludo preto. Tirou um pedaço de giz preto e escreveu alguns caracteres acima da cabeça de Brad e logo abaixo dos pés.

“Aramaico, a língua de Cristo!”, pensei.

– O que vai fazer? – perguntei.

Não respondeu. Brad estava muito mal, acredito que à beira da morte. Wilson tirou uma cruz de madeira do saquinho e colocou-a na testa de Brad. Abriu seu uniforme de *Beefeater* e colocou um pedaço de pão e um montículo de sal no peito. Rezou numa língua estranha e,

depois, comeu o pedaço de pão. Fechou os olhos e estremeceu enquanto Brad gemia. Era o ritual mais estranho que eu já presenciara.

Brad olhou para Wilson e disse:

– O... bri... ga... do!

E então morreu. Wilson levantou-se lentamente e olhou para mim:

– Sabe o que fiz?

– O ritual do Devorador de Pecados?

– Sim. Mas nada da bobagem hollywoodiana. Apenas uma passagem simbólica para que ele morresse em paz.

– Claro! Depois de tentar nos matar, era o mínimo que podíamos fazer por ele... – falei, espantado pelo tom sarcástico na minha própria voz.

Os corvos haviam, finalmente, acalmado-se. Meu relógio acusava meia-noite. Ângela estava de volta e mostrava-se estarrecida com a cena dantesca.

– Como vamos explicar isso? – perguntou.

– Precisamos acabar logo esta aventura antes que nos prendam – falei – O que foi que você achou?

Em resposta, ela pegou a DV e ligou-a. A fita ainda estava no ponto certo e vimos no monitor uma inscrição entalhada na madeira do portão, muito pequena, quase imperceptível, ampliada graças ao zoom da câmera:

OTO Blood

– Sim, nosso amigo Williams passou mesmo por aqui – disse Wilson – Mas o que significa isso?

De repente, lembrei-me das palavras da aparição. “Busquem os meninos”.

– Os pequenos príncipes! – exclamei – As palavras da aparição!

Quando Eduardo IV morreu, em 1483, seu filho de 12 anos subiu ao trono como Eduardo V e seu irmão mais novo, Ricardo, tornou-se duque de York. Seu guardião, Ricardo, duque de Gloucester, tio dos meninos, queria o trono para si. Mexeu alguns pauzinhos e conseguiu declarar os meninos filhos ilegítimos do falecido rei. Após assumir a coroa como Ricardo III, as crianças foram encarceradas na Torre e desapareceram de qualquer registro histórico. Reza uma lenda que Ricardo teria mandado matá-los na *Bloody Tower*, que teria ficado assim conhecida por causa do fato. Alguns anos depois, realmente foram encontrados os esqueletos de dois garotos que suspeita-se serem os príncipes. Seus fantasmas estariam na interminável coleção do local.

Corremos para lá e encontramos a porta da fortificação aberta. Subimos as escadas atrapalhadamente e atingimos um aposento pequeno, com apenas uma janelinha minúscula que mostra o exterior.

– Procurem alguma gravura – disse Wilson – Brad disse que Williams esteve aqui e que possuíam uma gravura dele. Depressa!

Procuramos como loucos não só no aposento em que estávamos como em outros espalhados pela fortificação. Cerca de 15 minutos depois, Ângela gritou:

– Aqui!

Corremos até uma sala de pedra com apenas uma lareira. Nas paredes, gravadas com ponta de faca, estavam as assinaturas das pessoas que haviam passado suas condenações por lá.

Acima da lareira, estava uma gravura em estilo medieval em que um homem com roupas nórdicas segurava um martelo e pairava acima de nuvens de tempestade. Também não possuía assinatura e era similar à do Museu Sherlock Holmes.

Wilson agarrou a gravura e me olhou.

– Confere. *The Winds of Thor Are Blowing Cold*, de “No Quarter”, canção do álbum *Houses of The Holly*, do Led Zeppelin.

Wilson não pensou duas vezes. Abriu o forro da parte de trás da moldura e encontrou uma pequena chave dourada, comida pelo tempo, talhada em estilo antigo.

– Temos que procurar a fechadura em que se encaixa esta chave! – disse Wilson.

Voltamos a procurar como loucos. E, novamente, Ângela resolveu o assunto quando achou uma pequena porta de metal no chão da lareira da sala, ao lado de onde estávamos. Wilson colocou a chave e girou. O trinco cedeu. Puxou a porta do cofre e retirou de lá um livro de capa de couro, como um velho diário.

– Incrível! – exclamou ele – E eu pensei que estava no Museu Britânico!

– Temos que ir agora, antes que descubram os corpos lá fora... – lembrei.

Descemos a *Bloody Tower* correndo e atravessamos o pátio. Ângela e Wilson continuavam a descer o caminho e fiquei para trás. Olhei para o local de onde havíamos saído e julguei ver Ana Bolena parada à porta, olhando em minha direção. Estava em companhia de duas crianças. Esfreguei os olhos e eles haviam novamente desaparecido.

– Obrigado! – gritei na noite e continuei correndo.

Os *Beefeaters* já haviam seguido a nuvem de corvos e descoberto que alguém tinha aberto as gaiolas do viveiro interno dos corvos. Olhei para Wilson imaginando se isso tinha sido coisa dele. Ele sorriu misterioso e bateu no livro que tinha na mão.

Era uma e meia da manhã quando voltamos para a *Temple Church*, onde o sacristão e os organizadores da Caça ainda estavam à espera de notícias. Contamos tudo o que tinha acontecido e eles agradeceram pela descoberta do volume, que colocaram sob a guarda de representantes maçônicos e templários. Ao amanhecer, seria levado ao Museu Britânico para uma análise completa.

Às duas da manhã, saímos da igreja exaustos. Mas, ao voltar para o carro que nos levaria para um repouso merecido na casa de Wilson, encontramos Gabriel nos esperando.

– Antes que perguntem, só passei aqui para dizer que fui eu quem abriu as portas do viveiro interno da Torre. Assim, vocês me devem uma. E cobrarei na próxima etapa, podem acreditar!

Uma limusine estacionou e um dos homens de marrom saiu. Gabriel nos olhou e entrou no veículo, que partiu pouco depois.

Entramos no carro de Wilson e, antes que ele desse a partida, perguntei:

– O que foi isso?

Wilson se voltou:

– Isso o quê?

– Você sabe: na Agulha de Cleópatra, na *Temple Church* e agora. Você sabe de algo e não quer me dizer.

Wilson respirou nervoso. Ângela apoiou a mão em seu ombro.

– Não sei se é o que parece... – começou ele.

– Droga, pouco me importa. Fale!

Ângela fez que sim com a cabeça. O gesto pareceu encorajar Wilson, que falou:

– Gabriel está dando mostras de se arrepender do seu envolvimento com o Processo. Mas parece que está sendo vigiado. Foi ele mesmo quem abriu as portas do viveiro, seguindo uma mensagem que mandei para ele via celular, quando saímos do Museu. Sabia que ele estava em algum ponto da multidão depois que vi os agentes do Processo por lá. Achei que teríamos problemas. Confirmei o plano quando você saiu atrás das pessoas que tinha visto.

Aquilo me deixou ainda mais surpreso.

– E o que vocês acham?

– É melhor não ficar com falsas esperanças – disse Ângela – Isso pode ser uma cilada.

– Mas isso é ótimo. Se ele estiver voltando a si e perceber que esse papel de Professor é absurdo...

Wilson pareceu irritado com minha observação.

– Eu vi um amigo de longa data morrer hoje, bicado por corvos! Ele era a pessoa mais sensata desta Terra até se envolver com essa seita fajuta! E ele era o Professor daqui!

– Está sugerindo algo?

– Estou. É conhecido como lavagem cerebral!

– Não pode ser – acrescentou Ângela – Para isso dar certo, é preciso tempo e Gabriel passou muito rapidamente para o lado deles.

– Brad era como Gabriel e também passou para o lado deles. Temos que descobrir como eles fazem esse controle mental e ajudar Gabriel, se é que ele está falando a verdade!

Ficamos quietos por algum tempo enquanto pesava tudo o que Wilson dissera.

– Se ele aceitou sua sugestão, é porque quis demonstrar que realmente queria fazer algo – concluí.

– E o inferno está cheio de bem-intencionados – lembrou Ângela – O problema de mexer com Sociedades Secretas é pisar também no terreno do fanatismo. Todas elas, sem exceção, possuem sempre aqueles elementos que levam a filosofia para o lado místico e deturpam toda e qualquer palavra emitida de maneira bem-intencionada. Temos de ter certeza de que Gabriel está falando a verdade.

“Então foi ele quem passou com o carro com a música de Page e Plant em alto volume para que eu escutasse e me lembrasse da senha. Mas, mesmo que isso fosse verdade, o que aconteceria se Gabriel simplesmente se desligasse do Processo? Laura aceitaria isso?”

Wilson parecia ler meus pensamentos e suspirou.

– Bem, pela manhã verei o que posso fazer para encobrir o que aconteceu na Torre. Vocês terão dois dias para descansar e se preparar. Liguei para William, meu filho, que está em Paris, para que nos espere no sábado.

– Você virá mesmo conosco? – perguntou Ângela.

– Sim. Meus irmãos, William e Wilbur, já estão nas etapas seguintes preparando nosso caminho.

E assim fomos para a casa de Wilson desfrutar do sono dos justos.

N.E. Dito popular sobre o porquê de os corvos da Torre terem suas asas cortadas.

CAPÍTULO 14

CHEGADA A PARIS

O passeante curioso, curioso, à sua maneira, e de acordo com seu temperamento, tira proveito de tudo que se apresenta.

Uma única regra: fugir do lugar-comum, do esperado e do previsível da cidade contemporânea.¹

O avião se aproximou do aeroporto *Charles de Gaulle*. O tempo estava chuvoso, um contraste gritante com os dias suaves que havíamos passado em Londres. Olhei pela janela, sentado quase na mesma posição em que estava na ida. Wilson e Ângela estavam ao meu lado, falando sem parar.

– E no final, deu tudo certo? – perguntou Ângela.

– Aparentemente sim – explicou Wilson – A polícia concluiu que o que aconteceu com os corvos na Torre foi apenas um acidente, e o caso foi encerrado. Coisas inexplicáveis são comuns por lá. Não é, Sérgio?

Tive vontade de esganá-lo. Não me deixava esquecer meu encontro com Ana Bolena e não fazia muita questão de falar a respeito. A noite tinha mesmo sido de outro mundo...

Dos dois dias de descanso, Ângela e eu aproveitamos apenas um. Visitamos o Museu Britânico e o Museu de Cera de Madame Toussaud, entre outros lugares. Tivemos tempo de consolidar nosso namoro e vimos que estávamos mais unidos do que nunca. O dia anterior à nossa partida, entretanto, passamos recuperando nossas coisas dos armários do albergue em *Golders Green*. Fui até um cybercafé e fiz um primeiro *sketch* de tudo o que tinha acontecido. Enviei-o, em seguida, para minha caixa postal, para posterior utilização na confecção do livro, enquanto Ângela se ocupava com os preparativos para nossa ida a Paris.

Wilson ajeitou suas coisas, pegou algumas credenciais na Loja maçônica de Londres e juntou-se a nós para pegar o avião que atravessaria o Canal da Mancha.

Ângela comprou um livro, chamado *Paris Insólita e Misteriosa*², que contava a história oculta de vários lugares da cidade, a maioria deles ligada a castelos, vilas e prédios. Achava que poderia nos servir de guia, uma vez que nenhum de nós éramos *experts* na cidade.

– Diga-me uma coisa – comecei, voltando-me para Wilson – Estamos indo participar de uma segunda Caça, certo?

Wilson concordou com a cabeça.

– Esse suposto diário de William Blake, como foi parar em Paris?

– Não sabemos. Nossas fontes indicam que o general Williams sabia do valor de suas antiguidades e que teria escondido tudo antes de seu desaparecimento.

– Quanto tempo faz isso? – perguntou Ângela.
– Aproximadamente dez ou 12 anos.
– E por que teria se dado ao trabalho de espalhá-los por três países diferentes?
– Talvez para dificultar que outras pessoas pusessem as mãos neles. Na verdade, não sabemos. Talvez soubesse que os livros pudessem ter seu valor e não quis perdê-los. Vai saber...

– Ele não tem família?
– Não que saibamos. Era separado e a ex-mulher não quis saber de qualquer tipo de herança. Talvez por saber de seu envolvimento com uma Sociedade Secreta como os Illuminati.

Ângela confirmou com a cabeça. Sabia que pertencer a uma Sociedade não era algo de que se devesse fazer alarde.

– E quanto ao Processo? – perguntei.

Wilson pareceu não gostar da pergunta.

– Não sei ainda. Preciso de mais tempo para pensar a respeito. Vamos aproveitar o tempo que nos resta de voo e repassar o que sabemos sobre Blake.

Fechei os olhos e comecei a puxar pela lembrança.

– William Blake nasceu em Londres, em 1757, e morreu em 1827. Foi lá que viveu praticamente a maior parte de sua vida. Era filho de um comerciante rico e desde criança gostava de ler e desenhar. Foi enviado à escola de desenho aos dez anos e, quando completou 14, tornou-se aprendiz de James Basire, um famoso gravador. Dois anos depois, começou a estudar e desenhar as igrejas de Londres, particularmente a Abadia de Westminster, cujo estilo gótico grandioso o impressionou e fascinou.

Wilson sorriu e olhou para Ângela.

– Desde quando estamos viajando com a *Enciclopédia Britânica*?

Ângela olhou-me nos olhos.

– Muito bem, engraçadinho, qual é o elo roqueiro?

Sorri. “Desta vez, a vantagem é minha”, pensei.

– Falarei quando for a hora. Espero, pelo menos, que, desta vez, não tenha que ficar lembrando de muitos detalhes.

– Está indo bem. Continue – falou Wilson.

Fechei de novo os olhos e recomecei a pescar os dados em minha memória.

– Foi o primeiro dos grandes poetas românticos ingleses, pintor, impressor e um dos maiores gravadores da história inglesa. Suas obras incluem o poeta do século XVII, John Milton, descendo dos céus na forma de um cometa e caindo sobre o teto do pintor. Teve seus poemas impressos em 1792, sob o título de *Poetical Sketches*. Sua poesia tinha uma métrica que recorre, em grande parte, ao verso branco, que era uma característica inovadora para a Era Elizabetana. Outros trabalhos incluem, a partir de 1784, *Song of Innocence*, *The Book of Thel* e *The Marriage of Heaven and Hell*³, todos gravados e impressos por ele, com auxílio da esposa. Sobre a pessoa de Blake, pode-se dizer que era uma voz solitária contra a marcha da ciência e da razão. Foi visto por seus contemporâneos como um lunático, e desfrutou pouco sucesso enquanto vivia. Diz-se que falava com anjos nas árvores e, certa vez, foi encontrado no jardim com sua mulher, ambos nus, brincando de Adão e Eva. A partir de 1794, dedicou-se a trabalhos de natureza poética, ilustrando tanto seus próprios trabalhos quanto os de amigos.

A maioria das pinturas de Blake são impressões feitas em pratos de cobre, que ele cauterizou em um método que, de acordo com relatos, “teria sido revelado a ele num sonho”. Ele e a esposa coloriram estas impressões com cores de água, dando, assim, o aspecto de uma obra de arte sem igual.

– Muito bem, professor! – aplaudiu Ângela.

– Vale lembrar que Blake era frequentemente chamado de místico – lembrou Wilson – Escreveu deliberadamente no estilo dos profetas hebreus e escritores apocalípticos, e dizia que seus trabalhos eram como expressões de profecias, quando, na verdade, seguiam o estilo de Milton, poeta que ele admirava muito. Ele próprio acreditava ser uma espécie de incorporação do espírito desse poeta.

– Possessão? – arrisquei.

– Muito difícil. Parece mais um trabalho de incorporação de estilo mesmo. Mas sua obra, tanto os escritos quanto as pinturas, é estudada em detalhes que impressionam pelo que têm de conjunto.

A voz do piloto fez-se ouvir no intercomunicador e apertamos os cintos para a aterrissagem.

– E esse suposto envolvimento com alquimia? – perguntou Ângela.

– Ninguém sabe ao certo. Uma vez encontrado, esse diário será enviado para a comissão de análise, em Londres, para que se façam os mesmos testes de autenticidade que já estão sendo feitos no de Aleister Crowley. Se não for uma falsificação, como o malfadado diário de Hitler, será um tesouro e tanto.

O avião fez os procedimentos de aterrissagem e logo nos preparávamos para o desembarque. Eram onze horas da manhã de sábado, e estávamos cansados e, ao mesmo tempo, excitados com a nova etapa. Retiramos as bagagens na esteira e fomos para a estação ferroviária *Roissy*, onde pegaríamos um trem que nos deixaria na emaranhada rede de integração com o metrô de Paris. A viagem demoraria cerca de trinta minutos e mais uns quinze até a estação do *Gambetta*, na linha 3, que leva ao subúrbio da cidade.

Ao chegarmos na estação, Wilson consultou um pequeno mapa e atravessamos diversas ruas em que predominava a presença de lojas indianas, de roupas e de comidas típicas. Algumas ruas para baixo e chegamos, enfim, ao albergue. Sua fachada era alegre e parecia-se mais com uma loja do que com um hotel. Registramo-nos e tivemos a sorte de conseguir um quarto só para nós três. Cada quarto lá possuía três leitos: dois na parte de baixo e um na parte de cima, entre os dois leitos inferiores. Deixamos nossas coisas por lá e descemos para procurar um lugar onde comer.

Paramos em um simpático café perto do local. Era uma da tarde, e o movimento era típico de uma cidadezinha do interior, ou seja, maior do que esperávamos.

– Quando teremos de nos apresentar? – perguntei.

– Amanhã, às oito da noite, em *Notre-Dame*.

– Que tal um passeio por Paris? – perguntei, olhando para Ângela.

– Nada disso! Temos um encontro. William estará no Louvre em menos de uma hora, precisamos ir para lá.

Ângela não parecia se espantar com nenhuma excentricidade de Wilson, por isso, fiquei bem quieto e simplesmente acatei suas sugestões.

– Vamos comprar alguns carnês de metrô – disse ele, referindo-se ao bloco de dez passagens individuais vendido nas estações – Não teremos carro próprio, a menos que

William consiga algum. Até lá, estamos a pé.

Levantamo-nos e fomos para o metrô. Demorou, pelo menos, meia hora para chegarmos à estação *Palais Royal – Musée du Louvre*. Mas valeu a pena: logo na entrada do Louvre, em meio ao pátio no qual se vê a pirâmide de vidro de I.M. Pei, pode-se ver o Arco do Triunfo do Carrossel e a cerca de metal que marca a entrada do Jardim das Tulherias, logo na frente do enorme U formado pelas alas do museu. Foi erguido em 1805 para celebrar as vitórias de Napoleão Bonaparte. À esquerda, vê-se o rio Sena, com os *Bateau Mouches* que passeiam preguiçosamente em seu leito.

Ângela carregava uma bolsa grande e eu ficava imaginando o motivo. Brinquei com ela e chamei a bolsa de cinto de utilidades da Batgirl. Ela riu com a comparação, mas disse que ainda queria acrescentar mais algumas coisas.

– Não vou ser pega de surpresa de maneira nenhuma!

– Mas isso deve estar com o peso de uma mochila de exército!

– Não tem importância. Vamos lá!

Dirigimo-nos para a entrada da pirâmide. Wilson parou a meio caminho e apoiou os braços na cintura.

– Quer dizer que pegamos o senhor em flagrante?

Olhei para todos os lados esperando ver alguém de marrom. Mas tudo o que vi foi um rapaz de uns 25 anos, 1,70 m, cabelos bem aparados, atarracado, em uma cena cômica, comendo um saquinho de jujubas. Ele nos viu, sorriu sem-graça, escondeu o saquinho no bolso de trás de sua calça jeans e arrumou sua camisa polo azul.

– Mas que droga! – exclamou – Venho para o outro lado do Canal da Mancha para ter uma vida independente, e meu pai me pega bem na hora em que estou comendo uma guloseima! – e desatou a rir.

Os dois se abraçaram por um bom tempo. Parecia que não se viam há muito. Wilson logo nos apresentou, e William disse:

– Bem-vindos a Paris. Primeira dica: não falem inglês de cara. Deixem claro que não sabem falar francês antes de desatar a falar o bom britânico, ou eles te encaram de maneira estranha.

Olhava fascinado para o Louvre. Mais um cenário de *O Código Da Vinci*.

– O livro de Dan Brown já rendeu excelente publicidade para o museu – explicou William, lendo meus pensamentos – Hoje, fazem até visitas guiadas só para verem os lugares e obras mencionados lá.

– Ei, que tal fazermos exatamente isso? – sugeriu Wilson – Depois, paramos no restaurante interno para conversarmos.

Compramos as entradas e juntamo-nos a um grupo. Foi um passeio e tanto. O Louvre contém uma das mais importantes coleções de arte do mundo, e foi construído, originalmente, em 1190, para ser a fortaleza do rei Felipe Augusto, que protegia Paris dos ataques dos *vikings*. No reinado de Francisco I, perdeu suas masmorras e solar, que deram lugar a um edifício renascentista. Hoje, a estrutura é resultado do trabalho de quatro séculos de reis e imperadores que a reformaram e ampliaram. Ainda é possível ver os restos do Louvre medieval, que ficam um nível abaixo do atual museu.

Mas o acervo de arte é simplesmente fascinante. O Museu Britânico possui quantidade incrível de objetos históricos, até mesmo múmias e restos do Mausoléu de Halicarnasso, uma

das sete maravilhas do mundo, sem falar da Pedra Rosetta, que possibilitou a Champollion decifrar os hieróglifos. Mas, em termos de arte, é muito difícil bater o Louvre: lá estão *A Vênus de Milo*, a *Vitória da Samotrácia*, telas como *A Balsa da Medusa*, de Théodore Géricault, *A Liberdade Guiando o Povo*, de Eugène Delacroix, a *Coroação de Napoleão em Notre-Dame de Paris*, de Louis David e, claro, a pintura mais famosa do mundo, a *Mona Lisa*, além da *Madona das Rochas* e outros trabalhos de Leonardo da Vinci. Não é infundado o fascínio de Dan Brown pelas pinturas do local.

Quando a visita acabou, sentamo-nos no restaurante e pedimos alguma comida. Wilson parecia ansioso para começar a discussão, mas foi William quem quebrou o gelo:

- Soube do sucesso em Londres. Deu tudo certo mesmo?
- Mais ou menos – começou Wilson.
- O que houve?
- Brad está morto. Havia passado para o lado do Processo.

William abaixou o rosto, e vi uma lágrima surgir no canto de seus olhos.

– Brad era tutor de William – explicou Wilson – Meu filho é militar, mas está trabalhando aqui com o consulado britânico.

Fiquei com pena de William, que parecia mesmo magoado. Ele logo se recuperou e suspirou, enquanto o pai contava rapidamente o que acontecera em Londres.

– Hã, rapazes... – interrompeu Ângela.

Olhei para ela, intrigado, e segui seu olhar. Laura havia acabado de entrar no restaurante e parecia procurar alguém ou alguma coisa. Não nos vira.

– A confusão vai começar mais cedo... – comentei – Da próxima vez, quero um encontro privado!

Wilson explicou para o filho quem era a mulher. William encarou Laura com ódio no olhar e quis levantar-se, mas Wilson segurou-o.

- Não é hora. Lembre-se do que lhe ensinei como maçom. Paciência...
- William também é maçom? – perguntei.
- De terceiro grau, com muito orgulho! Wilbur também, mas é mais afastado desses assuntos.

Ângela seguia Laura com o olhar, mesmo depois de ela ter saído do restaurante, e levantou-se.

- Aonde você vai? – perguntei.
- Tá na hora de trocar uma palavra com essa fulana – falou.
- Está louca? O que vai dizer? “Quer fazer o favor de cair fora”?
- Eu vou com ela – disse Wilson – Fiquem aqui.

Os dois foram atrás dela e a levaram para a loja de presentes, que ficava ao lado do restaurante. Estava preocupado com o estranho papo que poderia estar acontecendo ali.

– Não se preocupe, meu pai é bem controlado – falou William, enquanto bebia um gole de Coca-Cola.

- William, estamos falando de, pelo menos, cinco mortes desde que esta história começou! William parecia meio sombrio.
- E ainda haverá mais até que termine...

Senti um calafrio só de ouvir essa afirmação. Esperava sinceramente que não, mas já chegava a acreditar naquilo.

Comecei a conversar sobre outras coisas com William. Passaram-se, pelo menos, 20 minutos até que os dois voltaram, calados. Sentaram-se à mesa e pareciam intrigados.

– Você acha que... – começou Ângela.

– Não sei, não sei. Trata-se de um enorme jogo de mentiras, e não sei qual é o objetivo deles.

Olhei para os dois sem entender.

– Ângela acha que nossa amiga Laura está com medo de ser assassinada – disse Wilson.

– Como é? Por quê?

– Ela parecia estar fugindo de alguém – explicou Ângela – Assustou-se comigo e nem mesmo sabia quem eu era. Coloquei-a contra a parede e sequer me ofendeu. Wilson notou que respirava ofegante e olhava sem parar para os lados.

– E nossos amigos de marrom não estavam por perto – observou Wilson.

– Ela teve o descaramento de dizer que quer o *grimoire* francês de qualquer jeito ou terá a própria morte decretada. Disse ainda que Gabriel é mais perigoso do que imaginamos.

Franzi a testa. “O que isso queria dizer?” Wilson ficou quieto e William observava o pai.

– O que o senhor pensa disso?

– Não sei. Se não fosse por Gabriel não teríamos saído vivos da Torre de Londres. E ele deixou claro que lhe devíamos uma e que iria cobrar. Será falso o arrependimento dele e Laura a verdadeira pessoa que corre perigo?

Sacudi a cabeça violentamente.

– Recuso-me a acreditar que ele poderia ameaçar alguém de morte. Isso revelaria uma violência que não existe nele!

Ângela sacudiu a cabeça.

– Acho que Wilson pode estar certo. De alguma maneira, esse envolvimento com o Processo, aliado ao retrospecto de Gabriel, parece ter despertado algo sinistro em seu amigo. Sei que Laura não é de confiança, mas o olho roxo dela...

Espantei-me como se tivesse descoberto uma aranha no ombro.

– Olho roxo?

– Meio de leve. Ela tentou disfarçar com maquiagem, mas não conseguiu – completou Ângela – Eu percebi.

Senti a cabeça girando. “Gabriel seria daquele jeito mesmo?”

– E depois, de acordo com este livro – continuou Ângela, ainda com o exemplar de *Paris Insólita e Misteriosa* na mão – há muitos lugares para onde a pista inicial pode nos enviar. O que não falta nesta cidade são lugares esquisitos e com histórias estranhas.

– O que poderia aumentar nossa dificuldade de encontrar uma pista rapidamente – concordou William, de olho na porta – Bem, pessoal, é melhor sairmos daqui.

– Para onde vamos? – perguntei.

– Tem uma exposição interessante na ala de antiguidades, sobre mitraísmo – explicou William – Estou fazendo uma pesquisa sobre o assunto, patrocinada pelo governo britânico. Mais tarde, às sete da noite, darei uma palestra no auditório principal daqui. Que tal?

A ideia me pareceu interessante. Fomos para a ala *Sully* observar os restos dessa estranha religião, mistura de culto e Sociedade Secreta. Eram peças que datavam de 300 a.C., encontradas nos subterrâneos de igrejas de Roma. O tempo todo, pensava no que Ângela e Wilson tinham dito e não conseguia me livrar do sentimento de que William pudesse estar

certo, e que haveria mais mortes além das de Lígia, do homem no aeroporto de Cumbica, dos dois homens de marrom e de Brad na Torre de Londres. Quem seria o próximo? Laura ou Gabriel?

O tempo passou rapidamente e, no horário marcado, fomos assistir à palestra de William, que explicou um pouco mais sobre o mitraísmo, falando em inglês. Quem não entendia a língua acompanhava a tradução simultânea por meio de aparelhos acoplados à cintura.

– Mitra era um deus indo-iraniano, cujo culto se estendeu até a Grécia durante a expansão do Império Romano. Ele chegou até lá levado por mercadores, legionários e escravos recrutados no Oriente. Sua adoração difundiu-se especialmente nos centros comerciais e nas cidades em que havia postos militares avançados.

William falava à plateia com entusiasmo. Parecia ter herdado do pai o gosto pela arqueologia e pelas Sociedades Secretas. Havia cerca de 200 pessoas presentes, e todas assistiam interessadas.

– Depois que o imperador romano Cômodo submeteu-se às cerimônias de iniciação, o culto de Mitra tornou-se cada vez mais popular a ponto de, no fim do ano 307, o então imperador, Diocleciano, conceder ao deus o título de “guardião do Império Romano”. Era um culto restrito aos homens e praticado em grande parte do império, embora o que saibamos sobre seus rituais seja muito limitado.

O telão mostrava a foto de um esquite encontrado na igreja de São Clemente, em Roma.

– As cavernas subterrâneas, onde aconteciam os rituais, são conhecidas como *Mithraeum* e recebiam dezenas de devotos de uma só vez. Mitra era o deus dos contratos e da luz do sol nascente, além de aliado de outro deus bem conhecido, Ahura Mazda, deus da guerra. A palavra “mitra” também era usada para descrever um amigo, pois pensava-se que este deus era um verdadeiro amigo do homem, protegendo-o e aquecendo-o na vida e na morte. Conta a lenda que Mitra nasceu de uma rocha e foi adotado por pastores. Não demorou muito para tornar-se um criador, quando abateu o touro sagrado, de cujo sangue e corpo originaram-se as plantas e animais, cena retratada em diversos desses sarcófagos. Mitra era impiedoso para com seus inimigos: empunhava uma enorme maça e atirava dardos venenosos quando lutava, ajudado por um javali de nome Verethraghna, descrito como “de dentes aguçados, intratável, um animal ensandecido”.

Lembrei-me das referências ao culto que o escritor Bernard Cromwell usara recentemente em sua versão da lenda do Rei Arthur. As personagens falavam entre si sobre quem deveriam ou não aceitar que fizesse parte da irmandade. Lembro-me de que o próprio escritor comentou que o culto a Mitra era popular por ser ligado ao período em que os saxões invadiram a ilha da Bretanha e confrontaram-se com os anglos lá existentes. “Uma Sociedade Secreta da antiguidade”, pensei.

– Para os seguidores, havia sete degraus sucessivos nas cerimônias de adoração e iniciação ao culto. Durante esses serviços, efetuava-se o equivalente à comunhão estabelecida pela Igreja Católica, com a consagração do pão, da água e do vinho. O mais interessante, contudo, é o fato de que o festival mais importante dessa, por assim dizer, Sociedade Secreta, acontecia no dia 25 de dezembro, quando Mitra era celebrado como o Sol Invencível, ou Sol Invicto. Seria a comemoração cristã do Natal uma herança desse culto? Muitos historiadores acreditam nisso. Há, ainda, outros pontos em comum entre essas duas religiões, como o batismo e a sagração do domingo.

– Os fiéis viam nesses novos cultos orientais a possibilidade de união indissolúvel com a divindade. Talvez seja isso o que tenha atraído tanta gente para o culto – sussurrou Wilson, sentado à direita de Ângela.

– Eis aqui um trecho de uma oração a Mitra, que só era conhecida pelos iniciados:

Mitra – és diabólico e, no entanto, tão bondoso para as nações

Mitra – és diabólico e, no entanto, tão bondoso para o homem

No mundo tens poder sobre a paz e a guerra

A palestra continuou até as oito horas, quando William respondeu a algumas perguntas dos presentes e foi procurado até mesmo por um representante da maçonaria francesa, interessado em adotar alguns rituais “mitrônicos” em uma Loja de Paris. Wilson estava quieto, como se estivesse pensando algo. Ângela o interrompeu:

– O que passa por sua cabeça?

– Estava pensando em como seria mesmo fácil ressuscitar uma Sociedade como essa.

– É melhor não sair por aí dando ideias – respondi – Ou alguém pode ouvir.

De repente, ouvimos um barulho de tiro vindo de fora do auditório. Saímos correndo, com William em nosso encalço. A loja de presentes estava sendo assaltada e os seguranças já haviam capturado o bandido, que brandia uma pistola com cabo de madrepérola. A agitação era grande e William demorou para passar pela multidão até conseguir falar com os policiais. Quando mostrou sua credencial do consulado britânico, eles contaram algo que fez que nosso amigo voltasse com a expressão confusa e tensa.

– O bandido entrou na loja e quis cópias de qualquer ilustração de William Blake que estivesse por aqui.

Engoli em seco. Seria alguém do Processo?

– A coisa está ficando perigosa – falou Ângela – Deve haver rumores sobre o início da Caça amanhã.

– Se assim for, estamos com problemas – acrescentou William – Não teremos como discernir os verdadeiros participantes da Caça desses malucos.

– Mas como ficaram sabendo disso? – perguntei.

– O guarda me disse que há uma página na Internet falando da Caça, ou melhor, de uma “gincana cultural”, como foi anunciado. Parece que há amiguinhos novos com que nos preocuparmos.

– Como assim? – perguntou Wilson.

– A página parece pertencer a uma Sociedade Secreta vampírica.

Ri da observação de William, mas Wilson e Ângela estavam sérios.

– Só pode ser o Templo do Vampiro – disse Ângela.

– Eles não atacariam assim, em público. São, em sua maioria, discretos – respondeu Wilson.

Não fazia a mínima ideia do que era aquilo. “Vampiros? Era só o que me faltava...”, pensei, mas notei que a expressão do rosto deles era séria.

– Esperem um pouco! – falei – Estão falando sério?

Os três me encararam.

– Vampiros? Com presas? Que chupam sangue? Como o Drácula? – perguntei.

– Sim – começou Ângela – Mas não mortos-vivos, e sim pessoas que se identificam tanto com a figura dos vampiros que fundaram uma Sociedade Secreta na qual os membros

adquirem os mesmos hábitos deles. Chegam mesmo a afiar os caninos para que se pareçam com presas.

A história toda estava ficando ainda mais maluca.

– O problema é que o Templo do Vampiro é uma Sociedade que atrai muita gente gótica que, além de não ser membro, tem sérios problemas em participar de algo deste porte – explicou William – Seu território normal são cemitérios e boates góticas. São, em geral, inofensivos, mas os loucos que leem sua página podem não ser.

Pus a mão na testa e pensei estar em um episódio de *Além da Imaginação*. Não imaginava a quantidade de doidos que o mundo poderia ter.

– Temos que contactar Paul, o líder do Templo aqui em Paris – disse Wilson.

– Sim – concordou William – Só não faço ideia de como faremos isso.

– Ainda temos contato com a esposa dele, Samantha? – perguntou Ângela.

– Bem lembrado. Mas ela só aceitaria um contato inicial com mulheres, pois espera sempre conseguir novas iniciantes.

– Eu posso ir – disse Ângela – Já fomos amigas alguns anos atrás e posso conseguir algo apelando para isso.

– Eu irei com você – disse William – A Cruz de Seth deve abrir daqui a duas horas – e acrescentou, olhando pra mim – É a boate que serve de ponto de encontro para eles.

Ângela, percebendo minha agitação, virou-se para mim e me encarou:

– Não se preocupe, estarei bem. Fique com Wilson e nos encontraremos na casa de William até a meia-noite.

Beijamo-nos na boca. Seu beijo era doce e agradável. Não gostava da ideia de deixá-la sozinha num ambiente desses, mas confiava em William para protegê-la. Separamo-nos à espera de resultados mais concretos. No dia seguinte, a Caça recomeçaria.

Da introdução do livro *Paris Insólita e Misteriosa*, de Rodolphe Trouilleux. [N.E.]

TROUILLEUX, Rodolphe. *Paris Insólita e Misteriosa*. Rio de Janeiro: Record, 1998. [N.E.]

As obras de William Blake podem ser baixadas e lidas em versão integral no site

<http://www.blakearchive.org/>. [N.E.]

CAPÍTULO 15

A CAÇA E OS VAMPIROS

Alcançar a condição de Vampiro requer a atração e comunhão com os Não-Mortos, esses Vampiros que já não entram na carne, mas são astralmente livres. Estes Deuses Não-Mortos transcenderam as limitações do corpo físico e podem se comunicar e aparecer para aqueles que ainda têm corpos físicos vivos. A realização efetiva da formação de um Vampiro Vivo, e até mais do que isso, o entrar nos graus dos Deuses Não-Mortos após a morte do corpo físico depende desta Comunhão com os Não-Mortos. São as intenções e os desejos deles que devem ser aceitos e satisfeitos.¹

O relógio marcava onze da noite quando Wilson e eu chegamos ao cubículo militar de William, em um prédio de propriedade da embaixada britânica em Paris. O quarto e sala era bem simples, com a sala dividida em sala de estar, cozinha e sala de jantar. Tentamos nos manter acordados por, pelo menos, meia hora, mas o cansaço tomou conta de nossos corpos e Wilson caiu na única cama do apartamento, enquanto eu desmaiei no sofá.

Meu sono, entretanto, foi atormentado por pensamentos sinistros em que apareciam fantasmas, vampiros e outros tipos de criaturas, todos tentando me impedir de encontrar o livro. E, no meio delas, via Gabriel com olhar de maníaco, segurando uma faca em uma das mãos e a cabeça decepada de Laura em outra. Ria-se como louco.

Acordei sobressaltado com o barulho do trinco da porta se movendo. Observei, no escuro, até que a abriram e vislumbrei três figuras esgueirando-se no cubículo. Reconheci Ângela e William, mas a garota que vinha atrás deles me pareceu estranha. Tinha cabelos curtos, constituição física bem frágil, usava óculos escuros no meio da noite e possuía feições delicadas. Seu vestuário constituía-se de blusa preta, calça preta, botas de cano alto pretas e um sobretudo preto. Parecia-se com Emanuelle Seigner no filme *Busca Frenética*. Ela entrou e observou bem o ambiente em que estávamos. Parou no canto mais escuro do recinto e ficou observando enquanto William acordava o pai e Ângela vinha me acordar.

– Está tudo bem? – perguntou Ângela, em português, vendo que eu estava dormindo.

– Sim, só estava descansando um pouco – respondi. Senti o olhar da garota queimando minha nuca. Sua presença realmente me incomodava.

Perguntei para Ângela, sem titubear:

– Quem é a Mortícia Adams?

Ângela segurou o riso. A voz da garota fez-se ouvir, então, em português. Era fria e incisiva:

– Refere-se a mim, senhor escritor?

“Ai, droga! Que fora!”

– Desculpe, foi brincadeira...

As luzes foram acesas e logo os cinco estávamos sentados para conversar.

– Samantha Samrha, quero lhe apresentar... – começou Ângela, em inglês.

– Sim, eu sei. O escritor e o mestre maçom – respondeu Samantha, no mesmo idioma – Mestre Wilson, conheço sua reputação e sei que és digno dela. Já nosso amigo escritor...

Corei de embaraço com suas palavras.

– Muito cuidado! O sangue é essencial para quem não tem o abraço dos Deuses Não-Mortos! – falou ela.

Ângela dominou a situação:

– Sam concordou em nos ajudar a chegar até Paul para que possamos impedir a participação de leigos na Caça.

– Foram mesmo vocês que espalharam a notícia no site? – perguntou Wilson.

– Nós, não, mas alguns associados, pessoas que querem alcançar a comunhão vampírica mais rapidamente. Já entrei em contato com Paul e expliquei a situação. Ele irá nos encontrar no decorrer da Caça. Nesse meio tempo, comandará nossos associados para proteger nosso caminho até que encontremos o *grimoire*.

– Não entendo... – comecei – Pensei que esse Paul iria conosco ou algo assim...

Samantha me olhou de novo.

– Você realmente não nos conhece, não é?

– Não, não conheço. Apreciaria muito se me contasse algo sobre vocês.

– Para colocar em seu novo livro?

– Se vocês quiserem...

Samantha ainda não tinha tirado os óculos. Espalhou seu sobretudo no chão, sentou-se sobre ele, finalmente tirou os óculos e assumiu posição de lótus. Fechou os olhos e passou algum tempo como se estivesse meditando.

– O que ela está fazendo? – perguntei para William, que estava ao meu lado.

– Comunicação telepática – explicou William – Está pedindo alguma coisa para Paul.

A cena era grotesca demais para o meu gosto. Passaram-se cinco minutos e só então ela abriu os olhos. Espantei-me com eles: eram vermelhos e injetados, penetrantes e gelados. Ela recolocou os óculos e, então, disse:

– Paul deseja que eu ajude vocês na Caça enquanto ele agir protegendo o caminho. Sua presença irá afastar os não-seguidores de nossa ação. Porém, devo avisá-los de que queremos apenas uma justificativa final: apresentar nossa Sociedade em seu livro.

Wilson levantou-se tenso:

– Vocês nos ajudarão em troca de uma menção? Por quê? Altruísmo não é característica dos seguidores do Templo do Vampiro.

Samantha continuava sentada na posição de lótus. Olhou para Wilson e disse, com sua maneira calma e fria:

– Não, não somos altruístas. Porém, também temos um passado e juramos manter nossa Sociedade da maneira mais discreta possível. Temos uma dívida para com a Maçonaria, que nos ajudou no recente processo de reconhecimento do Templo perante a Justiça Americana, onde começamos. Hoje, estamos em vários países, sendo a França nossa mais recente aquisição. E assim queremos continuar. Não é porque somos voltados para o lado das trevas

que não sabemos como conviver, desde que nos convenha. E depois, não queremos gente do Processo vindo bagunçar nosso território.

Wilson acalmou-se e sentou-se.

– E então, Sérgio? É com você.

Olhei para o relógio. Era meia-noite e meia, e ainda estava cansado. Pensei em deixar para o dia seguinte, mas Ângela foi mais rápida:

– Vocês podem fazer a entrevista no quarto enquanto nós três preparamos algo para comer.

Suspirei desolado e acabei concordando:

– Está bem, se é para nos ajudar...

Samantha levantou-se e caminhou em direção ao quarto. Olhei para Ângela, que, imediatamente, mexeu no “cinto de utilidades da Batgirl” e sacou um gravador digital. Beije-a em agradecimento e fui para lá, não sem antes lhe sussurrar nos ouvidos:

– Se aquela coisa me atacar, eu enfio uma estaca de madeira no coração dela!

Ângela sorriu e me empurrou em direção ao quarto. Entrei e fechei a porta. Samantha olhava para a noite. De repente, voltou-se para mim e falou, em português:

– Deixei uma noite de recrutamento na Cruz de Seth somente para vir até você.

Espantei-me com a sinceridade.

– Ora... Sinto-me lisonjeado.

– Deveria mesmo. Não é sempre que Paul permite esse tipo de coisa.

– Você fala dele como se fosse onipresente...

– Quase isso. Nosso elo telepático é constante, e sempre falo com ele dessa maneira.

Não sabia dizer se ela era maluca ou se realmente acreditava naquilo. Conforme falava, vi as pontas de seus dentes caninos e lembrei-me do que Ângela contara sobre eles afiarem seus dentes.

– Bem – disse, ligando o gravador –, vamos começar. Fale-me sobre o Templo.

– Nada será por mim. Responderei com palavras de nossa obra, a *Bíblia Vampírica*.

– Esse livro existe?

– Condição *sine qua non* para entrar na Ordem. O interessado deve comprar e estudar a obra.

– Pois bem, pode falar.

– Começarei com o nosso credo:

Eu sou um Vampiro.

Eu adoro o meu ego e eu adoro minha vida, pois sou o único Deus que existe.

Eu tenho orgulho de ser um animal predador e eu honro meus instintos animais.

Eu exalto minha mente racional e não acredito que isso seja um desafio da razão.

Eu reconheço a diferença entre o mundo real e a fantasia.

Eu reconheço o fato de que a sobrevivência é a lei mais forte.

Eu reconheço que os Poderes da Escuridão escondem leis naturais através das quais eu posso fazer minha magia.

Eu sei que minhas crenças no ritual são uma fantasia, mas a magia é real e eu respeito e reconheço os resultados da minha magia.

Eu percebo que não há céu como não há inferno e vejo a morte como destruidora da vida.

Portanto eu tirarei o máximo proveito da vida aqui e agora.

*Eu sou um Vampiro.
Curve-se diante de mim.*

Enquanto falava, estendia os braços para os lados e agarrava as pontas do sobretudo para usá-las como as capas dos vampiros. “Que teatral!”, pensei.

– Fale-me sobre a Sociedade.

– O Templo do Vampiro é uma religião antiga, atualmente registrada junto ao governo federal dos Estados Unidos e possuidora de uma filiação internacional. Envoltos em mistério, nossa sociedade foi conhecida em tempos mais antigos por diferentes nomes, que incluem Ordem do Dragão, Templo do Dragão e, na antiga Suméria, *Hekal Tiamat*, ou seja, o Templo da Deusa Vampira Dragão Tiamat. Atualmente, as filiações estão fechadas, exceto se houver um convite de algum membro, mesmo assim, sujeito à aprovação do Conselho Interno.

– Como é a estrutura da Sociedade?

– Há várias divisões e níveis dentro do Templo, baseadas em aplicações de altos ensinamentos, que são colocados à disposição do iniciado de acordo com seu nível de desenvolvimento. Há o membro para toda a vida (*Lifetime Member*), que é qualquer indivíduo que faz alguma doação ao Templo, como dinheiro ou algum outro objeto de valor. Esse afiliado pode adquirir a *Bíblia Vampírica*, o Medalhão Ritual Vampírico e o Anel do Templo do Vampiro. Isso, inclusive, é o que atraiu esse enorme número de não-afiliados ao nosso site, que coloca esses produtos à disposição em nossa loja virtual. Já um membro ativo (*Active Member*) também permanece por toda a vida e leva o título de Vampiro Iniciado. Ele preenche sua candidatura formal e obtém a entrada pelo Conselho para Estudos Avançados, o qual é considerado o Primeiro Círculo do Templo Externo. O Vampiro Predador pertence ao Segundo Círculo, e ganha o título apenas o Iniciado que alcança resultados específicos no desenvolvimento terreno e mágico. O Sacerdócio de Ur é o Terceiro Círculo, e também é conhecido como Templo Interno ou Templo do Dragão. Um sacerdote deve demonstrar satisfatoriamente aplicação avançada dos princípios do vampirismo e jurar servir o Templo.

– Interessante – disse, enquanto pensava “Ela é maluca!”

– O Sacerdócio de Ur é o portão para os Mistérios Ocultos do Templo, os quais exercem influência sobre o mundo terreno. Estes mistérios são revelados apenas para os que se mostram confiáveis.

– E como uma pessoa se torna... um... vampiro?

– Um vampiro é feito, não nasce. Isso vem de um contato direto e pessoal com os Deuses Não-Mortos. O propósito original e correto de todo ritual mágico é atrair e encontrar os Não-Mortos na sagrada arte da Comunhão Vampírica. Tais encontros sempre levam os aspirantes humanos, bem como Aqueles Que Se Levantam a lugares remotos e isolados. E assim será até o fim do mundo. Como diz nossa Bíblia:

O Chamado dos Deuses Não-Mortos deve ser efetuado em uma área onde não será imunda e maculada pelos olhos de humanos fracos e profanos. Isto é assim não somente para proteger o Vampiro Vivo que não alcançou a imortalidade, mas também porque os Não-Mortos não serão atraídos na presença desses que estão cobertos com o fedor da

mortalidade. Então, feche a porta e tranque-a. Lacre o lugar de seu Trabalho de todas as formas. Não deixe ninguém que não seja um Vampiro iniciado pela comunhão estar presente nem participar deste que é o mais sagrado de todos os atos de magia!

- E como vocês se preparam para tal ato?
- Novamente citando nossa obra:

Seu manto deveria fundir-se com a escuridão à sua volta. Venham aos Não-Mortos como verdadeiros feiticeiros e verdadeiras bruxas. Muitos se amortalarão em capas pretas e batas enquanto outros amortalarão seus corpos somente com a escuridão da própria noite. Em todo caso não use roupas que distraiam sua mente, pelo contrário; o objetivo delas é aumentar seu propósito. Joias são uma opção de roupa, mas se você for usá-las, não é do uso de sacerdócio nenhum ferro, as qualidades do ferro podem ofender os Deuses Não-Mortos. O uso do Crânio Alado em um anel ou medalhão agrada os Não-Mortos e aumenta o poder do ritual.

Um altar é qualquer superfície para descansar alguns utensílios de magia cerimonial e deve representar a fundação firme da terra na qual nos movemos e vivemos. Quando possível, coloque o altar para o oeste e drapeje-o com um pano preto. Sobre o altar, posicione um espelho ao nível dos olhos ou mais alto. O espelho age como um ponto visual de concentração e frequentemente como um portal para o astral. A batuta pode ser qualquer vareta de madeira ou metal (com exceção do ouro e do ferro). O propósito da batuta é ajudar o enfoque do testamento do celebrante. Velas oferecem luz quando preciso e devem ser pretas para simbolizar os poderes da escuridão, ou vermelhas para simbolizar o sangue – a força vital. Incenso também pode descansar no altar. Mirra e outros odores tradicionais de funerais e morte são apropriados.

O cálice representa o corpo humano e neste trabalho tal taça deve ser preenchida com um pouco de líquido vermelho, que os celebrantes reconheçam ter gosto agradável. Não importa o que é. O que é importante é que representa o sangue, a força vital do corpo.

A faca de cabo negro ou espada só é segurada pelo operador em rituais de grupo e vista como um símbolo da tomada de força vital (como uma arma) e como uma lembrança do papel predatório de cada Vampiro. Podem ser usados especialmente bem tambores, chocalhos, sinos e gongos em uma cerimônia de grupo. Com equipamento de estéreo moderno, o celebrante não precisa esperar para aproveitar o poder audível de um temporal. Porém, cuidado deve ser tomado para que as palavras do celebrante não sejam dominadas por outros sons. Um sino ou gongo de som penetrante também se faz necessário.

- Fale um pouco dos estágios de aprendizado das leituras.
- A ordem a ser seguida é mais ou menos a seguinte: *The Vampire Priesthood Bible* trata de necromancia, abertura de portais astrais, deuses vampíricos e da filosofia vampírica. Depois de um tempo, e de algumas provas, você segue para o *The Vampire Adept Bible*, que entra em diversos temas, como o que é a verdade, as dimensões da experiência vampírica, os portais e suas visões e a doutrina dos sonhos. Em seguida, vem *The Vampire Sorcery Bible*,

que volta ao tema dos nove portais para que os que não são mais neófitos consigam penetrá-los e transmutá-los. Nessa penúltima Bíblia, estão as chamadas nove leis mágicas, não divulgadas a não-iniciados. E, finalmente, temos a *Vampire Predator Bible*, que trata de temas como lacrar, expandir e agarrar o astral, o uso da razão no vampirismo e o testamento vampírico.

Ela falava com convicção tão grande, que não duvido nada que acreditasse viver em um filme do gênero *A Hora do Espanto* ou *A Dança dos Vampiros*. Tudo para lá de esquisito. E pensar que isto é uma Sociedade Secreta...

De repente, a porta do quarto abriu e Wilson apareceu:

– Desculpem a interrupção, mas devemos começar a nos preparar. É quase uma da manhã. Teremos a tarde inteira de amanhã para descansar e, então, vocês poderão terminar essa conversa.

Dei graças a Deus pela interrupção. Não sabia bem o que pensar sobre essa Sociedade, mas, de acordo com o que pude levantar mais tarde, inclusive no site oficial da Sociedade, eles realmente levam a sério o que dizem. Cada maluco... Mas eram esses mesmos malucos que seriam nossos aliados em Paris contra o Processo.

Samantha dirigiu-se para a sala e pareceu não se incomodar com a interrupção. Parou a meio caminho do quarto e disse-me, em português:

– Enviarei a você um arquivo de texto com a *Bíblia Vampírica* para que possa estudar.

“Claro”, pensei, “como se eu já não tivesse o suficiente para me manter ocupado...”

Desliguei o gravador digital e fomos para a sala. Uma mesa havia sido armada e sentamo-nos. Todos, menos Samantha, comemos e discutimos os passos do dia seguinte. “Acho que ela não toma... vinho!”, pensei, lembrando da famosa frase de Bela Lugosi no filme *Drácula*, e quase ri na frente de todo mundo.

Mais tarde, quando fomos nos recolher (afinal, todos estávamos exaustos e precisávamos nos preparar para o dia seguinte), quase tive um ataque ao pensar que Ângela e Samantha iriam dividir o quarto.

– Você vai dormir na mesma cama que... aquilo? Parece mais necrofilia! – falei baixinho para Ângela a fim de que os ouvidos afiados de Samantha não captassem minha conversa – Veja só como ela se parece com um cadáver! Aposto que é fria na cama! Você vai se sentir como se estivesse na companhia de pinguins!

Ângela soltou um riso bem abafado.

– Para com isso! Já fomos amigas, esqueceu? E, além do mais, é bom tê-la por aqui!

– Com que finalidade? Espantar mosquitos durante a noite? Ter passe livre no *Halloween*? Conseguir desconto em casa funerária? E se ela tiver sede no meio da noite, vai te morder? Viu só a maquiagem dela? Parece o Paul Stanley, do Kiss! Aposto que o seriado preferido dela é o *Six Feet Under*, da HBO. Além do mais, ela não precisa dormir. Você se esqueceu de que vampiros só dormem durante o dia e em caixões? Que tal acomodá-la dentro do armário embutido do quarto?

Ângela riu ainda mais e bateu em meu ombro para que eu ficasse quieto. Mas ela adorava Samantha, que conhecia há, pelo menos, 15 anos. Deixei para lá, beijei-a e fui para a sala, onde dormiria num colchonete de casal com William, enquanto Wilson ficava com o sofá.

No dia seguinte, fui novamente a um cybercafé fazer um relatório para mim mesmo sobre o que tinha visto e escutado. William e Wilson providenciariam mapas de Paris enquanto Ângela

e Samantha levantariam mais dados em uma biblioteca sobre William Blake. Ângela continuaria a engordar o “cinto de utilidades da Batgirl”, que já se parecia com uma mochila de acampamento de tão cheia que ia ficando.

Às duas da tarde, encontramos-nos e conversamos sobre o que havíamos levantado. William descobrira que agentes do Processo tinham espalhado a notícia da Caça e que um deles era o responsável pela divulgação da notícia no site do Templo do Vampiro. Wilson não acreditava que fosse uma infiltração no Templo, embora os homens de marrom já tivessem provado sua capacidade quase sobrenatural de estar nos mais diversos lugares. O dia inteiro se passou e não houve nenhum encontro com Laura ou Gabriel, o que me aliviou um pouco.

Quando o relógio acusou seis horas, Wilson estava de volta com nossos pertences, que tinham ficado nos armários do *le D'Artagnan*, nosso endereço fictício para evitar que nos seguissem até o cubículo de William. Iríamos passar algum tempo lá espremidos até o fim da Caça e nossa partida para a última etapa, em Roma. Todo esse trabalho só para não sermos seguidos!

Samantha escutava Joy Division² enquanto fazia novamente sua posição de lótus e sua rotina de “comunicação telepática”. O resto de nós repassava todos os itens utilizáveis na Caça.

– Dá para aproveitar a ligação e pedir uma pizza meia pepperoni meia muzzarela? – sussurrei no ouvido de Ângela, o que me valeu um tapa na testa e um riso reprimido.

A “vampira”, de repente, saiu do transe e levantou-se. Olhou para nós agitada:

– Paul tem quase certeza de que sabe onde está o *grimoire*.

Espantei-me com a afirmação. William fez sinal para deixar para lá e continuar com os preparativos.

– Intuição é sempre útil – comentou Wilson, sem levantar os olhos do mapa de Paris – Qual o palpite?

– Pergunte para o escritor, mestre maçom – disse, apontando o dedo para mim.

Aquilo me irritou.

– Por que todo mundo acha que eu sei as respostas para tudo?

– Nesse caso, pelo jeito, você sabe mesmo. Paul mandou lembrar-lhe de algo...

No mesmo instante, começou a trovejar e cair uma chuva pesada. A noite prometia frio e umidade.

– *Riders on the Storm...* – cantou Samantha – *Riders on the Storm / Into this house we're born...*

Um arrepio de choque me correu pela espinha. Será que ela sabia o mesmo que eu? Fazia sentido: o elo com William Blake era claro. Pai e filho olhavam sem entender, e Ângela ria consigo mesma enquanto arrumava uma sacola com blusas. Aparentemente, Samantha e eu não nos gostávamos, mas não resistíamos a nos provocar, ainda que sem agressividade.

A chuva passou a tempo de irmos para *Notre-Dame*, na *Ile de la Cité*. Até esta tarde, não tinha reparado que o cubículo de William fica perto do Hotel de *les Invalides*, atrás do qual fica o Domo, com o túmulo de Napoleão Bonaparte. De lá até a Igreja, demoramos cerca de meia hora no Citröen de William. Eram quase oito horas quando entramos no cenário de *O Corcunda de Notre-Dame*, uma homenagem a Victor Hugo, suposto Grão-Mestre do Priorado de São.

A catedral teve sua primeira pedra colocada em 1163, pelo papa Alexandre II, e demorou cerca de 170 anos para ser levantada. Milhares de arquitetos góticos e medievais trabalharam

em sua construção. E valeu a pena: é um edifício de tirar o fôlego, uma obra-prima gótica, que foi erguida sobre as ruínas de um antigo templo romano. Quando ficou pronta, em 1330, tinha 130 metros de comprimento e possuía torres de 69 metros. Suas gárgulas, conhecidas como *Chimières*, escondem-se por trás de uma ampla galeria entre as torres. O portal de entrada é conhecido como Portal da Virgem, e mostra Maria cercada de santos e reis. Possui inúmeras obras de arte em seu interior, e dá para perder muito tempo apenas na observação.

Perto da entrada da sacristia, abaixo da esplêndida rosácea sul, com pinturas do século XIII, estava uma estátua de Joana D'Arc, a guerreira virgem que liderou a campanha contra os ingleses. Ao seu redor, as mesmas caras que tínhamos visto em *Temple Church*. Porém, os organizadores eram outros, franceses que trabalhavam em conjunto com os ingleses. Por isso, não foi de estranhar quando um deles olhou para nós e disse:

– *Password?*

“De novo?” Olhei para Wilson e ele fez que sim com a cabeça. Para confirmar que os participantes seriam os mesmos que haviam passado por Londres, os organizadores resolveram adotar senhas-padrão, ou seja, que exprimissem continuidade e fossem ligadas à anterior. E lá fui eu passar na memória a letra de “Most High”, de Jimmy Page e Robert Plant, novamente. Obviamente, precisavam ser versos com a mesma estrutura da senha anterior. Fui pela ordem da letra:

– *Who hides the east from the blind man's eye?*

– *In the land of peace where the righteous cry* – foi a contrasenha.

O homem entregou-nos um envelope pardo, similar ao que recebemos em Londres. Ângela abriu-o e entregou o conteúdo para Samantha examinar. Era novamente uma descrição do diário de William Blake, uma pintura do mesmo e a transcrição de um documento, novamente uma carta, com o seguinte trecho destacado:

*Where the gods reunite
The hand will tell you what to do*

Olhei para Wilson:

– Essas cartas reproduzidas seriam do general Williams?

– Suponho que sim.

– Por que ele sempre deixa que os outros “digam o que fazer”? Por que não fala de maneira mais direta?

Antes que Wilson pudesse me responder, William puxou-nos as mangas e apontou para o corredor, onde víamos as já conhecidas figuras de marrom se aproximando. Quando passaram por nós, pude notar o ar abatido de Laura e os tais olhos roxos a que Ângela se referira no encontro do Louvre. Gabriel vinha logo atrás, confiante, esplêndido num terno Armani marrom. Parecia um empresário que se encaminhava para tomar posse de algo.

Gabriel olhou fixamente para mim e, depois, para Wilson. William estava agitado e sentia que, se não o segurássemos, era capaz de enfrentar o Processo inteiro sozinho para vingar a morte de Brad. Ângela foi a primeira a aproximar-se para acalmá-lo, com Samantha atrás falando algo do tipo “Um dia da caça, outro do caçador”.

– O sangue falará por todos nós! – disse ela, quase alto demais.

“Desde que não seja o nosso sangue derramado...”, pensei.

Gabriel olhou para trás e sorriu. Laura aproximou-se e falou a senha. Quando recebeu o envelope, pareceu prestes a largá-lo no chão, de tanto que sua mão tremia. Gabriel aproximou-se dela, segurou-a pela cintura e, com algumas palavras, ela estava de volta ao normal. No pescoço de ambos, via-se um Olho de Hórus dourado, um símbolo pagão dentro de uma igreja cristã.

Gabriel aproximou-se. O silêncio era tanto que ouvíamos seus passos.

– Agora o grupo tem um militar e uma vampira? – perguntou, voltando-se a mim e Wilson.

– Estamos progredindo – falei, sarcástico.

Ele olhou com expressão séria para Wilson.

– Lembre-se: você me deve uma!

Wilson devolveu o olhar sem se abalar:

– Antes que a noite termine descobriremos quem vai precisar mais de ajuda...

Gabriel voltou-se para seu comitê e fez sinal que o seguissem para fora de *Notre-Dame*. Laura ia atrás, como um cachorrinho, sem dizer nada. Apenas esbarrou em William e desculpou-se, mas logo saiu de nossas vistas.

Wilson nos reuniu e começou:

– Vamos lá, pessoal. Temos alguns minutos antes do começo oficial. Ponham as cabeças para funcionar.

Dez minutos depois, ninguém tinha a mínima ideia de o que significavam aquelas palavras. Por isso, comecei de novo a deixar meu pensamento ir embora. Queria muito ver os pontos mais interessantes de Paris, como a Torre Eiffel, o Arco do Triunfo, o *Champs Elisée*...

– Onde podemos ter contato com pensadores do passado? – perguntei.

Todos me olharam como se eu estivesse delirando.

– Por que disse isso? – perguntou Ângela.

– Estava pensando em procurar referências ao trabalho de Foucault desde que li o livro do Umberto Eco³.

– Eles fizeram recentemente uma reprodução do Pêndulo de Foucault lá no Panteão – disse William.

Samantha estremeceu.

– Você disse... Panteão? – perguntou.

William concordou sem entender. Olhei para ela e entendi imediatamente onde queria chegar. Era brilhante!

– Pinky⁴, você está pensando o que eu estou pensando? – perguntei. Claro que ela não entendeu a referência. Olhei para Wilson.

– Se não me falha a memória, o Panteão foi concebido por Luís XV quando se recuperou de uma grave doença, em 1744. A igreja era para reverenciar Santa Genoveva, padroeira de Paris. Jacques-Germain Soufflor, o arquiteto responsável, imaginou uma igreja em estilo neoclássico. A igreja ficou pronta em 1790, dez anos após a morte do arquiteto. Depois da Revolução Francesa, virou um Panteão e ficou num vai-e-vem entre o povo e a igreja desde Napoleão Bonaparte, em 1806. Tornou-se pública em 1885.

– O que é que você faz à noite, lê enciclopédias na cama? – brincou Wilson.

– Isso é sério, Wilson. Faz sentido: um panteão de deuses é um conjunto deles. Paris possui esse Panteão, que reúne “os maiores e melhores heróis da França”.

William consultou um mapa que tirou do bolso.

– O Panteão fica no *Quartier Latin*, relativamente próximo daqui.

Os organizadores deram a Caça como iniciada. Eram oito e meia. Olhei para Wilson, que estava pensando no que eu havia explicado. Ele concordou com a cabeça, e resolvemos começar nossas atividades por essa pista.

Enquanto nos dirigíamos para o carro, porém, Samantha quase gritou de novo:

– A mão! Já sei! Paul e eu estivemos lá alguns meses atrás visitando os túmulos da cripta!

William fez um gesto para que ela falasse mais baixo. Era óbvio que a excitação da Caça havia mexido com a ansiedade dela. Ângela logo emendou:

– Há uma cripta no Panteão?

– O nome é sombrio, mas o ambiente não. Na verdade, é um grande salão, que fica logo abaixo do edifício e ocupa toda a área do prédio. Divide-se em galerias, que são rodeadas por colunas em estilo dórico. Lá estão os maiores nomes do país! – explicou Samantha – Alexandre

Dumas Filho, o autor de *Os Três Mosqueteiros*, foi transferido recentemente para lá, onde se juntou a Émile Zola, Jean Moulin, Voltaire...

– E Victor Hugo! – falou Ângela – Eis um link de confirmação do nosso cenário inicial!

– E quanto à mão? – perguntou William.

Wilson abriu a porta do carro e voltou-se para nós.

– Samantha? O que você sabe a respeito?

A “vampira” respondeu sem pestanejar:

– Trata-se do túmulo de Jean-Jacques Rousseau. Vamos até lá e vocês verão com seus próprios olhos.

O carro ligou logo, apesar do frio. E lá fomos nós para o Panteão. A Caça havia começado.

Trecho de “O Chamado dos Deuses Não-Mortos”, da *Bíblia Vampírica*, tradução do original em inglês do Templo do Vampiro. [N.E.]

Banda punk cujo primeiro vocalista, Kevin Curtis, suicidou-se aos 23 anos. [N.E.]

Referência a *O nome da rosa*, publicado em português pela Nova Fronteira, em 1983. [N.E.]

Ver nota 2, [Capítulo 11](#). [N.E.]

CAPÍTULO 16

UM CORPO QUE CAI

O terceiro andar da Torre Eiffel está 274 metros acima do solo. Suporta 800 pessoas de cada vez e é acessível somente por elevador. Dá para sentir o vento de maneira desimpedida, o que dá certo ar de isolamento do mundo lá embaixo. O lugar já registrou milhares de tentativas de suicídio.¹

Wilson sacou do bolso as credenciais obtidas na Loja maçônica de Londres quando nem bem o carro tinha parado. O Panteão era esplêndido ao luar, com seu aspecto de igreja antiga. De fora, ninguém percebe o que há em seu interior: um verdadeiro museu em honra aos grandes momentos da história francesa. Passamos por duas das enormes portas duplas de bronze e adentramos a igreja, que já estava vazia. Eram quase nove horas da noite.

Por todos os lados, víamos enormes estátuas que representavam o ideal de liberdade da Revolução Francesa e murais que contavam histórias como a da execução de Joana D’Arc. O chão era de mármore, e o fundo do salão principal estava mergulhado em escuridão. Era óbvio que já estava fechado.

– Samantha e William, tentem descobrir onde ficam os interruptores deste lugar – disse Wilson – Ângela vem comigo para encontrarmos quem ainda estiver aqui.

– Ei, e eu? – perguntei.

– Fique aqui. Precisamos saber o que há de errado neste cenário.

Ângela me deu o celular dela, que estava ligado diretamente ao de Wilson, e então nos separamos. Fiquei sozinho na entrada. O silêncio e a escuridão me davam a terrível sensação de que havia alguém oculto.

De repente, escutei a porta de bronze fechando. “Não pode ser o vento, essas portas são muito pesadas.” Aproximei-me da entrada, iluminada apenas pela luz de uma luminária pequena que estava no balcão de informações.

– Alô! – gritei em inglês – Tem alguém aí?

Como resposta apareceu um homem de uns 27 anos. Tinha a barba por fazer, cabelos compridos amarrados num rabo de cavalo, brincos nas orelhas e uma *ankh* pendurada no pescoço. Vestia camisa preta, calça preta, sapatos pretos, além de um sobretudo preto e um chapéu preto que parecia uma meia cartola. Suas mãos estavam nos bolsos do sobretudo. Parou e olhou-me sério.

– Paul? – arrisquei.

Ele se aproximou de mim e me examinou atentamente.

– Não sei o que viram em você para ser tão importante – disse ele, em português, numa voz

que tinha o mesmo tom que a de Samantha – Mas digo apenas uma coisa: seu amigo está para chegar aqui em breve. Ele não usa a inteligência como vocês, apenas suga as informações dos outros, como nós sugamos sangue. Tem uma ambição sem limites e está ficando cada vez mais perigoso.

– Hã... Poucos minutos? Então precisamos nos apressar...

Estava para acionar o celular, mas Paul me impediu de usá-lo com uma de suas mãos. Seu toque era frio como um cadáver.

– Não é necessário. Ganhei mais algum tempo para vocês. Eles não chegarão aqui tão rápido graças aos meus seguidores. Mas não demorarão muito. Avise seus companheiros para ficarem de olho, pois nada é o que parece ser. E assim que tiver a confirmação de onde está o *grimoire*, eu me juntarei a vocês.

Parei, com o celular na mão. Olhei para ele sem saber o que fazer ou dizer.

– Não se preocupe – disse, com um sorriso maléfico – Eles se arrependerão em breve de terem cruzado o caminho do Templo do Vampiro. Só há espaço para uma raça predadora...

Paul virou-se para a escuridão da entrada e desapareceu. “Nossa, ele parece mais assustador do que Samantha!”

De repente, as luzes acenderam e William veio correndo para me encontrar. Samantha saiu correndo para a cripta. Disse que queria alguns minutos de comunhão com os mortos. “Que casal de malucos!”

Algum tempo depois, Ângela e Wilson voltaram com o encarregado do Panteão. Ele explicou que dispunha apenas de mais meia hora e que teria de fechar até às dez horas. Graças às credenciais de Wilson, ele permitiu que circulássemos à vontade, desde que não passássemos do prazo estipulado para fechar. William levou-nos até uma sala no extremo oeste da igreja, na qual se via uma maquete do edifício e uma placa em forma de seta indicando o caminho para a cripta. Descemos vários lances de escadas até que nos vimos no salão descrito anteriormente por Samantha. Depois de andar alguns metros, vimos um enorme salão em que, à nossa esquerda, estava o túmulo de Rousseau e, à direita, o de Voltaire.

Os dois eram antigos e talhados em estilos diferentes. O de Voltaire tinha uma estátua do pensador e escritor feita por Jean-Antoine Houson. Voltaire foi o primeiro francês a ser sepultado no Panteão. Morreu em 1788 e foi enterrado fora de Paris, mas seus restos voltaram à cidade para um cortejo fúnebre, que foi a grande atração da época.

Em frente ao túmulo de Voltaire estava o estranho monumento de Rousseau. Bem diferente do de Voltaire, o túmulo de Rousseau não tinha estátua, apenas o sarcófago, que era de madeira polida e tinha a forma de um templo romano, com uma mão que segurava uma tocha saindo de duas portas semiabertas. Samantha estava lá, observando com reverência.

– Muito bem – disse Ângela – Aqui estamos. O que podemos concluir daqui?

Ninguém tinha a mínima ideia.

– Consegui a verificação? – perguntou William para o pai.

– Sim, Williams esteve aqui há mais ou menos 16 anos. Tem que ser aqui. Mas o que podemos concluir?

– Temos que nos apressar – falei – Paul disse que Gabriel e o Processo estão a caminho. Todos me olharam espantados. Samantha sorriu.

– Ele apareceu, não foi?

– Como sabe?

– Ele me disse que iria fazê-lo. Logo estará conosco. Mas vamos, então, colocar nossas cabeças para funcionar.

Observar o túmulo não levava a lugar nenhum. O que poderíamos tirar dali?

– Já repararam que, de longe, posso confundir o desenho da tocha com o de uma rosa? – falou William, afastando-se do local e quase esbarrando na estátua de Voltaire.

Wilson concordou e olhou para a estátua de Voltaire.

– Esperem um pouco! Os túmulos estão um de frente para o outro. A tocha pode revelar o caminho, como um símbolo. Mas a estátua de Voltaire está olhando para outra direção.

– Alguém tem um mapa? – perguntou Ângela. William estendeu o que havia consultado dentro de *Notre-Dame*. Ela colocou o mapa no chão e, de dentro do “cinto de utilidades”, tirou uma régua pequena e uma bússola. Fez alguns cálculos e, com a ajuda dos dois objetos, traçou uma linha reta do ponto onde estávamos até quase o limite do mapa. – *Montmartre!* – exclamou

– Faz sentido! – concordou Samantha – William está certo! A confusão de símbolos pode ser apenas sugestiva. A rosa é um símbolo que representa o coração...

– O *Sacré-Coeur*! – disse Wilson – Minha nossa! Que trabalho teve Williams...

– Você tem certeza? – perguntei para Ângela.

– Bem, não sou cartógrafa, por isso acrescentei alguns ângulos a mais. Mas o raio de ação passa por lá, tenho certeza. E o *Sacré-Coeur* está no perímetro desenhado.

Todos olhamos para Wilson, que estava pensativo.

– E se estivermos errados? – disse ele – Não poderemos voltar para uma segunda tentativa.

– Mas não há nenhuma ilustração ou desenho para confirmar desta vez – observei – Se ele realmente passou por aqui, isso já deve ser um indício.

– Bem, ele não faria os três caminhos similares em todos os aspectos. Seria fácil demais achar os outros *grimoires* uma vez que você tivesse encontrado o primeiro – observou – Está bem, vamos lá.

Subimos correndo as escadas e nos precipitamos para o lado de fora do Panteão bem na hora em que os três carros do Processo chegavam. Escondemo-nos numa esquina do edifício enquanto víamos Gabriel liderar sua comitiva na entrada.

Saímos correndo do esconderijo e entramos no Citroën. Faltavam cinco minutos para as dez horas, e tínhamos que atravessar pelo menos três bairros para chegar a *Montmartre*, ao norte de Paris. O passeio levou cerca de trinta minutos, graças ao pequeno tráfego existente nas ruas.

Eram quase dez e meia da noite quando estacionamos o Citroën em uma elevação próxima à igreja do *Sacré-Coeur*. Ela fica majestosamente no alto de uma colina e próxima a uma longa escadaria que leva para sua parte frontal. Data de 1870, a época da guerra franco-prussiana, quando dois empresários católicos fizeram a promessa de construí-la e dedicá-la ao Sagrado Coração de Cristo caso a França escapasse de um possível massacre prussiano. Alexandre Legentil e Rohault de Fleury conseguiram o que queriam, e a cidade foi poupada de um fim trágico. As obras começaram em 1875, e a basílica, inspirada na igreja romano-bizantina de *St. Front*, em *Périgueux*, foi concluída em 1914. Por causa da invasão alemã, sua consagração aconteceu cinco anos depois, em 1919, quando a Primeira Guerra Mundial tinha terminado.

Subimos as escadas, sem saber bem o que e onde procurar. Ângela pegou um guia visual que continha uma planta interna da igreja. Paramos por alguns minutos para admirar, sob a luz

da Lua, as estátuas de Joana D'Arc e de São Luís, ambas acima do pórtico de entrada. William estava à nossa frente, verificando as portas duplas de madeira.

– Estão abertas – disse, bem baixo, como num sussurro.

Todos nos olhamos. “Pode ser uma cilada”, pensei. Wilson, como se lesse meu pensamento, disse:

– Não há nenhum outro carro nas redondezas. Talvez haja alguém nos esperando lá dentro.

Samantha e Ângela já estavam empurrando a porta e entrando. Wilson balançou a cabeça e resmungou algo sobre “a impetuosidade feminina”, indo logo atrás. William e eu fechamos o cortejo. Lá dentro, só havia a luz de várias velas acesas e, claro, o ambiente estava lúgubre e pesado. Logo abaixo do conhecido Mosaico de Cristo estava um padre, ajoelhado e rezando. Estava de olhos fechados e eu não sabia se tinha percebido nossa entrada. Wilson aproximou-se devagar para não assustá-lo e estava para tocá-lo no ombro quando ele abriu os olhos e levantou-se. Parecia ter uns 100 anos de idade.

– Boa noite, meus filhos. Estava esperando por vocês – falou, em francês.

William aproximou-se e começou a conversar com ele, pois era o único de nós que falava bem o francês. Isto sem contar Samantha, que olhava para tudo com os olhos arregalados sob seus óculos escuros.

– Será que, se eu rezar o Pai-nosso três vezes e jogar água benta, ela derrete que nem a bruxa de *O Mágico de Oz*²? – sussurrei para Ângela, que me empurrou, reprimindo um riso.

William voltou-se para o pai:

– Ele diz que nos espera há quase cinco anos. Foi instruído pelo general Williams a dar algo a você.

Wilson espantou-se.

– Como pode? Eu não o conheço...

O padre começou a falar mais alguma coisa, e William traduziu:

– O general esteve aqui há alguns anos e disse que estava escondendo um livro que poderia valer muito e que não deveria cair em mãos erradas. Era muito amigo do padre René, aqui, e se conheciam desde a infância de Williams. O padre sabia que ele pertencia a uma Sociedade Secreta, embora não soubesse qual. Aceitou em consideração a ele e, quando soube que ele fora dado como morto no Iraque, esperou para livrar-se de seu fardo.

O padre René aproximou-se de Wilson e falou mais alguma coisa enquanto o examinava.

– Diz que o senhor é exatamente como Williams havia descrito e que está chocado com a precisão.

– Diga-lhe então que me dê o que procuramos! – falou Wilson.

O padre foi até seu escritório e voltou pouco depois com um envelope parecido com o que recebemos no começo da Caça. Wilson abriu e deparou-se com uma carta endereçada a ele. Dizia:

Paris, 8 de julho de 1989.

Prezado Wilson Weinburgh:

Não nos conhecemos pessoalmente, mas, mesmo assim, devo deixar este testemunho para você. Sei que é mestre maçom, por isso posso falar sem receio de parecer ridículo: algo terrível me espera caso pise fora de nossa querida ilha britânica. Porém, devo ir ao encontro do meu destino. Um Illuminatus não foge ao cumprimento de sua missão.

Uma das vantagens de possuir um alto grau de iluminação nos mistérios esotéricos é conseguir o domínio sobre capacidades que nos permitem vislumbrar o futuro. E sei exatamente quem é você, embora nunca tenhamos nos falado. Graças ao método de Nostradamus, posso afirmar que sei exatamente que é você quem deverá achar meu tesouro.

Por isso, leve o conteúdo deste envelope para fora desta Igreja e proteja meu bom amigo, o padre René. Ele deve ser colocado em lugar seguro até que o diário de William Blake esteja nas mãos corretas.

Que Deus esteja com você até o fim desta aventura.

Wallace Williams.

– Que demais! – exclamou Ângela – Ele tinha o controle sobre o método de Nostradamus!

Antes que eu perguntasse, William me explicou o que era esse método. Tratava-se da maneira como se acreditava que o profeta Michel de Nostradamus escrevia suas centúrias: à noite, sozinho, sentado num banco de três pernas, observando uma bacia de ouro onde via (e sentia) uma mistura de ervas aromáticas e água. Acreditava-se que aquele que dominasse a técnica veria imagens do futuro refletidas na água.

– Provavelmente eram drogas alucinógenas – sussurrou William – Mas nunca se sabe...

Wilson mostrava-se atordoado. Uma carta pessoal para ele era mais do que poderia querer. Samantha quebrou o transe:

– É melhor nos apressarmos. Aqueles caras do Processo devem estar a caminho!

Wilson voltou a si e completou:

– Bem lembrado. O que mais tem no envelope, Ângela?

Ela tirou uma chave parecida com a que vimos na Torre de Londres e perguntou:

– Será que já acabou?

– Não pode ser! – disse Samantha – Paul nem apareceu!

– É melhor vermos de onde é essa chave – falei.

O padre René aproximou-se e começou novamente a falar.

– Ele diz que é de um cofre oculto que está na cripta – traduziu William.

Samantha empolgou-se pela oportunidade de conhecer mais uma cripta.

– Aqui também tem cripta? – perguntei – Paris é mesmo a cidade dos mortos! Isto está ficando muito mórbido para o meu gosto...

Wilson pediu ao padre que nos levasse para lá. Saímos pela porta da frente e contornamos o edifício até o começo do lado esquerdo, de onde víamos uma pequena bilheteria que vendia ingressos para os turistas visitarem a cripta. William já telefonara de seu celular para alguns companheiros militares virem buscar o padre enquanto Ângela e Samantha entravam na ainda escura cripta e Wilson olhava para a carta em suas mãos.

Quando estávamos todos dentro da cripta, uma capela bonita, que continha enormes estátuas de padres mortos e até o coração de Alexandre Legentil numa urna de pedra, Wilson disse:

– Espalhem-se. Temos que achar esse cofre.

Samantha saiu farejando o ar como um perdigueiro e foi seguida por William e Ângela. Wilson e eu ficamos contemplando as estátuas dos padres. Uma delas mostrava um cardeal ajoelhado em posição de veneração. O tamanho dela era assustador.

– Isso causa mais medo que adoração – comentei.

Wilson olhou as outras, que estavam em posições diferentes.

– Esta é a única que apresenta uma posição que poderia indicar uma direção – começou.

– Será que o cofre está aqui? – perguntei.
– Seria um bom lugar. Como você disse, dá medo. Quem iria procurar algo assim por aqui?
Aproximei-me da estátua, que estava em cima de um enorme pedestal. Comecei a rodeá-la e a procurar algo parecido com uma fechadura. Nada. Até que olhei um detalhe na base, que poderia passar por uma fechadura. Havia uma espécie de corrente de minúsculas rosas por quase todo o lado esquerdo. Parecia um afresco.

De repente, Samantha voltou para onde estávamos e disse:

– Meus pensamentos, exatamente. Este monumento é um túmulo, não?

William vinha atrás com o padre René. Perguntou para ele e obtive a resposta:

– Sim, de um dos mais adorados sacerdotes da igreja.

Samantha pegou a chave de Wilson. Tinha dois dentes em sua extremidade, como os caninos de um vampiro.

– Tente! – disse-me, estendendo a chave.

– Onde?

– Nas rosas. Lembra que comentamos sobre as rosas serem símbolos do coração?

Ela tinha razão! Comecei a examinar as rosas uma a uma e, de repente, vi que duas delas tinham uma ligeira depressão onde era o miolo. O espaço para encaixar a chave. Tentei e ouvi um “click”. Girei, e uma espécie de gaveta de pedra, perfeitamente encaixada na base do túmulo, abriu-se. Ângela aproximou-se e abriu a gaveta. Olhou para dentro e voltou-se para mim:

– É uma foto. De um homem.

Arrepiei-me todo. Já sabia de quem era a foto, e Samantha riu alto.

– Então estávamos certos desde o início? – perguntou ela.

Fiz que sim com a cabeça. Quando Ângela tirou a foto reconheci de imediato o rosto de Jim Morrison, líder do The Doors.

– Mas qual a conexão? – perguntou William, confuso.

– Morrison tirou o nome da banda de um verso de William Blake que falava sobre a percepção: “Se as portas da percepção forem abertas, as coisas surgirão como realmente são, infinitas”.

– Então o *grimoire* está... – começou Wilson.

– Onde pensei inicialmente que estaria – falei – Em algum lugar do famoso Cemitério do *Père Lachaise*, onde Jim Morrison está enterrado.

– Por que não falou desde o início? – disse Wilson.

– Parecia uma ideia absurda. Quem imaginaria que um Illuminatus pudesse gostar de *classic rock*?

– E o que significa a foto? – perguntou Ângela.

– O cemitério é enorme e tem muitos famosos enterrados por lá, entre eles Allan Kardec, Sarah Bernhardt, Oscar Wilde, Marcel Proust, Champollion, Chopin, Honoré de Balzac, Molière e La Fontaine. O lugar é grande, e é um ponto turístico muito visitado. Meu palpite é que a foto indica que devemos usar o túmulo de Morrison como ponto de referência para procurar o local exato onde está o livro.

– Então Paul estava certo! – falou Samantha, em franca reverência – Devo comunicar-me com ele agora mesmo.

E, no meio da cripta, ela repetiu seu ritual de “comunicação telepática”.

– Bem, é mais eficiente do que um celular, que pode perder o sinal – observou William, e foi a minha vez de abafar um riso. Meu relógio acusava onze e meia da noite quando ela finalmente saiu do transe. Parecia satisfeita.

– Paul quer que levemos o padre daqui e que sigamos para o *Père Lachaise*. Ele nos encontrará lá.

No mesmo instante, o celular de William vibrou e acusou a chegada de seus conhecidos militares. Eles nos esperaram na entrada da igreja e levaram o padre René de lá. Voltamos para o Citroën bem na hora de ver novamente os carros do Processo chegarem. Faltavam dez minutos para a meia-noite quando nos colocamos a caminho do *Père Lachaise*.

O cemitério fica a apenas quatro quadras do mesmo albergue *le D’Artagnan* em que nos hospedamos e colocamos nossas bagagens. Era realmente grande, e já tinha visto algumas fotos do local no site oficial, que permitia que você fizesse uma visita virtual. Era exatamente meia-noite e vinte quando chegamos ao portão principal. Um telefonema de William enquanto estávamos a caminho fez que um general militar do exército nos esperasse no portão de entrada, junto com o administrador do local. “Que bom termos pessoas influentes por aqui”, pensei. Depois de uma conversa agitada, William tinha conseguido algo:

– O coronel Leguian e o administrador Morrau eram conhecidos do general Williams. Deram-nos duas horas para localizarmos qualquer coisa e sairmos fora antes que alguém da vizinhança perceba que há gente no cemitério. Precisamos correr!

Wilson fez cara de angústia, mas Samantha disse:

– Não se preocupem. Eu estou aqui. E em breve Paul também estará. Duas horas é tempo suficiente.

– Você conhece bem o local? – perguntou Ângela.

– Está brincando? Este é um dos nossos passeios preferidos. Para um de nós, isso aqui é um parque de diversões.

– Desde que não tenhamos que arrombar nenhum túmulo – murmurou William para mim e concordei com a cabeça.

Entramos pelo portão principal. O administrador Morrau deu o número de celular dele e fechou o portão. Iria nos apanhar dali a duas horas, juntamente com o coronel Leguian. Quando ouvi o ruído metálico do portão se fechando, arrepiei-me todo. O *Père Lachaise* é mesmo enorme e, na escuridão, incrivelmente ameaçador.

– Como vamos nos orientar? – perguntou Ângela.

– É fácil – disse Samantha – Usaremos o mesmo truque de orientação de seu amigo general. Os túmulos dos famosos serão nossas referências.

A poucos passos da entrada via-se um túmulo dentro de um enorme cercado, onde duas figuras medievais jaziam na tampa de mármore.

– Vejam lá, aqueles são Abelardo e Heloísa, o Romeu e a Julieta da vida real! – apontou Ângela.

– Eles ficam próximos da entrada e no caminho para o *Poet’s Corner* – falou Samantha – Por aqui!

Achei no mínimo curioso um canto do cemitério ter o mesmo nome do canto dos poetas na Abadia de Westminster. Ângela pegou, no “cinto de utilidades”, quatro lanternas pequenas e uma grande, e lá fomos nós, seguindo a “vampira” pelas ruas escuras do cemitério. Corujas e outras aves noturnas piavam, e o barulho de nossos pés nas folhas secas não ajudava muito.

Olhei o relógio: meia-noite e quarenta. Nossas duas horas começavam ali.

O vento uivava no meio das lápides e mausoléus. Não fazia a mínima ideia de como Samantha conseguia se guiar em meio àquela escuridão. “Para ela, isso deve ser como um piquenique”, pensei. “Ou então tem radar de morcego!” O fato é que ela avançava depressa pelas ruas. Começamos a subir uma ladeira, e o caminho estava meio escorregadio por causa do sereno noturno e da enorme quantidade de folhas secas no chão.

De repente, William sussurrou:

– Acho que vi movimento aqui perto!

– Devem ser as árvores – falou Wilson – Ninguém entraria aqui se não fosse pelo portão principal.

– Como podemos ter certeza? – disse Ângela – O local é enorme.

William não tirava os olhos de nossa retaguarda.

– É melhor eu ficar de olho...

– É aqui! – falou Samantha. De fato, o túmulo de Morrison ficava numa área próxima ao topo da elevação. Fica bem escondido atrás de um mausoléu. Para alguém famoso como ele, seu túmulo é incrivelmente pequeno e simples.

“Parte do mistério que cerca sua morte”, pensei.

– Aqui estamos! – disse Samantha – E agora?

Todos olhamos para Wilson, que não sabia o que fazer. Ele logo se virou para Ângela:

– Deixe-me ver a foto de novo.

Ela entregou a ele a foto encontrada no *Sacré-Coeur*. Era uma foto normal, de Morrison no auge da carreira, em 1967. Wilson colocou a lanterna por trás da foto para ver se o fecho de luz revelava algo. Nada. De repente, ele pareceu ter visto algo.

– Ângela, passe-me a lente de aumento.

Do “cinto de utilidades” veio uma lupa parecida com as usadas por Sherlock Holmes. Wilson examinou a foto sob todos os ângulos usando a luz da lanterna e disse:

– Há marcas de números e letras aqui! Estão bem leves, mas são perceptíveis.

Ângela já estava com um bloco e uma caneta nas mãos, pronta para anotar.

– 10... W... 5... S... 6... E... 4... N.

– O que é isso, uma combinação de cofre? – perguntou William.

Examinei os números no bloco e novamente delirei:

– Se colocarmos todos juntos parecem mais coordenadas de um mapa.

Samantha agitou-se.

– Bem pensado, escritor! – ela parecia saber exatamente o que eram aqueles números – Ângela, a bússola ainda está aí?

Ângela apanhou o instrumento e passou-o para Samantha. Ela abriu-o e olhou para a Lua.

– São os passos que precisamos percorrer para achar o local correto! – explicou – É uma antiga brincadeira que fazíamos quando começamos com a moda gótica aqui em Paris. Quando queríamos esconder algo em um cemitério, fazíamos mapas com as coordenadas.

– Faz sentido – disse Wilson – Por ser britânico, Williams colocou os pontos cardeais em inglês. Mas não sabemos as medidas. Esses números podem ser metros, léguas, quilômetros, passos...

Samantha riu.

– Nenhuma dessas alternativas. São túmulos. Precisamos, do ponto de partida, que, no caso,

é o túmulo de Morrison, contar dez túmulos para o oeste.

Samantha consultou a bússola e começou a andar. Parou no décimo túmulo e contou mais cinco para o Sul. Parou no quinto e contou mais seis para o leste e, finalmente, mais quatro para o norte. Quando parou, estávamos em frente a um mausoléu distante apenas uns três metros da parte de trás do túmulo de Morrison.

– De quem será isto aqui? – perguntou William.

Samantha examinou e disse:

– Parece vazio. E não há inscrição que indique de quem é.

William tirou um enorme livro de couro de dentro da jaqueta e o consultou. Era um registro dos proprietários dos mausoléus do *Père Lachaise* que o administrador Morrau tinha emprestado. Com a lanterna, conseguiu, depois de algum tempo, achar o registro.

– Ei, parece que Sam acertou! – disse, empolgado – O mausoléu é de propriedade do general Williams! Ou melhor, de seu espólio!

Ângela já estava examinando as paredes externas com a lanterna. Próximo ao chão, na parte de trás, encontrou um entalhe de rosas igual ao que achamos na cripta do *Sacré-Coeur*.

Aproximei-me com a chave encontrada e procurei duas rosas que tivessem o mesmo formato visto anteriormente. Achei e virei a chave. Uma outra gaveta secreta abriu e, dentro, vimos um embrulho feito com papel pardo. Wilson tirou o pacote, abriu-o, e lá estava o suposto “Diário de William Blake”. Olhei para o relógio: uma e meia da manhã.

– Temos apenas meia hora para achar o caminho de volta e sair daqui! – falei, fechando a gaveta.

Barulhos de revólveres sendo armados se fizeram ouvir no escuro. Olhamos em todas as direções, mas não conseguimos ver ninguém. William e Wilson estavam em estado de alerta enquanto Samantha tentava localizar, na escuridão, nossos perseguidores. Uma voz conhecida se fez ouvir:

– Já chega, mestre Wilson! Esperei demais por sua retribuição! É hora de pagar o que me deve!

“Gabriel”, pensei, “o que você está fazendo?”

– Se não acredita em mim, pelo menos permita que eu retire minha máscara de “Madalena arrependida” e obtenha meu prêmio! – continuou meu ex-amigo.

– Isto não é seu e nunca será! – gritou Wilson – E, se quer saber, já sei de tudo o que se passa entre você e Laura!

Olhamos para ele sem entender. Parecia dono de informações que não nos havia transmitido.

– Liberte-a, e então poderá levar o diário!

“Wilson está louco? Libertar quem? Laura? Está blefando ou apenas provocando Gabriel?” Minha mente estava em turbilhão.

Como resposta, começou uma chuva de tiros em plena escuridão. Abaixamo-nos e nos esgueiramos no chão úmido para trás do mausoléu de Williams. Ângela tinha duas armas calibre 38 e entregou-as a William e Samantha.

– Você esperava algo deste nível? – perguntei, incrédulo.

– Nunca se sabe...

Os dois começaram a atirar contra a escuridão. Ouvíamos os barulhos das balas que ricocheteavam nos túmulos. Wilson protegia o diário com o corpo, como se fosse o tesouro

mais valioso do mundo.

– O que vamos fazer? – perguntei a ele.

Wilson virou-se para Samantha.

– Ainda demora? – perguntou.

– Acho que não! Tenho certeza de que está por perto! Posso senti-lo!

– Então, continuem!

Não demorou muito para as balas acabarem. Os homens de marrom aproximaram-se de nós, saídos da escuridão, apontando armas em nossa direção. Encurralaram-nos junto às paredes do mausoléu. Gabriel surgiu por trás do grupo, que abriu caminho para seu chefe. Tinha um sorriso maléfico no rosto.

– É hora de dar ao vencedor o que ele veio buscar.

– Você achou que, se salvasse nossa pele em Londres, eu entregaria o diário de Blake para você, não foi? – perguntou Wilson.

– Da mesma maneira que eu me apossei do diário de Crowley em Londres – respondeu Gabriel.

“Não é possível”, pensei, “ele deve estar blefando!”

– Entregue-me este diário antes que eu mande acabar com a vida de vocês aqui! – disse Gabriel, cada vez mais furioso.

– Acho que não, profano! Isso não será possível! – gritou outra voz na escuridão.

Samantha parecia extasiada. Um enorme grupo de motoqueiros em vestes negras aproximavam-se de onde estávamos com suas motos. Pude reconhecer a figura de Paul, que os liderava. O tiroteio recomeçou e os motoqueiros sacaram suas armas e começaram a atirar. William e eu ajudamos Wilson a chegar a outro ponto dos túmulos, enquanto Ângela cuidava de arrastar Samantha, que queria se juntar a Paul. Os motoqueiros possuíam, inclusive, correntes, que usavam como chicotes. A luta foi incrível e durou, pelo menos, meia hora. Não demorou muito para que a polícia francesa aparecesse para prender os homens de marrom. O coronel Leguian estava com eles e suspirou aliviado ao perceber que nada tinha acontecido conosco.

Samantha parecia hipnotizada, agora que estava com Paul. Este, por sua vez, coordenou a atuação dos motoqueiros com precisão, e eles deixaram o local antes mesmo que a polícia aparecesse. William cuidou de tudo junto com as autoridades e Wilson apresentou para o coronel o diário de William Blake.

Paul aproximou-se de nós e cumprimentou-nos com seu olhar incisivo.

– Saudações. Perdoem a demora, mas tinha certeza de que havia um grande grupo de homens de marrom aqui perto. Logo imaginei que estariam preparando uma tocaia. Ficamos até agora vigiando e nos preparando para o conflito. Só queria ter absoluta certeza antes de agir, ainda mais num solo como este.

– Muito bem pensado! – disse Ângela – O Processo foi neutralizado?

– Por enquanto. Todos foram com os policiais.

– Inclusive Gabriel? – perguntei. Apesar de tudo, não conseguia deixar de me importar com Gabriel.

– Seu amigo está louco com o poder que obteve. Pelo jeito, há um processo de desintegração ocorrendo na Sociedade. E temos um documento para comprovar, não é?

Paul olhava para William, que não entendeu o que aquilo queria dizer. Paul aproximou-se e

colocou a mão no bolso da jaqueta dele, de onde tirou um papel dobrado. Lembrei-me do esbarrão que Laura tinha dado nele antes de ir embora de Notre-Dame. Paul entregou o papel para Wilson, que o abriu e leu em silêncio.

– É uma carta de Laura. Diz que sabe que, se Gabriel não conseguir o diário de Blake, estará disposto a tudo, inclusive a matá-la.

– Por quê? – perguntei.

– Deve ter desconfiado de que ela tentaria despachar esta carta quando nos encontrasse. Ela diz aqui que Gabriel está embriagado pelo poder e que está agindo como um psicótico. Sente-se ameaçada, pois não consegue mais controlá-lo.

– O feitiço virou contra o feiticeiro! – respondi.

– Mesmo assim, não podemos deixar que nada aconteça a ela. William e eu veremos o que podemos fazer amanhã de manhã.

O relógio marcava duas e quinze da manhã. Voltamos para *Notre-Dame* e entregamos o diário para os organizadores, que já esperavam ansiosos por terem escutado rumores de que algo acontecia no cemitério de *Père Lachaise*. Depois de tudo acertado e explicado, chegamos ao cubículo de William por volta das três e meia da manhã e descansamos por lá. Nem mesmo me lembro de onde caí para dormir.

No dia seguinte, Ângela e eu estávamos na Torre Eiffel em companhia de Paul e Samantha. Esperávamos William e Wilson, que tinham ido verificar o que seria feito de Gabriel e seus comparsas. Estávamos no restaurante Júlio Verne, no segundo andar da torre, onde combinamos de almoçar todos juntos para comemorar o sucesso da noite anterior. O dia estava nublado e os ventos cantavam nos vidros do lugar, o que deve ter ajudado Paul e Samantha a deixarem seu humor “vampírico” de lado e se juntarem a nós. Eram três da tarde e ainda sentíamos cansaço, tanto que tínhamos dormido até, pelo menos, onze da manhã.

Conversávamos sobre trivialidades quando Wilson e William chegaram. Sentaram-se conosco e ficaram sérios.

– Gabriel conseguiu o impossível: fugiu da delegacia – disse William – Está foragido e o procuram por toda Paris.

– E os capangas? – perguntou Samantha.

– Estão todos presos e fora de ação. Mas não pensem que o Processo foi derrotado – respondeu Wilson – Não sei mesmo como agradecer ao Templo do Vampiro pela ajuda nesta fase.

– Como eu disse ao escritor, só há espaço para uma raça predadora. E pude constatar a seriedade da situação. A coisa é pior do que eu pensava – comentou Paul – Já fiz alguns arranjos com meu pessoal, e Samantha cuidará de tudo aqui na minha ausência. Vou com vocês até Roma para participar da última etapa da Caça.

– Excelente! Precisamos de toda ajuda possível – disse Ângela, entusiasmada.

– Ainda assim, temos um assunto para resolver por aqui – disse Wilson, ainda mais sério – Precisamos localizar Laura imediatamente. Temo seriamente por sua vida. Gabriel pode mesmo...

Mal acabou de falar essas palavras e uma multidão começou a gritar, correr e apontar para os fundos do andar, agitada. Levantamo-nos e saímos correndo de nossa mesa a tempo de ver Gabriel entrar no elevador que levava para o último andar da torre. Segurava Laura como se fosse uma refém e apontava uma arma para a cabeça dela, que parecia desesperada enquanto

tentava se livrar dele.

– É hora de me pagar o que deve, mestre Wilson! – escutamos ele gritar enquanto as portas se fechavam.

– Meu Deus, precisamos fazer algo! – gritei – Não há outro elevador?

– Não, este é o único – explicou Paul, tentando manter a calma – Temos que esperá-lo voltar.

Não foi preciso. A multidão gritou agitada e pudemos ver, nitidamente, o corpo de Laura despencar do último andar da torre, empurrado por Gabriel. A polícia não demorou a chegar, bem como o carro que levaria o corpo para o necrotério. O fato foi registrado pelos maiores jornais e redes de TV da França. Os policiais da *Sûreté* não demoraram a alcançar o último andar da torre. Porém, por incrível que pareça, não encontraram nenhum sinal de Gabriel quando conseguiram chegar ao terceiro andar. Meu ex-amigo tinha simplesmente desaparecido da face da Terra. Como ele conseguiu isso, eu nunca soube.

Ângela e eu estávamos em estado de choque. Olhávamos para o ponto onde o corpo tinha caído, próximo da margem do rio Sena. Até aquele momento, não acreditávamos que Gabriel fosse capaz de matar. Principalmente sua própria parceira no Processo. Temíamos os resultados da próxima e última etapa.

Trecho de um guia turístico sobre o ponto mais alto do cartão-postal de Paris. [N.E.]

Musical norte-americano dirigido, em sua primeira versão, em 1939, por Victor Felming. [N.E.]

CAPÍTULO 17

ENFIM, ROMA!

Roma transformou-se numa cidade blindada, para acolher a assinatura da Constituição europeia. Será um verdadeiro encontro com a história e com a civilização da Europa. A capital italiana estará protegida por um sistema de segurança que limitará terrivelmente a vida na cidade, sobretudo em zonas como o Campidoglio, o lugar da fundação de Roma e do encontro dos dois gêmeos, Remo e Rômulo, amamentados pela loba.¹

Três dias depois dos fatídicos acontecimentos na Torre Eiffel, estávamos prontos para ir a Roma. Laura tinha tido o funeral pago pela Maçonaria graças aos esforços de Wilson e William. O grupo estava pronto, mas o voo da Air France que pegaríamos no aeroporto *Charles de Gaulle*, em Paris, com destino ao aeroporto Leonardo da Vinci, em Roma, estava atrasado em, pelo menos, uma hora. Chegamos ao aeroporto em cima da hora e com medo de perder o voo. William ajudava no transporte das bagagens e Samantha já chorava a ausência do amado Paul.

Wilson tranquilizou-a dizendo que ele deveria estar de volta em uma semana. A “vampira” estava com os olhos ainda mais vermelhos, de tanto chorar. Paul abraçou-a com um gesto que mais parecia Drácula preparando-se para morder uma vítima, e ela se acalmou.

William despediu-se de nós, pois ainda tinha que acabar um serviço e, dentro de um mês, estaria de volta a Londres. Agradecemos a ajuda dele na Caça e também nos despedimos de Samantha.

– Estarei torcendo por vocês! – gritou, da plataforma de embarque, em português – E não se preocupe, escritor, a *Bíblia Vampírica* já está na sua caixa postal!

“Ainda bem que ninguém aqui fala a minha língua”, pensei enquanto passava pelos fiscais. Mesmo assim, houve alguns olhares inquisitivos e alguns risos. Paul se divertiu com meu embaraço, e quase desejei ter uma estaca de madeira à mão para matá-lo.

O voo era em um daqueles aeroplanos comerciais, com três filas de assentos. Nós estávamos na do meio, o que nos permitia ficar juntos e conversar sobre o acontecido nos últimos dias. Após colocar as malas de mão nos lugares, começamos nosso planejamento:

– O corpo de Laura foi sepultado de maneira provisória no mausoléu de Williams, no *Père Lachaise* – explicou Wilson – Assim que for possível, ele será trasladado para o Brasil.

– Se tiver alguém para reclamá-lo – observei. Ainda estava com pena do triste fim daquela megera que tinha nos manipulado. A Oráculo não escapara de seu próprio fim.

– Uma cabeça já foi cortada – disse Paul – Temos de nos preocupar com a outra.

– O que os leva a pensar que Gabriel estará em Roma à nossa espera? – perguntou Ângela.

– Ele, com certeza, não desistirá da última etapa da Caça, agora que tem controle total sobre o braço brasileiro do Processo – analisou Wilson – Não teve escrúpulos para nos atacar no *Père Lachaise*. Se não fosse por Paul...

– Lembre-se de cumprir sua parte em nosso acordo! – disse ele, apontando-me um dedo longo e delgado, com uma unha grande, que lembrava a dos vampiros da Hammer.

Engoli em seco, pois não sabia como introduzir o assunto de uma Sociedade Secreta Vampírica sem cair no ridículo. Mas resolvi pensar nisso depois.

– Quantos serão nesta última etapa? – perguntei.

Wilson olhou-me sério.

– Apenas nós.

– Por quê? – perguntou Ângela.

– Regras da organização da Caça. Somente os descobridores dos *grimoires* anteriores terão acesso à última etapa. Por isso temo por nossa segurança lá. Principalmente com Gabriel à solta. Será mais fácil para ele nos seguir e ter um último confronto.

– Ele conseguirá fugir de Paris agora que está sendo procurado pela *Sureté*? – perguntou Ângela.

– Provavelmente – respondeu Paul – Ele deve ter identidades falsas e gente para tirá-lo de lá. Afinal, o Processo é uma Sociedade que cresceu mundialmente nesses últimos cinco anos.

O avião começou as manobras para a decolagem, e escutamos o som ensurdecedor das turbinas sendo ligadas a todo vapor.

– O que mais me impressionou nesta história foi ter uma carta em meu nome à minha espera – disse Wilson – Nunca tinha visto alguém tão seguro do domínio do Método de Nostradamus a ponto de indicar o nome e o sobrenome de alguém que se vê no futuro!

– Prova de que o general tinha grande poder pessoal – explicou Paul – E que os *grimoires* podem ser autênticos. Por falar nisso, alguma informação sobre a análise do primeiro que foi encontrado?

– Nada ainda. Mas essas coisas demoram mesmo. Afinal, não se determina a autenticidade de um objeto histórico desse porte da noite para o dia.

Sentia-me melancólico com os acontecimentos. Cada vez mais sentia que a culpa do envolvimento de Gabriel com o Processo era minha. Embora ele quase tivesse nos matado no *Père Lachaise*, ainda acreditava que em algum lugar daquela cabeça poderia haver um pouco de bom senso. Só não sabia mais se seria o suficiente para impedi-lo de cometer mais assassinatos.

– Não pense mais nisso – disse Ângela – Pela última vez, não foi culpa sua.

– É claro que não! – disse Paul – Eu os observava em *Notre-Dame* à distância e vi quando Laura colocou a carta pedindo socorro no bolso do filho de Wilson. Mas nem imaginei qual seria seu conteúdo.

O avião começou a correr na pista e decolou sem problemas. Teríamos um voo longo, de, pelo menos, cinco horas, por isso voltamos ao debate.

– Gabriel está desesperado – disse Wilson – Seu nível cultural está sendo mais útil do que o conhecimento esotérico que tem. Para nossa sorte, o general Williams era uma pessoa diferente, com essa mistura de referências históricas e rock. Ninguém imaginaria que isso seria usado para esconder esses *grimoires*.

Lembrei-me de como tudo tinha começado, as conversas e preparativos para as entrevistas

que começaram o livro e as palavras que dissera para Gabriel há poucos dias na Agulha de Cleópatra, em Londres, voltaram com força: “Eu só não quero amanhecer com a sua morte pesando na minha consciência, seu idiota!”

– Bem, vamos nos concentrar na próxima etapa – falei, espantando os pensamentos – Quer dizer que seremos os únicos na Caça?

– Sim – confirmou Wilson – E imagino como será este novo caminho e quais as pistas que teremos.

– E qual o elo roqueiro desta vez – completou Ângela.

Comecei a recordar os nomes de milhares de bandas de rock, mas nenhuma estava diretamente associada com Roma ou com a Itália.

– Vejamos agora o que sabemos sobre Cagliostro – falou Wilson.

– Para quê? – comecei – Lembramos o mesmo para Crowley e Blake, e pouco usamos durante a Caça.

– Sim, mas precisamos ter certeza de que todos aqui sabem, pelo menos, o mínimo necessário sobre nossa eminente figura. E é sempre bom compartilhar os dados. Começamos com uma pergunta simples: qual é a referência mais “pop” sobre o conde?

– Simples! – disse Paul – Na revista em quadrinhos *Spawn!*, o desenhista norte-americano Todd McFarlane criou o personagem Spawn em 1992 quando saiu da Marvel Comics para criar a Image Comics, um agregado de estúdios que controlariam seus próprios personagens. Algum tempo depois, para alavancar ainda mais as vendas, fez quatro números especiais da revista, entregando os roteiros nas mãos de escritores convidados. Nem é preciso dizer que foi o agora mítico roteirista Neil Gaiman quem criou não só Cagliostro como também a versão medieval de Spawn e um anjo caçador de Spawns, chamado Ângela. Houve um processo recente na justiça, no qual Gaiman ganhou controle de, pelo menos, 50% dos personagens que ele introduzira. E os três são, diga-se de passagem, os mais populares do universo da revista.

– Novamente Gaiman – observei – O escritor e também roteirista Alan Moore, como Gaiman, gosta de se inspirar em assuntos esotéricos para compor histórias e personagens.

– Bem, pelo menos temos uma noção do que é divulgado sobre o conde – disse Wilson – Mas digam-me: o que vocês sabem sobre nosso “amigo imortal”?

Fechei os olhos de novo e comecei a recitar de cabeça:

– Ele apareceu pela primeira vez no final de 1779, na cidade de Estrasburgo, leste da França. Apresentou-se como um nobre italiano e dizia ter chegado recentemente da Rússia, onde estaria cuidando da saúde do filho da imperatriz Catarina II. Dizia que seu nome era Alessandro e que era um nobre, com o título de conde de Cagliostro. Os cidadãos do lugar logo se maravilharam com seus laxantes à base de ervas, pílulas de terebintina, elixires e vinhos egípcios. Também organizava sessões espirituais, nas quais colocava as mãos em poses ditas terapêuticas e rezava para Deus e para os anjos.

– Você realmente lê enciclopédias na cama! – disse Ângela, rindo.

– Lembro-me ainda de grande parte do que levantei para o artigo on-line de que lhe falei e que foi o motivo pelo qual Gabriel e eu fizemos amizade.

– Sei também de alguns detalhes – começou Paul – Quando Cagliostro chegou e começou a resolver os problemas dos nobres, sua fama começou a crescer. Ajudou mulheres a engravidar com seus remédios, curou asma de um cardeal, entre outras coisas. Muitos dizem que isso foi apenas sorte e que ele nunca teve controle do que fazia.

– A descrição que faziam dele era de um homem pequeno e gordo, embora ele afirmasse com a maior veemência que nunca comia coisa nenhuma – continuei – Vestia-se com simplicidade, o que não combinava com suas atitudes. E vangloriava-se de seus conhecimentos medicinais.

– Será que ele sabia alguma coisa de verdade? – perguntou Ângela.

– Não sabemos – respondeu Wilson – O suposto diário de Cagliostro é tão misterioso quanto os outros dois que encontramos.

– Se for, teremos descoberto algo muito valioso – disse Paul – Cagliostro dizia que seus conhecimentos de alquimia lhe possibilitavam produzir ouro e pedras preciosas e que sabia o segredo da juventude eterna. Muitos acreditaram quando afirmou ter 300 anos de idade.

– Mas ele era um charlatão! – protestei.

– Vai saber. Ele também afirmava ser clarividente e dizia que podia prever os números da loteria de Londres. Hipnotizava crianças e jovens damas. Foi capaz de prever a morte da imperatriz da Áustria, Maria Teresa, e o nascimento do herdeiro do trono francês.

– Ele recebia grandes quantidades de dinheiro como pagamento por seus “serviços” quando se fixou em Paris, por volta de 1785. O cardeal de Rohan deu-lhe suporte financeiro e tanto nobres quanto políticos, damas da corte e intelectuais iam consultá-lo. Tinha o hábito dos reis de falar de si mesmo no plural. Se não fosse o caso do colar, ele teria escapado intacto.

– Refere-se ao extravagante colar que Maria Antonieta teria obtido, e que foi um dos motivos da revolta popular que levou à Revolução Francesa? – perguntou Ângela.

– *Oui, bien sûr!* – exclamou Paul. Às vezes, nos esquecíamos de que ele era um francês típico – A “rainha” teve um caso com o cardeal para conseguir esse colar. Quando o caso foi revelado e levado a julgamento, soube-se do envolvimento de Cagliostro, que teria, juntamente com outros nobres, aconselhado a compra do colar.

– Os boatos sobre a origem de Cagliostro eram vários – completei – Além da versão que Wilson já comentou de que ele seria filho de judeus que ficaram ricos no Brasil, alguns o viam como descendente de um fabricante de perucas em Nápoles, outros diziam que ele fora educado por um sacerdote no interior de uma pirâmide egípcia. A mais ousada dessas versões dizia que era descendente ilegítimo do rei Luís XV. Ele não confirmou nem desmentiu nenhuma dessas versões.

– Durante o caso do colar, descobriu-se sua verdadeira identidade: era filho de um comerciante de Palermo, na Sicília – completou Paul – Chamava-se Giuseppe Balsamo e tinha sido enviado para um mosteiro franciscano pelo pai, mas foi expulso por mau comportamento. Foi desmascarado como falsário de obras de arte e casou-se com uma mulher chamada Lorenza Feliciani, que assumiu o nome de Serafina e tornou-se sua cúmplice. Quando o caso do colar estourou, Cagliostro foi expulso da França e mudou-se para Roma, onde foi preso novamente mais tarde e posto diante de um tribunal de Inquisição, acusado de maçonaria, heresia e feitiçaria. Foi sentenciado à morte, mas acabou perdoado e recebeu sentença de prisão perpétua. Passou seus últimos dias na prisão de São Leo, próxima à capital italiana. Nenhum corpo foi encontrado quando sua sepultura foi aberta, anos mais tarde. Circulam boatos de que teria fugido para a Rússia ou para a América.

– Nosso amigo Aleister Crowley dizia que era a reencarnação de muitas personalidades – comentou Wilson, pensativo – Entre elas, a de um egípcio conhecido como Ankn-f-n-Khonsu, do sábio chinês Ko Hsuan (um discípulo de Lao-Tzé), do Papa Alexandre VI, do próprio

conde de Cagliostro e do médium Edward Kelley, assistente do mago John Dee.

– Não sei mesmo que tipo de dado vocês podem encontrar num diário desse charlatão – falei, meio emburrado – Mesmo que ele seja autêntico.

– Sabem qual era a receita da juventude eterna de Cagliostro? – perguntou Wilson – Era mais ou menos assim: ao longo de 40 dias, começados em uma noite de lua cheia no mês de maio, o paciente deveria passar os primeiros 16 dias em dieta de sopas leves e biscoitos. No 17º dia, sofreria uma sangria e tomaria 11 pílulas brancas. Nova sangria seria feita no 30º dia, quando tomaria um remédio desconhecido, que o levaria a um sono profundo. Nesse período, o cabelo voltaria a crescer no corpo e na cabeça, bem como os dentes. Depois, o paciente submetia-se a uma série de banhos aromáticos e tomava mais pílulas de beleza até o fim dos 40 dias. E o processo deveria ser repetido a cada 50 anos.

– E então, já pensou em experimentar o método? – disse Ângela, em tom de brincadeira.

– Se fosse tão simples assim, já teria tentado.

– E é esse tipo de conhecimento que Gabriel acha que lhe trará poder? – perguntei, incrédulo – Ainda há gente que compra coisas como asas de morcego e saliva de sapo e acredita que fará milagres?

– Principalmente os que procuram certas Sociedades Secretas como o Processo – explicou Ângela.

Aquilo tudo era loucura e eu já estava cansado. Não via a hora de acabar e voltar para a minha rotina diária em São Paulo.

Passamos o resto da viagem analisando os pontos mais conhecidos de Roma e como fazer para nos locomovermos. Wilbur, o segundo filho de Wilson, já tinha providenciado tudo. Ele também era militar, como o irmão, mas optara por se afastar do serviço e abrir uma agência turística em Londres. Fora para Roma em companhia da namorada, estudante de arte, para ver se poderia abrir uma filial de sua empresa por lá. E os contatos militares ainda se faziam úteis, principalmente na hora de abrir um negócio.

Quando o avião pousou no Leonardo da Vinci, o tempo estava seco e quente. O que era uma surpresa para nós, depois do clima enfrentado em Londres e Paris. Paul não se deu bem com o calor, principalmente pelo hábito de andar todo de preto. Ângela e Wilson discutiam, sem parar, planos de ação. Eu só me preocupava com o fim dessa aventura e suas consequências.

De repente, vi, no meio da multidão que esperava os que desembarcavam, William em pessoa. Apontei para ele e falei, bem alto:

– Ei, é William! Olhem lá!

Wilson seguiu a direção do meu braço e sorriu:

– Não, não é. É Wilbur. William e Wilbur são gêmeos idênticos.

“Uau”, pensei, “já tinha ouvido falar da incrível semelhança de gêmeos, mas essa era demais!” Era como se olhasse uma cópia fiel, nos mínimos detalhes. O mesmo rosto, o mesmo penteado, o mesmo jeito de falar e observar. Parecia mais um clone! Wilbur aproximou-se de nós enquanto enfrentava a multidão. Abraçou o pai com força e disse:

– Fez boa viagem?

– Excelente. E onde ela está?

“Ela” surgiu de trás de Wilbur. Era pequena, um metro e sessenta e dois, no máximo. Tinha constituição frágil e membros finos. Cabelos louros que se espalhavam pelos ombros e olhar indagador. Vestia blusa bege, calça preta e levava uma bolsa de couro quase tão grande quanto

o “cinto de utilidades da Batgirl”. Aproximou-se e disse, em inglês, com um jeito acanhado:

– Saudações, mestre Wilson.

Ele beijou-a nos cabelos enquanto ela se encontrava inclinada em saudação. Seu rosto me parecia familiar, mas não sabia de onde a conhecia.

– Deixe-me apresentar nossa equipe. Este é meu filho Wilbur Weinburgh e sua namorada, Isis Mendes. Estes são Sérgio, jornalista e escritor, Ângela, dos Illuminati, e Paul, representante do Templo do Vampiro.

Depois que nos cumprimentamos, ela se aproximou de mim e falou em português:

– Prazer em conhecê-lo, senhor. Minha tia só fala de seu livro e do que aconteceu no escritório dela.

– Sua... tia? – perguntei, sem entender.

– Sim, a senhora Ana, da teosofia, em São Paulo.

A figura daquela senhora que parecia Madame Blavatsky voltou-me à memória. Foi a última pessoa que entrevistei antes da publicação original do primeiro livro e a testemunha da corrupção final de Gabriel quando ele revelou seus planos de se tornar o Professor do Processo.

– Oras, mas que mundo pequeno!

– Vocês poderiam voltar a falar em inglês? – perguntou Wilbur.

Fiquei sem-graça e Isis traduziu para eles o elo que tínhamos. Parecia ser uma pessoa recatada e quieta, de poucas palavras. Ficava o tempo todo ao lado de Wilbur, que parecia sentir muito ciúme dela, e vi que isto deixava nosso amigo “vampiro” um tanto triste, com saudades de Samantha. Olhei para Ângela, que parecia estar se divertindo com a cena. Isis fazia jus ao nome da deusa egípcia. Sua estatura e toda a constituição física a colocavam numa situação que a fazia parecer inofensiva, mas observava tudo e todos com olhar incisivo. “Provavelmente, reflexo de sua criação com os teosofistas”, pensei.

Saímos do Leonardo da Vinci e entramos em uma BMW bege, que nos esperava no estacionamento. Aparentemente, Wilbur estava tendo sucesso com seu negócio a ponto de ter um carro deste porte. Começamos a nos dirigir para a cidade e, quando entramos no perímetro urbano, meu relógio (já reajustado para a hora local) acusava onze horas da manhã. O tráfego lembrou-me os filmes de Federico Fellini, que sempre fazia boas tomadas do movimento dos carros. Roma é, muito mais que Londres ou Paris, uma cidade em que passado e presente se misturam num contraste maior. Carros último tipo e pequenas motos estacionadas ao lado do Fórum Romano, por exemplo, são típicos àquela hora. As famosas fontes romanas eram o ponto-de-encontro de milhares de pessoas, a maioria a caminho de seus afazeres. Poucas estavam paradas quando passamos pela *Piazza di Spagna*, aproveitando o sol e o calor.

Pelo caminho todo, conversamos trivialidades até chegarmos ao apartamento de Wilbur, na *Piazza Navona*. Um excelente imóvel, com três quartos, uma suíte, sala-de-estar e de jantar, três banheiros e demais dependências. Pelo menos desta vez estaríamos num lugar em que caberiam todos com conforto.

Uma hora mais tarde, preparava-me para tomar um banho num dos quartos designados por Wilbur quando bateram na porta. Ângela vinha acompanhada de Isis. As duas pareciam amigas indo contar algum segredo.

– Isis tem algo a lhe contar – falou Ângela, em português.

Estranhei a urgência da conversa. As duas entraram e Ângela fechou a porta. Isis sentou-se

à beira de uma das duas camas de solteiro que o quarto possuía. Estava muito tímida e parecia não querer falar. Olhei sério para ela e depois inquisidoramente para Ângela.

– Você prefere que eu conte? – perguntou Ângela.

Isis confirmou com a cabeça. Ângela virou-se e começou:

– Descobri que nossa amiga aqui foi contactada, ainda no Brasil, por Gabriel.

– Isso parece interessante. O que aconteceu?

– Aparentemente, ele sabia que ela era sobrinha de Ana e quis seduzi-la com a promessa de que poderia tornar-se a Oráculo do ramo brasileiro. Mais até: ele tentou mesmo usar sua posição de influência para forçar uma relação sexual com a garota.

– Meu Deus! Quando isso aconteceu?

Isis criou coragem e respondeu, na mesma língua:

– Cinco meses atrás.

– Sabe o que isso significa? – perguntou Ângela.

– Sim – confirmei – Que ele já pretendia fazer algo com Laura desde aquela época. Então, o que aconteceu em Paris...

– Serviu apenas de pretexto para que Gabriel jogasse a culpa em alguém – concluiu Ângela.

– Quem sabia disso?

– Apenas minha tia – disse Isis – Foi quando ela me contou o que aconteceu quando o senhor foi entrevistá-la. Falou muito sobre esse Professor e que o Processo poderia vir atrás de mim só por ser sobrinha dela. Foi então que ela pediu ajuda à Maçonaria.

– Quem indicou você para Londres? – perguntou Ângela.

– Minha tia mesmo. Ela falou com representantes do Grande Oriente do Brasil, que me colocaram em contato com Oxford, onde consegui uma bolsa de estudos para me formar em História da Arte. Foi lá que conheci o Mestre Wilson e, por meio dele, Wilbur.

– Wilson sabe dessa conexão? – perguntei.

– Sim. Isso aconteceu quatro meses antes de anunciarem a Caça deste ano. Minha tia me cria desde a morte de meus pais, em um acidente de trânsito no Rio de Janeiro. Ela ficou apavorada com a ação desse Gabriel e pediu para que eu me afastasse.

– Espere um pouco! Você está dizendo que está aqui tem uma espécie de exílio voluntário, ou algo assim, para se safar de alguma influência maligna de Sociedades Secretas brasileiras?

Isis sorriu sem ânimo.

– É o que parece, não é?

– Ele deve ter perdido o interesse em Laura ao descobrir que ela não tinha tradição esotérica – explicou Ângela – Já Isis, além do nome egípcio, vem de uma família ligada à tradição teosófica por, pelo menos, quatro gerações. Com certeza, daria, na concepção dele, uma Oráculo melhor e mais forte.

Fechei os olhos e me senti ainda mais decepcionado com Gabriel. Estava claro que ele realmente queria Isis por seu jeito doce e por suas ligações com os teosofistas. Mas a tentativa de estupro havia levado a menina para fora do país para sua própria segurança. Era uma situação complicada, comparável às consequências de um ato terrorista, ou mesmo a uma testemunha de algum crime, que precisa receber proteção policial para o resto da vida.

– Wilson já falou com vocês sobre o que aconteceu em Paris? – perguntei.

– Sim, e foi por isso que procurei Ângela. Estou com medo de que Gabriel venha para cá e me encontre.

Sentei-me na cama ao lado e procurei acalmá-la. Foi quando ouvi uma batida na porta e Wilbur entrou. Parecia com medo.

– Ela... – começou, em inglês.

Confirmamos com a cabeça. Sentou-se ao lado dela e abraçou-a. Isis chorou muito e Ângela resolveu ir buscar um copo de água com açúcar.

– Se esse bastardo pensa que vai tocar nela... – começou Wilbur.

– Calma! Estamos aqui para impedir que isso aconteça!

Ângela voltou logo e Isis tomou a água enquanto Wilbur andava de um lado para o outro.

– Isso tudo por causa do seu livro? – perguntou – Não consigo entender como...

Suspirei fundo. “Nem mesmo eu entendo”, pensei.

– Olhe, Ângela e seu pai são testemunhas de que nem mesmo eu consigo entender exatamente o que aconteceu com meu ex-amigo. Como uma pessoa pode mudar tanto?

– Ele quase matou vocês naquele cemitério! E quase estuprou Isis!

Wilbur era a cópia exata de William mas, com certeza, era mais nervoso e ansioso que o irmão.

– Eu sei disso tudo, meu caro. E posso garantir que, agora, é uma questão pessoal. Vamos achar esse último *grimoire* e, se possível, neutralizar Gabriel da melhor maneira que encontrarmos para que não seja mais uma ameaça a ninguém.

Ele se aproximou e sentou-se na minha frente. Ângela observava a cena enquanto Isis tentava se recompor.

– Quero que vocês sejam testemunhas de uma promessa minha. Deixei a carreira militar para meu irmão, mas sei atirar e matar tão bem quanto ele. Se ele encostar um dedo em Isis ou em meu pai, juro por Deus que eu o mandarei para o inferno! E você não vai me impedir!

Senti-me mal por ele saber que eu era amigo de Gabriel. Não sabia o que falar.

– Vamos impedi-lo! Palavra! Confie em nós! – falei.

Sem mais palavras, ele se levantou, pegou Isis e puxou-a para fora do quarto. Quando a porta se fechou, Ângela aproximou-se e falou:

– Ele está nervoso com essa situação.

– E você pode culpá-lo? Eu próprio também estou e acho tudo isso uma loucura!

Ângela se aproximou de onde eu estava.

– Acha que Gabriel vai pegar ainda mais pesado?

– Não sei mais o que dizer a esse respeito. Achava que o conhecia. Não confio mais nas minhas impressões sobre o cara.

– O que acha que ele pode fazer se colocar as mãos nesse último *grimoire*?

– Acho que nada. Será um caso de desespero, mas, quando ele descobrir que Isis está aqui e que está conosco, pode ficar ainda mais paranoico.

– Acha que ele pode ter algo como “síndrome de Adolf Hitler”?

– Cometer suicídio quando se vir acuado? Usar uma cápsula de cianureto como a que matou aquele infeliz que estava em Cumbica quando embarcamos? Talvez. Mas acredito piamente que Wilbur pode acabar com a vida de Gabriel sem que este precise mover um músculo.

Ficamos em silêncio, sem saber o que falar. Ouvimos nova batida na porta e Wilson e Paul entraram.

– Vim pedir desculpas por meu filho – disse Wilson – Ele ficou bem abalado quando descobriu que o homem que fez Isis sair do Brasil e o que quase nos matou no *Père Lachaise*

são o mesmo.

– Percebi – falei, sarcástico.

– Acho que é melhor eu começar a me mexer – comentou Paul – Quando teremos de nos apresentar?

– Depois de amanhã, às oito da noite, na basílica de *San Giovanni in Laterano* – disse Wilson – O que pretende fazer?

– Contatar aliados aqui. O Templo do Vampiro possui conexões em Roma que pretendo ativar. Vou sair agora atrás delas. Vejo-os mais tarde. Desejem-me sorte.

Paul saiu. Era estranho, mas incrivelmente prestativo.

– Primeiro, fanático religioso. Depois, assassino. Agora, estuprador – comecei – Quem é esse homem? Como pôde alterar-se tão profundamente?

Wilson olhou para o chão e não disse uma palavra. Até que pareceu tomar coragem e respondeu:

– Há características de uma pessoa que não vêm à tona, a menos que algo as desperte. Essa é uma das lições que os buscadores das Sociedades Secretas ensinam aos que têm boa vontade: buscar o autoconhecimento. Dependendo da verdadeira natureza do buscador, essa pode ser uma experiência boa ou má. Infelizmente, seu amigo deu muito ouvido ao poder e ao conhecimento que tinha. Mas nada disso vai lhe ser útil se sua alma já estiver condenada. Temos que acreditar que podemos salvá-lo, mesmo que ele não queira.

Olhei pela janela do quarto e, não sei bem por que, lembrei-me da conversa com Ana e de suas palavras sábias. E mais uma citação passou-me pela cabeça:

– “Poder sem restrições... Conhecimento sem sabedoria... Idade sem maturidade... Paixão sem amor! Eu preciso derrotá-lo e vou conseguir!”

Ângela riu e Wilson lançou um olhar indagador para ela.

– Isso é hora de lembrar de X-Men? – disse Ângela.

– E por que não? A Saga da Fênix é apenas uma história em quadrinhos, mas as palavras de Chris Claremont nunca fizeram tanto sentido!

Ainda tinha muito que fazer, por isso pedi licença para tomar meu banho enquanto os dois debatiam alguns assuntos. Cerca de duas horas depois, nós cinco saímos de carro para conhecer Roma e desfrutar uma refeição decente. Estávamos tão cansados que ninguém, absolutamente nenhum de nós, reparou no Monza marrom parado na esquina da rua onde ficava o apartamento de Wilbur nem em seu ocupante solitário, que nos observava com ódio.

Traduzido e adaptado a partir de informação veiculada pelo site www.lonelyplanet.com, mostrando o processo de modernização da milenar Roma. [N.E.]

CAPÍTULO 18

CÁTAROS, CAVEIRAS E CARBONÁRIOS

E é assim que vemos o espetáculo de Inocêncio III a pregar uma cruzada contra esses desafortunados sectários e a permitir o alistamento de todos os desclassificados, vagabundos e desordeiros da época, na obra de levar o fogo e a espada, a violência e o rapto e todos os ultrajes concebíveis aos mais pacíficos súditos do rei da França. As descrições das crueldades e abominações dessa cruzada são de leitura bem mais terrível do que qualquer narração dos martírios dos cristãos pelos pagãos e possuem, além disso, o acrescido horror que lhes vem de as sabermos indiscutivelmente verdadeiras.¹

Um dos melhores restaurantes de Roma fica na *Via Della Rosetta*. Chama-se, justamente, *La Rosetta* e fica a poucos metros do Panteão romano. Um lugar pequeno, mas aconchegante, onde não há como não se sentir à vontade. Nosso grupo chegou em uma hora de pouco movimento e foi o suficiente para começar a atrair novos fregueses.

O relógio marcava duas da tarde e o tempo ficou um pouco mais quente, o que nos deixava sem escapatória, senão procurar um lugar mais ventilado. Sentamo-nos um pouco tensos, pois o nervosismo de Wilbur era contagiante, e a nossa situação, nada confortável.

Wilson tentou “quebrar o gelo” dirigindo a conversa para algumas pesquisas que ele estivera fazendo antes de a Caça começar:

– O assunto é simplesmente fascinante! – exclamou – Se vocês gostaram do que William falou no Louvre sobre o mitraísmo, vão adorar conhecer mais sobre os cátaros, essa – por assim dizer – seita que preocupou a Igreja Católica a ponto de tomarem trágicas decisões sobre o destino de seus componentes.

– Já ouvi falar sobre eles – falei – Mas confesso que conheço pouco. Pode falar um pouco sobre o assunto?

– Claro – respondeu Wilson, contente por ter uma oportunidade de exhibir seus conhecimentos – Vamos ter algo diferente para conversar enquanto a comida não vem. Os cátaros surgiram em uma época em que eram óbvios fatores como o colapso cultural da civilização greco-romana, a estagnação intelectual e a sedimentação do poder feudal na Idade Média. Muitas pessoas começaram a se posicionar contra o abuso de poder e a arrogância da religião de Roma, vestígio do intento de Constantino de transformá-la no braço espiritual do Império, como se diz em alguns livros de história. Esse período permitiu o surgimento de pontos isolados de pensamento que, aos poucos, foram se juntando devido às recriminações

que sentiam e recebiam.

– O período era anterior ao da Reforma Protestante, na Alemanha, não é? – perguntou Ângela.

– Exatamente. Isso tudo começou com a conversão do imperador Constantino para a religião cristã. Ele tinha em mente a utilização da religião como uma espécie de “cimento espiritual” do Império. Pouco depois, o império se divide em duas partes, a do Ocidente, com capital em Roma, e a do Oriente, cuja capital é Constantinopla. A Igreja teria também duas cabeças principais, uma em Roma, com o latim como língua oficial, e a outra em Constantinopla, com o grego como língua oficial, que era também a língua em que foram escritos e traduzidos os primeiros livros cristãos. Em Roma, haveria um bispo, que depois ficou conhecido como Papa, e Constantinopla teria um patriarca. O tamanho do império – ou melhor, impérios – era um problema que preocupava constantemente, pois o número de povos dominados era muito grande e, aos poucos, passou a ser exigida a adoção da nova religião como oficial em todas as partes. Logo, para que a religião tivesse mais adeptos, o cristianismo teve de abrigar práticas e detalhes dos antigos cultos pagãos. Eis a origem de detalhes, hoje típicos dos católicos, como altares, missais, estolas, mitras, entre outros.

– Sim, li muito a esse respeito – disse Paul – Mas a situação de domínio e imposição não durou muito.

– Certamente que não. No século V, a Igreja de Roma viu sua sobrevivência ameaçada e, por volta de 490 d.C., Constantinopla recebia mais pessoas do que Roma, o que a deixou vulnerável às invasões bárbaras do norte da Europa. E o sonho que os bispos e companhia tinham de obter uma igreja hegemônica parecia cada vez mais distante. Quando Constantino transferiu a corte para Constantinopla, a situação piorou ainda mais. Já naquela época, o Papa era um representante ativo, porém ainda não com a conotação que tem hoje, de líder supremo da Igreja. Quando isso aconteceu, entre 384 e 399, os gregos e outras comunidades do leste europeu e da África e Ásia jamais aceitaram essa condição, o que originou o cisma entre as Igrejas Católica Romana e Católica Ortodoxa, no século XI.

– Dizem, inclusive, que Constantino continuava sendo, apesar das aparências, um seguidor de Mitra e que teria sido o responsável pelos aspectos do mitraísmo absorvidos pela Igreja – comentou Ângela.

– E combateu muitos pontos de vista teológicos que eram diferentes do seu – completou Isis.

– Na verdade, a Igreja Romana estava na posição central do Império do Ocidente, mas não possuía autoridade moral maior que a da Igreja Grega ou mesmo da Igreja Celta. E, para piorar, sua autoridade também não suplantava outras correntes cristãs ainda mais distantes, do leste e do oeste de Roma. Para sobreviver, necessitava de um reino forte e de uma poderosa figura secular que pudesse representá-la e que resgatasse a figura de autoridade do tempo dos Césares.

Nossa comida chegou e todos “atacamos” com prazer, pois a fome era geral. Wilbur não tirava os olhos de Isis, que comia e olhava para ele de tempos em tempos. “Que obsessão!”, era o que eu pensava.

Estávamos tão entretidos na conversa e na comida que ninguém notou que Paul olhava sem parar para a rua. Por vezes, parava de comer e simplesmente observava o lado de fora, sem tirar os óculos escuros. Notei várias vezes que ele parecia distante, mas atribuí isso às suas

próprias preocupações, entre elas o Templo do Vampiro sem ele, ou como Samantha estaria se virando sozinha.

– Foi em 486, se não me engano, que o rei franco-merovíngio Clóvis expandiu a extensão de seus domínios. Anexou ao seu reino várias cidades importantes, como Troyes e Amiens, na Gália. Em mais ou menos dez anos, era o chefe mais poderoso da Europa Ocidental. E foi ele o escolhido da Igreja para que se tornasse seu campeão, conseguindo estabelecer uma supremacia não questionada (pois era a época em que a Santa Inquisição começava suas atividades) por mais de mil anos. Essa união assegurou a Clóvis legitimidade em uma época em que os ideais cristãos suplantavam os pagãos, e à Igreja, sua sobrevivência e consolidação frente à Igreja Ortodoxa Grega, de Constantinopla. Logo, Roma estabeleceu-se como a suprema autoridade espiritual na Europa Ocidental. Clóvis se converteu ao cristianismo e nasceu, assim, um império baseado na Igreja e administrado pela chamada linhagem merovíngia, que foi, depois, traída e derrubada pela própria Igreja que a colocou no poder.

– O mesmo jogo de interesses que vemos até hoje nas pretensas Sociedades Secretas – comentou Wilbur, enquanto comia um prato repleto de massa.

– Não só nas Sociedades Secretas como em qualquer outra instituição que lide com a espiritualidade – acrescentei.

– E a coisa não para por aí – continuou Wilson, que começava a desfrutar de seu prato – Dois séculos se passaram até que a Igreja passasse a considerar os merovíngios um obstáculo. Dagoberto II, que era descendente direto de Clóvis, foi um governante que conseguiu dominar a anarquia do reino. Seus interesses começavam a ultrapassar o reino espiritual e visavam mais o reino político. Foi o responsável pela impossibilidade de várias tentativas de expansão da Igreja. Até que se casou com uma princesa visigoda. Os visigodos declararam fidelidade a Roma, mas não escondiam que tinham simpatia por ideias que expressavam interpretações da mensagem de Cristo não aceitas pela ortodoxia latina.

– E os visigodos habitavam grande parte do que hoje é a região do Languedoc, no sul da atual França – disse Ângela.

– Sim, e, de acordo com alguns historiadores, foi lá que Dagoberto adquiriu algumas tendências hoje consideradas “arianas”, como questionar a autoridade da Igreja. Logo começou a juntar uma coleção de inimigos políticos, entre eles seu chanceler, Pepino, o Gordo, que se juntou à Igreja, e outros aliados para tramar o assassinato de Dagoberto e o extermínio da linhagem merovíngia.

– Mas Dagoberto não foi canonizado? – perguntei.

– Reparação de erros, coisa que a Igreja faz até hoje de tão grande que é sua lista – comentou Wilbur.

Paul continuava a olhar para fora. De repente, levantou-se e pediu licença:

– Pessoal, tenho que ver uma coisa. Volto já.

– Algo errado? – perguntei.

– Não sei. Estou cismado com alguns carros que passaram por aqui. Agora, tudo o que é marrom desperta minhas suspeitas. Por isso, continuem o papo que vou verificar algumas coisas nos arredores.

Paul saiu, e olhei sério para Wilson. Este, pressentindo a preocupação do ambiente, voltou rapidamente à história:

– Assim, no século XII, a Igreja já considerava a região do Languedoc infectada pela

heresia de um movimento que ficou conhecido como Catarismo. Sua alcunha era “a lepra louca do sul”. O mais curioso é que todos os historiadores são unânimes em dizer que os adeptos do movimento eram essencialmente pacíficos e muito estimados pela população local. Até nobres tinham aderido ao Catarismo. No ano 1200, o movimento tinha tal quantidade de adeptos, que a possibilidade de o Catolicismo ser substituído no Languedoc era real. Pouco antes, em 1165, o Catarismo tinha sido condenado formalmente na cidade de Albi, pertencente ao Languedoc, daí os cátaros também serem conhecidos como albigenses.

– Mas, pelo que sei, as fontes dos cátaros são, em sua maioria, relatórios e documentos católicos – observei – e de forte tendência à condenação da doutrina.

– Sim, por isso temos tanta dificuldade em recriar o que era mesmo o movimento, e eis porque me dediquei a pesquisá-lo. Estou terminando um livro a esse respeito e devo lançá-lo em Londres até o final do ano. Mas não foi fácil levantar os dados.

– E quais eram suas crenças, afinal? – perguntou Isis – Por que eram considerados heréticos?

– Havia várias. Entre elas, a crença na reencarnação e no reconhecimento de que Deus não era um princípio com traços antropomórficos puramente masculinos, mas também com princípios femininos. Alguma coisa sobre isso é comentada em *O Código Da Vinci*.

– Sim, é verdade – falei, recordando.

– Para eles, Deus estava bem acima das limitações do entendimento humano, princípio visto em doutrinas de origem druida e grega, principalmente nos ensinamentos de Pitágoras e Platão. Os pregadores e professores cátaros, chamados de *parfaits*, eram de ambos os sexos. Se os humanos são criação divina, as polaridades masculino e feminino, longe de serem antagônicas, complementam-se e têm a mesma importância.

O garçom veio e começou a retirar os pratos. Logo vieram sobremesas comuns, como tortas e bolos. Wilson e o filho partiram para a xícara de café. Sem que percebessem, estiquei o pescoço para observar a janela que mostrava a rua. Nem sinal de Paul. “Espero que não tenha visto nada preocupante!”

– Quer dizer que foram condenados porque tinham princípios de igualdade dos sexos? – perguntou Ângela – Isso é absurdo!

– Para nós, hoje, sim. Para eles, naquele tempo, era inadmissível. Se mulheres entrassem na Igreja, por exemplo, o poder não seria mais centralizado nos homens.

– Por que será que, para certas pessoas, o poder está intimamente ligado ao caminho espiritual? – perguntei, filosofando.

– Essas pessoas de que você fala são obscuras e não são reais buscadores – observou Wilson – O motivo principal de surgirem Sociedades Secretas no mundo é a constante busca por respostas espirituais de maneira mais rápida e certa. O segredo dos métodos, entretanto, é necessário para justamente evitar esse tipo de interpretação que, sem dúvida, é errônea.

– Continue, mestre Wilson – pediu Isis – Fale mais sobre as crenças cátaras.

– O principal livro que usavam era o *Evangelho de João* e um outro texto conhecido como *Evangelho do Amor*. Eles rejeitavam veementemente a autoridade da Igreja Católica e negavam a validade das hierarquias clericais, ou mesmo a existência de intermediários oficiais entre Deus e o homem. Pregavam que não havia, em nenhum lugar dos evangelhos canônicos, justificativa para a estrutura eclesiástica romana.

– Isso é que é “pisar no calo”, como costumamos dizer – observei.

– O que mais enfureceu os romanos foi um princípio que dizia: “a fé só é real se vivida e sentida como uma experiência mística direta, sem passar por uma segunda mão”. Para eles, a única fé real era a que produzia obras. Os cátaros adquiriram sua popularidade com a enorme quantidade de ações sociais que promoveram no Languedoc, como tratamento gratuito de saúde e educação para todos os interessados, e tolerância para com membros de outras religiões que viviam na região, como os judeus. Muitos estudiosos falam que “os cátaros buscavam vivenciar uma experiência de comunhão com Deus, ou uma experiência de transcendência que, antes, chamávamos de mística”.

– É dessa experiência que veio a palavra *gnosis*, o termo designado para descrevê-la. A palavra significa “conhecimento” – falou Ângela.

– Para a Igreja, essa experiência direta com o transcendental, definida como transpessoal, tornava supérfluos padres, bispos e quaisquer outras autoridades eclesiásticas.

– Sabe que até faz sentido? – comentou Wilbur, acabando seu café.

– Seja como for, os romanos não gostaram da ameaça e formaram uma cruzada, a primeira dentro da Europa contra cristãos, para “extirpar de vez a ‘heresia’ cátara”. Assim nasceu a infame Cruzada Albigense. Mais de 30 mil homens desceram do norte do continente em direção ao Languedoc, em 1209, e massacraram milhares de adeptos. A região era independente da França e mantinha estreitas ligações com a Espanha. A cruzada, além de anexar a região à França, conseguiu revoltar toda a população local, incluindo os católicos, que passaram a lutar ao lado dos cátaros. O líder Simon de Montfort foi abatido, de acordo com uma versão da história, com uma pedra de catapulta, lançada por uma guarnição feminina da resistência, que lhe esmagou a cabeça. Isso aconteceu perto da cidade de Tolosa...

– Que é, se não me engano, Toulouse, hoje – falei, lembrando dos nomes de antigas cidades europeias que apareciam incessantemente nas histórias em quadrinhos de Asterix², o Gaulês.

– Exato. Havia uma canção popular na época, em língua occitana, ou “Oc”, muito parecida com o português, que comemorava o acontecimento. Era mais ou menos assim:

Montfort
Es mort!
Es mort!
Es mort!
Viva Tolosa
Ciotat Gloriosa
Et Poderosa!
Tornan lo paratge et l'onor!
Monfort
Es mort!
Es mort!
Es mort!

Pedi licença e dei a desculpa de que iria até o banheiro, que ficava na parte de trás do restaurante. Porém, dei a volta pelos fundos e saí até a rua. Olhei de ambos os lados e não vi nada marrom, e nem mesmo a sombra de Paul. Não fazia a mínima ideia de onde ele poderia ter ido. Rezava para que isso não fosse algum sinal de que problemas estavam a caminho, pois

somente agora Wilbur parecia estar relaxando em nossa presença. E Isis também estava mais à vontade. Contornei de novo o restaurante e, na porta pela qual havia saído, dei de cara com Paul, que me assustou.

- Ei, de onde você saiu? – perguntei.
- Desculpe. É melhor entrarmos.
- Espere um pouco. Onde você estava?
- Lembra-se de que falei que estava atrás de aliados?
- Claro.
- Eles vieram me avisar o que descobriram sobre o Processo.

Gemi de desânimo. A confusão já ia começar...

- Pelo jeito, você não tem boas notícias...

Paul me olhou por cima de seus óculos escuros.

- Não mesmo. Ele conseguiu aliados aqui.
- Como é? Quem seria louco de passar para o lado deles?
- Os Carbonários.
- Quem????

Paul me agarrou pelos ombros.

- É melhor entrarmos e conversarmos com os outros. Isso é preocupante.
- Espere! Quem são os seus aliados aqui?
- O Skull and Bones.

Pus as mãos na testa. “Mais Sociedades Secretas? Acho que vou pirar...”

- Venha logo – Paul me puxou pelo braço – Vamos passar as notícias para os outros.

Explico tudo depois.

Voltamos a tempo de pegar o fim da “palestra” de Wilson. Sentamo-nos, e Ângela percebeu o suor frio que escorria de minha testa. Fiz sinal para que ela esperasse enquanto Wilson terminava de falar.

– A cruzada foi impedida: em enormes fogueiras, homens, mulheres e jovens eram queimados em uma selvageria sem igual. Em algumas das cidades visitadas, mais de 400 pessoas morreram em uma única noite. O Papa tinha prometido àqueles que participassem da cruzada o perdão para seus pecados e benefícios materiais legítimos pelo saque. Na cidade de Beziers, 15 mil homens, mulheres e crianças foram mortos, muitos dentro de igrejas. Um registro histórico diz que um oficial perguntou a um representante espiritual do papa Inocêncio III, Arnaud Amaury, arcebispo de Narbonne, como poderia reconhecer os hereges. A resposta do religioso foi: “Mate-os todos. Deus reconhecerá os seus”. O oficial teria, depois, enviado um relatório para o Papa, dizendo: “Nem idade, nem sexo, nem posição foram poupados”.

- Que horror! – espantou-se Isis.

– É melhor pararmos com esta história por aqui – falou Ângela, levantando-se da mesa – E também é hora de as garotas terem um recesso. Certo, Isis?

Esta concordou plenamente, e ambas dirigiram-se para o banheiro. Paul e eu esperamos um pouco e, então, falamos sobre as novidades a contar. Wilson e Wilbur escutavam sem dizer palavra:

– O Skull and Bones concordou em nos ajudar em troca de uma citação no livro. Foram eles que me passaram a informação de que Gabriel está em Roma e usou contatos antigos do tempo em que pertencia à Juventude Católica para chegar até os Carbonários. Sabemos, apenas, que

prometeu levantar fundos do Processo, que agora está em seu poder, para ajudar na luta da Sociedade pela melhora da situação política da Itália.

– Espere um pouco. O que o Skull and Bones está fazendo aqui? – perguntou Wilbur – A sede deles não é em Yale, nos Estados Unidos?

– Isso não é de se espantar – falei – Quando a primeira versão do livro saiu, recebi uma carta de um representante deles em São Paulo. Eles, pelo jeito, já são bem ativos em vários lugares do mundo. Por que não aqui?

– Eles não são ligados à Maçonaria? – perguntou Wilbur para o pai.

– Hoje são. O capítulo americano dessa ordem alemã foi fundado na Universidade de Yale, em 1833, pelo general William Huntington Russell e Alphonso Taft, ministro da guerra durante o mandato do presidente Grant – explicou Wilson – Essa Sociedade é extremamente secreta. Os membros fazem voto de silêncio, possuem regras próprias e realizam ritos cerimoniais, além de não verem com bons olhos os curiosos. É uma Sociedade masculina e reúne-se uma vez por ano na ilha Deer. Nos últimos 150 anos, cerca de dois mil e quinhentos estudantes formados em várias instituições como Oxford, Yale e Harvard entraram para a Skull and Bones, de acordo com nossas fontes da Loja de Londres. Estima-se que apenas 600 estejam vivos e, desses, um quarto tem papel ativo.

– Pelo menos, escolheram nos ajudar – falei.

– Provavelmente para minimizar a atuação do Processo – explicou Paul – Eles também não gostam de Sociedades ambiciosas, principalmente as mais jovens do que eles. Estarão por perto e nos ajudarão, porém não vão aparecer. Mesmo suas comunicações serão codificadas e entregues por mensageiros que não são membros.

Anotei tudo num pedaço de papel para não me esquecer de pesquisar mais sobre essa Sociedade.

– E quanto aos Carbonários? – perguntou Wilbur.

– Isso, para mim, é um mistério – respondeu Wilson – Pelo que sei, essa Sociedade estava desaparecida do cenário político da Itália desde 1870, mais ou menos. Nem sabíamos, na Maçonaria, que eles ainda estavam ativos.

– E quem são eles? – perguntei.

– A Sociedade começou com os membros de uma guilda, uma espécie de sindicato de trabalhadores que existia na Idade Média, na mesma época da Maçonaria – explicou Wilbur – Os rituais maçônicos baseavam-se no ofício de pedreiros, enquanto os dos Carbonários, nos ofícios de carvoeiros, lenhadores carpinteiros e artesãos de madeira. Os membros mais elevados se tratavam por alcunhas baseadas em nomes de árvores, como “irmão Carvalho” ou “irmão Olmo”. Sua mesa de reuniões era chamada de “O Cepo”, e suas cadeiras eram montes de gravetos.

– Da mesma maneira que nós, na Maçonaria – continuou Wilson – os Carbonários também usavam aventais de couro vermelho em suas reuniões e cercavam-se de objetos como machados, serras, pedaços de madeira de vários tamanhos e coroas de folhas de carvalho.

– E como foi que eles se aliaram ao Processo? – perguntou Wilbur.

– Troca de interesses – disse Paul – Provavelmente só estão mal informados. Mesmo assim, poderão ser um problema enquanto não forem avisados.

Foi quando reparei em um retrato que estava pendurado na parede em frente à nossa mesa e comentei:

– Ei, aquele não é Giuseppe Garibaldi?
Os três voltaram seus olhares em direção ao retrato.
– Ele mesmo – disse Wilbur – Lutou pela unificação da Itália e é venerado por aqui como um santo.
– E ele tinha ligações... – começou Wilson.
Wilbur olhou assustado para o pai.
– ... com os Carbonários! Meu Deus! Estamos num restaurante da Sociedade!
Nem bem Wilbur concluiu a frase e um enorme barulho se fez ouvir, vindo dos fundos. Ele saiu correndo e quase derrubou a mesa, seguido de dois garçons e Paul. Wilson e eu nos olhamos apreensivos e também fomos até lá. Quando passamos pelos garçons, pude ver Ângela caída no chão, fora do banheiro feminino, desfalecida. O “cinto de utilidades” estava espalhado no chão e havia várias coisas, num pandemônio sem igual. Não havia sinal de Isis em lugar algum. No espelho, havia uma mensagem em inglês, escrita com um pincel atômico, provavelmente encontrado no “cinto”:

ESTOU COM ISIS. SE QUIZER VÊ-LA NOVAMENTE, ENCONTRE O GRIMOIRE E TRAGA-O PARA MIM. EU AVISO ONDE ENTREGÁ-LO.

A assinatura era um olho de Hórus borrado, mas, ainda assim, nítido. Wilbur parecia à beira de um ataque, de tão vermelho que ficou. Saiu correndo como um louco, tendo Wilson e eu em seu encalço, enquanto Paul cuidava de Ângela.

Wilbur aproximou-se da BMW e abriu a porta com força. No mesmo instante, o Monza marrom passou ao seu lado e disparei para abrir a porta do lado do motorista. Os vidros do Monza eram escuros, e não conseguíamos ver o interior. Assim, pulei para dentro quando o carro já começava a se movimentar. Tornei-me, assim, passageiro e testemunha de uma perseguição incrível pelas principais ruas de Roma.

– Agarre-se bem! – gritou Wilbur – Esse desgraçado não vai conseguir escapar!

Piazza Del Colosseo, Piazza della Rotonda, Forum Romanum, Via Appia Antica, Via Flaminia, Piazza Venezia. Era uma situação absurda, pois parecia mais uma excursão, só que feita em tempo recorde. Toda vez que o carro de Wilbur se aproximava, o do Processo ganhava mais velocidade. Até que ele pediu que eu abrisse o porta-luvas e tirasse uma pistola pequena, de cabo de madrepérola.

– Vamos, atire! – gritou.

– Não quero ferir ninguém!

– Não é para ferir ninguém. Atire em um dos pneus. O carro deve perder o controle!

Entendi o plano de Wilbur e coloquei-me na janela. Esperava que não fosse tão ruim de mira e que fosse capaz de furar o pneu. Mirei e disparei. No segundo tiro, o pneu da parte traseira direita estourou, e o carro começou a derrapar e perder o controle quando voltávamos para a *Piazza della Rotonda*, até que bateu em um poste perto da esquina e espatifou. Wilbur parou o carro e nós saímos correndo para abrir as portas destroçadas.

Qual não foi nosso espanto quando vimos o dono do *La Rosetta* e um dos garçons que nos serviram dentro do carro.

– Não são eles! – exclamei.

– Maldição! – gritou Wilbur.

– Desgraçados! Isso foi para nos despistar!

Esperamos a polícia chegar e explicamos brevemente o que havia acontecido. Wilbur deu queixa de sequestro enquanto eu olhava atentamente para o interior do carro e seus ocupantes. Vi algo no chão que me chamou a atenção: um envelope marrom, tamanho carta, com um maço de notas de dólares. Sem que ninguém visse, tirei o envelope e coloquei-o no bolso de minha calça. Wilbur percebeu o que eu fazia e distraiu os policiais.

O relógio acusava seis da tarde quando conseguimos voltar ao apartamento de Wilbur. Wilson e Paul cuidavam de Ângela, que ainda estava “grogue” do golpe que recebera.

– Na verdade, foi um pano com clorofórmio. Gabriel me sedou, e só pude ver que dois garçons agarravam Isis e a forçavam a sair pela porta dos fundos – explicou ela.

– Eram Carbonários – expliquei – Isso confirma o conteúdo deste envelope que encontrei no carro do Processo.

Além de cinco mil dólares em dinheiro, havia um recado que, de acordo com a tradução de Paul, dizia em italiano: *Capturem a garota mais nova. Levem-na para o Coliseu e cuidem para que o grupo que está comendo não atrapalhe*. A assinatura era a mesma vista no espelho do banheiro do restaurante.

– Bem, o pior já aconteceu – disse Wilson, desolado – Temos de nos preparar para amanhã e torcer para que Gabriel esteja blefando.

Paul se aproximou e ficou quieto. Wilson olhou para ele interrogativamente.

– Este bilhete chegou para mim meia hora atrás – disse Paul, com voz bem séria. Peguei de sua mão. Estava escrito em inglês e dizia:

O local indicado está errado. Não sabemos ainda para onde ela foi levada. Estamos levantando. Avise seu grupo que informaremos assim que descobrirmos. Estava assinado com o desenho de uma caveira com ossos.

– O Skull and Bones já sabe do sequestro? – perguntei, incrédulo.

Wilson confirmou com a cabeça.

– Bem, não podemos fazer nada por enquanto. Temos que aguardar uma nova comunicação do Skull and Bones. Enquanto isso, vamos descansar e nos preparar para amanhã.

Wilbur deu um murro em uma mesa que nos assustou a todos. Ângela levantou-se e aproximou-se dele:

– Wilbur, temos que nos controlar. Talvez, encontrar esse maldito *grimoire* seja a única chance que temos de ter algum poder de barganha com Gabriel.

– Ele tentou estuprá-la no Brasil! – gritou, desesperado – O que garante que não tentará fazê-lo de novo aqui?

Paul falou com tom sóbrio de um canto escuro da sala:

– A sede que ele tem de poder absoluto. Pôr as mãos no *grimoire* é mais importante do que tentar gerar um sucessor. Esse sentimento é puro predadorismo. Eu sei bem disso, pois é parte do que somos no Templo do Vampiro. Mas essa mesma característica será voltada contra ele, e será a razão de sua queda.

Wilbur levantou-se e dirigiu-se para um quarto perto da área de serviços do apartamento. Voltou com outra arma, parecida com a que tinha em seu carro, e uma faca, que guardou no bolso de sua jaqueta. Vi seu pai aflito ao ver o filho tomado pelo ódio.

– Muito bem, se assim é, que assim seja – disse, olhando-nos a todos – Vamos descansar e, amanhã, encontrar esse diário de Cagliostro. E, no fim, Gabriel será meu. Até a morte de um

de nós dois.

H. G. Wells no volume II de seu *História da Civilização*, falando sobre os cátaros. [N.E.]
Asterix e Obelix: Série em quadrinhos que mostra a vida de dois gauleses que vivem na única aldeia da Gália que não foi dominada pelos romanos, no ano 50 a.C. Criada pelo italiano Albert Uderzo, e editada no Brasil pela Editora Record, a história também já foi retratada no cinema, em filmes como *Asterix e Obelix contra César*, de 1999. [N.E.]

CAPÍTULO 19

O CONFRONTO

Cagliostro não é, na verdade, uma figura isolada no século XVII, século que abriga outras personalidades não menos “estranhas” e “esclarecedoras” num sentido heterodoxo. O termo “Iluminismo”, que atualmente é usado para designar os *Philosophes*, ou seja, aqueles pensadores e escritores que pensavam iluminar com a luz da razão as consequências perturbadas por séculos de obscurantismo, é um termo que no século denominado exatamente “século do Iluminismo”, designava com frequência um esclarecimento de tipo irracional e com pretensões místicas, em que o objeto proposto à luz não era tanto o povo nem o analfabeto, mas o futuro, o além, os segredos da natureza.¹

Bem, finalmente cheguei à parte mais dolorosa para mim. Para se ter uma ideia, os acontecimentos daquele dia, e, mais precisamente, os da noite, são ainda confusos para meu ainda pouco entendimento de Sociedades Secretas e afins. Demorei muito para colocar as ideias em ordem e conseguir chegar a um consenso sobre quem agiu certo ou errado. Mas as consequências falam por si mesmas.

O dia seguinte ao rapto de Isis foi tenso. Ângela e Paul tiveram que cuidar dos preparativos para a Caça. Wilson estava ocupado em tentar conversar com Wilbur e fazê-lo desistir de se entregar à vingança, pois temia que o filho realmente se matasse num confronto com Gabriel.

Para não deixar meu verdadeiro trabalho que era escrever o livro, já atrasado, saí do apartamento e fui procurar um cybercafé, onde passei a manhã inteira e, pelo menos, as duas primeiras horas da tarde coletando informações para os últimos capítulos. Demorou muito, mas valeu a pena, pois consegui descobrir, na Internet, mais algumas coisas sobre os Carbonários e a misteriosa Sociedade conhecida como Skull and Bones.

Comecemos com os Carbonários. Um texto que encontrei, publicado originalmente na revista *Reader's Digest*, falava que o verdadeiro motivo pelo qual essa Sociedade Secreta tinha forte orientação política, embora fosse mais um tipo de “clube masculino baseado em ofícios tradicionais”, nunca se esclareceu. Essa mudança na tomada de posição teria sido registrada entre os anos de 1807 e 1812, no sul da Itália, quando um ministro da polícia do Reino de Nápoles, chamado Marghella, tornou-se seu patrono. Um dos principais generais de Napoleão e seu cunhado, Joachim Murat, estavam no comando do reino, e Marghella queria a unificação da Itália sob o regime de monarquia constitucional. Para isso, precisava derrubar qualquer governante de origem estrangeira, inclusive Murat. Assim, o ministro convenceu os Carbonários a se juntarem à sua causa.

A Sociedade passou a ter rígida organização militar e poderosa influência política nos anos

seguintes. De acordo com o artigo, vários historiadores se convenceram de que as rebeliões malsucedidas que abalaram os reinos de Nápoles e da Sicília até o ano de 1835 foram obra dos Carbonários. Mas as ideias se propagaram por todo o país, e, em 1850, homens como Camillo Cavour, primeiro-ministro do Estado nortista de Piemonte, e Guiseppe Garibaldi assumiram suas ideias e mantiveram estreitos laços com os componentes da Sociedade.

A França também conheceu os Carbonários. Lá, com o nome de *Charbonnerie*, seus membros apoiavam uma monarquia constitucional para a Itália, mas queriam a volta da República na França pós-Napoleão. Enquanto os Bourbons combatiam os ideais liberais, os Carbonários incitavam o fim da recém-restaurada monarquia. Alguns historiadores afirmam que a Sociedade teve participação nas revoluções locais que aconteceram em 1830 e 1848, mas isso nunca foi confirmado. Porém, é quase certo que teriam ajudado Napoleão III, sobrinho de Bonaparte, a chegar ao poder. Deixaram de circular na mesma época, em 1870, tanto na Itália quanto na França. Seu envolvimento recente com o Processo só poderia significar que estariam atrás de verbas para continuar com sua luta “por uma Itália melhor”, e não que simpatizavam com Gabriel ou algo assim.

Quanto à Skull and Bones, a coisa ficou mais sombria. A Sociedade é conhecida também como Capítulo 322 e Irmandade da Morte. Como já disse, é originária da Universidade de Yale e foi a primeira a estabelecer-se por lá, desde dezembro de 1832, em contraste com outra, mais antiga e também estabelecida na mesma instituição, a Phi Beta Kappa, que data de dezembro de 1779.

No final do século XIX, as Sociedades mais prestigiadas no meio eram, além da Skull and Bones, a Scroll and Key e a Wolf's Head. As duas primeiras são, hoje, adversárias. Críticas feitas abertamente referem-se, principalmente, a concentração de riquezas, elitismo, comércio de ópio, subversão do processo educacional em Yale, lucros de guerra e, especificamente, lucros de guerra nuclear. Há um livro, chamado *Fleshing out Skull and Bones*² (algo como *Descarnando a Caveira e Ossos*), de autoria de Kris Millegan, que diz ter evidências de que a Sociedade exerce influência maciça na política externa dos Estados Unidos.

Muitos detalhes da afiliação da Skull and Bones são pura especulação. Nada se sabe com certeza da iniciação às práticas. Seus membros são conhecidos como *Bonesmen* (Homens-Ossos) e havia listas de membros até 1971.

Ainda de acordo com as pesquisas que fiz na Internet, sobretudo no site da Wikipédia, que é uma enciclopédia virtual, a Skull and Bones ensinaria a seus membros uma filosofia que idolatra a morte e a obtenção do poder por assassinatos. Isto, quando ligado ao fato de que um número aparentemente desproporcional de membros estariam em posições de poder (dentro de órgãos como a CIA), mostraria a utilização de tortura como método para atingir seus objetivos. Assim, a Sociedade escolheria os membros baseada em seu sucesso futuro.

Há relatos não confirmados sobre os rituais da Skull and Bones, que seriam similares aos de satanistas. Alguns ritos de passagem se relacionam, como em outras Sociedades, com sexualidade, conquista do medo e confiança em grupo. Entre esses depoimentos, está um que fala sobre um ritual de iniciação em que o iniciante passa a noite nu dentro de um caixão, enquanto conta aos outros membros sobre suas experiências sexuais.

Há um vídeo, feito pelo jornalista americano Ron Rosenbaum, que mostra um ritual da Sociedade. Há figuras mascaradas e encapuzadas que participam de uma cerimônia de iniciação similar às vistas no filme *A Bruxa de Blair*. Em 11 de dezembro de 1909, o jornal

The New York Times publicou que um ex-membro da Sociedade, Harold Phelps Stokes, doara uma múmia que tinha adquirido no Egito por meio de outro membro, Allan Klots. O artigo dizia que Klots e Harold Stokes achavam que a múmia seria um acréscimo pitoresco à parafernália da Ordem. Mais ainda: o mesmo jornalista diz que Prescott Bush, avô do presidente norte-americano George Walker Bush, e um grupo de *Bonesmen*, violaram o túmulo do famoso chefe apache Jerônimo e levaram seu crânio para ser colado no prédio da Sociedade, no campus da Universidade de Yale, conhecido como *The Tomb* (O Túmulo).

Outra fonte fala que a Skull and Bones seria uma subdivisão de uma Sociedade maior, conhecida como Black Lodge (algo como Covil Negro, embora o termo Lodge também seja usado para designar as Lojas maçônicas), que seria uma organização de oposição a uma outra, chamada Great White Lodge. Alguns estudiosos de conspirações dizem que a Sociedade tem laços com uma outra, chamada The Thule Society, que teria se envolvido com a criação da Alemanha nazista.

Parei de ler e senti a cabeça girando. Era muita informação a ser processada. Esses eram os aliados de Paul em Roma? Gente assim se satisfaria apenas com uma menção no livro? Era loucura demais para um mesmo dia. Ou melhor, para um mesmo mês, pois, desde que essa bagunça começara, haviam se passado 20 dias. Escrevi tudo o que encontrei num arquivo e enviei-o para minha caixa postal, de onde o resgataria mais tarde para compor os capítulos do livro. Saí do cybercafé e reparei que estava próximo à famosa *Fontana de Trevi*, cenário do filme *A Doce Vida*, de Fellini. Parei para observar o monumento e relaxar um pouco antes de voltar ao apartamento. As estátuas de Nicola Salvi, feitas em 1735, mostravam figuras mitológicas, e o barulho da água caindo era reconfortante. Sentei-me em um banco de pedra próximo e observei os turistas jogando moedas e fazendo pedidos. De repente, levantei-me, peguei uma moeda e joguei-a na fonte, desejando ardentemente que toda aquela bagunça acabasse de vez e que Isis pudesse voltar sã e salva.

Voltei para o apartamento, mas apenas Wilson e o filho estavam por lá. Ângela e Paul tinham saído para conseguir mais algumas coisas e obter mapas e guias da cidade. Wilson aproximou-se de mim e disse em voz baixa, para o filho não escutar:

– Se ele não se controlar, pode acontecer uma desgraça.

– Refere-se ao possível assassinato de Gabriel?

Fez que não com a cabeça.

– Então a quê?

– Ele se julga Aquiles em busca de Heitor. Só que, neste caso, a morte pode vir para ambos.

A porta da rua se abriu e Ângela e Paul voltaram. Estavam sérios. Aparentemente, a Skull and Bones havia mandado outro mensageiro e a notícia não era boa.

– *A garota está sendo torturada para revelar para quem vocês entregaram os outros grimoires* – traduziu Paul, preocupado.

Wilson suspirou desolado. Não suportava pensar no que estariam fazendo com Isis, que não poderia, nem se quisesse, contar o que nós tínhamos feito. Ângela também não se sentia melhor:

– Eu sinto que tenho culpa por ela ter sido sequestrada. Fui treinada pelos Illuminati para ser guardiã de segredos. Não sei como fui cair tão facilmente.

– Ele pegou você com a guarda baixa – disse Paul –, de surpresa. Você não pôde fazer nada.

– É, estamos bem em termos de complexos de culpa! – comentei pra tentar descontraír.

Wilson levantou-se e pareceu revigorado. Olhava preocupado para o quarto onde Wilbur estava, mas falou como o líder de antes:

– Não vamos nos preocupar com isso por enquanto. Vamos nos concentrar em encontrar esse *grimoire* e levá-lo para Gabriel. Depois, veremos como contornar essa situação.

– Vai entregar o diário de Cagliostro para esse... terrorista? – perguntou Ângela.

Ele sorriu em resposta.

– Até parece que você não me conhece – disse – Garanto uma coisa: esta será a última vez que ouviremos falar desse rapaz e do Processo.

Virou-se e saiu da sala para usar o telefone. Nenhum de nós três imaginava o que ele queria dizer com isso, e continuamos com os preparativos. Estudamos a biografia de Cagliostro e os principais monumentos de Roma.

– E a promessa inicial? – perguntei a Ângela.

– Qual?

– A de conhecer o Caminho da Iluminação.

Ela sorriu e se aproximou com seu jeito insinuante.

– Só depois que isso acabar, mocinho.

Beijamo-nos e demos um tempo de todo o resto. Queríamos apenas uns minutos a sós.

O relógio marcava seis da tarde quando nos reunimos de novo na sala de estar. Wilbur veio com seu colete de fotógrafo, aquele cheio de bolsos. “Deve estar cheio de facas, pistolas, cordas, balas e outras armas”, pensei. Queria fazer algo para salvar meu ex-amigo, mas sabia que ele tinha ido longe demais e que devia arcar com as consequências. Comemos algo e, quando finalmente descemos para apanhar o carro, o relógio marcava sete da noite, ou melhor, da tarde, pois a noite só cairia dali a uma hora. Fizemos boa parte do caminho em silêncio, cada um entregue aos próprios pensamentos. No fundo eu sabia que as coisas chegaram a um ponto em que alguns não veriam o dia seguinte.

Às oito horas, a escuridão se fez presente e o Sol se pôs. Havíamos parado antes em alguns lugares para verificar se não faltava nada no “cinto de utilidades” ou se Paul receberia mais algum comunicado da Skull and Bones. Como não foi preciso fazer nada, relaxamos por alguns momentos vendo a maravilhosa paisagem de Roma e falando sobre os séculos de história que lá se passaram. Logo estávamos chegando ao local de início da última fase da Caça, a *Basilica di San Giovanni in Laterano*. É a catedral de Roma, fundada no século IV pelo imperador Constantino. Foi destruída e reconstruída inúmeras vezes, e a aparência atual remonta ao século XII. Perdia em imponência apenas para a Basílica de São Pedro, no Vaticano. Em sua balaustrada, podem-se admirar 15 estátuas gigantescas, de sete metros cada, que representam santos, com o Redentor no centro. No lado esquerdo, há uma estátua de Constantino, vinda da *Terme Imperiali del Quirinale*.

A porta central, pela qual se entra na igreja, é feita de folhas de bronze, de enorme valor. A última porta à direita é chamada de Porta Sagrada e, como na Basílica de São Pedro, só é aberta em ocasiões de jubileus católicos. Dentro, vemos cinco passagens e uma estrutura em forma de cruz latina, com não menos que 130 metros de comprimento. A beleza do edifício só era ofuscada por estarmos lá para começar uma Caça.

– Por que sempre começamos em uma igreja? – perguntei para Ângela.

– Tradição. Os organizadores querem que a busca seja iluminada pela ação de Deus.

“Puro simbolismo”, pensei, “mas, mesmo assim, interessante”. Todos entramos em silêncio.

A luz das velas tornava o teto dourado ainda mais impressionante, como se fosse mesmo divinamente iluminado. No final da grande nave, sob um arco de triunfo, há um altar papal. Nele, havia três pessoas nos esperando.

– Ora, vejam só quem está aqui! – escutei alguém dizer em português. Parecia familiar.

Quando me aproximei, estremei de contentamento. Os organizadores desta fase não eram outros senão representantes de Sociedades Secretas que eu entrevistara para a primeira versão do livro: o mestre maçônico Mauro, e Adam, o superior de Ângela nos Illuminati. Junto com eles estava um homem de seus 45 anos, camisa social bege, calças marrons e sapatos de camurça. Olhava sério para mim.

– Este é Hugo, dos Templários – apresentou Adam.

Cumprimentei-os a todos e ficamos conversando enquanto o resto do grupo, com exceção de Ângela, olhava sem entender.

– O que estão fazendo aqui? – perguntei.

– A última parte da Caça foi confiada a nós este ano – explicou Hugo – E, com a graça de Deus, soubemos que você estava envolvido e, por isso, fizemos questão de torcer para que tudo fique bem até o final.

Ângela estava abraçada com Adam e mais pareciam pai e filha. A cena era tocante, e me emocionei um pouco.

– Porém, temos que seguir o protocolo – disse mestre Mauro – Principalmente por estar em nossas mãos a chave do *grimoire* de Cagliostro.

Ângela apresentou mestre Mauro para Wilson e deixamos os dois conversarem um pouco. Paul preferiu trocar algumas ideias com Hugo, que era representante de uma ordem que sempre o fascinara. Ângela e eu conversávamos com Adam. Wilbur estava a um canto, olhando tudo e analisando.

– E isto é tudo, Adam – concluiu Ângela – Ou, pelo menos, a versão resumida.

– Como vocês esperam resolver o problema? – perguntou ele.

– Confesso que não sei – falei, olhando para Wilbur – Mas temos que fazer algo. Tem gente demais envolvida nessa história. Os Carbonários...

– Se eu fosse você, não me preocuparia mais com eles – disse Adam – Provavelmente, eles só queriam o dinheiro do Processo. O que vocês encontraram no carro deve ser apenas uma parte. Depois de colocar as mãos no restante do dinheiro, devem sumir de nossas vistas.

– Mas e a Skull and Bones?

– Para mim é tão misteriosa quanto para Wilson. Se eles se contentarem com uma menção no livro, não temos nada a temer. Do contrário...

Nem quis saber do resto da frase. Afastei-me um pouco para contemplar a Basílica e pensar. Senti uma mão em meu ombro e vi Hugo ao meu lado:

– Finalmente nos encontramos. Queria apenas dizer-lhe que gostei de sua obra e que lamento o que aconteceu com seu amigo.

– Você não é o único.

– Sabem que estamos aqui por solicitação especial do mestre Mauro. Porém, não poderemos fazer absolutamente nada para impedir qualquer tipo de problema que vocês possam ter. Isso exporia a Caça à imprensa, e não queremos este tipo de atenção. Portanto, só posso desejar-lhes boa sorte e que Deus não os abandone na reta final.

Senti que, além das palavras, o sentimento de Hugo era verdadeiro. Agradei e voltei para

a companhia do grupo.

– Meus amigos, são oito e meia – disse mestre Mauro – É preciso começar a Caça.

Adam passou para Mauro o envelope pardo que já conhecíamos, lacrado com o sinete da maçonaria inglesa. Aproximamo-nos e, quando eu estava para apanhá-lo, Hugo me barrou:

– *Password?*

– Preciso disso aqui? – perguntei.

– Protocolo. Tradição. Não podemos quebrá-lo.

Olhei para Wilson e ele concordou com a cabeça, acrescentando:

– Muito cuidado. Teremos apenas uma chance de falar a senha. Se errar, a noite estará perdida e o diário continuará desaparecido.

Senti um frio percorrer minha espinha e comecei a recitar de cabeça a letra de “Most High”. O que poderia conter de padrão nas três etapas? Entre a primeira e a segunda foi apenas uma questão de seguir a ordem dos versos, mas a estrofe seguinte não tinha uma estrutura que possibilitasse o formato senha-contrasenha. Comecei a suar frio enquanto o resto do grupo olhava para mim, ansioso. Teriam que ser versos com a mesma estrutura dos anteriores. O relógio corria, e eu me sentia cada vez mais acuado. Se errasse, Isis estaria nas mãos de um assassino e estuprador! “Ah, Meu Deus, o que posso fazer? O que eu digo?”

Dez minutos haviam se passado, e Adam, Mauro e Hugo olhavam para mim tão ansiosos quanto o grupo. Comecei a olhar os afrescos da Basílica e recordar o videoclipe da música, que vira várias vezes. Até que me lembrei de uma figura ligada a alguns versos. “Sim, tem que ser esta!” Aproximei-me de Mauro e arrisquei minha única chance:

– *While Mercy sleeps in the hearts of liars.*

O verso não era, como os anteriores, uma pergunta. Mas cabia na mesma estrutura, então tinha que ser esse.

Todos olharam para Mauro, cuja expressão não revelava nada. De repente, ele sorriu e respondeu:

– *And the olive tree is consumed by fire.*

E entregou o envelope. Suspirei de alívio enquanto Wilbur e Paul me seguravam para que eu não caísse de tensão pelo suspense. Ângela abriu o envelope e tirou um relato sobre o diário de Cagliostro, uma reprodução do retrato do conde e mais uma transcrição de um documento do general Williams. Desta vez, a enigmática frase destacada dizia simplesmente:

*The truth that comes from the mouth
One of these days I'm going to cut you into little pieces*

Afastamo-nos dos organizadores e começamos a confabular:

– O que significa isso? – perguntei – A verdade que vem da boca? Um desses dias vou te cortar em pedacinhos? O que é isso, ode a Jason?

– Acho que sei o que é.

Todos olhamos para Wilbur.

– Quando comecei a levantar os pontos turísticos mais importantes de Roma, descobri algumas peculiaridades. Sabe, pontos que atraem os turistas, mas que não levam multidões, como um Coliseu, por exemplo. Há uma igreja, chamada Santa Maria em Cosmedin, que fica na *Piazza Della Bocca Della Verità*, entre a *Piazza Venezia* e a *Ilha Tiber*. Lá está a enorme

estátua redonda, que foi utilizada na Idade Média para desencorajar os mentirosos. Seu modelo foi utilizado, depois, para fabricar réplicas que correram o mundo como atrações dos centros de entretenimento de shopping centers.

– Sim, claro! – falou Ângela – Agora me lembrei. A estátua é conhecida como *La Bocca della Verità*. Na verdade, era tudo uma farsa. Havia uma pessoa atrás da estátua, com uma espada, que cortava a mão de quem a colocava lá dentro e era acusado de faltar com a verdade. Li que uma mulher que pertencia à aristocracia foi acusada de adultério. Uma multidão raivosa levou-a para a enorme máscara de pedra e impôs-lhe o julgamento. Todos julgavam-na culpada, mas um jovem irrompeu do meio deles e beijou-lhe a mão num último ato de cristandade, pois acreditava que ela era inocente. Ela colocou a mão na boca e jurou que não havia sido infiel. Como nada acontecera, a multidão acreditou e a mulher foi absolvida.

– Vamos atrás de uma figura alegórica? – perguntou Paul.

– Não temos outra pista e o relógio está correndo – disse Wilson, olhando para o seu, que já marcava oito e quarenta – Vamos lá.

Mestre Mauro aproximou-se e falou:

– Boa sorte, meus filhos. Estaremos aqui aguardando.

Saímos em direção ao BMW de Wilbur. Ele acelerou e dirigiu de maneira bem controlada. Às nove e dez chegamos à igreja, ainda aberta, onde ficava a Boca da Verdade. Era enorme e ameaçadora, com uma cara que lembrava as entidades do mundo de J. R. R. Tolkien. À sua frente, estava um pequeno pedestal de mármore, provavelmente usado para oferecer algo.

Ângela olhava para a Boca intrigada.

– Onde alguém esconderia algo aqui?

– Deixem comigo – disse Wilson – Acho que tenho o braço mais longo entre nós. Vou tentar encontrar algo.

Lembrei-me da história da mulher supostamente infiel e imaginei Wilson tendo o braço cortado ao inseri-lo na Boca. Não era mesmo uma imagem agradável. Ele se contorceu, com o braço enfiado até a altura do cotovelo por, pelo menos, 15 minutos. Não podíamos fazer nada a não ser observar. Até que seu rosto se iluminou:

– Ah, achei algo! Parece... plástico!

“Ainda bem que a igreja está vazia”, pensei. Ele retirou um envelope de plástico coberto de poeira. Via-se dentro o tradicional envelope pardo, pálido e desbotado devido à ação dos anos. Ângela abriu o envelope de plástico no pedestal, usando pinças que tirou do “cinto”, abriu o pardo e retirou uma reprodução de um cartaz de show. Anunciava uma apresentação do Pink Floyd em 1971, em Bolonha, e outra em Roma. As datas eram 19 e 20 de junho de 1971.

– Bem, eis nosso elo roqueiro – comentou Ângela – Mas por que o Pink Floyd?

– Talvez pela adoração que Roger Waters tem pela arte romana – falei – desde os anos 1970, quando ele e os outros aceitaram fazer o filme *Pink Floyd Ao Vivo em Pompeia*. Bate, aliás, com a música “One of These Days”, do álbum *Meddle*, de 1971, que aparece nesse filme. A única frase dita nessa música, *One of these days I’m going to cut you into little pieces*, pode ter inspirado Williams a esconder a pista aqui.

– Mas para onde ela aponta? – perguntou Wilson – Pompeia é longe. E não devemos sair da cidade, só temos 24 horas.

Vi alguns endereços na parte do cartaz que falava de Roma.

– Onde fica esse *Palazzo Dello Sport*? – perguntei.

Todos me olharam.

– Acha que pode ser lá a próxima etapa?

– Alguma sugestão melhor?

– Mas... Williams esconderia algo tão valioso num lugar tão popular? – perguntou Ângela.

– Provavelmente, não – disse Wilbur – Mas uma pista pode facilmente ser disfarçada.

Wilson suspirou. Era uma Caça mais vaga do que as demais. Mas, provavelmente, estávamos no caminho certo.

– Vamos lá – decidi, por fim – E seja o que Deus quiser.

A correria recomeçou, e levamos mais uns 30 minutos para chegar ao Palácio dos Esportes, um enorme estádio, construído entre 1958 e 1960 para abrigar as Olimpíadas de Roma. Sua estrutura redonda é imponente e simples, se comparada a de outros estádios. Para nossa sorte, o relógio marcava nove e quarenta, e um jogo de basquete estava em andamento. Wilson e Wilbur pediram para falar com o administrador enquanto Ângela, Paul e eu esperávamos. Um homem de vermelho atravessou a multidão e veio até Paul. Disse algo em italiano e entregou-lhe um papel. Ele apanhou-o e leu. Depois, agradeceu o estranho e traduziu para nós:

– Mais uma mensagem. Diz apenas: *Isis está bem. Suspeitamos do verdadeiro local para onde ela está sendo levada. Avisaremos assim que confirmarmos.*

– Pelo menos ela está inteira – falei, examinando o conteúdo do envelope. De repente, caiu um papel no chão, com a aparência de embrulho de pão.

– Um canhoto? – perguntou Ângela.

– É a entrada usada por Williams – deduzi – Ele esteve no show do Pink Floyd e deixou o canhoto como pista.

Wilson e Wilbur voltaram e falei sobre o que tinha encontrado.

– Ótimo. Os registros confirmam a passagem de Williams por aqui. O tíquete, se Sérgio estiver certo, deve nos dar a posição da próxima pista.

– Aqui só diz: *Platea, Settore C, Fila IX, N. 5* – leu Paul.

– Então vamos encontrar esse assento – disse Wilbur.

O relógio marcava dez da noite quando finalmente encontramos. Para nossa sorte, estava vazio, mas os dois lados estavam cheios. Wilson mostrou sua credencial e deu uma desculpa de que precisavam tirar fotos dos assentos mais antigos de lá para um artigo de revista e conseguiu que as duas cadeiras anteriores e as duas posteriores ficassem vazias, depois de levar os ocupantes para uma ala VIP às custas da Maçonaria. A cadeira era exatamente normal e Wilbur começava a examiná-la, mexendo nos estofados, enquanto Ângela fingia tirar fotos com uma câmera digital.

Vinte minutos depois, nada de pista.

Não sei porque, mas comecei a olhar para o chão logo abaixo da cadeira, que tinha assento dobrável. Disse:

– Um de vocês, bata na madeira do chão onde está a cadeira.

Wilson bateu e um som oco se fez ouvir. Todos me olharam:

– Como você sabia? – perguntou Wilbur.

– Nunca soube, só deduzi. Seria um bom lugar para esconder algo.

Os tacos de madeira se soltaram e mais um envelope pardo surgiu, cheio de poeira. Ângela abriu-o, não sem antes tirar luvas de plástico do “cinto”. O papel de dentro tinha apenas um

endereço: *Via Principe Amedeo, 85/A Scala D.*

Paul arregalou os olhos. Percebi que o endereço significava algo para ele.

– Estive em Roma com Samantha há mais ou menos três anos, e foi nesse endereço que nos hospedamos. É de um albergue, o Pink Floyd Hostel, um dos melhores que existem. É cercado de diversos pontos turísticos, como a igreja de *Santa Maria Maggiore*, a *Piazza della Repubblica*, o *Fórum Romano* e o *Teatro dell'Opera*.

– Por quantos lugares já passamos? – perguntou Wilson.

– Este é o segundo – disse Ângela – Se Williams manteve a média, com o albergue serão três. Portanto, a pista para o quarto e último lugar estará nos esperando lá.

Wilbur já estava indo à nossa frente e gritava:

– Não percam tempo!!!

Eram dez e meia da noite quando chegamos ao Pink Floyd Hostel. Paul estava certo: o lugar era excelente. Cercado por um belo jardim, que exalava um perfume forte e adocicado, vindo das flores abertas. Cada quarto possuía, de acordo com prospectos, aparelho de TV e telefone, e é possível escolher entre quartos com ou sem banheiro interno. Um ótimo lugar para relaxar. O prospecto na entrada explicava: *O albergue é dirigido pelos próprios proprietários e, pelo nome, você pode ver a qual geração eles pertencem.*

Foram os proprietários que nos atenderam. Novamente sob a desculpa de que procurávamos registros de uma pessoa famosa que teria passado por lá para fazer um artigo, eles nos admitiram àquela hora; sem isso, teríamos de esperar até às seis da manhã, quando reabrem a maioria dos albergues europeus.

Os registros mostravam que Williams se hospedara lá quando foi ao show do Pink Floyd, em 1971. A esposa do dono, supersimpática, levou-nos ao sótão do edifício, onde guardava antigos livros de capa de couro que serviam para que os hóspedes escrevessem o que acharam da estadia. Eram mais ou menos 12 livros no ano de 1971, um para cada mês. Dividimos o conteúdo entre nós e começamos a procurar. Minha cabeça já doía de tanto ver *smileys* e flores que lembravam os *hippies* americanos e mensagens do tipo “*Peace on Earth*”, quando vi um desenho curioso no livro de julho, o mês seguinte ao do concerto do Pink Floyd. Parecia um mapa, mostrando a localização de uma construção em formato pentagonal à beira de um rio. Havia um X, bem ao estilo de mapas do tesouro, dentro da construção. A assinatura era apenas um “W”. Chamei todos e pusemo-nos a examinar:

– Pentagonal? E que rio seria esse? – perguntou Paul.

De repente, gelei. Olhei para Ângela:

– Há alguma livraria por aqui?

Todos me observavam como se eu tivesse enlouquecido.

– O que você pensa em fazer? – perguntou Wilbur.

Levantei e pus o livro debaixo do braço.

– Seguir um palpite. Pode ser coincidência, mas acho que sei qual é o lugar.

Levamos o livro com o consentimento da dona e prometemos devolvê-lo no dia seguinte. Eram onze e quinze quando encontramos uma livraria 24 horas aberta. Entramos e pedi para Paul:

– Peça a um atendente para localizar um exemplar, em qualquer língua, do livro de Dan Brown, *Anjos e Demônios*.

Ângela já ia protestar por me ver usar esse livro como referência quando percebeu onde eu

queria chegar.

– Você acha... – começou.

– Tenho quase certeza. Responderei já.

Paul voltou com um exemplar do livro em inglês. Independentemente da língua, quando se publica um romance com mapas, as informações têm de ser traduzidas. Abri o livro do albergue e coloquei-o, lado a lado, com o mapa impresso na obra de Brown. Os desenhos eram similares.

– Eis nosso destino final – falei, triunfante.

Ângela se emocionou:

– O Castelo *Sant'Angelo*! – disse ela – O final do Caminho da Iluminação!

Nesse momento, entrou na loja um homem vestido da mesma maneira que o que estava no *Palazzo Dello Sport*. Paul adiantou-se para receber a mensagem, leu-a e voltou pálido. Ou melhor, mais pálido:

– A Skull and Bones diz: *Isis foi levada para o Castelo Sant'Angelo. Vão para lá agora. Encontrarão a entrada desimpedida por nossos irmãos. Nosso trato acaba por aqui. Boa sorte.*

Os destinos se coincidiram. Lá estavam, numa tacada só, Isis, Gabriel, o Processo e o diário de Cagliostro! Tentamos nos controlar e pensar friamente no que fazer. Já eram onze e meia da noite e sabia que muito mais ainda nos esperava.

Exatamente à meia-noite, chegamos ao Castelo. A construção era, na verdade, um mausoléu construído pelo imperador Adriano em 123 d.C., e recebeu os restos dos membros da dinastia imperial até Caracalla. O local era diferente do que vemos hoje; só se tornou um castelo no século X, e propriedade do Vaticano em 1277. O Passetto, túnel que liga o castelo ao Vaticano, e que foi usado por papas para fugir de cercos à cidade nos tempos idos, ainda existe e está intacto.

O nome do castelo vem do século XII e originou-se de uma antiga lenda que conta a história da Peste Negra em Roma, no ano de 590. De acordo com a história, a praga terminou graças à aparição de um anjo que se aprumou sobre o mausoléu e fez um gesto para consagrar a espada na bainha como símbolo da Graça Divina. A fim de registrar esse evento, o nome do monumento foi mudado, mas a estátua em honra ao anjo foi posta no alto. O Castelo é enorme e em formato redondo, ligado a uma ponte com várias estátuas de anjos. De longe, lembra mais a Arca de Noé antes do “Dilúvio”. Foi lá que Robert Langdon e Vittoria Vetra derrotaram o Hassassin que matara os quatro cardeais do Vaticano em *Anjos e Demônios*. Isso já era um presságio nada interessante. “Quem sabe a vida real não está a ponto de imitar a ficção...”

Conforme o comunicado da Skull and Bones, encontramos a entrada desimpedida. Uma vez lá dentro, só nos deparamos com a escuridão e corredores infundáveis. Ângela não conseguira achar na livraria um mapa detalhado do Castelo, e nenhum dos três guias turísticos visuais que tínhamos traziam muitos detalhes. Tudo o que restava eram minhas poucas lembranças das descrições que Dan Brown fizera de seu interior. Rezava para que as passagens descritas correspondessem, de alguma forma, ao que o Castelo realmente era.

– Dividir e conquistar! – ordenou Wilson, usando a frase preferida dos investigadores forenses do seriado CSI – Não podemos perder tempo. Temos que achar o *grimoire* e salvar Isis. E temos que agir no maior silêncio. Agora, somos apenas nós e Gabriel.

Wilson referia-se ao fato de termos encontrado, do lado de fora do Castelo, um furgão e, pelo menos, sete homens de marrom desmaiados e amordaçados. Paul dissera que provavelmente fora obra da Skull and Bones, como parte da “operação entrada”. Ninguém quis discutir o mérito da ação naquele momento.

Paul e Wilbur foram pelo pátio interno, enquanto Ângela, Wilson e eu seguíamos a pista descrita no livro de Dan Brown de algumas passagens que levariam diretamente à sala conhecida como Igreja da Iluminação, o local onde os antigos Illuminati se reuniam para discutir ciência e seus recentes trabalhos nas barbas da Igreja e da Inquisição. Estava tremendo de ansiedade por conhecer um pedaço do Caminho, pelo menos o final dele.

Da mesma maneira descrita no livro, lá estava uma rampa de pedra que contornava o interior do muro. Fomos para o pátio e encontramos um caminho de cascalho que levava à ponte levadiça. Vimos a rampa em espiral, que descia. Descemos correndo, com a luz das mesmas lanternas que usáramos no *Père Lachaise*. Vimos o bloco de granito que Langdon encontrara na história e o enorme corredor ascendente em espiral que levava para uma sala oblonga, com azulejos em forma de pentagrama. Porém, detivemo-nos na passagem escura em que estávamos antes de entrar na sala, pois havia uma antiga porta de madeira que estava entreaberta e, por ela, víamos luzes. Dentro, podíamos ver Gabriel, sentado, à frente de alguém que estava amarrado a uma cadeira. Com certeza era Isis.

Muito discretamente, voltamos pela passagem até o recinto no final da rampa em espiral e Wilson ligou para o celular de Wilbur. Nada. Olhamo-nos preocupados, pois isso poderia significar algo.

– Precisamos encontrá-los! – disse ele, já agitado.

– E Gabriel? – perguntei.

– Ele está sozinho. Não irá longe. Venham.

Subimos a rampa em espiral e voltamos para o caminho de cascalho. Começamos a procurar pelos dois até que Ângela viu, próximo à entrada principal, algo no chão. Era Paul, que havia sido abatido na nuca. A marca era conhecida, uma coroa de revólver e ele estava desmaiado. Ângela sacou um kit de primeiros-socorros do “cinto” e abriu uma ampola de sais aromáticos. Paul voltou a si e sentou-se no chão, meio grogue.

– Estava tão entretido em procurar pistas que me descuidei. Foi Wilbur. Só lembro de ter dito algo como “ele é meu”.

Wilson empalideceu com essas palavras. Sabia o quanto o filho era impetuoso e, tendo lido o mesmo livro de Dan Brown, conhecia as passagens que levavam à Igreja da Iluminação.

– Você está bem? – perguntou ele a Paul, que concordou com a cabeça, embora ainda sentisse dores. Virou-se então para mim:

– Preciso de sua ajuda. Wilbur está fora de controle. Precisamos detê-lo antes que seja tarde demais.

– Acha que ele pode matar Gabriel? – perguntei.

– Acho que, por Isis, ele é capaz de matar não só Gabriel como a si próprio. Venha!

Ângela ficou cuidando de Paul enquanto Wilson e eu voltávamos para a sala. Quando chegamos lá, conseguimos ouvir a voz de Wilbur gritando:

– Afaste-se dela, canalha!

Wilbur irrompera na sala e apontava uma arma para Gabriel. Este soprara um apito, provavelmente um sinal para seus capangas, que estavam desacordados no furgão lá embaixo.

Como eles não apareceram, tudo o que ele teve foi a nossa entrada no mesmo momento. Gabriel parecia confuso e sem saber como reagir. Wilson tirara uma pistola, parecida com a do filho, do paletó que usava e apontou para o Professor, que olhava confuso e sem entender. Encontrei uma faca em uma mesa de madeira, cortei as cordas que prendiam Isis e ajudei-a a levantar-se.

– Sua carreira como Professor e esotérico acaba aqui, assassino! – gritou Wilbur.

Gabriel olhava com ar de ódio para todos nós. De repente, seu rosto se aliviou e começou a rir.

– Sou mais importante para vocês do que seu precioso *grimoire*?

– Talvez – disse Wilson, impaciente – O que o leva a crer que não temos o *grimoire*?

– O Olho que Tudo Vê.

Ninguém entendeu a referência.

– E vocês são os grandes descobridores dos *grimoires* de Williams? – perguntou ele – Não sabem procurar nem mesmo quando a pista está diante de seus olhos!

Foi então que reparei que, naquela estranha sala cheia de simbolismos, havia uma pirâmide de pedra que era parecida com o símbolo dos Illuminati que eu me lembrava de ter visto na mansão de Adam, em São Paulo, quando fui entrevistá-lo.

– O diário de Cagliostro está lá dentro? – perguntei, apontando para a pirâmide.

– Onde mais?

Aproximei-me da pirâmide e examinei-a. Fazia sentido. Williams eram um Illuminatus, estávamos em Roma e o Castelo era o final do Caminho da Iluminação. A pirâmide era o símbolo dos Illuminati, e seu topo, uma imitação de *pyramidion*, era removível como a tampa de um jarro. Removi a tampa e vi, dentro, um enorme pacote em papel pardo. Tirei-o e levei-o para a mesa de madeira. Abri-o e dentro havia um livro muito antigo e danificado pela ação do tempo. Estava tão seco que temi que as páginas se desintegrassem ao menor toque.

– Cuidado, as páginas são de pergaminho! – disse Wilson.

– Bem, parece que a aventura acaba aqui para você – falou Wilbur.

Gabriel tinha um olhar malévolo e um sorriso sarcástico.

– Não, meu caro, começou aqui. Não é, minha querida?

Todos nos voltamos para Isis, que se encolhera no chão e chorava copiosamente.

Aproximei-me e tentei tocá-la, mas ela fugia ao meu contato. Ângela e Paul conseguiram chegar à sala e viram o desespero de Isis, que estava agachada e chorava alto.

– Tivemos uma festinha hoje enquanto vocês corriam até a Boca da Verdade. Tenho certeza de que, em breve, terei um herdeiro para continuar meu legado com o Processo.

Wilbur estava estático. Não se mexia ou falava. Ângela limpou as lágrimas de Isis e olhou para Gabriel.

– Monstro! – falou, rancorosamente.

– Você... – comecei.

Gabriel riu ainda mais.

– Adoro sexo em lugares antigos, você não? Um herdeiro concebido num lugar místico só poderá nascer com muito poder pessoal!

– Você concebeu um anticristo? – gritei, incrédulo.

– Não havia pensado nisso, mas pode-se dizer que sim.

Paul ainda se recuperava, mas conseguiu dizer:

– Ele pode estar blefando. Somente um exame poderá confirmar.

– Ah, não precisa, não é, Isis?

Wilbur estava para avançar nele quando Wilson o segurou e deixou a arma cair. Gabriel aproveitou o momento e pulou para agarrá-la.

– Vocês são mesmo tolos! – gritou, apontando a arma para nós – Simplesmente se preocupam com moral e bons costumes. Mas, no final, eu levo a melhor. Agora, o diário, por favor...

Estava com o volume em minhas mãos e me preocupava com sua fragilidade.

– Não pense que hesitarei em atirar em você. Como já disse antes, este caminho não lhe pertence, neófito. Entregue-me o diário!

Entreguei-lhe o volume. Gabriel tomou-o e sacudiu-o no ar, extasiado:

– Finalmente o conhecimento de Cagliostro é meu!

Wilbur aproveitou a distração, jogou o pai para trás e pulou em cima de Gabriel, segurando o *pyramidion* de pedra. Começou, então, uma feroz batalha em que meu ex-amigo, que perdera a arma, lutava sem largar o livro. Pareciam duas feras na arena do Coliseu.

– O que vamos fazer? – gritou Ângela, desnorteada.

Levantaram-se do chão e continuaram a briga. Wilbur dava violentos golpes no rosto de Gabriel com o *pyramidion*. Ambos sangravam, e pingos do sangue de Gabriel caíram no *grimoire*, manchando-o. Wilbur, por sua vez, estava totalmente descontrolado. Nem os gritos de Isis o tiravam do transe em que se encontrava. O livro caíra no chão e, antes que alguém pudesse fazer algo, foi chutado pelos dois até que escorregou no chão e foi parar em uma sacada antiga, cuja porta de madeira estava aberta. Reconheci-a como a sacada descrita por Dan Brown, onde Langdon e Vittoria se livraram do Hassassin.

Os socos aumentavam em frequência e força. Tentei pular por trás de Gabriel, mas ele me jogou com força contra a mesa de madeira. Bati com a cabeça na borda e caí. Wilson também tentou separar os dois, mas nenhum deles parava. Havia gotas de sangue no chão, e a briga foi para a sacada. Wilson fora atingido no olho por Gabriel e caiu atordoado. Wilbur sacou do colete uma faca e vi que ia golpear Gabriel. Levantei-me de novo e tentei impedi-lo, mas os dois se agarraram mutuamente e a faca caiu no chão. Dessa vez, foi Wilbur quem conseguiu se livrar de mim com um soco no meu estômago. Caí no chão com dor e pude ver os dois entrarem no balcão. Na mesma hora, ouvi um ruído alto de madeira rangendo.

– O balcão é antigo! – gritou Paul – E não está preservado! Isso é ruído de madeira podre! Não vai aguentar!

Corri para puxá-los para dentro, mas fui lento demais. O balcão cedeu e os dois, mais o *grimoire*, despencaram em uma queda de 30 metros até o pátio lá embaixo.

VANNONI, Gianni. *As Sociedades Secretas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves 1988. [N.E.]

MILLEGAN, Kris. *Fleshing out Skull and Bones* (em inglês). Trine Day, 2003. [N.E.]

CAPÍTULO 20

O FIM

A vida não passa de uma oportunidade de encontro; só depois da morte se dá a junção; os corpos apenas têm o abraço, as almas têm o enlace.¹

Bem, não há muito mais o que contar, agora que chego ao final da narrativa deste evento maluco do qual participei. Poderia dizer que aprendi muito mais com a pesquisa para a ampliação do livro do que jamais sonhara. Mas o prejuízo foi bem maior, físico e emocional.

Desnecessário dizer que, apesar dos machucados e contusões que quase todos nós sofremos, estávamos inteiros. O problema maior era explicar às autoridades romanas os dois corpos que jaziam no pátio do Castelo *Sant'Angelo*, sem vida. Wilson estava em estado de choque por não ter conseguido demover o filho de seu desejo de vingança; Paul ainda não se sustentava em pé por causa da batida na nuca, eu estava com dores fortes no estômago, Ângela se recriminava por não ter feito nada mais enérgico e Isis chorava sem parar.

No entanto, foi Paul quem conseguiu sacar o celular e ligar para a polícia romana. Tivemos que passar por uma série de interrogatórios nas horas seguintes para justificar a invasão de um local público, os homens de marrom presos e amordaçados, os dois mortos e o sangue espalhado por quase todo o chão da Igreja da Iluminação, fora explicar como a sacada de madeira (e não de pedra, como estava no livro de Dan Brown) havia rompido.

O *grimoire*, entretanto, foi perdido. A fricção do ar na queda desintegrara as páginas do pergaminho, deixando apenas a capa de couro intacta. A parte final da Caça fora um fracasso retumbante. Não comparecemos de volta à *Basilica di San Giovanni in Laterano* e, tanto mestre Mauro quanto Adam e Hugo, depois de um telefonema meu, vieram ter conosco na delegacia para onde fomos levados. Eram oito horas da manhã do dia seguinte, e nosso humor estava mesmo sombrio.

Dois dias depois, as providências para os funerais de Gabriel e Wilbur haviam sido tomadas. Wilson olhava os caixões lacrados e falou, numa voz sumida, para todos nós:

– Aquiles finalmente encontrou Heitor. Mas, desta vez, os dois se foram de uma só vez e não há vencedor.

William veio para Roma a fim de ajudar o pai. Estava abatido, e era ainda mais chocante para nós vê-lo, sabendo que era gêmeo idêntico de Wilbur. Wilson estava desolado e deixou que o filho cuidasse de todos os arranjos. Logo o corpo foi despachado para Londres, onde seria enterrado no mausoléu da família Weinburgh.

Ninguém reclamou o corpo de Gabriel, que foi cremado e teve as cinzas espalhadas no Tibre. Enquanto suas cinzas eram despejadas no rio, Ângela e Isis, que estavam comigo,

acompanhavam em silêncio.

– Sinto muito – falou Ângela – Ele teve um fim inesperado.

– Ele teve o que procurou – falei, sem olhar para ela.

– Como pôde ser capaz de estuprar Isis?

Olhei para ela sem entender.

– Ele não estava blefando, como Paul suspeitava?

– Parece que não. O exame ginecológico acusou vestígios de sêmen nela.

Olhei para Isis.

– O que vai fazer?

– Já tomei as providências a respeito – disse Ângela.

– Aborto? – perguntei, incrédulo.

– Não – disse Isis – Não me sentiria bem se tivesse que fazer isso. Mas concordei em entregar o bebê para os Illuminati criarem sem que ele saiba quem foram seus pais.

Olhei desolado para o rio. As cinzas foram carregadas pelas águas, e joguei a urna funerária dentro do rio. Não imaginava que alguém que eu conheci em meu trabalho, com quem compartilhei uma amizade, pudesse causar tanto mal. E tantas mortes.

Paul foi o primeiro a se despedir de nós. Wilbur não medira sua força, e a pancada na nuca de nosso amigo “vampiro” foi mais forte do que podíamos pensar. Ele passou esses dois dias sentindo tonturas constantes e teve que voltar para Paris a fim de se submeter a uma série de exames para verificar as possíveis consequências do golpe. Agradecemos por sua ajuda e ele se despediu de nós no Leonardo da Vinci, dizendo que nos esperava em breve para uma noitada na boate Cruz de Seth. Ficamos sabendo, depois, que Samantha cuidou dele e que estava completamente recuperado em três meses de cuidados. Acho que os dois estão se divertindo muito em algum cemitério parisiense, ou chupando sangue com canudinhos, ou outra esquisitice qualquer. Foi esse casal maluco que providenciou a cremação do corpo de Laura, que estava guardado no *Père Lachaise*, e espalhou suas cinzas no rio Sena. Ninguém, além de nós, ficou sabendo.

Mestre Mauro, Adam e Hugo foram embora no dia seguinte. Adam lamentou a perda do *grimoire*, mas estava realmente aliviado por saber que Ângela estava inteira. Mestre Mauro ofereceu-se a Wilson para tratar dos assuntos pendentes de Wilbur em Roma, mas Wilson recusou a ajuda do companheiro maçom. E Hugo manifestou seu alívio por saber que estávamos todos inteiros.

– É realmente uma pena que a coisa tenha acontecido assim – disse ele – Seu amigo ficou “esquentado” quando nos falamos por telefone, mas parece ter grande potencial. Pena que foi voltado para a direção errada.

Concordei sem dizer nada. Ele me abraçou e desejou que pudéssemos nos rever quando eu voltasse para São Paulo. Agradei, e os três se foram.

De volta ao apartamento de Wilbur, estávamos todos sem saber o que fazer ou dizer. Ficamos apenas Wilson, William, eu, Ângela e Isis.

– O parecer da perícia italiana chegou – disse William, examinando os laudos – Basicamente, o que aconteceu foi que a sacada, por ser originalmente de pedra, teve partes retiradas cuidadosamente para restauração quase um ano atrás. Para não parecer que faltavam partes, a Sociedade de Preservação ao Patrimônio substituiu quase dois terços por réplicas em madeira. A igreja da Iluminação está fechada ao público, por isso não pareceu muito relevante

a volta da sacada original. A ação dos elementos estragou a madeira, mas ninguém se preocupou com o assunto, pois não havia acesso público.

– Até aquela noite – acrescentei.

William abaixou o papel e concordou com a cabeça.

– Teoria do caos – explicou – Quando eventos não relacionados “conspiram” para um resultado imprevisível.

Isis parecia à beira do choro de novo por lembrar daquela noite. William aproximou-se dela e levou-a para outra sala, onde ficaram a sós. Olhei com dúvida para Ângela, e ela concordou com a cabeça. Wilson também percebera e completou:

– Pelo menos, ele vai aproveitar melhor o legado do irmão. E ela tem um substituto perfeito, até na aparência física.

– O que você pretende fazer agora? – perguntei.

– Terminar as pendências de Wilbur e voltar para Londres. William me ajudará. Depois, levarei Isis para morar conosco. Quem sabe os dois ainda se casam.

Ângela aproximou-se e encarou o mestre com atenção. Parecia estar bem emocionada. E finalmente falou:

– Temo que nosso caminho tenha chegado ao fim.

Wilson sorriu:

– Enquanto há vida, há sempre necessidades inerentes ao ser humano. Esta fase terminou, mas nunca podemos dizer nunca.

Os dois se abraçaram por muito tempo. Ângela me explicou, mais tarde, como conhecera Wilson. Ele era um antigo amigo de Adam e foi o responsável por Ângela ter sido admitida nos Illuminati. Ela passou cerca de cinco anos aprendendo tudo o que pôde sobre o modo de vida maçom e se iniciou há três anos. Conheceu os gêmeos já adolescentes e sentia a morte de Wilbur como se fosse a de um de seus próprios familiares.

Enquanto os dois conversavam, levantei-me e fui até a sacada do apartamento, que tinha uma vista maravilhosa. Sentia-me vazio e triste. Não pude fazer nada para salvar Gabriel e ainda fui testemunha de várias vidas destruídas. Aquela era uma experiência que me marcaria para o resto de minha vida. Faltava apenas uma semana para o fim de minhas férias, e senti que voltaria ainda mais tenso ao trabalho.

Três dias depois, Wilson e William, acompanhados de Isis, voltaram para Londres. Despedimo-nos de William e Isis e desejamos que tivessem uma excelente vida nova. Isis me fez prometer que levaria notícias suas para a senhora Ana, da teosofia, assegurando-lhe que estava tudo bem e que ela entraria em contato com a tia em breve. Ângela e eu nos despedimos de Wilson com promessas de uma nova visita a Londres. Wilson fez o possível para se mostrar animado, falando em levar-nos para conhecer os pontos mais misteriosos de sua cidade, mas sabíamos que tudo era “fachada”, e que ainda sofria. Com seu jeito paternal, desejou boa sorte em nossas buscas pessoais e dirigiu-se para o avião juntamente com o novo casal.

Os quatro dias que nos restavam, usei para percorrer o Caminho da Iluminação junto com Ângela que, assim, cumpriu sua promessa de ser meu guia, embora também não conhecesse o mítico caminho disfarçado pelos cientistas que fundaram a Sociedade Secreta na Renascença. Contra a vontade dela, usei novamente o livro de Dan Brown como guia. Afinal, provara ser útil quando tivemos que entrar no Castelo *Sant'Angelo*. Assim, conhecemos os quatro altares

da ciência, dispostos nas igrejas de *Santa Maria Del Popolo* (ao norte), consagrado à terra; na Praça de São Pedro, no Vaticano (a oeste), consagrado ao ar; na *Piazza Navona*, próximo ao apartamento de Wilbur, na Igreja de Santa Inês em Agonia (ao sul), consagrado ao fogo; e na Igreja de *Santa Maria della Vittoria* (a leste), consagrado à água. Foram dias em que simplesmente nos esquecemos dos traumas dos dias anteriores e nos dedicamos apenas a nos conhecer.

No final daquela semana, voltamos para o Brasil. Assim que chegamos em Cumbica, descobri que Ângela teria que se afastar por, pelo menos, um mês para prestar depoimentos para seus superiores nos Illuminati. Já sabia que estávamos ligados emocionalmente com certa profundidade, e só a deixei ir porque sabia que, antes mesmo de nosso prazer pessoal, estavam seus deveres com a causa que a tornou o que é hoje. Beije-a e disse que aguardava seu retorno.

Só a revi quando o livro finalmente ficou pronto, quatro meses depois, no coquetel de lançamento, em uma grande livraria da zona sul de São Paulo. Nesse meio tempo, nos comunicávamos por telefone ou por e-mail. Quando ela apareceu, mais linda do que nunca, tive muita vontade de largar todas as conversas e só me dedicar à sua presença. Márcio, o editor, veio me cumprimentar pelo material e disse que tudo compunha uma excelente aventura de ficção. Somente nós dois sabíamos o quanto de verdade havia no relato.

Quando ele se afastou, abracei-a e perguntei:

– Tudo bem?

– Demorou, mas, finalmente, está. A perda do diário de Cagliostro foi considerada um dos acidentes mais infelizes dos últimos anos da Ordem.

– Não te culparam, não é?

– Mais ou menos. Não fui totalmente culpada, mas tive que me retratar por não ter sido mais controladora. Afinal, eu estava lá para garantir que tudo desse certo.

– Mas achamos os outros dois volumes, não é?

– O ideal seriam os três.

– Notícias de Wilson?

– Wilson está bem, voltou ao trabalho e prepara outro livro sobre o fanatismo nas Sociedades Secretas. William e Isis casaram-se no mês passado, em Canterbury. Estão vivendo na Cornualha e estão muito felizes. Isis já assinou o termo que fará que o filho de Gabriel seja adotado por uma família Illuminati, sem que ela tenha acesso algum à criança.

– Foi a melhor solução?

– Para o fruto de um estupro, com certeza! Ela vai demorar para superar o medo dos homens, mas William diz que é muito paciente.

– Notícias do Processo?

– Parece que entrou em estado de animação suspensa – falou, quase rindo – Sem Gabriel e Laura, eles estão desestruturados. Não é para menos: Gabriel desviou todos os fundos para uma conta no exterior, que ninguém descobriu até agora qual é.

– E vocês sabem o paradeiro do dinheiro?

Ela sorriu misteriosamente.

– Não me deixe no suspense...

– Está em poder dos Carbonários, na Itália.

Arregalei os olhos.

– Então aquele dinheiro no envelope que encontrei...

– Devia ser apenas uma amostra. Gabriel foi louco o suficiente para entregar todo o dinheiro que tinha apenas pelo prazer de nos derrotar, seja achando o *grimoire* antes de nós, seja estuprando Isis.

– E agora?

– E agora? Que os Carbonários façam bom proveito do dinheiro! A história dos *grimoires* acabou, pelo menos por enquanto.

De repente, um rapaz irrompeu na livraria e procurou a administração. Veio até mim e se apresentou:

– Com licença, senhor, esta é uma mensagem importante que pediram para entregar.

Estranhei. Ângela também. Mesmo assim, recebi um telegrama lacrado que dizia:

Parabéns pelo lançamento de seu livro. Estamos satisfeitos com o cumprimento de sua parte. Mas estamos de olho. Em breve terá notícias nossas.

A assinatura era o desenho de uma caveira com ossos. A Skull and Bones brasileira me cumprimentava pelo lançamento do trabalho. Olhei inquieto para Ângela, e ela deu de ombros:

– Só estão sendo amáveis do jeito macabro deles.

Esquecemo-nos do assunto e continuamos a nos misturar aos convidados. Ângela, agora, estava comigo e aguentou as conversas até o fim do evento.

Na semana seguinte, voltei a procurar a AMORC e reativei meu contato com minha amiga Valéria. Ela estava entregue à sua ocupação de apresentar a loja para os interessados quando me viu e pediu que outra pessoa terminasse a apresentação. Aproximou-se e me abraçou.

Fomos para uma das salas com estofados e sentamo-nos.

– Há quanto tempo! Pensei que havia desistido de nós.

– Na verdade, desisti de tudo o que diz respeito às Sociedades.

– Soubemos do que aconteceu na Caça.

– Então, não preciso explicar nada, não é?

– Claro que não. Mas isso só vem confirmar o que havia lhe dito meses atrás: de que adiantou todo o conhecimento de seu amigo? Isso lhe tirou a vida e causou sabe-se lá quantos problemas cármicos...

– Só vim perguntar uma coisa: como vocês souberam sobre o Processo e o que aconteceu em Roma?

Uma voz surgiu das escadas e vi que alguém nos encarava:

– Porque fui eu quem contou.

Ângela estava lá, parada. Veio nos cumprimentar e sentou-se conosco.

– Você? Aqui? – estranhei.

– Muitos membros de outras Sociedades frequentam a AMORC – explicou ela – Eu venho aqui há algum tempo, com uma amiga Illuminatus. Mas nem por isso deixei meu posto por lá.

– O que veio fazer aqui?

– Participar do *Sanctum Celestial*.

– Que coincidência! – falei, sarcástico, mas lembrando de como me sentira bem quando participei pela primeira vez, há tanto tempo atrás.

O sino soou e a música de meditação começou. Levantamo-nos e Valéria disse:

– Podem ir. Desta vez, pelo menos, estarão acompanhados.

Subimos a escada em direção ao templo.

– Vê só como a Providência age por caminhos misteriosos? – perguntou Ângela – Se não fosse pelo seu livro, não estaríamos aqui.

Abracei-a, assinamos o livro de presença e entramos na sala. Sentia-me leve e feliz porque sabia que realmente encontrara o meu caminho e que, diferente da outra vez, não estava sozinho.

Victor Hugo, 1802–1885, escritor francês e suposto Grão-Mestre do Priorado de Sião. [N.E.]